

Tomás de Kempis



*Com reflexões e orações de
São Francisco de Sales*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Tomás de Kempis

Imitação de Cristo

*Com reflexões e orações de
São Francisco de Sales*

Tradução portuguesa confrontada com o manuscrito autógrafo de 1441, editado pelo Revmo. Pe. Fleury, por Frei Tomás Borgmeier, O.F.M.

Tradução das reflexões de São Francisco de Sales e demais orações e salmos, por Lúcia M. Endlich Orth



Petrópolis

Série **Clássicos da Espiritualidade**

– *A nuvem do não saber*

Anônimo do século XIV

– *Tratado da oração e da meditação*

São Pedro de Alcântara

– *Da oração*

João Cassiano

– *Noite escura*

São João da Cruz

– *Relatos de um peregrino russo*

Anônimo do século XIX

– *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor*

Marguerite Porete

– *Imitação de Cristo*

Tomás de Kempis

– *De diligendo Deo – “Deus há de ser amado”*

São Bernardo de Claraval

– *O meio divino – Ensaio de vida interior*

Pierre Teilhard de Chardin

– *Itinerário da mente para Deus*

São Boaventura

– *Teu coração deseja mais – Reflexões e orações*

Edith Stein

– *Cântico dos Cânticos*

Frei Luís de León



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tomás de Kempis, 1380-1471

Imitação de Cristo : com reflexões e orações de São Francisco de Sales / Tomás de Kempis ; tradução das reflexões de São Francisco de Sales e demais orações e salmos, por Lúcia M. Endlich Orth. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014. – (Série Clássicos da Espiritualidade)

Título original: l'imitation de Jésus-Christ

“Tradução portuguesa confrontada com o manuscrito autógrafa de 1441, editado pelo Revmo. Pe. Fleury, por Frei Tomás Borgmeier, O.F.M”

ISBN 978-85-326-4045-1 – Edição digital

1. Espiritualidade 2. Francisco de Sales, Santo, 1567-1622 3. Jesus Cristo – Meditações 4. Meditações 5. Orações 6. Vida cristã I. Fleury. II. Borgmeier, Tomás. III. Título. IV. Série.

09-08326

CDD-242

© 2009, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
Internet: <http://www.vozes.com.br>

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Diretor editorial

Frei Antônio Moser

Editores

Aline dos Santos Carneiro

José Maria da Silva

Lídio Peretti

Marilac Loraine Oleniki

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Maria da Conceição B. de Sousa

Projeto gráfico: AG.SR Desenv. Gráfico

Capa: Juliana Teresa Hannickel

Ilustração da capa: Cláudio Pastro

ISBN 978-85-326-4045-1 – Edição digital

Esta edição de *Imitação de Cristo* tomou por base a edição francesa *Limitation de Jésus-Christ avec des Réflexions et des prières tirées des oeuvres de S. François de Sales par M. l'abbé Petetin*. Desclée, Lefebvre et Cie, Editeurs Pontificaux – 1899, gentilmente cedida para consulta de seu acervo pessoal pelo Sr. Luis Fernando Soares Carvalho, a quem agradecemos.

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Capa

Folha de rosto

Página de coleção

Ficha catalográfica

Copyright

Apresentação

Prefácio

Do uso da Imitação de Cristo

Livro I. Avisos úteis para a vida espiritual

Capítulo 1. Da imitação de Cristo e desprezo de todas as vaidades do mundo

Capítulo 2. Do humilde pensar de si mesmo

Capítulo 3. Dos ensinamentos da verdade

Capítulo 4. Da prudência nas ações

Capítulo 5. Da leitura das Sagradas Escrituras

Capítulo 6. Das afeições desordenadas

Capítulo 7. Como devemos fugir à vã esperança e presunção

Capítulo 8. Como se deve evitar a excessiva familiaridade

Capítulo 9. Da obediência e sujeição

Capítulo 10. Como se devem evitar as conversas supérfluas

Capítulo 11. Da paz e do zelo em aproveitar

Capítulo 12. Da utilidade das adversidades

Capítulo 13. Como se há de resistir às tentações

Capítulo 14. Como se deve evitar o juízo temerário

Capítulo 15. Das obras feitas com caridade

Capítulo 16. Do sofrer os defeitos dos outros

Capítulo 17. Da vida monástica

- Capítulo 18. Dos exemplos dos Santos Padres
- Capítulo 19. Dos exercícios do bom religioso
- Capítulo 20. Do amor à solidão e ao silêncio
- Capítulo 21. Da compunção do coração
- Capítulo 22. Da consideração da miséria humana
- Capítulo 23. Da meditação da morte
- Capítulo 24. Do juízo e das penas dos pecadores
- Capítulo 25. Da diligente emenda de toda a nossa vida

Livro II. Exortações à vida interior

- Capítulo 1. Da vida interior
- Capítulo 2. Da humilde submissão
- Capítulo 3. Do homem bom e pacífico
- Capítulo 4. Da mente pura e da intenção simples
- Capítulo 5. Da consideração de si mesmo
- Capítulo 6. Da alegria da boa consciência
- Capítulo 7. Do amor de Jesus sobre todas as coisas
- Capítulo 8. Da familiar amizade com Jesus
- Capítulo 9. Da privação de toda consolação
- Capítulo 10. Do agradecimento pela graça de Deus
- Capítulo 11. Quão poucos são os que amam a cruz de Jesus
- Capítulo 12. Da estrada real da santa cruz

Livro III. Da consolação interior

- Capítulo 1. Da comunicação íntima de Cristo com a alma fiel
- Capítulo 2. Que a verdade fala dentro de nós, sem estrépito de palavras
- Capítulo 3. Como as palavras de Deus devem ser ouvidas com humildade e como muitos não as ponderam
- Capítulo 4. Que devemos andar perante Deus em verdade e humildade
- Capítulo 5. Dos admiráveis efeitos do amor pino
- Capítulo 6. Da prova do verdadeiro amor

Capítulo 7. Como se há de ocultar a graça sob a guarda da humildade

Capítulo 8. Da vil estima de si próprio ante os olhos de Deus

Capítulo 9. Tudo se deve referir a Deus como ao fim último

Capítulo 10. Como, desprezando o mundo, é doce servir a Deus

Capítulo 11. Como devemos examinar e moderar os desejos do coração

Capítulo 12. Da escola da paciência e luta contra as concupiscências

Capítulo 13. Da obediência e humilde sujeição, a exemplo de Jesus Cristo

Capítulo 14. Que se devem considerar os altos juízos de Deus, para não nos desvanecermos na prosperidade

Capítulo 15. Como se deve haver e falar cada um em seus desejos

Capítulo 16. Que só em Deus se há de buscar a verdadeira consolação

Capítulo 17. Que todo o nosso cuidado devemos entregar a Deus

Capítulo 18. Como, a exemplo de Cristo, se hão de sofrer com igualdade de ânimo as misérias temporais

Capítulo 19. Do sofrimento das injúrias e quem é provado verdadeiro paciente

Capítulo 20. Da confissão da própria fraqueza, e das misérias desta vida

Capítulo 21. Como se deve descansar em Deus sobre todos os bens e dons

Capítulo 22. Da recordação dos inumeráveis benefícios de Deus

Capítulo 23. Das quatro coisas que produzem grande paz

Capítulo 24. Como se deve evitar a curiosa inquirição da vida alheia

Capítulo 25. Em que consiste a firme paz do coração e o verdadeiro aproveitamento

Capítulo 26. Excelência da liberdade espiritual à qual se chega antes pela oração humilde que pela leitura

Capítulo 27. Como o amor-próprio afasta no máximo grau do sumo bem

Capítulo 28. Contra as línguas maldizentes

Capítulo 29. Como, durante a tribulação, devemos invocar a Deus e bendizê-lo

Capítulo 30. Como se há de pedir o auxílio pino e confiar para recuperar a graça

Capítulo 31. Do desprezo de toda criatura, para que se possa achar o Criador

Capítulo 32. Da abnegação de si mesmo e abdicação de toda cobiça

Capítulo 33. Da instabilidade do coração e que a intenção final se há de dirigir a Deus

Capítulo 34. Como Deus é delicioso em tudo e sobretudo a quem o ama

Capítulo 35. Como nesta vida não há segurança contra a tentação

Capítulo 36. Contra os juízos dos homens

Capítulo 37. Da pura e completa renúncia de si mesmo para obter liberdade de coração

Capítulo 38. Do bom procedimento exterior, e do recurso a Deus nos perigos

Capítulo 39. Que o homem não seja impaciente nos seus negócios

Capítulo 40. Que o homem por si mesmo nada tem de bom e de nada se pode gloriar

Capítulo 41. Do desprezo de toda honra temporal

Capítulo 42. Como não se deve procurar a paz nos homens

Capítulo 43. Contra a vã ciência do século

Capítulo 44. Que se não devem tomar a peito as coisas exteriores

Capítulo 45. Que se não deve dar crédito a todos, e quão facilmente faltamos nas palavras

Capítulo 46. Da confiança que havemos de ter em Deus quando se nos dizem palavras afrontosas

Capítulo 47. Que todas as coisas graves se devem suportar pela vida eterna

Capítulo 48. Do dia da eternidade e das angústias desta vida

Capítulo 49. Do desejo da vida eterna e quantos bens estão prometidos aos que combatem

Capítulo 50. Como o homem angustiado se deve entregar nas mãos de Deus

Capítulo 51. Que devemos praticar as obras humildes quando somos incapazes para as mais altas

Capítulo 52. Que o homem se não repute digno de consolação, mas merecedor de castigo

Capítulo 53. Que a graça de Deus não se comunica aos que gostam das coisas terrenas

Capítulo 54. Dos persos movimentos da natureza e da graça

Capítulo 55. Da corrupção da natureza e da eficácia da graça pina

Capítulo 56. Que devemos renunciar a nós mesmos e seguir a Cristo pela cruz

Capítulo 57. Que o homem não se desanime em demasia, quando cai em algumas faltas

Capítulo 58. Que não devemos escutar as coisas mais altas e os ocultos juízos de Deus

Capítulo 59. Que só em Deus devemos firmar toda esperança e confiança

Livro IV Do Sacramento do Altar

Capítulo 1. Com quanta reverência cumpre receber a Cristo

Capítulo 2. Como neste sacramento se mostra ao homem a grande bondade e caridade de Deus

Capítulo 3. Da utilidade da comunhão frequente

Capítulo 4. Dos admiráveis frutos colhidos pelos que comungam devotamente

Capítulo 5. Da dignidade do Sacramento e do estado sacerdotal

Capítulo 6. Pergunta concernente ao exercício antes da comunhão

Capítulo 7. Do exame da própria consciência e propósito de emenda

Capítulo 8. Da oblação de Cristo na cruz e da própria resignação

Capítulo 9. Que devemos com tudo quanto é nosso oferecer-nos a Deus, e orar por todos

Capítulo 10. Que não se deve deixar por leve motivo a Sagrada Comunhão

Capítulo 11. Que o Corpo de Cristo e a Sagrada Escritura são sumamente necessários à alma fiel

Capítulo 12. Que a alma se deve preparar com grande diligência para a Sagrada Comunhão

Capítulo 13. Que a alma devota deve aspirar, de todo o coração, à união com Cristo no Sacramento

Capítulo 14. Do ardente desejo que têm alguns devotos de receber o Corpo de Cristo

Capítulo 15. Que a graça da devoção se alcança pela humildade e abnegação de si mesmo

Capítulo 16. Como devemos descobrir nossas necessidades a Cristo e pedir sua graça

Capítulo 17. Do ardente amor e veemente desejo de receber a Cristo

Capítulo 18. Que o homem não seja curioso escrutador do Sacramento, mas humilde imitador de Cristo, sujeitando sua razão à santa fé

Orações durante a Santa Missa

Orações para a Confissão

Orações para a Comunhão

Vésperas do Domingo

Índice alfabético

Textos de capa

A *Imitação de Cristo* é uma das obras mais difundidas da espiritualidade cristã, e sua popularidade é impressionante, só sendo ultrapassada pela Bíblia. É o livro que vem alimentando o mundo cristão há muitos séculos, enquanto expressão da devoção moderna. Embora seja motivo de discussão, a autoria da obra vem atribuída a Tomás de Kempis (1380-1471), cuja formação aconteceu no âmbito da tradição agostiniana.

É importante ressaltar o contexto histórico-cultural que antecedeu a gestação dessa obra de piedade. Como sinalizam os grandes historiadores que se debruçam sobre a Idade Média, grandes medos povoaram os povos medievais, como o medo da miséria, do além, do outro, da violência e das catástrofes^[1]. Georges Duby sublinha o exemplo da peste negra, que dizimou entre junho e setembro de 1348, um terço da população europeia, com gigantescas consequências sociais e psicológicas. Vale também lembrar outras catástrofes como a queda de Constantinopla (1453) e o grande cisma do Ocidente (1378-1417). As repercussões foram grandes no campo cultural-religioso. A questão da morte dominava as consciências, e junto a ela a consciência da impotência da condição humana. Como desembaraçar-se de sua terrível situação sem a ajuda de Deus?

A resposta a muitos desses traumas e desafios veio com a busca da interioridade. A *Imitação de Cristo* expressa um desses caminhos trilhados. A obra veio gestada no âmbito da *devotio moderna* e sua poderosa exigência em favor da interioridade^[2]. O movimento da devoção moderna tem seu início no século XIV com base nos Países Baixos, tendo seu apogeu no século XV. Entre seus traços fundamentais estavam a purificação da alma e a exaltação das virtudes. Em contraste com as formas penitenciais tradicionais, o movimento ressaltava a tônica afetiva da espiritualidade, com forte toque anti-intelectual e antiescolástico.

Tomás de Kempis era um dos autores decisivos dessa nova espiritualidade, apontando com sua reflexão o caminho da interioridade. É por meio da *Imitação de Cristo* que a espiritualidade moderna ganha seu florescimento, com decisivos traços psicológicos, preocupada sobretudo em discernir os movimentos da alma que busca seguir a Jesus Cristo. Há que sublinhar a herança agostiniana desse movimento em direção à interioridade, pois foi Agostinho quem lançou as bases de uma tradição ocidental específica da interioridade ou da subjetividade^[3], do cultivo de um espaço interior resguardado para se buscar a Deus: “Em seguida,

aconselhado a voltar a mim mesmo, recolhi-me ao coração, conduzido por Vós” (*Confissões*, VII, 10,16).

Segundo Johan Huizinga, a *Imitação de Cristo* é a obra que traduz duradouramente a “mais frutuosa expressão” da alma da Idade Média^[4], alicerçando também todas as formas de vida consagrada desenvolvidas no Renascimento. A obra traduz uma específica pedagogia religiosa, sinalizada pelo caminho da vida interior. Como Tomás de Kempis sublinha em passagem do livro 3: “Bem-aventurados os olhos que estão fechados para as coisas exteriores e abertos para as interiores” (IC III, 1,1). Trata-se de uma pedagogia que privilegia a “*pietas* pessoal”, com acentuado traço cristocêntrico. Há um predomínio da intenção mística sobre a perspectiva ascética ou moral. O que a obra revela é um convite ao diálogo interior com Jesus, que é percebido como a fonte secreta de onde brota a vida divina^[5]. O tema do seguimento de Jesus é um dado característico da espiritualidade medieval, particularmente presente na obra de Tomás de Kempis.

A obra vem dividida em quatro livros. Nos primeiros três livros aborda-se o projeto espiritual da conformação da alma a Jesus Cristo, seguindo a linha das três vias tradicionais da caminhada espiritual: a via purgativa, iluminativa e unitiva^[6]. O estilo da obra é bem característico: são “coletâneas de sentenças facilmente memorizáveis por seu ritmo”, e isso explica também a sedução que a acompanha. No livro I acentua-se a centralidade da “imitação de Cristo” e a exemplaridade da vida virtuosa. Destaca-se, em particular, os valores da humildade, da paciência, do recolhimento em si mesmo e da vida de oração. Já se prenuncia uma certa exaltação da fuga do mundo, que é traço característico da piedade apresentada na obra: “Considera-te hóspede e peregrino neste mundo, como se nada tivesses com os negócios da terra” (IC I, 23,9). No livro II vem reforçada a piedade cristocêntrica, com os desdobramentos de suas virtudes essenciais, como a simplicidade, a pureza e a retidão do coração. A perspectiva bíblica cobre toda a obra, com mais de 1.500 citações, muitas delas implícitas. O livro III, desenvolvido em forma de colóquio íntimo da alma com Deus, trata especificamente dos temas relacionados à via unitiva. A união com Deus é a porta de entrada para o consolo, o sossego, a paz e a alegria: “Só em Deus há que se buscar a verdadeira consolação” (IC III, 16,1); “Quando estais presente, tudo é aprazível, mas, se vos ausentais, tudo enfastia” (IC III, 34, 1). O livro IV trata da devoção à Eucaristia e da dignidade do estado sacerdotal.

A espiritualidade presente na obra *Imitação de Cristo* é a expressão de uma época, tendo iluminado a dinâmica litúrgica de um tempo que sofreu inúmeras modificações^[7]. Causa certa perturbação ao olhar contemporâneo certos traços presentes nesta espiritualidade, como a oposição entre natureza e graça, a exaltação da fuga do mundo, a superioridade da vida monástica e certa perspectiva pietista intimista, que corroborou para problemático divórcio entre teologia e espiritualidade^[8]. Isto deve ser compreendido no seu contexto, e não contraria outros valores presentes na obra como o incentivo dado à vida virtuosa

e a centralidade do amor e da caridade na dinâmica da vida cristã.

-
- [1]. DUBY, G. *Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Unesp, 1998.
- [2]. FARUGIA, E.G. Devotio moderna. In: BORRIELLO, L. et al. *Dizionario de Mistica*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998, p. 406-407.
- [3]. CARRY, P. Intériorité. In: FITZGERALD, A.D. (org.). *Encyclopédie Saint Augustin*. Paris: Cerf, 2005, p. 782-783.
- [4]. HUIZINGA, J. *O declínio da Idade Média*. Braga: Ulisseia, 1996, p. 233
- [5]. BRECK, J. Imitação de Jesus Cristo. In: LACOSTE, J.-Y. (org.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004, p. 878.
- [6]. VANNINI, M. *Il volto del Dio nascosto*. Milão: Mondadori, 1999, p. 219-220.
- [7]. Há que sublinhar que nesta edição brasileira buscou-se conservar ao final de cada capítulo uma série de reflexões e orações, bem como orações diversas, salmos e devocionário, ao final da obra, constantes na edição francesa. Isso foi realizado no intuito de conservar uma memória, ainda que o seu conteúdo devocional seja próprio de uma época anterior ao Vaticano II.
- [8]. DUMEIGE, G. História da espiritualidade. In: FIORES, S. & GOFFI, T. (orgs.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 502.

“Da *Imitação de Cristo* já se tem dito tudo quanto é possível dizer” – assim inicia o Conde Afonso Celso o prefácio à sua maviosa tradução. E tem razão o ilustre escritor. Seis séculos porfiaram em tecer-lhe elogios, mostrar-lhe as sublimidades, encarecer-lhe o subido valor, denominando-a uns o quinto livro dos evangelhos, chamando-lhe outros o melhor tratado de moral cristã, considerando-a todos o mais perfeito compêndio da vida espiritual. “Depois da Bíblia – diz o Arcebispo mártir Darboy –, que vem de Deus, é a *Imitação de Cristo* de todos os livros o mais admirável e popular; nenhum granjeou em tão alto grau a estimação dos homens, nenhum parece tão adaptado a todos os leitores”. Nenhum outro livro, saído de mãos humanas, excede-o na linguagem persuasiva e na doce violência com que arrasta os corações, e milhares de almas já sentiram os maravilhosos efeitos de sua leitura.

Quem terá sido o autor de obra tão maravilhosa?

Responde o Revmo. Pe. Fleury na recente edição do manuscrito autógrafo (1919): “Não há quase nenhum dos escritores eruditos do nosso tempo que hesite em reconhecer como autor deste livro celeberrimo o Pe. *Tomás de Kempis*, cônego regular de Santo Agostinho, no Mosteiro de Santa Ana, perto de Zwolle, na Holanda”. E cita, entre outros, J.B. Malou (1858); Aug. de Backer (1864); H. Kirche (1873); Vítor Becker (1882); F.R. Cruise (1887); I. Brucker (1889); I. Pohl (1904), etc.

Quais são, entretanto, as razões históricas em que se baseia o Pe. Fleury?

Em algumas: Dos setenta e seis manuscritos que se conservam da *Imitação*, não menos de sessenta trazem o nome do Cônego Tomás, entre os quais o célebre autógrafo chamado *Kempense*, escrito em 1441 e guardado hoje na Biblioteca Real de Bruxelas, que, além dos quatro livros da *Imitação*, contém vários outros tratados ascéticos do mesmo autor. Acresce que muitos contemporâneos de Tomás, de todo insuspeitos, como João Busch, cronista da Ordem, falecido em 1479, e H. Ryd, um dos membros mais conspícuos da mesma Congregação, não conhecem outro autor senão Tomás de Kempis. Finalmente, todas as edições da *Imitação*, impressas antes de 1500, isto é, as de 1471, 1472, 1488, 1489, 1490 e 1494, trazem o nome do mesmo autor. Já não se pode, pois, duvidar de sua autenticidade.

Quem era Tomás de Kempis? – A história nos transmitiu seus principais dados biográficos. Nasceu ele no ano de 1380, em Kempen, pequeno povoado da Diocese de Köln, e seguiu, em 1391, o exemplo de seu irmão João, tomando o hábito dos regulares de Santo Agostinho, no Mosteiro de Santa Ana. Ordenado sacerdote em 1412, ocupou durante toda a sua longa vida o cargo importante de mestre de noviços. Faleceu em 1471, na idade avançada de 91 anos, legando à posteridade, além dos *quatro livros da Imitação de Cristo*, muitas outras obras ascéticas, entre as quais se destacam as seguintes: *Soliloquium animae*,

Orationes et meditationes de Vita Christi, Vita Gerardi Magni, Chronica Montis S. Agnetis, etc.

Quanto à presente edição portuguesa, julgamos escusado encarecer-lhe a oportunidade. Nunca será supérflua a reprodução de uma obra que durante tantos séculos tem derramado, por toda parte, inefáveis consolações. Seguimos o texto latino do manuscrito autógrafa de 1441, editado novamente pelo Revmo. Pe. Fleury^[9], e aproveitamos as edições já existentes em português, principalmente a do Monsenhor Manuel Marinho, as duas edições anônimas do Recife e do Rio de Janeiro (Colégio da Imaculada Conceição) e a edição de Garnier (1910). Na presente tradução procuramos reproduzir, em linguagem concisa, simples e inteligível a todos, com a maior fidelidade possível, o sentido do original, evitando todo e qualquer aparato supérfluo de palavras rebuscadas, expressões arcaicas e locuções eruditas, que a tornariam inacessível à maioria dos leitores, além de contrastarem desagradavelmente com a simplicidade encantadora do original. Se conseguimos realizar este nosso desejo, julguem-no os entendidos.

O nosso principal intuito, ao prepararmos a presente tradução, foi a glória de Deus e a santificação das almas.

Oxalá possa contribuir para tão sublime e elevado fim!

Petrópolis, na Festa de São Francisco Solano,
24 de julho de 1920.
O tradutor

[9]. *De Imitatione Christi Libri quatuor iuxta codicem authographum archetypum accurate R.P.A. Fleury Turonibus A. Mame et Filiorum 1919.*

Conselhos do Cardeal Henrique Henriques

1. Marca uma hora certa cada dia, para essa leitura, e observa-a inviolavelmente, enquanto for possível.
2. Antes da leitura, prepara a tua alma, principalmente pela pura intenção de só procurar teu aproveitamento; levanta teu espírito a Deus e pede-lhe luzes para teu entendimento. Como fórmula para esta preparação, poder-te-á servir o cap. II do livro III.
3. Lê, não apressada, mas atentamente, e com alguma pausa entre os versículos. Seria útil reler a miúdo os trechos que mais te impressionarem.
4. Durante a leitura, procura formar afetos devotos, conforme o assunto.
5. Encerra a leitura com breve aspiração a Deus, pedindo-lhe que conserve e fecunde a semente lançada em tua alma, para que produza fruto centuplicado.

Livro I
Avisos úteis para a vida espiritual

Capítulo 1
Da imitação de Cristo e desprezo de todas as vaidades do mundo

1. *Quem me segue não anda nas trevas*, diz o Senhor (Jo 8,12). São estas as palavras de Cristo, pelas quais somos advertidos que imitemos sua vida e seus costumes, se verdadeiramente queremos ser iluminados e livres de toda cegueira de coração. Seja, pois, o nosso principal empenho meditar sobre a vida de Jesus Cristo.

2. A doutrina de Cristo é mais excelente que a de todos os santos, e quem tiver seu espírito encontrará nela um maná escondido. Sucede, porém, que muitos, embora ouçam frequentemente o Evangelho, sentem nele pouco enlevo: é que não possuem o Espírito de Cristo. Quem quiser compreender e saborear plenamente as palavras de Cristo, é-lhe preciso que procure conformar à dele toda a sua vida.

3. Que te aproveita discutires sabiamente sobre a SS. Trindade, se não és humilde, desagradando, assim, a essa mesma Trindade? Na verdade, não são palavras elevadas que fazem o homem justo; mas é a vida virtuosa que o torna agradável a Deus. Prefiro sentir a contrição dentro de minha alma, a saber defini-la. Se soubesses de cor toda a Bíblia e as sentenças de todos os filósofos, de que te serviria tudo isso sem a caridade e a graça de Deus? *Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade* (Ecl 1,2), senão amar a Deus e só a ele servir. A suprema sabedoria é esta: pelo desprezo do mundo tender ao reino dos céus.

4. Vaidade é, pois, buscar riquezas perecedoras e confiar nelas. Vaidade é também ambicionar honras e desejar posição elevada. Vaidade, seguir os apetites da carne e desejar aquilo pelo que, depois, serás gravemente castigado. Vaidade, desejar longa vida e, entretanto, descuidar-se de que seja boa. Vaidade, só atender à vida presente sem providenciar para a futura. Vaidade, amar o que passa tão rapidamente, e não buscar, pressuroso, a felicidade que sempre dura.

5. Lembra-te a miúdo do provérbio: *Os olhos não se fartam de ver, nem os ouvidos de ouvir* (Ecl 1,8). Portanto, procura desapegar teu coração do amor às coisas visíveis e afeiçoá-lo às invisíveis: pois aqueles que satisfazem seus apetites sensuais mancham a consciência e perdem a graça de Deus.

Reflexões

Contemplando muitas vezes Nosso Senhor pela meditação, toda a tua alma se encherá dele, aprenderás suas atitudes e conformarás tuas ações ao modelo das suas. Ele é a luz do mundo: portanto é nele, por ele e para ele que devemos

ser esclarecidos e iluminados. Ele é a árvore do desejo, à sombra da qual devemos refrescar-nos; é a fonte viva de Jacó para lavar todas as nossas manchas.

Enfim, as crianças, de tanto ouvir suas mães falar e balbuciar com elas, aprendem a falar sua linguagem, e nós, permanecendo perto do Salvador pela meditação, e observando suas palavras, suas ações e seus afetos, aprendemos, por meio de sua graça, a falar, fazer e querer como ele... Não é por nada que o Salvador se chama o pão descido do céu; porque, como o pão deve ser comido com todo tipo de alimentos, também o Salvador deve ser meditado, considerado e buscado em todas as nossas orações e ações (*Introduction à la vie dévote*, parte II, cap. I, 1, 49 e 50).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, amabilíssimo pai de minha alma, eu vos peço perdão, de todo o meu coração, pelo pouco amor, temor, reverência e obediência que tenho tido por vós até o presente. Eu vos peço a graça de amar-vos e temer-vos no futuro, com um amor e temor filial e reverencial, com perfeita obediência aos vossos mandamentos e inspirações interiores, e a tudo o que meu estado me obriga; e de imitar-vos virilmente em vossas santas virtudes; e ainda de ser perfeitamente resignado em todas as coisas à vossa divina vontade e bel-prazer eterno (*Opusc.*, III, 147).

Capítulo 2

Do humilde pensar de si mesmo

1. Todo homem tem desejo natural de saber; mas que aproveitará a ciência, sem o temor de Deus? Melhor é, por certo, o humilde camponês que serve a Deus, do que o filósofo soberbo que observa o curso dos astros, mas se descuida de si mesmo. Aquele que se conhece bem despreza-se e não se compraz em humanos louvores. Se eu soubesse quanto há no mundo, porém me faltasse a caridade, de que me serviria isso perante Deus, que me há de julgar segundo minhas obras?

2. Renuncia ao desordenado desejo de saber, porque nele há muita distração e ilusão. Os letrados gostam de ser vistos e tidos por sábios. Muitas coisas há cujo conhecimento pouco ou nada aproveita à alma. E mui insensato é quem de outras coisas se ocupa e não das que tocam à sua salvação. As muitas palavras não satisfazem à alma, mas uma palavra boa refrigera o espírito e uma consciência pura inspira grande confiança em Deus.

3. Quanto mais e melhor souberes, tanto mais rigorosamente serás julgado, se com isso não viveres mais santamente. Não te desvanegas, pois, com qualquer arte ou conhecimento que recebeste. Se te parece que sabes e entendes bem muitas coisas, lembra-te que é muito mais o que ignoras. Não

presumas de alta sabedoria (Rm 11,20), antes confessa a tua ignorância. Como tu queres a alguém preferir-te, quando se acham muitos mais doutos do que tu e mais versados na lei? Se queres saber e aprender coisa útil, deseja ser desconhecido e tido por nada.

4. Não há melhor e mais útil estudo que conhecer-se perfeitamente e desprezar-se a si mesmo. Ter-se por nada e pensar sempre bem e favoravelmente dos outros prova é de grande sabedoria e perfeição. Ainda quando vejas alguém pecar publicamente ou cometer faltas graves, nem por isso te deves julgar melhor, pois não sabes quanto tempo poderás perseverar no bem. Nós todos somos fracos, mas a ninguém deves considerar mais fraco que a ti mesmo.

Reflexões

O devoto Frei Rufino, naquela visão que teve da glória à qual chegaria o grande São Francisco por sua humildade, fez-lhe esta pergunta: “Meu caro pai, eu vos suplico dizer-me na verdade que opinião tendes de vós mesmo”. E o santo lhe disse: “Na verdade eu me considero o maior pecador do mundo e aquele que menos serve a Nosso Senhor”. “Mas, replicou Frei Rufino, como podeis dizer isto de verdade e em consciência, uma vez que muitos outros, como se pode ver claramente, cometem muitos pecados graves, dos quais, graças a Deus, estais isento?”

Ao que São Francisco respondeu: “Se Deus tivesse favorecido esses outros, dos quais falas, com tanta misericórdia como me favoreceu, estou certo de que, por maus que sejam agora, eles teriam sido muito mais reconhecidos pelos dons de Deus do que eu, e o serviriam muito melhor do que eu. E se meu Deus me abandonasse, eu cometeria mais maldades do que nenhum outro...”

Ora, tenho por oráculo o sentimento desse grande doutor na ciência dos santos que, nutrido na escola do crucifixo, só respirava as divinas inspirações (*Amour de Dieu*, II, cap. XI, I, 413 e 414).

Oração

Pai Eterno, ofereço à vossa honra e glória, e pela minha salvação e de todo o gênero humano, o mistério da apresentação de vosso Filho no templo e da Purificação de sua imaculada mãe..., agradeço-vos por isso, amo-vos e vos bendigo infinitamente, pedindo-vos, pelos méritos desta grande humildade e obediência, a verdadeira humildade e pouca estima de mim mesmo, e uma perfeita obediência aos vossos divinos mandamentos e santas inspirações (*Opusc.*, III, 120).

1. Bem-aventurado aquele a quem a verdade por si mesma ensina, não por figuras e vozes que passam, mas como em si é. Nossa opinião e nossos juízos muitas vezes nos enganam e pouco alcançam. De que serve a sutil especulação sobre questões misteriosas e obscuras, de cuja ignorância não seremos julgados? Grande loucura é descurarmos as coisas úteis e necessárias, entregando-nos, com avidez, às curiosas e nocivas. *Temos olhos para não ver* (Sl 113,13).

2. Que se nos dá dos *gêneros* e das *espécies* dos filósofos? Aquele a quem fala o Verbo eterno se desembaraça de muitas questões. Desse Verbo único procedem todas as coisas e todas o proclamam e *esse é o princípio que também nos fala* (Jo 8,25). Sem ele não há entendimento nem reto juízo. Quem acha tudo neste *Único*, e tudo a ele refere e nele tudo vê, poderá ter o coração firme e permanecer em paz com Deus. Ó Deus de verdade, fazei-me um convosco na eterna caridade! Enfastia-me, muita vez, ler e ouvir tantas coisas; pois em vós acho tudo quanto quero e desejo. Calem-se todos os doutores, emudeçam todas as criaturas em vossa presença; falai-me vós só.

3. Quanto mais recolhido for cada um e mais simples de coração, tanto mais sublimes coisas entenderá sem esforço, porque do alto recebe a luz da inteligência. O espírito puro, singelo e constante não se distrai no meio de múltiplas ocupações porque faz tudo para honra de Deus, sem buscar em coisa alguma o seu próprio interesse. Que mais te impede e perturba do que os afetos imortificados do teu coração? O homem bom e piedoso ordena primeiro no seu interior as obras exteriores; nem estas o arrasam aos impulsos de alguma inclinação viciosa, senão que as submete ao arbítrio da reta razão. Que mais rude combate haverá do que procurar vencer-se a si mesmo? E este deveria ser nosso empenho: vencermos-nos a nós mesmos, tornarmos-nos cada dia mais fortes e progredirmos no bem.

4. Toda a perfeição, nesta vida, é mesclada de alguma imperfeição, e todas as nossas luzes são misturadas de sombras. O humilde conhecimento de ti mesmo é caminho mais certo para Deus que as profundas pesquisas da ciência. Não é reprovável a ciência ou qualquer outro conhecimento das coisas, pois é boa em si e ordenada por Deus; sempre, porém, devemos preferir-lhe a boa consciência e a vida virtuosa. Muitos, porém, estudam mais para saber, que para bem viver; por isso erram a miúdo e pouco ou nenhum fruto colhem.

5. Ah! se se empregasse tanta diligência em extirpar vícios e implantar virtudes como em ventilar questões, não haveria tantos males e escândalos no povo, nem tanta relaxação nos claustros. De certo, no dia do juízo não se nos perguntará o que lemos, mas o que fizemos; nem quão bem temos falado, mas quão honestamente temos vivido. Dize-me: onde estão agora todos aqueles senhores e mestres que bem conheceste, quando viviam e floresciam nas escolas? Já outros possuem suas prebendas, e nem sei se porventura deles se lembram. Em vida pareciam valer alguma coisa, e hoje ninguém deles fala.

6. Oh! como passa depressa a glória do mundo! Oxalá a sua vida tenha correspondido à sua ciência; porque, destarte, terão lido e estudado com fruto.

Quantos, neste mundo, descuidados do serviço de Deus, se perdem por uma ciência vã! E porque antes querem ser grandes que humildes, *se esvaeceem em seus pensamentos* (Rm 1,21). Verdadeiramente grande é aquele que tem grande caridade. Verdadeiramente grande aquele que a seus olhos é pequeno e avalia em nada as maiores honras. Verdadeiramente prudente é quem *considera como lodo tudo o que é terreno, para ganhar a Cristo* (Fl 3,8). E verdadeiramente sábio aquele que faz a vontade de Deus e renuncia à própria vontade.

Reflexões

Santo Agostinho diz que os filósofos falaram magnificamente das virtudes, mas para desprezá-las, e dos vícios, para praticá-los, porque eram cegos; pois não há absolutamente verdadeira ciência, senão a do Espírito Santo, que ele só distribui às almas humildes. Não vimos também nós muitos grandes teólogos que disseram maravilhas das virtudes, mas não para praticá-las; ao contrário, houve tantas santas mulheres que não sabiam falar das virtudes, mas que sabiam muito bem exercitar-se nelas; porque umas, como se viu, tinham um cuidado extremo em conservar sua virgindade, outras em ter um coração puro e limpo em sua viuvez, e outras ainda em viver na castidade conjugal. E quem lhes havia dado este dom da ciência para discernir o bem do mal, o vício da virtude, senão o Espírito Santo?

Mas, dirás, eu não sei como se deve praticar as virtudes. Coloca-te na presença do Espírito Santo, humilha-te, e ele te ensinará e te tornará sábio.

Mas dúvida já vimos santas admiravelmente sábias em sua ignorância, e admiravelmente ignorantes em sua ciência. O mal da ciência é a presunção que torna os espíritos inflados e hidróticos, como são de ordinário os sábios do mundo. Oh! que ignorância nesta ciência! Santa Catarina, mártir, foi muito sábia, mas sua ciência era humilde ao pé da cruz. Outras santas foram ignorantes, mas em sua ignorância elas foram admiravelmente sábias, como Santa Catarina de Gênova. Era o Santo Espírito que as tornava sábias, e, porque elas tinham o temor de Deus, a piedade e a humildade, Deus lhes fez este rico presente do dom da ciência, que Eva tanto desejou, mas, por orgulho, para ser semelhante a Deus (*II^e Sermon pour la Pentecôte*, V, 37).

Capítulo 4 Da prudência nas ações

1. Não se há de dar crédito a toda palavra nem a qualquer impressão, mas cautelosa e naturalmente se deve, diante de Deus, ponderar as coisas. Mas, aí! que mais facilmente acreditamos e dizemos dos outros o mal que o bem, tal é a nossa fraqueza. As almas perfeitas, porém, não creem levemente em qualquer coisa que se lhes conta, pois conhecem a fraqueza humana inclinada ao mal e fácil de pecar por palavras.

2. Grande sabedoria é não ser precipitado nas ações, nem aferrado obstinadamente à sua própria opinião; sabedoria é também não acreditar em tudo que nos dizem, nem comunicar logo a outros o que ouvimos ou suspeitamos. Toma conselho com um varão sábio e consciencioso, e procura antes ser instruído por outrem, melhor que tu, que seguir teu próprio parecer. A vida virtuosa faz o homem sábio diante de Deus e entendido em muitas coisas. Quanto mais humilde for cada um em si e mais sujeito a Deus, tanto mais prudente será e calmo em tudo.

Reflexões

Queres, com plena consciência, encaminhar-te à devoção? Busca algum homem de bem que te guie e te conduza... Ele deve ser cheio de caridade, de ciência e de prudência... Trata com ele de coração aberto, com toda sinceridade e fidelidade, manifestando-lhe claramente teu bem e teu mal, sem fingimento nem dissimulação; e por este meio teu bem será examinado e mais assegurado, e teu mal será corrigido e remediado. Com isso serás aliviado e fortificado em tuas aflições, moderado e regulado em tuas consolações (*Introduction à la vie dévote*, parte I, cap. IV, I, 8 e 10).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que quisestes ser despojado de vossas vestes e cruelmente açoitado por minha salvação, concedei-me a graça de descarregar-me dos pecados por uma boa confissão, a fim de não aparecer diante de vossos olhos despojado das virtudes cristãs. Amém (*Opusc.* III, 227).

Capítulo 5 *Da leitura das Sagradas Escrituras*

1. Nas Sagradas Escrituras devemos buscar a verdade, e não a eloquência. Todo livro sagrado deve ser lido com o mesmo espírito que o ditou. Nas Escrituras devemos antes buscar nosso proveito que a sutileza da linguagem. Tão grata nos deve ser a leitura dos livros simples e piedosos, como a dos sublimes e profundos. Não te mova a autoridade do escritor, se é ou não de grandes conhecimentos literários; ao contrário, lê com puro amor a verdade. Não procures saber quem o disse, mas considera o que se diz.

2. Os homens passam, *mas a verdade do Senhor permanece eternamente* (Sl 116,2). De vários modos nos fala Deus, sem acepção de pessoas. A nossa curiosidade nos embaraça, muitas vezes, na leitura das Escrituras; porque queremos compreender e discutir o que se devia passar singelamente. Se queres tirar proveito, lê com humildade, simplicidade e fé, sem cuidar jamais do renome de letrado. Pergunta de boa vontade e ouve calado as palavras dos santos; nem te desagradem as sentenças dos velhos, porque eles não falam sem

razão.

Reflexões

Foi o Espírito de Deus que nos deu a Escritura e é o mesmo Espírito que nos dá seu verdadeiro sentido, e só o dá em sua Igreja, coluna e apoio da verdade. Igreja pelo ministério da qual este Divino Espírito guarda e mantém sua verdade, isto é, o verdadeiro sentido de sua palavra; e Igreja que só ela tem a infalível assistência do Espírito da verdade, para encontrar devida e infalivelmente a verdade na Palavra de Deus. Quem busca a verdade desta palavra celeste fora da Igreja, que é sua guardiã, não a encontra jamais; e quem a quer conhecer de outra maneira que não seja por seu ministério, em vez da verdade, só desposará a vaidade; e em vez da evidente clareza da palavra sagrada, seguirá as ilusões desse falso anjo que se transfigura em anjo de luz (172^e *lettre*, IX, 515).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que, depois de vossa ressurreição, vos dignastes conviver durante quarenta dias com vossos discípulos, e lhes ensinastes os mistérios da fé, ressuscitai em mim e consolidai-me na crença de vossas divinas verdades. Amém (*Opusc.*, III, 231).

Capítulo 6 *Das afeições desordenadas*

1. Todas as vezes que o homem deseja alguma coisa desordenadamente, torna-se logo inquieto. O soberbo e o avarento nunca sossegam; entretanto, o pobre e o humilde de espírito vivem em muita paz. O homem que não é perfeitamente mortificado facilmente é tentado e vencido, até em coisas pequenas e insignificantes. O homem espiritual, ainda um tanto carnal e propenso à sensualidade, só a muito custo poderá desprender-se de todos os desejos terrenos. Daí a sua frequente tristeza, quando deles se abstém, e fácil irritação, quando alguém o contraria.

2. Se, porém, alcança o que desejava, sente logo o remorso da consciência, porque obedeceu à sua paixão, que nada vale para alcançar a paz que almejava. Em resistir, pois, às paixões, se acha a verdadeira paz do coração, e não em segui-las. Não há, portanto, paz no coração do homem carnal, nem no do homem entregue às coisas exteriores, mas somente no daquele que é fervoroso e espiritual.

Reflexões

Examina mais de uma vez por dia, mais ou menos de noite e de manhã, se tens tua alma em tuas mãos, ou se ela não foi arrebatada por alguma paixão ou inquietação. Considera se tens sob teu comando teu coração, ou se ele não escapou totalmente de tuas mãos para engajar-se em alguma afeição desregada de amor, de ódio, de inveja, de cobiça, de medo, de aborrecimento ou de alegria.

Quando ele se extraviou, antes de mais nada procura trazê-lo de volta à presença de Deus, reconduzindo teus afetos e desejos à obediência e conduta de sua divina vontade (*Introduction à la vie dévote*, parte IV cap. XI, I, 249).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que por mim quisestes ser elevado na cruz e exaltado, libertai-me dos afetos terrestres e elevai meu espírito à consideração das coisas celestes. Amém (*Opusc.*, III, 229).

Capítulo 7

Como devemos fugir à vã esperança e presunção

1. Insensato é quem põe sua esperança nos homens ou nas criaturas. Não te envergonhes de servir a outrem por Jesus Cristo, e ser tido como pobre neste mundo. Não confies em ti mesmo, mas põe em Deus tua esperança. Faze de tua parte o que puderes, e Deus ajudará tua boa vontade. Não confies em tua ciência, nem na sagacidade de qualquer vivente, mas antes na graça de Deus, que ajuda os humildes e abate os presunçosos.

2. Se tens riquezas, não te glories delas, nem dos amigos, por serem poderosos, senão em Deus, que dá tudo, além de tudo, deseja dar-se a si mesmo. Não te desvanças com a airocidade ou formosura de teu corpo, que com pequena enfermidade se quebranta e desfigura. Não te orgulhes de tua habilidade ou de teu talento, para que não desagrades a Deus, de quem é todo bem natural que tiveres.

3. Não te reputes melhor que os outros, para não seres considerado pior por Deus, que conhece tudo que há no homem. Não te ensoberbeças pelas boas obras, porque os juízos dos homens são muito diferentes dos de Deus, a quem não raro desagrada o que aos homens apraz. Se em ti houver algum bem, pensa que ainda melhores são os outros, para assim te conservares na humildade. Nenhum mal te fará se te julgares inferior a todos; muito, porém, se a qualquer pessoa te preferires. De contínua paz goza o humilde; no coração do soberbo, porém, reinam inveja e iras sem conta.

Reflexões

Há em nós dois tipos de bens: uns que estão em nós e são nossos, e os outros

que estão em nós, mas não são nossos. Quando digo que temos bens que são nossos, não quero dizer que eles não vêm de Deus, e que nós os temos por nós mesmos; porque, na verdade, por nós mesmos não temos mais do que miséria e o nada; mas quero dizer que são bens que Deus colocou de tal forma em nós que parecem ser nossos. Esses bens são a saúde, as riquezas, as ciências e outros semelhantes. Mas a humildade nos impede de gloriar-nos e estimar-nos por causa desses bens, tanto mais que ela não faz mais caso deles do que de um nada e de uma insignificância; e, com razão, pois não são absolutamente bens estáveis e que nos tornam mais agradáveis a Deus; mas instáveis e sujeitos à sorte. E mesmo se não fosse assim, há algo de menos seguro do que as riquezas que dependem do tempo e das estações, do que a beleza que perde seu esplendor por menos que nada? Não é preciso mais do que uma dermatose no rosto para tirar-lhe o brilho; e no que diz respeito às ciências, um pequeno distúrbio do cérebro nos faz perder e esquecer tudo o que sabíamos (*V^e e Entretien*, III, 325).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que por mim quisestes ser ridicularizado em presença dos judeus, trazendo as marcas de seus escárnios, fazei que eu não me deixe levar pelo estímulo da vanglória, e possa comparecer ao julgamento sob a insígnia dessas marcas místicas (*Opusc.*, III, 228).

Capítulo 8

Como se deve evitar a excessiva familiaridade

1. *Não abras teu coração a qualquer homem* (Eclo 8,22), mas trata de teus negócios com o sábio e temente a Deus. Com moços e estranhos conversa pouco. Não lisonjeies os ricos, nem busques aparecer muito na presença dos potentes. Busca a companhia dos humildes e simples, dos devotos e morigerados, e trata com eles de assuntos edificantes. Não tenhas familiaridade com mulher alguma; mas, em geral, encomenda a Deus todas as que são virtuosas. Procura intimidade com Deus apenas, e seus anjos, e foge de seres conhecido dos homens.

2. Caridade se deve ter para com todos; mas não convém ter com todos familiaridade. Sucede, frequentemente, gozar de boa reputação pessoa desconhecida que, na sua presença, desagrada aos olhos dos que a veem. Julgamos, às vezes, agradecer aos outros com a nossa intimidade, mas antes os aborrecemos com os defeitos que em nós vão descobrindo.

Reflexões

Vou falar pouco e bem, a fim de que nos separemos antes com o desejo de

novo encontro do que com aborrecimento... Minha conversa será para poucos, bons e honrados, mesmo porque é difícil sair-se bem com muitos, não aprender a corromper-se com os maus e ser honrado, a não ser com pessoas honradas; especialmente vou guardar... este preceito: *amigo de todos, mas familiar de poucos...*

No entanto, é preciso abrir-se mais ou menos, conforme as companhias... Aos superiores ou mais velhos, ou de profissão, ou autoridade, devemos mostrar apenas o que é excelente; aos semelhantes, só o que é bom; aos inferiores, apenas o que é indiferente... Pode-se, conversando com os superiores, os iguais e os inferiores, temperar às vezes a conversa do que é excelente, bom e indiferente, contanto que o todo se faça discretamente... É preciso estar com os grandes como com o fogo, ou seja, é muito bom às vezes aproximar-se deles, mas também não deve ser de muito perto^[10] (*Opusc.*, III, 175).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que permitistes ser negado três vezes na casa de Caifás, pelo príncipe dos apóstolos, preservai-me das más companhias, a fim de que o pecado jamais me separe de vós. Amém (*Opusc.*, III, 226).

Capítulo 9 *Da obediência e sujeição*

1. Grande coisa é viver na obediência, sob a direção de um superior, e não dispor da própria vontade. Muito mais seguro é obedecer que mandar. Muitos obedecem mais por necessidade que por amor: por isso sofrem e facilmente murmuram. Esses não alcançarão a liberdade de espírito, enquanto não se sujeitarem de todo o coração, por amor de Deus. Anda por onde quiseses: não acharás descanso senão na humilde sujeição e obediência ao superior. A imaginação dos lugares e mudanças a muitos tem iludido.

2. Verdade é que cada um gosta de seguir seu próprio parecer e mais se inclina àqueles que participam da sua opinião. Entretanto, se Deus está conosco, cumpre-nos, às vezes, renunciar ao nosso parecer por amor da paz. Quem é tão sábio que possa saber tudo completamente? Não confies, pois, demasiadamente em teu próprio juízo; mas atende também, de boa mente, ao dos demais. Se o teu parecer for bom e o deixares, por amor de Deus, para seguires o de outrem, muito lucrarás com isso.

3. Com efeito, muitas vezes ouvi falar que é mais seguro ouvir e tomar conselho que dá-lo. É bem possível que seja acertado o parecer de cada um: mas não querer ceder aos outros, quando a razão ou as circunstâncias o pedem, é sinal de soberba e obstinação.

Reflexões

O verdadeiro obediente gozará em sua alma de uma tranquilidade contínua e da santíssima paz de Nosso Senhor, que ultrapassa todo sentimento... O verdadeiro obediente viverá doce e pacificamente, como uma criança nos braços de sua querida mãe, que não precisa preocupar-se com o que poderá acontecer-lhe... Posso assegurar-lhe da parte de Deus a Vida Eterna (*XI^e Entretien*, III, 415).

Para aprender facilmente a obedecer a teus superiores, trata de condescender espontaneamente com a vontade de teus semelhantes, cedendo a suas opiniões no que não é mau, sem ser contencioso nem áspero; acomoda-te de boa vontade aos desejos de teus inferiores, na medida em que a razão o permitir, sem exercer nenhuma autoridade imperiosa sobre eles, enquanto são bons (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. XI, I, 134).

Oração

Ofereço-vos, Senhor, a obediência e humilde sujeição de vosso Filho à sua Santíssima Mãe e a São José, seu pai adotivo; e as fadigas corporais que suportou trabalhando com São José pelo ganha-pão. Agradeço-vos por tudo isto, amo-vos e vos bendigo infinitamente, pedindo-vos, pelos méritos deste mistério, perdão por todas as minhas desobediências e irreverências para com meus pais e superiores, e a graça de humilhar-me e sujeitar-me a todos de bom coração por amor de vós (*Opusc.*, III, 122).

Capítulo 10

Como se devem evitar as conversas supérfluas

1. Evita, quanto puderes, o bulício dos homens, porque muito nos perturbam os negócios mundanos ainda quando tratados com reta intenção; pois bem depressa somos manchados e cativos da vaidade. Quisera eu ter calado muitas vezes e não ter conversado com os homens. Por que razão, porém, nos atraem falas e conversas, se raras vezes voltamos ao silêncio sem dano da consciência? Gostamos tanto de falar, porque pretendemos, com essas conversações, ser consolados uns pelos outros e desejamos aliviar o coração fatigado por preocupações diversas. E ordinariamente sentimos prazer em falar e pensar, ora nas coisas que muito amamos e desejamos, ora nas que nos contrariam.

2. Mas, ai! muitas vezes é em vão e sem proveito, pois essa consolação exterior é muito prejudicial à consolação interior e divina. Cumpre, portanto, vigiar e orar, para que não passe o tempo ociosamente. Se for lícito e oportuno falar, seja de coisas edificantes. O mau costume e o descuido do nosso progresso espiritual concorrem muito para o desenfreamento de nossa língua. Ajudam muito, porém, ao aproveitamento espiritual os devotos colóquios sobre coisas

espirituais, mormente quando se associam em Deus pessoas que pensam e sentem do mesmo modo.

Reflexões

O falar pouco, tão recomendado pelos antigos sábios, não deve ser entendido como dizer poucas palavras, mas como não dizer tantas palavras inúteis; pois, em matéria de falar, o que conta não é a quantidade, mas a qualidade. E me parece que se deve fugir destes dois extremos, porque de tanto mostrar-se entendedor e rígido, recusando contribuir nos assuntos e resoluções familiares que são tratados em conversas, parece que há falta de confiança ou alguma espécie de desdém; também tagarelar e adular sempre, sem dar oportunidade nem comodidade aos outros, falar à medida de seus desejos, isto denuncia uma pessoa leviana e superficial (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. XXX, I, 195).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que, estando na presença de Herodes, sofrestes as falsas acusações sem responder uma só palavra, dai-me força para suportar corajosamente as injúrias dos caluniadores (*Opusc.*, III, 227).

Capítulo 11

Da paz e do zelo em aproveitar

1. Muita paz podíamos gozar, se não nos quiséssemos ocupar com os ditos e fatos alheios que não pertencem ao nosso cuidado. Como pode ficar em paz por muito tempo aquele que se intromete em negócios alheios, que busca relações exteriores, que raras vezes e mal se recolhe interiormente? Bem-aventurados os simples, porque hão de ter muita paz!

2. Por que muitos santos foram tão perfeitos e contemplativos? É que eles procuraram mortificar-se inteiramente em todos os desejos terrenos e assim puderam, no íntimo de seu coração, unir-se a Deus e atender livremente a si mesmos. Nós, porém, nos ocupamos demasiadamente das próprias paixões e cuidados com excesso das coisas transitórias. Raro é vencermos sequer um vício perfeitamente; não nos inflamamos no desejo de progredir cada dia; daí a frieza e tibieza em que ficamos.

3. Se estivéssemos perfeitamente mortos a nós mesmos e interiormente desimpedidos, poderíamos criar gosto pelas coisas divinas e algo experimentar das doçuras da celeste contemplação. O que principalmente e mais nos impede é o não estarmos ainda livres das nossas paixões e concupiscências, nem nos esforçarmos por trilhar o caminho perfeito dos santos. Basta pequeno contratempo para desalentarmos completamente e voltarmos a procurar

consolações humanas.

4. Se nos esforçássemos por ficar firmes no combate, como soldados valentes, por certo veríamos descer sobre nós o socorro de Deus. Pois ele está sempre pronto a auxiliar os combatentes confiados em sua graça: Aquele que nos proporciona ocasiões de peleja para que logremos a vitória. Se fizermos consistir nosso aproveitamento espiritual tão somente nas observâncias exteriores, nossa devoção será de curta duração. Metamos, pois, o machado à raiz, para que, livre das paixões, goze paz nossa alma.

5. Se cada ano extirpássemos um só vício, em breve seríamos perfeitos. Mas agora, pelo contrário, muitas vezes experimentamos que éramos melhores, e nossa vida mais pura, no princípio da nossa conversão que depois de muitos anos de profissão. O nosso fervor e aproveitamento deveriam crescer, cada dia; mas, agora, considera-se grande coisa poder alguém conservar parte do primitivo fervor. Se no princípio fizéramos algum esforço, tudo poderíamos, em seguida, fazer com facilidade e gosto.

6. Custoso é deixar nossos costumes; mais custoso, porém, contrariar a própria vontade. Mas, se não vences obstáculos pequenos e leves, como triunfarás dos maiores? Resiste no princípio à tua inclinação e rompe com o mau costume, para que te não metas pouco a pouco em maiores dificuldades. Oh! se bem considerasses quanta paz gozarias e quanto prazer darias aos outros, se vivesses bem, de certo cuidarias mais do teu adiantamento espiritual.

Reflexões

Todos os pensamentos que nos trazem inquietação e agitação de espírito não vêm absolutamente de Deus, que é o *príncipe da paz*: são portanto tentações do inimigo; por isso é preciso rejeitá-los e não levá-los em conta.

É preciso em tudo e em toda parte viver pacificamente. Quando nos sobrevém um sofrimento, interior ou exterior, é preciso recebê-lo pacificamente. Quando é a alegria que nos vem visitar, também devemos recebê-la pacificamente, sem sobressaltar-nos. Devemos fugir do mal, mas deve ser pacificamente, sem perturbar-nos, pois de outra forma, fugindo, poderíamos cair e dar oportunidade ao inimigo de nos extenuar. Se devemos fazer o bem, é preciso fazê-lo pacificamente; de outra forma cometeríamos muitas faltas apressando-nos; até mesmo tratando-se da penitência, é preciso fazê-la pacificamente. Como dizia o penitente: *Eis que minha amargura tão amarga se transformou em paz* (Is 38,17) (*4^e lettre spirit.*, X, 17).

Julguei que seria extremamente útil fazeres o possível para manter tua alma em paz e em tranquilidade; para isto é preciso que de manhã, ao levantar, comeces este exercício, fazendo tuas ações com calma, pensando no que tens a fazer no decorrer da manhã, tomando cuidado para não deixar distrair teu espírito ao longo do dia: observa sempre se estás neste estado de tranquilidade; e, logo que estiveres fora dele, toma um grande cuidado de voltar a ele, e isto

sem discurso nem esforço.

No entanto, não quero dizer que deves fazer um esforço contínuo do espírito para manter-te nesta paz; porque é preciso que tudo isto se faça com uma simplicidade de coração amoroso, mantendo-te junto de Nosso Senhor, como uma criancinha junto de seu pai; e quando cometeres faltas, sejam quais forem, pede tranquilamente perdão a Nosso Senhor, dizendo-lhe que estás bem certo de que ele te ama muito e que te perdoará; e isto sempre com simplicidade e doçura (*Opusc.*, VI, 506).

Oração

Senhor Jesus, enchei, cumulai e fazei superabundar em graça, paz, consolação e bênção este fraco e miserável coração que, em vosso nome, quer mais fielmente do que nunca trabalhar para a vossa glória. Amém (*Opusc.*, III, 246).

Capítulo 12 *Da utilidade das adversidades*

1. Bom é passarmos algumas vezes por aflições e contrariedades, porque frequentemente fazem o homem refletir, lembrando-lhe que vive no desterro e, portanto, não deve pôr sua esperança em coisa alguma do mundo. Bom é encontrarmos às vezes contradições, e que de nós façam conceito mau ou pouco favorável, ainda quando nossas obras e intenções sejam boas. Isto ordinariamente nos conduz à humildade e nos preserva da vanglória. Porque, então, mais depressa recorremos ao testemunho interior de Deus, quando de fora somos vilipendiados e desacreditados pelos homens.

2. Por isso, devia o homem firmar-se de tal modo em Deus, que lhe não fosse mais necessário mendigar consolações às criaturas. Assim que o homem de boa vontade está atribulado ou tentado, ou molestado por maus pensamentos, sente logo melhor a necessidade que tem de Deus, sem o qual não pode fazer bem algum. Então se entristece, geme e chora pelas misérias que padece. Então causa-lhe tédio viver mais tempo, e deseja que venha a morte livrá-lo do corpo e uni-lo a Cristo. Então compreende também que neste mundo não pode haver perfeita segurança nem paz completa.

Reflexões

Acho que, entre todas as vantagens da tribulação, que não são poucas, uma das mais excelentes é que ela nos faz voltar a Nosso Senhor. Quando estamos vivendo na prosperidade, frequentemente o esquecemos, mas na adversidade recorremos a ele como ao nosso único refúgio.

Como o suco da uva, se o deixarmos no cacho durante muito tempo,

deteriora e apodrece, assim a alma, se a deixarmos em seus prazeres e volúpias, em seus desejos e aspirações, ela se corrompe; mas se for oprimida pela tribulação, dela sai o doce licor de penitência e de amor (*Sermon pour le V^e vendredi de Carême*, IV, 371).

Oração

Eu sou vosso, ó meu Deus, salvai-me, tende misericórdia de mim, pois minha alma confia em vós; salvai-me, Senhor, porque as águas submergem meu coração; fazei de mim um de vossos mercenários, Senhor; sede propício a mim, pobre pecador (*Opusc.*, III, 97).

Capítulo 13 *Como se há de resistir às tentações*

1. Enquanto vivemos neste mundo, não podemos estar sem trabalhos e tentações. Por isso lemos no livro de Jó (7,1): *É um combate a vida do homem sobre a terra*. Cada qual, pois, deve estar acatelado contra as tentações, mediante a vigilância e a oração, para não dar azo às ilusões do demônio, que nunca dorme, mas *anda por toda parte em busca de quem possa devorar* (1Pd 5,8). Ninguém há tão perfeito e santo, que não tenha, às vezes, tentações, e não podemos ser delas totalmente isentos.

2. São, todavia, utilíssimas ao homem as tentações, posto que sejam molestas e graves, porque nos humilham, purificam e instruem. Todos os santos passaram por muitas tribulações e tentações, e com elas aproveitaram; aqueles, porém, que não as puderam suportar foram reprovados e pereceram. Não há ordem tão santa nem lugar tão retirado em que não haja tentações e adversidades.

3. Nenhum homem está totalmente livre de tentações, enquanto vive, porque em nós mesmos está a causa donde procedem: a concupiscência em que nascemos. Mal acaba uma tentação ou tribulação, outra sobrevém, e sempre teremos que sofrer, porque perdemos o dom da primitiva felicidade. Muitos procuram fugir às tentações, e outras piores encontram. Não basta a fuga para vencê-las; é pela paciência e verdadeira humildade que nos tornamos mais fortes que todos os nossos inimigos.

4. Pouco adianta quem somente evita as ocasiões exteriores, sem arrancar as raízes; antes lhe voltarão mais depressa as tentações, e se achará pior. Vencê-las-á melhor com o auxílio de Deus, a pouco e pouco com paciência e resignação, que com importuna violência e esforço próprio. Toma a miúdo conselho na tentação e não sejas desabrido e áspero para o que é tentado, trata antes de o consolar, como desejás ser consolado.

5. O princípio de todas as más tentações é a inconstância do espírito e a

pouca confiança em Deus; pois, assim como as ondas lançam de uma parte a outra o navio sem leme, assim as tentações combatem o homem descuidado e inconstante em seus propósitos. O ferro é provado pelo fogo, e o justo pela tentação. Ignoramos muitas vezes o que podemos, mas a tentação manifesta o que somos. Todavia, devemos vigiar, principalmente no princípio da tentação; porque mais fácil nos será vencer o inimigo, quando não o deixarmos entrar na alma, enfrentando-o logo que bater no limiar. Por isso disse alguém: *Resiste desde o princípio, que vem tarde o remédio, quando cresceu o mal com a muita demora* (Ovídio). Porque primeiro ocorre à mente um simples pensamento, donde nasce a importuna imaginação, depois o deleite, o movimento; e assim, pouco a pouco, entra de todo na alma o malvado inimigo, porque se lhe não resistiu a princípio. E quanto mais alguém for indolente em lhe resistir, tanto mais fraco se tomará cada dia, e mais forte o seu adversário.

6. Uns padecem maiores tentações no começo de sua conversão, outros, no fim; outros por quase toda a vida são molestados por elas. Alguns são tentados levemente, segundo a sabedoria da Divina Providência, que pondera as circunstâncias e o merecimento dos homens, e tudo predispõe para a salvação de seus eleitos.

7. Por isso não devemos desesperar, quando somos tentados; mas até, com maior fervor, pedir a Deus que se digne ajudar-nos em toda provação, pois que, no dizer de São Paulo, *nos dará graça suficiente na tentação para que a possamos vencer* (1Cor 10,13). Humilhemos, portanto, nossas almas, debaixo da mão de Deus, em qualquer tentação e tribulação porque ele há de salvar e engrandecer os que são humildes de coração.

8. Nas tentações e adversidades se vê quanto cada um tem aproveitado; nelas consiste o maior merecimento e se patenteia melhor a virtude. Não é lá grande coisa ser o homem devoto e fervoroso quando tudo lhe corre bem; mas, se no tempo da adversidade conserva a paciência, pode-se esperar grande progresso. Alguns há que vencem as grandes tentações e, nas pequenas, caem frequentemente, para que, humilhados, não presumam de si grandes coisas, visto que com tão pequenas sucumbem.

Reflexões

Minha Filoteia, esses grandes assaltos e essas tentações tão fortes jamais são permitidas por Deus, a não ser para aquelas almas que ele quer elevar a seu puro e maior amor; mas daí não se segue que, depois disto, elas possam estar certas de ter chegado a este estado, porque acontece muitas vezes que aqueles que têm sido constantes nesses ataques violentos, não correspondendo depois fielmente ao favor divino, encontram-se vencidos em tentações bem pequenas (*Introduction à la vie dévote*, parte IV, cap. V, I, 237).

Quem sente o inimigo atacar do lado da luxúria, deve fugir das ocasiões e das companhias, e ao mínimo pensamento deve dar alarme à guarnição, recorrendo às disciplinas, jejuns e cilícios, etc. Quem sente a tentação da

avareza, deve recorrer à esmola, à consideração da vaidade dos bens deste mundo, etc. Quem se sente levado à vingança, é preciso que recorra à amizade, à doçura. Enfim é preciso fazer a ronda cem vezes por dia nesta pequena cidadela e reforçá-la, ora aqui, ora acolá, colocar sentinelas nos olhos, na boca, nos ouvidos, no olfato e nas mãos, para não deixar entrar ninguém que não saiba pronunciar corretamente *Xibolei*^[11] (*II^e Sermon pour le dimanche des Rameaux*, IV, 413).

Oração

Pai Eterno, ofereço à vossa honra e glória, e para a minha salvação e a salvação de todo o mundo, aqueles quarenta dias e quarenta noites que vosso Filho jejuou no deserto; aquela fome e sede que lá ele sofreu; seu desconforto de dormir sobre a terra nua na companhia dos animais selvagens; aqueles suspiros que ele lançou do fundo do coração, e aquelas lágrimas que seus olhos puros derramaram; aquelas fervorosíssimas orações que ele vos fez pela salvação do mundo e principalmente de vossos amados eleitos, e aquelas importunas e deploráveis tentações do demônio que ele teve de suportar. Por tudo isto eu vos agradeço, amo e bendigo infinitamente, pedindo-vos por seus méritos o amor à penitência e à mortificação de minhas paixões, e que me aplique à oração e tenha a força de vencer as tentações (*Opusc.*, III, 122).

Capítulo 14 *Como se deve evitar o juízo temerário*

1. Relanceia sobre ti o olhar e guarda-te de julgar as ações alheias. Quem julga os demais perde o trabalho, quase sempre se engana e facilmente peca; mas, examinando-se e julgando-se a si mesmo, trabalha sempre com proveito. De ordinário, julgamos as coisas segundo a inclinação do nosso coração, pois o amor-próprio facilmente nos altera a retidão do juízo. Se Deus fora sempre o único objetivo dos nossos desejos, não nos perturbaria tão facilmente qualquer oposição ao nosso parecer.

2. Muitas vezes existe, dentro ou fora de nós, alguma coisa que nos atrai e em nós influi. Muitos buscam secretamente a si mesmos em suas ações, e não o percebem. Parecem até gozar de boa paz, enquanto as coisas correm à medida de seus desejos; mas, se de outra sorte sucede, logo se inquietam e entristecem. Da discrepância de pareceres e opiniões frequentemente nascem discórdias entre amigos e vizinhos, entre religiosos e pessoas piedosas.

3. É custoso perder um costume inveterado, e ninguém renuncia, de boa mente, a seu modo de ver. Se mais confias em tua razão e talento que na graça de Jesus Cristo, só raras vezes e tarde serás iluminado; pois Deus quer que nos sujeitemos perfeitamente a ele e que nos elevemos acima de toda razão humana, inflamados do seu amor.

Reflexões

Não julgueis e não sereis julgados, diz o Salvador de nossas almas; *não condeneis e não sereis condenados* (Lc 6,37). Não, diz o apóstolo, *não julgueis nada antes do tempo, enquanto não vier o Senhor que iluminará o que está escondido no escuro e tornará manifestos os propósitos dos corações* (1Cor 4,5). Oh! como são desagradáveis a Deus os julgamentos temerários! Os julgamentos dos filhos dos homens são temerários porque eles não são juizes uns dos outros, e julgando eles usurpam o ofício de Nosso Senhor; são temerários porque a principal malícia do pecado depende da intenção e conselho do coração que é o segredo das trevas para nós; e são temerários porque cada um já tem bastante a fazer em julgar-se a si mesmo, sem precisar julgar seu próximo. Para não ser julgado, é igualmente necessário não julgar absolutamente os outros e julgar-se a si mesmo; porque como Nosso Senhor defende o não julgar os outros, o Apóstolo ordena o julgar-se a si mesmo: *Se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados* (1Cor 11,31). Mas, oh Deus! fazemos exatamente o contrário; porque o que nos é proibido, não cessamos de fazê-lo, julgando a cada instante o próximo; e o que nos é recomendado, que é julgar-nos a nós mesmos, não o fazemos jamais (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. XXVIII, I, 183).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que quisestes, embora inocente, ser condenado ao suplício da cruz por mim, dai-me a força de suportar a sentença de uma morte cruel por vosso amor, de não temer os falsos julgamentos que vêm dos outros, e de não julgar ninguém injustamente. Amém (*Opusc.*, III, 228).

Capítulo 15 *Das obras feitas com caridade*

1. Por nenhuma coisa do mundo, nem por amor de pessoa alguma, se deve praticar qualquer mal; mas, em prol de algum necessitado, pode-se, às vezes, omitir uma boa obra, ou trocá-la por outra melhor. Desta sorte, a boa obra não se perde, mas se converte em outra melhor. Sem a caridade, nada vale a obra exterior; tudo, porém, que da caridade procede, por insignificante e desprezível que seja, produz abundantes frutos, porque Deus não atende tanto à obra, como à intenção com que a fazemos.

2. Muito faz aquele que muito ama. Muito faz quem bem faz o que faz. Bem faz quem serve mais ao bem comum que à sua própria vontade. Muitas vezes parece caridade o que é mero amor-próprio, porque raras vezes nos deixam a inclinação natural, a própria vontade, a esperança da recompensa, o nosso interesse.

3. Aquele que tem verdadeira e perfeita caridade em nada se busca a si

mesmo, mas deseja que tudo se faça para a glória de Deus. De ninguém tem inveja, porque não deseja proveito algum pessoal, nem busca sua felicidade em si, mas procura sobre todas as coisas ter alegria e felicidade em Deus. Não atribui bem algum à criatura, mas refere tudo a Deus, como à fonte de que tudo procede, e em que, como em fim último, acham todos os santos o deleitoso repousar. Oh! quem tivera só uma centelha de verdadeira caridade logo compreenderia a vaidade de todas as coisas terrenas!

Reflexões

Deus não colocou nossa perfeição na multiplicidade das coisas que fazemos para agradar-lhe, mas somente no modo de fazê-las, modo que é simplesmente fazer o pouco que fazemos, cada um segundo sua vocação, puramente no amor, por amor e para o amor (*Sermon pour le I dimanche de Carême*, IV, 230).

Teótimo, observa este copo de água ou este pequeno pedaço de pão que uma alma santa dá ao pobre por Deus: na verdade é pouco, e coisa quase indigna de consideração segundo o julgamento humano; Deus no entanto o recompensa e dá imediatamente por este gesto um acréscimo de caridade... Como na Arábia Feliz, não somente as plantas de natureza aromática, mas todas as outras são odoríferas, participando da felicidade deste solo, assim, na alma caridosa, não só as grandes obras de sua natureza, mas também as pequenas obras são estimuladas com a virtude do santo amor, e estão em bom odor diante da majestade de Deus que, em consideração a elas, aumenta a santa caridade (*Amour de Dieu*, I, III, cap. II, I, 457).

Oração

Ó meu Deus, vós sois meu Deus, Deus do meu coração, Deus de minha alma, Deus do meu espírito; assim eu vos reconheço e adoro, agora e por toda a eternidade. Viva Jesus! (*Introduction à la vie dévote*, parte I, cap. XX, I, 42).

Capítulo 16 *Do sofrer os defeitos dos outros*

1. Aquilo que o homem não pode emendar em si mesmo ou nos demais, deve ele tolerar com paciência, até que Deus disponha de outro modo. Considera que talvez seja melhor assim, para provar tua paciência, sem a qual não têm grande valor nossos méritos. Todavia, convém, nesses embaraços, pedir a Deus que te auxilie, para que os possas levar com seriedade.

2. Se alguém, com uma ou duas advertências, não se emendar, não contendas com ele; mas encomenda tudo a Deus para que seja feita a sua vontade, e seja ele honrado em todos os seus servos, pois sabe tirar bem do mal. Procura sofrer com paciência os defeitos e quaisquer imperfeições dos outros,

pois tens também muitas que os outros têm de aturar. Se não te podes modificar como desejas, como pretendes ajeitar os outros à medida de teus desejos? Muito desejamos que os outros sejam perfeitos, e nem por isso emendamos as nossas faltas.

3. Queremos que os outros sejam corrigidos com rigor, e nós não queremos ser repreendidos. Estranhámos a larga liberdade dos outros, e não queremos sofrer recusa alguma. Queremos que os outros sejam apertados por estatutos e não toleramos nenhum constrangimento que nos coíba. Onde claramente se vê quão raras vezes tratamos o próximo como a nós mesmos. Se todos fossem perfeitos, que teríamos então de sofrer nós mesmos por amor de Deus?

4. Ora, Deus assim o dispôs para que aprendamos a carregar uns o fardo dos outros; porque ninguém há sem defeito; ninguém sem carga; ninguém com força e juízo bastante para si; mas cumpre que uns aos outros nos suportemos, consolemos, auxiliemos, instruamos e aconselhemos. Quanta virtude cada um possui, melhor se manifesta na ocasião da adversidade; pois as ocasiões não fazem o homem fraco, mas revelam o que ele é.

Reflexões

Por pouco acusamos o próximo, e por muito nos escusamos; queremos vender muito caro e comprar bem barato; queremos que se faça justiça na casa do outro, e misericórdia e convívio na nossa casa; queremos que nossas palavras sejam tomadas em bom sentido, e somos melindrosos e exageradamente sensíveis às palavras do outro... Queremos nossos direitos cumpridos à risca, e que os outros sejam cortesies na exação dos deles; guardamos rigorosamente nossa posição, e queremos que os outros sejam humildes e condescendentes; nós nos queixamos facilmente do próximo, e não queremos que ninguém se queixe de nós; o que fazemos pelo outro sempre nos parece muito, e o que ele faz por nós nos parece ser nada. Resumindo, nós somos como as perdizes da Paflagônia que têm dois corações, pois temos um coração doce, afável e cortês para conosco e um coração duro, severo e rigoroso para com o próximo. Temos dois pesos: um para pesar nossas comodidades com a maior vantagem que podemos, e o outro para pesar as do próximo com a maior desvantagem possível. Mas, como diz a Escritura: *Falam com lábios lisonjeiros, mas com duplicidade no coração* (Sl 12,3), isto é, eles têm dois corações, e por ter dois pesos, um forte para receber, o outro fraco para dar, é coisa abominável diante de Deus.

Filoteia, sê igual e justa em tuas ações. Coloca-te sempre no lugar do próximo, e coloca-o em teu lugar, e assim julgarás bem; torna-te vendedora ao comprar e compradora ao vender, assim venderás e comprarás justamente (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. XXXVI, I, 205 e 206).

Oração

Doravante, ó minha alma, quero que sejamos paciente, doce e afável, e que jamais a água da contradição possa extinguir o fogo sagrado da caridade que devemos ao próximo... Ó Senhor, tende piedade de mim! (*Opusc.*, III, 110).

Capítulo 17 *Da vida monástica*

1. Aprende a abnegar-te em muitas coisas, se queres ter paz e concórdia com os outros. Não é pouco habitar em mosteiros ou congregações religiosas, viver ali sem queixas e perseverar fielmente até à morte. Bem-aventurado é aquele que aí vive bem e termina a vida com um fim abençoado! Se queres permanecer firme e fazer progressos, considera-te como desterrado e peregrino sobre a terra. Convém fazer-te louco por amor de Cristo, se queres seguir a vida religiosa.

2. De pouca monta são o hábito e a tonsura: são a mudança dos costumes e a perfeita mortificação das paixões que fazem o verdadeiro religioso. Quem outra coisa procura senão a Deus só e a salvação de sua alma, só achará tribulações e angústias. Não pode ficar por muito tempo em paz quem não procura ser o menor e o mais submisso de todos.

3. Para servir vieste, não para mandar; lembra-te que foste chamado para trabalhar e sofrer, e não para folgar e conversar. Aqui, pois, se provam os homens, à semelhança do ouro da fornalha. Aqui, ninguém perseverará, se não quiser humilhar-se, de todo o coração, por amor de Deus.

Reflexões

Nossa única pretensão (na vida religiosa) deve ser unir-nos a Deus, como Jesus Cristo se uniu a Deus, seu Pai, morrendo na cruz; porque não se trata absolutamente de falar desta união geral que se faz pelo batismo, onde os cristãos se unem a Deus recebendo este divino sacramento e o caráter do cristianismo, obrigando-se a guardar seus mandamentos e os da santa Igreja, exercitar-se nas boas obras, praticar as virtudes da fé, esperança e caridade, e por conseguinte sua união é válida e podem justamente pretender ao paraíso. Unindo-se por este meio a Deus como a seu Deus, eles não são absolutamente obrigados a mais, pois atingiram seu objetivo pela via geral e ampla dos mandamentos. Mas, quanto a vós, minhas caras filhas, não é assim, pois além desta obrigação comum que tendes com todos os cristãos, Deus, por um amor todo especial, vos escolheu para serem suas queridas esposas.

É preciso saber como, e o que é ser religiosas: é estar ligadas a Deus pela contínua mortificação de nós mesmos, e não viver senão para Deus; nosso próprio coração servindo sempre à sua divina majestade; nossos olhos, nossa língua, nossas mãos e todo o resto servindo-o continuamente... E porque nós não poderíamos chegar a isto a não ser por uma contínua prática de mortificação de

todas as nossas paixões, inclinações, humores e aversões, somos obrigados a velar continuamente sobre nós mesmos, a fim de fazer morrer tudo isto (XX^e *Entretien*, III, 548).

Oração

Sim, Senhor Jesus, fazei de nosso coração tudo o que for do vosso agrado, pois não queremos parte nem porção nele; mas vo-lo damos, consagramos e sacrificamos para sempre (102^e *lettre spir.*, XI, 162).

Capítulo 18 *Dos exemplos dos Santos Padres*

1. Contempla os salutarex exemplos dos Santos Padres, nos quais brilhou a verdadeira perfeição religiosa, e verás quão pouco ou quase nada é o que fazemos. Ah! que é a nossa vida em comparação com a deles? Os santos e amigos de Cristo serviram ao Senhor em fome e sede, em frio e nudez, em trabalho e fadiga, em vigílias e jejuns, em orações e santas meditações, em perseguições e muitos opróbrios.

2. Oh! quantas e quão graves tribulações sofreram os apóstolos, os mártires, os confessores, as virgens e todos quantos quiseram seguir as pisadas de Cristo! Odiam suas almas neste mundo, para possuí-las eternamente no outro. Oh! que vida austera e mortificada levaram os Santos Padres no deserto! Que contínuas e graves tentações suportaram! Quantas vezes foram atormentados pelo inimigo! Quantas orações fervorosas ofereceram a Deus! Que rigorosas abstinências praticaram! Que zelo e fervor tiveram em seu adiantamento espiritual! Que guerra fizeram para subjugar os vícios! Com que pura e reta intenção buscaram a Deus! Durante o dia trabalhavam e passavam as noites em orações ainda que trabalhando não interrompessem um momento a oração mental.

3. Todo o tempo empregavam utilmente; toda hora lhes parecia breve convivida com Deus; e pela grande doçura das contemplações se esqueciam até da necessária refeição do corpo. Renunciavam a todas as riquezas, dignidades, honras, amigos e parentes; nada queriam do mundo; apenas tomavam o indispensável para a vida e só com pesar satisfaziam as exigências da natureza. Assim eram pobres nos bens terrenos, mas muito ricos de graças e virtudes. Exteriormente lhes faltava tudo; interiormente, porém, se deliciavam com graças e consolações divinas.

4. Ao mundo eram estranhos, mas íntimos e familiares amigos de Deus. A si mesmos tinham em conta de nada, e o mundo os desprezava; mas eram preciosos e queridos aos olhos de Deus. Mantinham-se na verdadeira humildade, viviam em singela obediência, andavam em caridade e paciência; assim cada

dia faziam progresso na vida espiritual e mais a Deus agradavam. Esses foram dados por modelos a todos os religiosos, e mais nos devem estimular ao progresso espiritual, do que a multidão dos tíbios ao esmorecimento.

5. Oh! quanto foi o fervor de todos os religiosos, nos primeiros tempos de seus santos institutos! Quanta piedade na oração! Que emulação nas virtudes! Que austera disciplina vigorava então! Que respeito e obediência aos preceitos do superior reluzia em todos! Os vestígios que deixaram ainda atestam que foram verdadeiramente varões santos e perfeitos os que em tão renhidos combates venceram o mundo. Hoje já se considera grande quem não é transgressor da regra e com paciência suporta o jugo que se impôs.

6. Ó tibieza e desleixo do nosso estado, que tão depressa declinamos do fervor primitivo, e já nos causa tédio o viver por tanta negligência e frouxidão! Oxalá em ti não entorpeça de todo o desejo de progredir nas virtudes, já que tantos modelos viste de perfeição!

Reflexões

Considera o exemplo dos santos de todo tipo: o que fizeram eles para amar a Deus e ser devotos? Observa esses mártires invencíveis em suas resoluções: que tormentos não sofreram para mantê-las? Mas sobretudo essas belas e jovens damas, mais brancas do que os lírios em pureza, mais vermelhas do que a rosa em caridade: umas aos doze, outras aos treze, quinze, vinte e vinte e cinco anos, sofreram mil tipos de martírios para não renunciar à sua resolução, não somente quanto à profissão da fé, mas quanto ao protesto da devoção; umas morrendo para não perder a virgindade, outras para não deixar de servir os aflitos, consolar os atormentados e enterrar os mortos. Ó Deus, que constância mostrou esse sexo frágil em semelhantes ocorrências!

Vê quantos santos confessores: com que força eles desprezaram o mundo! Como se tornaram invencíveis em suas resoluções! Nada pôde fazê-los desistir delas. Sem reserva abraçaram essas resoluções e as mantiveram sem exceção. Meu Deus, o que diz Santo Agostinho de sua mãe, Santa Mônica! Com que firmeza ela perseguiu sua meta de servir a Deus em seu casamento, em sua viuvez! E São Jerônimo, de sua querida filha Paula: entre quantos obstáculos, entre quantas variedades de acidentes! Mas o que faremos nós a exemplo desses tão insignes padroeiros? Eles eram o que nós somos e o faziam pelo mesmo Deus e pelas mesmas virtudes: por que não fazemos nós o mesmo em nossa condição, e segundo nossa vocação, para manter nossa resolução e santo protesto? (*Introduction à la vie dévote*, parte V, cap. XII, I, 285).

Oração

Ó santos e santas de Deus, ó bem-aventurados espíritos angélicos, que gozais sem cessar da doce e inefável presença de Deus, orai por mim. Eu vos saúdo e vos honro, dou graças ao Senhor que vos escolheu e preveniu com suas bênçãos.

Obtende-me, eu vos conjuro, o perdão de minhas faltas, a graça de Deus e a perfeita união com ele. Amém (*Opusc.*, III, 145).

Capítulo 19
Dos exercícios do bom religioso

1. A vida do bom religioso deve ser ornada de todas as virtudes, para que corresponda o interior ao que por fora veem os homens; e com razão, ainda mais perfeito deve ser no interior do que por fora parece, pois lá penetra o olhar perscrutador de Deus, a quem devemos suma reverência, em qualquer lugar onde estivermos, e em cuja presença devemos andar com pureza angélica. Cada dia devemos renovar nosso propósito e exercitar-nos a maior fervor, como se esse fosse o primeiro dia de nossa conversão, dizendo: Confortai-me, Senhor, meu Deus, no bom propósito e em vosso santo serviço; concedei-me começar hoje deveras, pois nada é o que até aqui tenho feito.

2. A medida da nossa resolução será nosso progresso, e grande solicitude exige o sério aproveitamento. Se aquele que toma enérgicas resoluções tantas vezes cai, que será daquele que as toma raramente ou menos firmemente propõe? Sucede, porém, de vários modos deixarmos o nosso propósito; e raras vezes passa sem dano qualquer leve omissão de nossos exercícios. O propósito dos justos mais se firma na graça de Deus, que em sua própria sabedoria; nela confiam sempre, em qualquer empreendimento. Porque o homem propõe, mas Deus dispõe, e *não está na mão do homem o seu caminho* (Jr 10,23).

3. Quando, por motivo de piedade ou proveito do próximo, se deixa alguma vez o costumado exercício, fácil é reparar depois essa falta; omiti-lo, porém, facilmente, por enfado ou negligência, já é bastante culpável, e sentir-se-á o prejuízo. Esforcemo-nos quanto pudermos, ainda assim cairemos em muitas faltas; contudo, devemos sempre fazer um propósito determinado, mormente contra os principais obstáculos do nosso progresso espiritual. Devemos examinar e ordenar tanto o interior como o exterior, porque ambos importam ao nosso aproveitamento.

4. Se não podes continuamente estar recolhido, recolhe-te de vez em quando, ao menos uma vez por dia, pela manhã ou à noite. De manhã toma resoluções, e à noite examina tuas ações: como te houveste hoje em palavras, obras e pensamentos, porque nisso, talvez não raro, tenhas ofendido a Deus e ao próximo. Arma-te varonilmente contra as maldades do demônio; refreia a gula, e facilmente refrearás todo apetite carnal. Nunca estejas de todo desocupado, mas lê ou escreve ou reza ou medita ou faz alguma coisa de proveito comum. Nos exercícios corporais, porém, haja toda discrição, porque não convém igualmente a todos.

5. Os exercícios pessoais não se devem fazer publicamente; mais seguro é praticá-los secretamente. Guarda-te de ser negligente nos exercícios da regra, e

mais diligente nos particulares; mas, satisfeitas inteira e fielmente as coisas de obrigação e preceito, se tempo sobrar, ocupa-te em exercícios, conforme te inspirar a tua devoção. Nem todos podem ter o mesmo exercício; um convém mais a este, outro àquele. Até do tempo depende a conveniência e o atrativo das práticas; porque umas são mais apropriadas para os dias festivos, outras para os dias comuns; dumas precisamos para o tempo da tentação, de outras no tempo de paz e sossego. Numas coisas gostamos de meditar quando estamos tristes, e noutras quando estamos alegres no Senhor.

6. À volta das festas principais devemos renovar os nossos bons exercícios e com mais fervor implorar a intercessão dos santos. De uma para outra festividade devemos preparar-nos, como se então houvéssemos de sair deste mundo e chegar à festividade eterna. Por isso, devemos aparelhar-nos diligentemente, nos tempos de devoção, com vida mais piedosa e observância mais fiel de todas as regras, como se houvéssemos de receber em breve o galardão do nosso trabalho.

7. E, se for adiada essa hora, tenhamos por certo que não estamos ainda bem preparados nem dignos de tamanha glória que, a seu tempo, se revelará em nós, e tratemos de nos preparar para a morte. *Bem-aventurado o servo*, diz o evangelista São Lucas, *a quem o Senhor, quando vier, achar vigiando. Em verdade vos digo que o constituirá sobre todos os seus bens* (12,37.43).

Reflexões

Uma irmã conversa do mosteiro de Annecy, chamada Claude-Simplicienne Fardel, verdadeiramente digna, por sua angélica simplicidade, de seu nome, perguntou um dia a São Francisco de Sales, com sua ingenuidade de sempre: “Reverendo padre, se fôsseis religiosa entre nós, o que faríeis para se tornar perfeita? E ele lhe respondeu com um doce sorriso: Minha cara filha, parece-me que, com a graça de Deus, eu me tornaria tão atento para praticar as pequenas e mínimas observâncias que são introduzidas aqui nesta casa e, por este meio, eu tentaria conquistar o coração de Deus. Eu guardaria bem o silêncio e falaria também algumas vezes, mesmo no tempo de silêncio, isto é, sempre que a caridade o exigisse, mas nunca por um motivo qualquer. Eu falaria com muita doçura e daria uma atenção particular à pessoa, porque a Constituição o ordena. Fecharia e abriria com todo o cuidado as portas, porque nossa mãe o quer, e nós queremos fazer tudo o que sabemos que ela quer que façamos. Traria os olhos sempre bem baixos e andaria sem fazer barulho; porque, minha cara filha, Deus e seus anjos nos olham sempre e gostam muito daqueles que agem bem. Se me utilizassem para alguma coisa e me dessem um encargo, eu gostaria muito e trataria de fazer tudo a contento. Se não me utilizassem para nada e me deixassem de lado, eu também não me intrometeria onde não fui chamado, mas procuraria só obedecer e amar muito a Nosso Senhor. Oh! parece-me que eu o amaria de todo o meu coração, esse bom Deus, e que aplicaria bem meu espírito para observar exatamente as regras e Constituições... Suponho ainda que eu seria muito feliz e jamais me apressaria... Eu me manteria bem baixo e

pequeno, me humilharia e faria as práticas segundo os encontros; e se não me tivesse humilhado, me humilharia pelo menos por não ter-me humilhado. Procuraria fazer o melhor que me fosse possível para manter-me na presença de Deus e fazer todas as minhas ações por seu amor” (*Edition Migne*, VI, 1358).

Capítulo 20
Do amor à solidão e ao silêncio

1. Procura tempo oportuno para cuidar de ti e relembra a miúdo os benefícios de Deus. Renuncia às curiosidades e escolhe leituras tais, que mais sirvam para te compungir, que para te distrair. Se te abstiveres de conversações supérfluas e passeios ociosos, como também de ouvir novidades e boatos, acharás tempo suficiente e adequado para te entregares a santas meditações. Os maiores santos evitavam, quanto podiam, a companhia dos homens, preferindo viver com Deus, em retiro.

2. Disse alguém: “*Sempre que estive entre os homens, menos homem voltei*” (SÊNECA. Epist. 7). Isso experimentamos muitas vezes, quando falamos muito. Mais fácil é calar de todo, do que não tropeçar em alguma palavra. Mais fácil é ficar oculto em casa, que fora dela ter a necessária cautela. Quem, pois, pretende chegar à vida interior e espiritual, importa-lhe que se afaste da turba, com Jesus. Ninguém, sem perigo, se mostra em público, senão quem gosta de esconder-se. Ninguém seguramente fala, senão quem gosta de calar. Ninguém seguramente manda, senão o que perfeitamente aprendeu a obedecer.

3. Não pode haver alegria segura sem o testemunho de boa consciência. Contudo, a segurança dos santos estava sempre misturada com o temor de Deus; nem eram menos cuidadosos e humildes em si mesmos, porque resplandeciam em grandes virtudes e graças. A segurança dos maus, porém, nasce da soberba e presunção, e acaba por enganar-se a si mesma. Nunca te dêš por seguro nesta vida, ainda que pareças bom religioso ou devoto ermitão.

4. Muitas vezes os melhores no conceito dos homens correram graves perigos, por sua demasiada confiança. Por isso, para muitos é melhor não serem de todo livres de tentações, mas que sejam frequentemente combatidos, para que não confiem demasiadamente em si, nem se exaltem com soberba, nem tampouco busquem com ânsia as consolações exteriores. Oh! quem nunca buscasse alegria transitória, nem deste mundo cuidasse, que consciência pura teria! Oh! quem arredasse todo vão cuidado, para só cuidar das coisas salutareis e divinas, pondo nela a sua confiança em Deus, de que grande paz e sossego gozaria!

5. Ninguém é digno da consolação celestial, senão quem se exercitar, com diligência, na santa compunção. Se queres compungir-te de coração, entra em teu quarto, despede todo o bulício do mundo, conforme está escrito: *Compungivos em vossos cubículos* (Sl 4,5). Na cela acharás o que fora dela muitas vezes

perdes. A cela bem guardada causa doçura, e pouco frequentada gera enfado. Se bem a guardares e habitares no princípio de tua conversão, ser-te-á depois querida companheira e suavíssimo consolo.

6. No silêncio e sossego faz progressos uma alma devota e aprende os segredos das Escrituras. Ali ela acha a fonte de lágrimas, com que todas as noites se lava e purifica, para tanto mais de perto unir-se ao Criador quanto mais retirada viver do tumulto do mundo. Aquele, pois, que se aparta de seus amigos e conhecidos verá aproximar-se Deus com seus santos anjos. Melhor é estar solitário e tratar de sua alma, que, descurando-a, fazer milagres. Merece louvor o religioso que raro sai, que foge de ser visto pelos homens e nem procura vê-los.

7. Para que queres ver o que não te é lícito possuir? *Passa o mundo e a sua concupiscência* (1Jo 2,17). A inclinação sensual convida a passeios; passada, porém, aquela hora, que nos fica senão consciência pesada e coração distraído? A saída alegre, muitas vezes sucede um regresso triste, e à véspera deleitosa uma triste manhã. Assim, todo gosto carnal entra suavemente; no fim, porém, remorde e mata. Que poderás ver alhures que aqui não vejas? Eis: aqui tens o céu, a terra e todos os elementos; e deles são feitas todas as coisas.

8. Que poderás ver, em parte alguma, estável debaixo do sol por muito tempo? Pensas talvez satisfazer-te completamente? Pois não o conseguirás. Se viesses diante de ti todas as coisas, que seria senão vã fantasia? Levanta os olhos a Deus nas alturas e pede perdão de teus pecados e negligências. Deixa as vaidades para os fúteis; tu, porém, atende ao que Deus te manda. Fecha atrás de ti a porta e chama a teu Jesus amado. Fica-te com Ele em tua cela, porque tanta paz em outra parte não acharás. Se não tivesses saído, e escutado os rumores do mundo, melhor terias conservado a santa paz; enquanto folgares de ouvir novidades, terás que sofrer desassossego do coração.

Reflexões

Como o pai e a mãe de Santa Catarina de Sena lhe tiraram toda comodidade de lugar e de tempo para rezar e meditar, Nosso Senhor inspirou-lhe que fizesse um pequeno oratório em seu espírito, dentro do qual, retirando-se mentalmente, ela pudesse, entre os afazeres exteriores, entregar-se a esta santa solidão do coração. E quando o mundo a atacasse, ela não sofreria nenhum incômodo, porque se refugiaria em seu gabinete interior, onde se consolava com seu celeste esposo. Ela também aconselhava seus filhos espirituais a fazer um quarto no coração para nele permanecer.

Retira, pois, algumas vezes teu espírito para dentro do teu coração, onde, isolado de todos os humanos, possas tratar coração a coração com teu Deus, para dizer com Davi: *Fiquei velando e tornei-me como o pelicão do deserto, como o corujão ou o mocho nos pardieiros; tornei-me qual pássaro solitário no telhado* (Sl 102,7-8) (*Introduction à la vie dévote*, parte II, cap. XII, I, 68).

Oração

Ó Deus, por que não vos olhei sempre, como sempre me olhais? Por que pensais tantas vezes em mim, meu Senhor, e por que pensei tão poucas vezes em vós? Onde estamos nós, ó minha alma? Nosso verdadeiro lugar é Deus; e onde é que nos encontramos?... Vós sois minha casa de refúgio, meu baluarte seguro, meu teto contra a chuva e minha sombra contra o calor (*Introduction à la vie dévote*, parte II, cap. XII, I, 67).

Capítulo 21

Da compunção do coração

1. Se queres fazer algum progresso, conserva-te no temor de Deus e não busques demasiada liberdade; refreia, antes, todos os teus sentidos com a disciplina e não te entregues à vã alegria. Procura a compunção do coração e acharás a devoção. A compunção descobre tesouros, que a dissipação bem depressa costuma desperdiçar. É de estranhar que o homem jamais possa, nesta vida, gozar perfeita alegria, se considera seu exílio e pondera os muitos perigos de sua alma.

2. Pela leviandade do coração e pelo descuido dos nossos defeitos não percebemos os males de nossa alma; e, muitas vezes, rimo-nos frivolamente, quando, com razão, devíamos chorar. Não há verdadeira liberdade nem perfeita alegria, sem o temor de Deus e boa consciência. Ditoso aquele que pode apartar de si todo estorvo das distrações e recolher-se com santa compunção. Ditoso aquele que rejeita tudo que lhe possa manchar ou agravar a consciência. Peleja varonilmente: um costume com outro se vence.

3. Se souberes deixar os homens, eles te deixarão fazer tuas boas obras. Não te metas em coisas alheias, nem te impliques nos negócios dos grandes. Olha sempre primeiro para ti e admoesta-te com mais particularidade que a todos os teus amigos. Não te entristeça a falta dos humanos favores, mas penalize-te o não viveres com tanta cautela e prudência como convém a um servo de Deus e devoto religioso. Mais útil e mais seguro é para o homem não ter nesta vida muitas consolações, mormente sensíveis. Todavia, se não temos, ou raramente sentimos o consolo divino, a culpa é nossa, porque não procuramos a compunção do coração, nem rejeitamos de todo as vãs consolações exteriores.

4. Reconhece que és indigno da consolação divina, mas antes merecedor de muitas aflições. Quando um homem está perfeitamente compungido, logo se lhe torna enfadonho e amargo o mundo todo. O homem justo sempre acha bastante matéria para afligir-se e chorar. Pois, quer olhe para si, quer para o próximo, sabe que ninguém passa esta vida sem tribulações. E quanto mais atentamente se considera, tanto mais profunda é a sua dor. Matéria de justa mágoa e profundo pesar são nossos pecados e vícios, aos quais de tal sorte estamos presos, que raras vezes podemos contemplar as coisas do céu.

5. Se mais a miúdo pensasses na morte que numa vida de muitos anos, não há dúvida que tua emenda seria mais fervorosa. Se também meditasses seriamente nas penas futuras do inferno ou do purgatório, creio que sofrerias de bom grado trabalhos e dores, sem recear nenhuma austeridade. Mas, como estas coisas não nos penetram o coração e amamos ainda os regalos, ficamos frios e muito tíbios.

6. É muitas vezes pela fraqueza do espírito que este miserável corpo se queixa tão facilmente. Pede, pois, humildemente ao Senhor que te dê o espírito de compunção, e diz, com o profeta: *Sustenta-me, Senhor, com o pão das lágrimas e a bebida copiosa do pranto* (Sl 79,6).

Reflexões

Há uma tristeza segundo Deus que é própria dos pecadores na penitência, ou dos bons na compaixão pelas misérias temporais do próximo, ou dos perfeitos na deploração, lamentação e condolência pelas calamidades espirituais das almas...

É claro que a tristeza da verdadeira penitência não deve tanto ser chamada tristeza, mas desprazer ou sentimento e detestação do mal; tristeza que jamais é enfadonha nem desgostosa; tristeza que não entorpece o espírito, mas o torna ativo, pronto e diligente; tristeza que não abate o coração, mas o levanta pela oração e esperança, e o faz chegar aos ímpetus do fervor de devoção; tristeza que, no auge de suas amarguras, traz sempre a doçura de uma incomparável consolação, segundo o preceito do grande Santo Agostinho: Que o penitente se entristeça sempre, mas que sempre também se alegre na sua tristeza. A tristeza, diz Cassiano, que gera a sólida penitência e o agradável arrependimento, da qual a pessoa jamais se arrepende, ela é obediente, afável, humilde, complacente, suave, paciente, como tendo saído e descendido da caridade: tanto que, estendendo-se a toda dor de corpo e contrição de espírito, ela é, de certa maneira, feliz, animada e revigorada pela esperança de seu benefício (*Amour de Dieu*, I, XI, cap. XXI. II, 444 e 446).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que no caminho que vos levou ao suplício da cruz, dissestes às mulheres que choravam, por amor a vós, que deviam chorar por elas mesmas, dai-me a graça de chorar muito meus pecados, dai-me as lágrimas de uma santa compaixão e de um santo amor que me tornem agradável à vossa santa Majestade (*Opusc.*, III, 228).

Capítulo 22 *Da consideração da miséria humana*

1. Miserável serás, onde quer que estejas e para onde quer que te voltes, se

não te voltares para Deus. Por que te afliges, quando não te correm as coisas a teu gosto e vontade? Quem é que tem tudo à medida de seu desejo? Nem eu, nem tu, nem homem algum sobre a terra. Ninguém há no mundo sem nenhuma tribulação ou angústia, quer seja rei quer papa. Quem é que vive mais feliz? Aquele, de certo, que sabe sofrer alguma coisa por Deus.

2. Dizem muitos mesquinhos e tíbios: Olhai que boa vida tem este homem: quão rico é, quão grande e poderoso, de que alta posição! Olha tu para os bens do céu, e verás que nada são os bens temporais, mas muito incertos e onerosos, pois nunca vive sem temor e cuidado quem os possui. Não consiste a felicidade do homem na abundância dos bens temporais; basta-lhe a mediania. O viver na terra é verdadeira miséria. Quanto mais espiritual quer ser o homem, mais amarga lhe será a vida presente, porque conhece melhor e mais claramente vê os defeitos da humana corrupção. Porque o comer, beber, velar, dormir, descansar, trabalhar e estar sujeito a todas as demais necessidades da natureza é tudo, na verdade, grande miséria e aflição para o homem espiritual que deseja estar isento disto e livre de todo pecado.

3. Sim, muito oprimido se sente o homem interior com as necessidades corporais neste mundo. Por isto roga o profeta a Deus, devotamente, que o livre delas, dizendo: *Livrai-me, Senhor, das minhas necessidades* (Sl 24,17). Mas, aí daqueles que não conhecem a sua miséria, e, outra vez, aí daqueles que amam esta miserável e corruptível vida! Porque há alguns tão apegados a ela – posto que mal arranjem o necessário com o trabalho ou com a esmola – que, se pudessem viver aqui sempre, nada se lhes daria do Reino de Deus.

4. Ó insensatos e duros de coração, que tão profundamente fazem apegados à terra, que não gostam senão das coisas carnis. Infelizes! Lá virá o tempo em que hão de sentir, muito a seu custo, como era vil e nulo aquilo que amaram. Os santos de Deus, e todos os fiéis amigos de Cristo, não tinham em conta o que agradava à carne nem o que neste mundo brilhava, mas toda a sua esperança e intenção se fixavam nos bens eternos. Todo o seu desejo se elevava para as coisas invisíveis e perenes, para que o amor do visível não os arrastasse a desejar as coisas inferiores. Não percas, irmão meu, a confiança de fazer progressos na vida espiritual; ainda tens tempo e ocasião.

5. Por que queres adiar tua resolução? Levanta-te, começa já e diz: Agora é tempo de agir, agora é tempo de pelejar, agora é tempo próprio para me emendar. Quando estás atribulado e aflito, é tempo de merecer. Importa que passes por fogo e água, antes que chegues ao refrigério (Sl 65,12). Se não te fizeres violência, não vencerás os vícios. Enquanto estamos neste frágil corpo não podemos estar sem pecado, nem viver sem enfado e dor. Bem quiséramos descanso de toda miséria; mas como pelo pecado perdemos a inocência, perdemos também a verdadeira felicidade. Por isso devemos ter paciência, e confiar na divina misericórdia, até que *passe a iniquidade* (Sl 52,6), e a vida absorva esta mortalidade (2Cor 5,4).

6. Como é grande a fragilidade humana, inclinada sempre ao mal! Hoje

confessas os teus pecados, e amanhã cometes outra vez os mesmos que confessaste. Resolves agora acautelar-te, e daqui a uma hora te portas como quem nada se propôs. Com muita razão nos devemos humilhar e não nos ter em grande conta, já que tão frágeis somos e tão inconstantes. Assim, facilmente se pode perder pela negligência o que tanto nos custou a adquirir com a divina graça.

7. Que será de nós no fim, se já tão cedo somos tíbios? Ai de nós, se assim procuramos repouso, como se já estivéssemos em paz e segurança, quando nem sinal aparece em nossa vida de verdadeira santidade. Bem necessário nos fora que nos instruíssemos de novo, como bons noviços, nos bons costumes; talvez que assim houvesse esperança de alguma emenda futura e maior progresso espiritual.

Reflexões

Se o vinho estiver bem depurado e separado de sua borra, pode-se facilmente garantir que não vai turvar nem fermentar, mas se estiver em sua borra quase sempre estará sujeito a isto. E quanto a nós, enquanto estamos neste mundo, nossos espíritos estão na borra e no tártaro de mil humores e misérias, e, por conseguinte, fáceis de mudar e turvar em seu amor; mas estando no céu, onde, como neste grande banquete descrito por Isaías (25,6), nós teremos o *vinho purificado de toda borra*, não estaremos mais sujeitos à mudança, mas permaneceremos inseparavelmente unidos por amor ao nosso soberano bem. Aqui, entre os crepúsculos da aurora do dia, tememos que, em vez do esposo, poderíamos encontrar algum outro objeto que nos distraia e decepcione; mas quando o encontrarmos lá em cima onde ele apascenta e repousa no meio-dia, isto é, no pleno esplendor de sua glória, não haverá mais meio de sermos enganados, porque sua luz será tão clara e sua doçura nos ligará tão fortemente à sua bondade que não poderemos mais querer desligar-nos dele (*Amour de Dieu*, I, IV cap. I, II, 3).

Oração

Eu vos vejo, ó soberana bondade, como ser infinito, e me vejo como um nada diante de vós; e ainda que sois infinito e eu nada, sempre permaneço cheio de confiança em vós: meu nada espera em vossa afável infinidade com tanto mais segurança porque sois infinito. Espero em vós, diante de quem sou um verdadeiro nada... *Eu sou vosso*, ó Senhor, *salvai-me* (Sl 119, 94) (192^e *lettre spirit.*, XI, 338 e 339).

1. Mui depressa chegará teu fim neste mundo; vê, pois, como te preparas: hoje está vivo o homem, e amanhã já não existe. Entretanto, logo que se perder de vista, também se perderá da memória. Ó cegueira e dureza do coração humano, que só cuida do presente, sem olhar para o futuro! De tal modo te deves haver em todas as tuas obras e pensamentos, como se fosse já a hora da morte. Se tivesses boa consciência não temerias muito a morte. Melhor fora evitar o pecado que fugir da morte. Se não estás preparado hoje, como o estarás amanhã? O dia de amanhã é incerto, e quem sabe se te será concedido?

2. Que nos aproveita vivermos muito tempo, quando tão pouco nos emendamos? Oh! nem sempre traz emenda a longa vida, senão que aumenta, muitas vezes, a culpa. Oxalá tivéssemos, um dia sequer, vivido bem neste mundo! Muitos contam os anos decorridos desde a sua conversão; frequentemente, porém, é pouco o fruto da emenda. Se é tanto para temer o morrer, talvez seja ainda mais perigoso o viver muito. Bem-aventurado aquele que medita sempre sobre a hora da morte, e para ela se dispõe cada dia. Se já viste alguém morrer, reflete que também tu passarás pelo mesmo caminho.

3. Pela manhã, pensa que não chegarás à noite, e à noite não te prometes o dia seguinte. Por isso anda sempre preparado e vive de tal modo que te não encontre a morte desprevenido. Muitos morrem repentina e inesperadamente; *pois na hora em que menos se pensa, virá o Filho do Homem* (Lc 12,40). Quando vier aquela hora derradeira, começarás a julgar mui diferentemente toda a tua vida passada, e doer-te-á muito teres sido tão negligente e remisso.

4. Quão feliz e prudente é aquele que procura ser em vida como deseja que o ache a morte. Pois o que dará grande confiança de morte abençoada é o perfeito desprezo do mundo, o desejo ardente do progresso na virtude, o amor à disciplina, o rigor na penitência, a prontidão na obediência, a renúncia de si mesmo e a paciência em sofrer, por amor de Cristo, qualquer adversidade. Mui fácil é praticar o bem enquanto estás são; mas, quando enfermo, não sei o que poderás. Poucos melhoram com a enfermidade; raro também se santificam os que andam em muitas peregrinações.

5. Não confies em parentes e amigos, nem proteles para mais tarde o negócio de tua salvação, porque mais depressa do que pensas te esquecerão os homens. Melhor é providenciar agora e fazer algo de bem, do que esperar pelo socorro dos outros. Se não cuidas de ti no presente, quem cuidará de ti no futuro? Mui precioso é o tempo presente: *agora são os dias de salvação, agora é o tempo favorável* (2Cor 6,2). Mas, ai! que melhor não aproveitas o meio pelo qual podes merecer viver eternamente! Tempo virá de desejares, um dia, uma hora sequer, para a tua emenda, e não sei se a alcançarás.

6. Olha, meu caro irmão, de quantos perigos te poderias livrar e de quantos terrores fugir, se sempre andasses temeroso e desconfiado da morte. Procura agora de tal modo viver, que na hora da morte te possas antes alegrar que temer. Aprende agora a desprezar tudo, para então poderes voar livremente a Cristo. Castiga agora teu corpo pela penitência, para que possas então ter

legítima confiança.

7. Ó louco, que pensas viver muito tempo, quando não tens seguro nem um só dia! Quantos têm sido logrados e, de improviso, arrancados ao corpo! Quantas vezes ouviste contar: morreu este a espada; afogou-se aquele; este outro, caindo do alto, quebrou a cabeça; um morreu comendo, outro expirou jogando. Estes se terminaram pelo fogo, aqueles pelo ferro, uns pela peste, outros pelas mãos dos ladrões, e de todos é o fim a morte, e, *depressa, qual sombra, acaba a vida do homem* (Sl 143,4).

8. Quem se lembrará de ti depois da morte? E quem rogará por ti? Faze já, irmão caríssimo, quanto puderes; pois não sabes quando morrerás nem o que te sucederá depois da morte. Enquanto tens tempo, ajunta riquezas imortais. Só cuida em tua salvação, ocupa-te só nas coisas de Deus. Granjeia agora amigos, venerando os santos de Deus e imitando suas obras, para que, ao saíres desta vida, *te recebam nas eternas moradas* (Lc 16,9).

9. Considera-te como hóspede e peregrino neste mundo, como se nada tivesses com os negócios da terra. Conserva livre teu coração, e erguido a Deus, porque não tens aqui morada permanente. Para lá dirige tuas preces e gemidos, cada dia, com lágrimas, a fim de que mereça tua alma, depois da morte, passar venturosamente ao Senhor. Amém.

Reflexões

Como seríamos felizes, minhas queridas almas, se, desocupados de qualquer outro afazer, pensássemos seriamente em preparar as contas de nossa consciência, a fim de estarem em ordem para serem prestadas no dia que nos está marcado! Pois a morte tem pés de algodão, isto é, ela vem tão de mansinho que nem se percebe e nos pega de surpresa. Por isso devemos estar de sobreaviso, a fim de que, quando ela vier, nos encontre preparados: *Estai preparados, porque na hora em que menos pensais, virá o Filho do Homem. Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora* (Mt 24,44; 25,13). Pensemos, portanto, muitas vezes na morte, mas que não seja com um medo e temor excessivos. Tomemos a resolução de morrer com um coração pacífico e tranquilo, e como é uma coisa que vai acontecer com toda certeza, devemos manter-nos sempre no mesmo estado que queremos estar na hora da morte. Este é o verdadeiro meio de preparar-se para morrer bem, e podemos estar certos de que, se fizermos isto cuidadosamente, chegaremos à eternidade bem-aventurada e, deixando esses dias dos mortos, chegaremos aos dias da vida, para lá louvar e bendizer eternamente a divina Majestade (*Sermon pour le V^e jeudi de Carême*, IV, 369).

Exercitai-vos muitas vezes em pensamentos da grande doçura e misericórdia com a qual Deus, nosso Salvador, recebe as almas em seu desenlace, quando elas confiaram nele durante sua vida, e procuraram servi-lo e amá-lo cada qual em sua vocação. *Como sois bom, Senhor, para os que têm o*

coração puro! (Sl 73,1). Elevai muitas vezes vosso coração por uma santa confiança, impregnada de uma profunda humildade para com nosso Redentor, como que dizendo: Sou miserável, Senhor, e vós recebeis minha miséria no seio de vossa misericórdia, e me levareis com vossa mão paterna para o gozo de vossa herança: sou mesquinha e abjeta, mas vós me amareis, naquele dia, porque esperei em vós e desejei ser vossa (84^e *lettre spirit.*, XII, 144).

Oração

Senhor, recebei-me sob vossa proteção nesse dia espantoso. Tornai-me esta hora feliz e favorável, mesmo que todas as outras de minha vida sejam tristes e de aflição (*Introduction à la vie dévote*, parte I, cap. XIII, I, 27).

Capítulo 24 *Do juízo e das penas dos pecadores*

1. Em todas as coisas olha o fim, e de que sorte estarás diante do severo Juiz a quem nada é oculto, que não se deixa aplacar com dádivas, nem aceita desculpas, mas que julgará segundo a justiça. Ó misérrimo e insensato pecador! Que responderás a Deus, que conhece todos os teus crimes, se, às vezes, te amedronta até o olhar dum homem irado? Por que não te acautelas para o dia do juízo, quando ninguém poderá ser desculpado ou defendido por outrem, mas cada um terá assaz que fazer por si? Agora o teu trabalho é frutuoso, o teu pranto aceito, o teu gemer ouvido, satisfatória a tua contrição.

2. Grande e salutar purgatório tem nesta vida o homem paciente: se, injuriado, mais se dói da maldade alheia, que da ofensa própria; se, de boa vontade, roga por seus adversários, e de todo o coração perdoa os agravos; se não tarda em pedir perdão aos outros; se mais facilmente se compadece do que se irrita; se constantemente faz violência a si mesmo, e se esforça por submeter de todo a carne ao espírito. Melhor é expiar já os pecados e extirpar os vícios, que adiar a expiação para mais tarde. Com efeito, nós enganamos a nós mesmos pelo amor desordenado que temos à carne.

3. Que outra coisa há de devorar aquele fogo senão os teus pecados? Quanto mais te poupas agora e segues a carne, tanto mais cruel será depois o tormento e tanto mais lenha ajuntas para a fogueira. Naquilo em que o homem mais pecou, será mais gravemente castigado. Ali os preguiçosos serão incitados por agulhões ardentes, e os gulosos serão atormentados por violenta fome e sede. Os impudicos e voluptuosos serão banhados em pez ardente e fétido enxofre, e os invejosos uivarão de dor, à semelhança de cães furiosos.

4. Não há vício que não tenha o seu tormento especial. Ali, os soberbos serão acabrunhados de profunda confusão, e os avarentos oprimidos com extrema penúria. Ali será mais cruel uma hora de suplício do que cem anos aqui da mais

rigorosa penitência. Ali não há descanso nem consolação para os condenados, enquanto aqui, às vezes, cessa o trabalho e nos consolam os amigos. Relembra agora e chora teus pecados, para que no dia do juízo estejas seguro entre os escolhidos. Pois *erguer-se-ão, naquele dia, os justos com grande força contra aqueles que os oprimiram e desprezaram* (Sb 5,1). Então se levantará, para julgar, aquele que agora se curvou humildemente ao juízo dos homens. Então terá muita confiança o pobre e o humilde, mas o soberbo estremecerá de pavor.

5. Então se verá que foi sábio, neste mundo, quem aprendeu a ser louco e desprezado, por amor de Cristo. Então dará prazer toda tribulação, sofrida com paciência, e a *iniquidade não abrirá a sua boca* (Sl 106,42). Então se alegrarão todos os piedosos e se entristecerão todos os ímpios. Então mais exultará a carne mortificada, que se fora sempre nutrida em delícias. Então brilhará o hábito grosseiro e desbotarão as vestimentas preciosas. Então terá mais apreço o pobre tугúrio que o dourado palácio. Mais valerá a paciente constância que todo o poderio do mundo. Mais será engrandecida a singela obediência que toda a sagacidade do século.

6. Mais satisfação dará a pura e boa consciência que a douda filosofia. Mais valerá o desprezo das riquezas que todos os tesouros da terra. Mais te consolará a lembrança duma devota oração que a de inúmeros banquetes. Mais folgarás de ter guardado silêncio, do que de ter falado muito. Mais valor terão as boas obras que as lindas palavras. Mais agradará a vida austera e árdua penitência que todos os gozos terrenos. Aprende agora a padecer um pouco, para poupar-te mais graves sofrimentos no futuro. Experimenta agora o que podes sofrer mais tarde. Se não podes agora sofrer tão pouca coisa, como suportarás os eternos suplícios? Se tanto te repugna o menor incômodo, que te fará então o inferno? Certo é que não podes fruir dois gozos: deleitar-te neste mundo, e depois reinar com Cristo.

7. Se até hoje tivesses vivido sempre em honras e delícias, que te aproveitaria isso se tivesses que morrer neste instante? Logo, tudo é vaidade, exceto amar a Deus e só a Ele servir. Pois quem ama a Deus, de todo o coração, não teme nem a morte, nem o castigo, nem o juízo, nem o inferno, porque o perfeito amor dá seguro acesso a Deus. Mas quem ainda se delicia no pecado, não é de estranhar que tema a morte e o juízo. Todavia, é bom que, se do mal não te aparta o amor, te refreie ao menos o temor do inferno. Aquele, porém, que despreza o temor de Deus, não poderá por muito tempo perseverar no bem, e depressa cairá nos laços do demônio.

Reflexões

Os condenados estão dentro do abismo infernal como dentro de uma cidade desgraçada, na qual sofrem tormentos indizíveis em todos os seus sentidos e em todos os seus membros porque, como eles empregaram todos os seus sentidos e seus membros para pecar, assim sofrerão em todos os seus membros e em todos os seus sentidos as penas devidas ao pecado: os olhos, por seus falsos e maus

olhares, sofrerão a horrível visão dos diabos e do inferno; os ouvidos, pelo prazer que sentiram nas conversas maliciosas, jamais ouvirão outra coisa senão choro, lamentações e desesperos, e assim com os outros sentidos e membros.

Além de todos esses tormentos, há um ainda maior, que é a privação e perda da glória de Deus, da qual são excluídos e jamais poderão vê-la.

Se Absalão achou que a privação da face amável de seu pai Davi era mais dura de suportar do que seu exílio, então, ó Deus, como deve ser grande o remorso daquele que é privado para sempre de ver vosso rosto tão doce e suave!

Considerai, sobretudo, a eternidade dessas penas: só ela já torna o inferno insuportável. Ai de mim!... se o calor de uma baixa febre já nos torna tão longa e tão aborrecida uma breve noite, como será espantosa a noite da eternidade com tantos tormentos! Dessa eternidade nascem o desespero eterno, as blasfêmias e ódios infinitos (*Introduction à la vie dévote*, parte I, cap. XV, I, 30 e 31).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, justíssimo juiz, eu vos peço a graça de me julgar a mim mesmo e todas as minhas ações na vida presente, sem paliar e escusar meus pecados e defeitos, mas que eu os reconheça com verdadeira contrição, confissão e satisfação, a fim de que na minha morte eu não seja julgado por vós e condenado.

Eu vos suplico ainda que castigueis meus pecados nesta vida para não reservar a punição deles para a outra vida (*Opusc.*, III, 148).

Capítulo 25

Da diligente emenda de toda a nossa vida

1. Sê vigilante e diligente no serviço de Deus, e pergunta-te a miúdo: a que vieste, para que deixaste o mundo? Não será para viver por Deus e tornar-te homem espiritual? Trilha, pois, com fervor o caminho da perfeição, porque em breve receberás o prêmio dos teus trabalhos; nem te afligirão, daí por diante, temores nem dores. Agora, terás algum trabalho; mas depois acharás grande repouso e perpétua alegria. Se tu permaneceres fiel e diligente no seu serviço, Deus, sem dúvida, será fiel e generoso no prêmio. Conserva a firme esperança de alcançar a palma; não cries porém segurança, para não caíres em tibieza ou presunção.

2. Certo homem que vacilava muitas vezes, ansioso, entre o temor e a esperança, estando um dia acabrunhado pela tristeza, entrou numa igreja, e diante dum altar, prostrado em oração, dizia consigo mesmo: Oh! se eu soubesse que havia de perseverar! E logo ouviu em si a divina resposta: Se tal soubesses, que farias? Faze já o que então fizeras, e estarás bem seguro. Consolado imediatamente, e confortado, abandonou-se à divina vontade, e cessou a ansiosa

perplexidade. Desistiu da curiosa indagação acerca do seu futuro, aplicando-se antes em conhecer qual fosse a vontade e o perfeito agrado de Deus para começar e acabar qualquer boa obra.

3. *Espera no Senhor e faz boas obras*, diz o profeta, *habita na terra e serás apascentado com suas riquezas* (Sl 36,3). Há uma coisa que esfria em muitos o fervor do progresso e zelo da emenda: o horror da dificuldade ou o trabalho da peleja. Certo é que, mais que os outros, aproveitam nas virtudes aqueles que com maior empenho se esmeram em vencer a si mesmos naquilo que lhes é mais penoso e contrariam mais suas inclinações. Porque tanto mais aproveita o homem, e mais copiosa graça merece, quanto mais se vence a si mesmo e se mortifica no espírito.

4. Não custa igualmente a todos vencer-se e mortificar-se. Todavia, o homem diligente e porfioso fará mais progressos, ainda que seja combatido por muitas paixões, que outro de melhor índole, porém menos fervoroso em adquirir as virtudes. Dois meios, principalmente, ajudam muito a nossa emenda, e vêm a ser: apartar-se valorosamente das coisas às quais viciosamente se inclina a natureza, e porfiar em adquirir a virtude de que mais se há mister. Aplica-te também a evitar e vencer o que mais te desagrada nos outros.

5. Procura tirar proveito de tudo: se vês ou ouves relatar bons exemplos, anima-te logo a imitá-los; mas, se reparares em alguma coisa repreensível, guarda-te de fazê-la, e, se em igual falta caíste, procura emendar-te logo dela. Assim como tu observas os outros, também eles te observam a ti. Que alegria e gosto ver irmãos cheios de fervor e piedade, bem acostumados e morigerados! Que tristeza, porém, e aflição, vê-los andar desnorteados e descuidados dos exercícios de sua vocação! Que prejuízo descurar os deveres do estado e aplicar-se ao que Deus não exige!

6. Lembra-te da resolução que tomaste, e põe diante de ti a imagem de Jesus crucificado. Com razão te envergonharás, considerando a vida de Jesus Cristo, pois até agora tão pouco procuraste conformar-te com ela, estando há tanto tempo no caminho de Deus. O religioso que, com solicitude e fervor, se exercita na santíssima vida e paixão do Senhor, achará nela com abundância tudo quanto lhe é útil e necessário, e escusará buscar coisa melhor fora de Jesus. Oh! se entrasse em nosso coração Jesus crucificado, quão depressa e perfeitamente seríamos instruídos!

7. O religioso cheio de fervor tudo suporta de boa vontade e executa o que lhe mandam. O relaxado e tíbio, porém, encontra tribulação sobre tribulação, sofrendo de toda parte angústias: é que ele carece da consolação interior e lhe é vedado buscar a exterior. O religioso que transgredir a regra anda exposto a grande ruína. Quem busca a vida cômoda e menos austera sempre estará em angústias, porque uma ou outra coisa sempre lhe desagrada.

8. Que fazem tantos outros religiosos que guardam a austera disciplina do claustro? Raro saem, vivem retirados, sua comida é parca, seu hábito grosseiro, trabalham muito, falam pouco, vigiam até tarde, levantam-se cedo, rezam

muito, leem com frequência e conservam-se em toda a observância. Olha como os cartuxos, os cistercienses e os monges e monjas das diversas ordens se levantam todas as noites para louvar o Senhor. Vergonha, pois, seria, se tu fosses preguiçoso em obra tão santa, quando tamanha multidão de religiosos entoam a divina salmodia.

9. Oh! se nada mais tivesses que fazer senão louvar a Deus Nosso Senhor de coração e boca! Oh! se nunca precisares comer, nem beber, nem dormir, mas sempre pudesses atender aos louvores de Deus e aos exercícios espirituais! Então serias muito mais ditoso do que agora, sujeito a tantas exigências do corpo! Oxalá não existissem tais necessidades, mas houvesse só aquelas refeições que – ai! – tão raro gozamos!

10. Quando o homem chega ao ponto de não buscar sua consolação em nenhuma criatura, só então começa a gostar perfeitamente de Deus, e anda contente, aconteça o que acontecer. Então não se alegra pela abundância, nem se entristece pela penúria, mas confia inteira e fielmente em Deus, que lhe é tudo em todas as coisas, para quem nada perece nem morre, mas por quem vivem todas as coisas e a cujo aceno, com prontidão, obedecem.

11. Lembra-te sempre do fim, e que o tempo perdido não volta. Sem empenho e diligência, jamais alcançarás as virtudes. Se começares a ser tíbio, logo te inquietarás. Se, porém, procurares afervorar-te, acharás grande paz e sentirás mais leve o trabalho com a graça de Deus e o amor da virtude. O homem fervoroso e diligente está preparado para tudo. Mais penoso é resistir aos vícios e às paixões que afadigar-se em trabalhos corporais. Quem não evita os pequenos defeitos pouco a pouco cai nos grandes. Alegrar-te-ás sempre à noite, se tiveres empregado bem o dia. Vigia sobre ti, anima-te e admoesta-te e, vivam os outros como vivem, não te descuides de ti mesmo. Tanto mais aproveitarás quanto maior for a violência que te fizeres. Amém.

Reflexões

Nós esquecemos a máxima dos santos que nos advertiram que todos os dias devemos recomençar nosso avanço na perfeição; e se pensássemos bem nisto, não ficaríamos surpresos ao encontrar miséria em nós, nem do que devemos proibir-nos. Mas nunca fazemos isto. É preciso recomençar e recomençar sempre de boa vontade. *Quando alguém tiver acabado*, diz a Escritura, *é então que começará* (Eccl 18,6). O que fizemos até o presente é bom, mas o que vamos começar será melhor; e quando tivermos acabado isto, recommençaremos uma outra coisa que será ainda melhor e depois uma outra, até que vamos partir deste mundo para começar uma outra vida que não terá fim, porque nada de melhor poderá acontecer-nos. Portanto, minha cara Madre, considera se é preciso chorar quando se encontra necessidade em tua alma, e se é preciso ter coragem para ir sempre em frente, pois jamais se deve parar, e se for preciso decidir-se para cortar algo, pois a navalha deve penetrar *até a divisão da alma e do espírito, os nervos e os tendões* (Hb 4,12) (225^e *lettre spirit.*, X, 498).

Demos sempre nosso pequeno passo; e como temos uma boa e bem decidida disposição, só podemos ir bem. Não, minha caríssima filha, para o exercício das virtudes, não é preciso manter-te atualmente atenta a todas. Isto na verdade confundiria e fixaria por demais teus pensamentos e afetos. A humildade e a caridade são as cordas-mestras, todas as outras estão ligadas a elas. É preciso somente fixar-te bem nessas duas; uma é a mais baixa, a outra a mais alta; a conservação de todo edifício depende do fundamento e do teto; tendo o coração aplicado ao exercício destas virtudes, não se tem grande dificuldade para chegar às outras (60^e *lettre spirit.*, X, 222).

Oração

Ó Deus, pai tão compassivo e cheio de bondade, como é pela inspiração de vossa divina graça que meu coração recebeu de novo o desejo e tomou a resolução de vos servir, recebei-o, este fraco e mísero coração, em sacrifício de bom odor e de suavidade: de novo, tudo vos dedico, consagro, sacrifico e imolo à vossa divina Majestade, para seguir em tudo e em toda parte, mais fielmente do que nunca, vossas soberanas ordens. Que este coração seja, pois, totalmente renovado, ó meu Deus, por esta consagração e promessa; fortificai-o com a vossa santa graça para que eu seja fiel ao que prometi (*Edition Migne, Opusc.*, III, 1376).

[10]. Esta passagem foi tirada das resoluções que São Francisco de Sales tomou no tempo de seus estudos.

[11]. Quer dizer, provar por sua maneira de falar que não é um inimigo. (Ver o cap. 12 do Livro dos Juízes.)

Livro II
Exortações à vida interior

Capítulo 1
Da vida interior

1. *O Reino de Deus está dentro de vós*, diz o Senhor (Lc 17,21). Converte-te a Deus de todo o coração, deixa este mundo miserável, e tua alma achará descanso. Aprende a desprezar as coisas exteriores e entrega-te às interiores, e verás chegar a ti o Reino de Deus. Pois *o Reino de Deus é a paz e o gozo no Espírito Santo* (Rm 14,17), que não se dá aos ímpios. Virá a ti Cristo para consolar-te, se lhe prepares no teu interior digna moradia. Toda a sua glória e formosura está no interior (Sl 44,14), e só aí o Senhor se compraz. A miúdo visita ele o homem interior em doce entretenimento, suave consolação, grande paz e familiaridade, sobremaneira admirável.

2. Eia, alma fiel, para este esposo prepara teu coração, a fim de que se digne vir e morar em ti. Pois assim ele diz: *Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e viremos a ele e faremos nele a nossa morada* (Jo 14,23). Dá, pois, lugar a Jesus e a tudo mais fecha a porta. Se possúires a Cristo, estarás rico e satisfeito. Ele mesmo será teu provedor e fiel procurador em tudo, de modo que não hajas mister de esperar nos homens. Porque os homens são volúveis e faltam com facilidade à confiança, mas *Cristo permanece eternamente* (Jo 12,34), e firme nos acompanha até ao fim.

3. Não se há de ter grande confiança no homem frágil e mortal, por mais que nos seja caro e útil; nem nos devemos afligir com excessos, porque, de vez em quando, nos contraria com palavras ou obras. Os que hoje estão contigo amanhã talvez sejam contra ti, e reciprocamente, pois os homens mudam como o vento. Põe toda a tua confiança em Deus, e seja Ele o teu temor e amor; Ele responderá por ti, e fará do melhor modo o que convier. Não tens aqui morada permanente (Hb 13,14), e, onde quer que estejas, és estranho e peregrino; nem terás nunca descanso, se não estiveres intimamente unido a Jesus.

4. Para que olhas em redor de ti, se não é este o lugar de teu repouso? No céu deve ser a tua habitação, e como de passagem hás de olhar todas as coisas da terra. Todas passam, e tu igualmente passas com elas; toma cuidado para não te apegares a elas, a fim de que não te escravizem e percam. Ao Altíssimo eleva sempre teus pensamentos, e a Cristo dirige súplica incessante. Se não sabes contemplar coisas altas e celestiais, descansa na paixão de Cristo e gosta de habitar em suas sacratíssimas chagas. Pois, se te acolheres devotamente às chagas e preciosos estigmas de Jesus, sentirás grande conforto em tuas mágoas, não farás mais caso do desprezo dos homens e facilmente sofrerás as suas detrações.

5. Cristo também foi, neste mundo, desprezado dos homens, e em suma

necessidade, entre os opróbrios, o desampararam seus conhecidos e amigos. Cristo quis padecer e ser desprezado; e tu ousas queixar-te de alguém? Cristo teve adversidade e detratores; e tu queres ter a todos por amigos e benfeitores? Como poderá ser coroada tua paciência, se não encontrares alguma adversidade? Se não queres sofrer alguma contrariedade, como serás amigo de Cristo? Sofre com Cristo e por Cristo, se com Cristo queres reinar.

6. Se uma só vez entraras perfeitamente no Coração de Jesus e gozaras um pouco de seu ardente amor, não farias caso do teu proveito ou dano, ao contrário, te alegrarias com os mesmos opróbrios; porque o amor de Jesus faz com que o homem se despreze a si mesmo. O amante de Jesus e da verdade, e o homem deveras espiritual e livre de afeições desordenadas, pode facilmente recolher-se em Deus, e, elevando-se em espírito, acima de si mesmo, fruir delicioso descanso.

7. Aquele que avalia as coisas pelo que são, e não pelo juízo e estimação dos outros, este é o verdadeiro sábio, ensinado mais por Deus que pelos homens. Quem sabe andar recolhido dentro de si, e ter em pequena conta as coisas exteriores, não precisa escolher lugar nem aguardar horas para se dar a exercícios de piedade. O homem interior facilmente se recolhe, pois nunca se entrega de todo às coisas exteriores. Não o estorvam trabalhos externos nem ocupações, às vezes necessárias, mas ele se acomoda às circunstâncias, conforme sucedem. Quem tem o interior bem disposto e ordenado não se importa com as façanhas e crimes dos homens. Tanto o homem se embaraça e distrai, quanto se mete nas coisas exteriores.

8. Se foras reto e puro, tudo te correria bem e se voltaria em teu proveito. Mas, porque ainda não estás de todo morto a ti mesmo, nem apartado das coisas terrenas, por isso muitas coisas te causam desgostos e perturbações. Nada mancha tanto e embaraça o coração do homem como o amor desordenado às criaturas. Se renunciasses às consolações exteriores, poderás contemplar as coisas do céu e gozar a miúdo da alegria interior.

Reflexões

As abelhas nascem vermes e depois se tornam ninfas, andam com seus pés e enfim se tornam moscas volantes. O mesmo acontece conosco, Teótimo, se somos espirituais, pois abandonamos nossa vida humana para viver uma outra vida, mais eminente, acima de nós mesmos, ocultando toda esta nova vida em Deus com Jesus Cristo, que só ele a vê, a conhece e a dá. Nossa vida nova é o amor celeste que vivifica e anima nossa alma, e este amor está totalmente escondido em Deus e em coisas divinas com Jesus Cristo; porque, como dizem as sagradas letras do Evangelho, depois que Jesus Cristo, subindo ao céu, se deixou ver um pouco a seus discípulos, uma nuvem *o envolveu e ocultou aos seus olhos* (At 1,9). Jesus Cristo ocultou-se portanto no céu em Deus. Ora, Jesus Cristo é nosso amor, e nosso amor é a vida de nossa alma; portanto, nossa vida está oculta em Deus com Jesus Cristo, e quando Jesus Cristo, que é nosso amor,

e por conseguinte nossa vida espiritual, virá aparecer no dia do juízo, *então nós apareceremos com ele na glória* (Cl 3,4), isto é, Jesus Cristo, nosso amor, nos glorificará, comunicando-nos sua felicidade e esplendor (*Amour de Dieu* 1. VII, cap. VI, II, 166).

Oração

Ah! Jesus, quem me dera a graça de ser um só espírito convosco! Enfim, Senhor, rejeitando a multiplicidade das criaturas, não quero senão a vossa unidade! Ó Deus, vós sois o único um e a única unidade necessária à minha alma! Jesus, caro amigo de meu coração, uni minha pobre e única alma à vossa única bondade! (*Amour de Dieu* 1. VII, cap. III, II, 157).

Capítulo 2 *Da humilde submissão*

1. Não te importes muito de saber quem seja por ti ou contra ti; mas trata e procura que Deus seja contigo em tudo que fizeres. Tem boa consciência e Deus te defenderá, pois a quem Deus ajuda não há maldade que o possa prejudicar. Se souberes calar e sofrer, verás, sem dúvida, o socorro do Senhor. Ele sabe o tempo e o modo de te livrar; portanto, entrega-te todo a Ele. A Deus pertence aliviar-nos e tirar-nos de toda a confusão. Às vezes é muito útil, para melhor conservarmos a humildade, que os outros saibam os nossos defeitos e no-los repreendam.

2. Quando o homem se humilha por seus defeitos, aplaca facilmente os outros e satisfaz os que estão irados contra ele. Ao humilde Deus protege e salva, ao humilde ama e consola, ao humilde ele se inclina, dá-lhe abundantes graças e depois do abatimento o levanta a grande honra. Ao humilde revela seus segredos e com doçura a si o atrai e convida. O humilde, ao sofrer afrontas, conserva sua paz, porque confia em Deus e não no mundo. Não julgues ter feito progresso algum, enquanto te não reconheças inferior a todos.

Reflexões

Ó nobre virtude da humildade, tão necessária ao ser humano nesta vida mortal! Não é sem razão que se diz que ela é a base e o fundamento de todas as virtudes; e, ainda que ela não seja a primeira (a caridade e o amor de Deus a ultrapassam em dignidade e excelência), no entanto a caridade tem uma tal conformidade e simpatia com a humildade que elas não vivem jamais uma sem a outra...

Sem dúvida a divina sabedoria sempre olhou com bons olhos os humildes, humilhou e rebaixou aqueles que se exaltam e exaltou aqueles que se humilham, assim como o canta nossa gloriosa mestra Nossa Senhora em seu sagrado

cântico: *Depôs do trono os poderosos e exaltou os humildes* (Lc 1,52). Aqueles que se exaltam serão humilhados, aqueles que querem colocar seu trono nas nuvens serão rebaixados, e os pobres que se abaixam e se humilham serão exaltados; pois Deus, que ama os humildes, se comunicará a eles e lhes dará seu espírito, pelo qual eles operarão grandes coisas (*Sermon pour le III^e Dimanche de l'Avent*, IV, 33 e 35).

Oração

Ó Deus, sou obra de vossas mãos: portanto, não quero mais, de agora em diante, comprazer-me em mim mesmo, que não sou nada... Desde agora escolho por quinhão a vergonha e a confusão, aceito para sempre todo tipo de desprezo: numa palavra, quero mudar de vida e seguir doravante meu Criador, e sentir-me honrado com a condição do ser que ele me deu, empregando-o inteiramente à obediência à sua vontade pelos meios que me serão ensinados... Ó Deus, fortalecei-me nesses afetos e resoluções (*Edition Migne, Opus.*, III, 1341 e 1342).

Capítulo 3 Do homem bom e pacífico

1. Primeiro conserva-te em paz, e depois poderás pacificar os outros. O homem apaixonado, até o bem converte em mal e facilmente acredita no mal; o homem bom e pacífico, pelo contrário, faz com que tudo se converta em bem. Quem está em boa paz de ninguém desconfia; o descontente e perturbado, porém, é combatido de várias suspeitas e não sossega, nem deixa os outros sossegarem. Diz muitas vezes o que não devia dizer, e deixa de fazer o que mais lhe conviria. Atende às obrigações alheias, e descuida-se das próprias. Tem, pois, principalmente zelo de ti, e depois o terás, com direito, do teu próximo.

2. Bem sabes desculpar e cobrir tuas faltas, e não queres aceitar as desculpas dos outros! Mais justo fora que te acusasses a ti e escusasses o teu irmão. Suporta os outros, se queres que te suportem a ti. Nota quão longe estás ainda da verdadeira caridade e humildade, que não sabe irar-se ou indignar-se senão contra si própria. Não é grande coisa conviver com homens bons e mansos, porque isso, naturalmente, agrada a todos; e cada um gosta de viver em paz e ama os que são de seu parecer. Viver, porém, em paz com pessoas ásperas, perversas e mal-educadas que nos contrariam, é grande graça e ação louvável e varonil.

3. Uns há que têm paz consigo e com os mais; outros que não têm paz nem a deixam aos demais; são insuportáveis aos outros, e ainda mais o são a si mesmos. E há outros que têm paz consigo e procuram-na para os demais. Toda a nossa paz, porém, nesta vida miserável, consiste mais na humilde resignação, que em não sentir as contrariedades. Quem melhor sabe sofrer maior paz terá.

Esse é vencedor de si mesmo e senhor do mundo, amigo de Cristo e herdeiro do céu.

Reflexões

Este santo e ilustre patriarca José, ao despedir-se de seus irmãos que partiam do Egito de volta para a casa de seu pai, deu-lhes apenas este conselho: *Não vos irriteis uns com os outros pelo caminho* (Gn 45,24). Eu te digo o mesmo, Filoteia. Esta vida miserável é apenas um caminho que leva à bem-aventurança: não devemos irritar-nos e enfurecer-nos uns com os outros pelo caminho, mas andar com o grupo de nossos irmãos e companheiros pacificamente, com mansidão e amabilidade.

Quando estás em tranquilidade e sem nenhum sinal de raiva, aumenta tua provisão de doçura e complacência. Podes então dizer todas as tuas palavras e fazer todas as tuas ações, pequenas e grandes, da maneira mais doce possível, lembrando-te que a esposa, no Cântico dos Cânticos, tem não só mel em seus lábios e na ponta de sua língua, mas ainda sob a língua, isto é, no peito, e não somente mel, mas também leite. Porque também não devemos ter apenas a palavra doce em relação ao próximo, mas ainda todo o peito, isto é, todo o interior de nossa alma; e não devemos ter somente a doçura do mel, que é aromático e odorífero, isto é, a suavidade da conversa afável com os estranhos, mas também a doçura do leite com os domésticos e vizinhos próximos: neste ponto falham muito aqueles que na rua parecem anjos, mas em casa são diabos (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. VIII, I, 124 e 127).

Oração

Ó caridade, ó humildade, ó doçura e benignidade, como deixais em suavidade e satisfação a alma que vos possui!... Ah! quem vos conhece pode desejar outra coisa senão vós mesmo como partilha? Oh! Senhor, dai-me esta água viva, e que todas as outras delícias deste mundo se transformem para mim em amargura (*Edition Migne, Opusc.*, 1.374).

Capítulo 4 *Da mente pura e da intenção simples*

1. Com duas asas se levanta o homem acima das coisas terrenas: simplicidade e pureza. A simplicidade há de estar na intenção e a pureza no afeto. A simplicidade procura a Deus, a pureza o abraça e frui. Em nenhuma boa obra acharás estorvo, se estiveres interiormente livre de todo afeto desordenado. Se só queres e buscas o agrado de Deus e o proveito do próximo, gozarás de liberdade interior. Se teu coração for reto, toda criatura te será um espelho de vida e um livro de santas doutrinas. Não há criatura tão pequena e vil que não represente a bondade de Deus.

2. Se fosses interiormente bom e puro, logo verias tudo sem dificuldade e compreenderias bem. O coração puro penetra o céu e o inferno. Cada um julga segundo seu interior. Se há alegria neste mundo, é o coração puro que a goza; se há, em alguma parte, tribulação e angústia, é a má consciência que as experimenta. Como o ferro metido no fogo perde a ferrugem e se faz todo incandescente, assim o homem que se entrega inteiramente a Deus fica livre da tibieza e transforma-se em novo homem.

3. Quando o homem começa a entibiar, logo teme o menor trabalho e anseia as consolações exteriores. Quando, porém, começa deveras a vencer-se e andar com ânimo no caminho de Deus, leves lhe parecem as coisas que antes achava onerosas.

Reflexões

Encontra-se muito pouco esta virtude da simplicidade, até mesmo entre os mais espirituais que consideram a Deus puramente, sem buscar-se a si mesmos, e que andam na simplicidade de coração, ainda que Nosso Senhor a tenha recomendado com tanta insistência a seus apóstolos: *Sede simples como as pombas* (Mt 10,16). Não há, com certeza, virtude que Deus ame tanto, nem que tenha mais poder para o atrair numa alma, do que a simplicidade.

Mas para entender o que é simplicidade, é preciso saber que há três virtudes que têm uma tal semelhança uma com a outra, que parece que não há nenhuma diferença, a saber: a verdade, a pureza e a simplicidade. A verdade faz-nos mostrar no exterior o que somos exatamente no interior; por outro lado, a mentira é dizer ou fazer algo contrário ao nosso sentimento interior. A pureza tem uma grande relação com a verdade, principalmente porque ela não pode sofrer em nossos corações nenhum pecado, por menor que seja, nem nenhuma intenção maculada ou impura, que não tende a glorificar a Deus. Mas a simplicidade ultrapassa essas duas virtudes, porque ela tem um único olhar que vai direto a Deus (*Sermon pour la fête de saint Jean Porte-Latine*, IV, 530).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que subistes ao céu, na presença de vossos discípulos, depois de ter completado quarenta dias, concedei-me a graça de minha alma desgostar-se, por vosso amor, de todas as coisas da terra, que ela aspire à eternidade e que vos deseje como o cúmulo da felicidade. Amém (*Opusc.*, III, 232).

Capítulo 5 Da consideração de si mesmo

1. Não podemos confiar muito em nós, porque frequentemente nos faltam a

graça e o critério. Pouca luz temos em nós e esta facilmente a perdemos por negligência. De ordinário também não avaliamos quanta é nossa cegueira interior. A miúdo procedemos mal e nos desculpamos, o que é pior. Às vezes nos move a paixão, e pensamos que é zelo. Reprendemos nos outros as faltas leves, e nos desculamos das nossas maiores. Bem depressa sentimos e ponderamos o que dos outros sofremos, mas não se nos dá do que os outros sofrem de nós. Quem bem e retamente avaliasse suas obras não seria capaz de julgar os outros com rigor.

2. O homem interior antepõe o cuidado de si a todos os outros cuidados, e quem se ocupa de si com diligência facilmente deixa de falar dos outros. Nunca serás homem espiritual e devoto, se não calares dos outros, atendendo a ti próprio com especial cuidado. Se de ti só e de Deus cuidares, pouco te moverá o que se passa por fora. Onde estás, quando não estás contigo? E, depois de tudo percorrido, que ganhaste se esqueceste a ti mesmo? Se queres ter paz e verdadeiro sossego, é preciso que tudo mais dispenses, e a ti só tenhas diante dos olhos.

3. Portanto, grandes progressos farás, se te conservares livre de todo cuidado temporal; muito te atrasará o apego a alguma coisa temporal. Nada te seja grande, nobre, aceito ou agradável, a não ser Deus mesmo ou o que for de Deus. Considera vã toda consolação que te vier das criaturas. A alma que ama a Deus despreza tudo que é abaixo de Deus. Só Deus eterno e imenso, que tudo enche, é o consolo da alma e a verdadeira alegria do coração.

Reflexões

Aqueles que cuidam bem de sua consciência quase não estão sujeitos ao julgamento temerário. Porque, como as abelhas, ao ver o nevoeiro ou o tempo nublado, retiram-se para suas colmeias a fim de cuidar do mel, assim as cogitações das boas almas não se propagam sobre objetos confusos nem entre as ações nebulosas dos próximos; mas para evitar-lhes o encontro recolhem-se dentro do coração para lá cuidar das boas resoluções de sua própria emenda.

É o caso de uma alma inútil divertir-se com a especulação da vida de outra pessoa. Excetuo aqueles que estão encarregados dos outros, tanto na família como na república; pois uma boa parte de sua consciência consiste em olhar e vigiar sobre a dos outros. Que estes cumpram então seu dever com amor e depois se voltem sobre si mesmos com este olhar (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. XVIII, I, 188).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que quisestes ser atado pelas mãos dos maus, rompei as cadeias de meus pecados, e preendi-me de tal forma com os vínculos da caridade e de vossos mandamentos que as potências de minha alma e de meu corpo não escapem para cometer alguma coisa que seja contrária à vossa santa

vontade (*Opusc.*, III, 225).

Capítulo 6

Da alegria da boa consciência

1. A glória do homem virtuoso é o testemunho da boa consciência. Conserva pura a consciência, e sempre terá alegria. A boa consciência pode suportar muita coisa e permanece alegre até nas adversidades. A má consciência anda sempre medrosa e inquieta. Suave sossego gozarás, se de nada te acusar o coração. Não te dês por satisfeito, senão quando tiveres feito algum bem. Os maus nunca têm verdadeira alegria nem sentem a paz interior; pois *não há paz para os ímpios, diz o Senhor* (Is 57,21). E se disserem: Vivemos em paz, não há mal que nos possa acontecer, e quem ousará ofender-nos? – não lhes dês crédito, porque de repente levantar-se-á a ira de Deus, e então as suas obras serão aniquiladas e frustrados seus intuitos.

2. A quem ama não é dificultoso gloriar-se na tribulação; pois gloriar-se assim é gloriar-se na cruz do Senhor (Gl 6,14). Pouco dura a glória que os homens dão e recebem. A glória do mundo anda sempre acompanhada de tristeza. A glória dos bons está na própria consciência, e não na boca dos homens. A alegria dos justos é de Deus e em Deus, a sua alegria procede na verdade. Quem deseja a glória verdadeira e eterna não faz caso da temporal. E quem procura a glória temporal ou não a despreza de todo, mostra que pouco ama a celestial. Grande tranquilidade do coração goza aquele que não faz caso de elogios nem de censuras.

3. É fácil estar contente e sossegado, tendo a consciência pura. Não és mais santo porque te louvam, nem mais ruim porque te censuram. És o que és, nem te podem os louvores fazer maior do que és aos olhos de Deus. Se considerares o que és no teu interior, não farás caso do que te dizem os homens. O homem vê o rosto, Deus o coração (1Rs 16,7). O homem nota os atos, mas Deus pesa as intenções. Proceder sempre bem e ter-se em pequena conta é indício de uma alma humilde. Rejeitar toda consolação das criaturas é sinal de grande pureza e confiança interior.

4. Aquele que não procura o testemunho favorável dos homens mostra que está todo entregue a Deus. *Porque*, como diz São Paulo, *não é aprovado aquele que a si próprio recomenda, mas aquele que é recomendado por Deus* (2Cor 10,18). Andar recolhido no interior com Deus, sem estar preso a alguma afeição humana, é próprio do homem espiritual.

Reflexões

Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus (Rm 8,28) e para a verdade, uma vez que Deus pode e sabe tirar o bem do mal. Para quem faria ele isto, senão para aqueles que, sem reserva, se doaram a ele? Sim, mesmo os

pecados, dos quais Deus por sua bondade nos defende, são revertidos pela divina Providência para o bem dos seus. Davi jamais teria sido tão cumulado de humildade, se não tivesse pecado; nem Madalena teria tido tanto amor ao seu Salvador, se ele não a tivesse remido de tantos pecados; e ele jamais os teria remido se ela não os tivesse cometido.

Vê, minha cara filha, este grande artesão de misericórdia; ele converte nossas misérias em graças e faz a teriagem eficaz para as nossas almas, contra a víbora de nossas iniquidades. Dize-me, então, eu te peço, o que não fará ele de nossas aflições, de nossos trabalhos, das perseguições que sofreremos? Portanto, se acontece que sofras algum desprazer, seja de que tipo for, assegura tua alma que, se ela ama muito a Deus, tudo se converterá em bem. E embora não vejas as instâncias pelas quais este bem deve chegar a ti, tem mais certeza ainda de que ele chegará. Se Deus te aplica a lama^[12] da ignomínia nos olhos, é para dar-te a bela visão de um espetáculo de esplendor. Se Deus te faz levar um tombo, como São Paulo que ele fez cair no chão, é para elevar-te à glória (196^e *lettre spir.*, XI, 347).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que, sendo declarado inocente pela sentença do Governador Pilatos, sofrestes as imposturas e opróbrios dos judeus, dai-me a graça de viver na inocência e de não inquietar-me de modo nenhum com meus inimigos. Amém (*Opusc.*, III, 228).

Capítulo 7

Do amor de Jesus sobre todas as coisas

1. Bem-aventurado aquele que compreende o que seja amar a Jesus e desprezar-se a si por amor de Jesus. Por esse amor deves deixar qualquer outro, pois Jesus quer ser amado acima de tudo. O amor da criatura é enganoso e inconstante; o amor de Jesus é fiel e inabalável. Apegado à criatura, cairás com ela, que é instável; abraçado com Jesus, estarás firme para sempre. A Ele ama e guarda como amigo que não te desampará, quando todos te abandonarem, nem consentirá que pereças na hora suprema. De todos te hás de separar um dia, quer queiras, quer não.

2. Conchega-te a Jesus na vida e na morte; entrega-te à sua fidelidade, que só Ele te pode socorrer, quando todos te faltarem. Teu Amado é de tal natureza, que não admite rival: Ele só quer possuir teu coração e nele reinar como rei em seu trono. Se souberes desprender-te de toda criatura, Jesus acharia prazer em morar contigo. Quando confiares nos homens, fora de Jesus, verás que estás perdido. Não te fies nem te firmes na cana movediça: *porque toda a carne é feno, e toda a sua glória fenece como a flor do campo* (Is 40,6).

3. Facilmente serás enganado, se só olhares para as aparências dos homens. Se procuras alívio e proveito nos outros, quase sempre terás prejuízo. Procura a Jesus em todas as coisas, e Jesus acharás. Se te buscas a ti mesmo, também te acharás, mas para a tua ruína. Pois o homem que não busca a Jesus é mais nocivo a si mesmo que todo o mundo e seus inimigos todos.

Reflexões

Há almas que não amam as superfluidades nem com superfluidade, mas amam somente o que Deus quer e como Deus quer: almas felizes, pois amam a Deus e seus amigos em Deus, e seus inimigos por Deus. Elas amam muitas coisas com Deus, mas nenhuma a não ser em Deus e por Deus; é Deus que elas amam, não somente sobre todas as coisas, mas em todas as coisas, e todas as coisas em Deus. Semelhantes à fênix perfeitamente rejuvenescida e revigorada, que nunca se vê, a não ser no ar ou nos cumes dos montes que estão no ar; porque assim essas almas não amam nada que não seja em Deus, ainda que amem muitas coisas com Deus, e Deus com muitas coisas. São Lucas relata que Nosso Senhor convidou para segui-lo um jovem que na verdade o amava muito, mas que amava ainda mais seu pai, e por isso quis voltar para casa; e Nosso Senhor lhe coíbe esta superfluidade de amor e o excita a um amor mais puro, a fim de que ele ame não somente Nosso Senhor mais do que seu pai, mas que não ame seu pai a não ser em Nosso Senhor: *Deixa que os mortos enterrem seus mortos, mas quanto a ti (que encontraste a vida) vai e anuncia o Reino de Deus* (Lc 9,60). E essas almas, como vês, Teótimo, tendo tão grande união com o Esposo, merecem participar em sua posição e serem rainhas, como ele é rei; pois elas lhe são totalmente dedicadas sem qualquer divisão nem separação, e não amam nada fora dele nem sem ele, mas somente nele e por ele (*Amour de Dieu*, 1. X, cap. V II, 312).

Oração

Ó Amor Eterno, minha alma vos solicita e vos escolhe eternamente! Vinde, Espírito Santo, e inflamai nossos corações com vosso amor. Ou amar, ou morrer. Morrer e amar. Morrer a qualquer outro amor, para viver no amor de Jesus, a fim de não morrermos eternamente, mas vivendo em vosso amor eterno, ó Salvador de nossas almas, cantemos eternamente: Viva Jesus! Eu amo Jesus! Viva Jesus que eu amo! Eu amo Jesus que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém (*Amour de Dieu*, 1. XII, cap. XIII, II, 474).

Capítulo 8

Da familiar amizade com Jesus

1. Quando Jesus está presente, tudo é suave e nada parece dificultoso; mas, quando Jesus está ausente, tudo se torna penoso. Quando Jesus não fala ao

coração, nenhuma consolação tem valor; mas se Jesus fala uma só palavra, sentimos grande alívio. Porventura não se levantou logo Maria Madalena do lugar onde chorava, quando Marta lhe disse: *O Mestre está aí e te chama?* (Jo 11,28). Hora bendita, quando Jesus te chama das lágrimas para o gozo do espírito! Que seco e árido és sem Jesus! Que néscio e vão, se desejas outra coisa, fora de Jesus! Não será isto maior dano do que se perdesse o mundo inteiro?

2. Que te pode dar o mundo sem Jesus? Estar sem Jesus é terrível inferno, estar com Jesus é doce paraíso. Se Jesus estiver contigo, nenhum inimigo te pode ofender. Quem acha a Jesus acha precioso tesouro, ou, antes, o bem superior a todo bem; quem perde a Jesus perde muito mais do que se perdesse a todo o mundo. Paupérrimo é quem vive sem Jesus, e riquíssimo quem está bem com Jesus.

3. Grande arte é saber conversar com Jesus, e grande prudência conservá-lo consigo. Sê humilde e pacífico, e contigo estará Jesus; sê devoto e sossegado, e Jesus permanecerá contigo. Depressa podes afugentar a Jesus e perder a sua graça, se te inclinares às coisas exteriores; e se o afastas e o perdes, aonde irás e a quem buscarás por amigo? Sem amigo não podes viver, e se não for Jesus teu amigo acima de todos, estarás mui triste e desconsolado. Logo, loucamente procedes se em qualquer outro confias e te alegras. Antes ter o mundo todo por adversário, que ofender a Jesus. Acima de todos os teus amigos seja, pois, Jesus amado dum modo especial.

4. Sê livre e puro no teu interior, sem apego a criatura alguma. É mister desprenderes-te de tudo e ofereceres a Deus um coração puro, se queres sossegar e ver como é suave o Senhor. E, com efeito, tal não conseguirás, se não fores prevenido e atraído por sua graça, de modo que, deixando e despedindo tudo mais, com ele só estejas unido. Pois, quando lhe assiste a graça de Deus, de tudo é capaz o homem; e quando ela se retira, logo fica pobre e fraco, como que abandonado aos castigos. Ainda assim, não deves desanimar nem desesperar, antes resignar-te na vontade de Deus, e sofrer tudo que te acontecer, por honra de Jesus; pois ao inverno sucede o verão, depois da noite volta o dia, e após a tempestade reina a bonança.

Reflexões

O que nos acontecerá se trocarmos nossos afetos e nosso amor com os seres humanos que são criaturas animadas e capazes de razão? Será que nossa troca não será vã, uma vez que, sendo criaturas humanas como nós, iguais em natureza, só podem dar-nos uma contrapartida de amor, amando-nos porque nós os amamos? Mas isto será tudo, porque não sendo mais do que nós, não teremos nenhum ganho na nossa troca, não recebendo mais do que lhes daremos. Nós lhes daremos nosso amor e eles nos darão o deles...

Ó Deus, que graça dar todo nosso amor àquele que nos recompensa tão bem, dando-nos o seu! Dando nosso amor às criaturas, como já disse, não teremos nenhum ganho, porque elas não nos dão mais do que lhes damos; mas Deus, este

divino amante de nossas almas, nos dá o seu amor que é como um bálsamo precioso que difunde perfumes extremamente suaves em todas as faculdades de nossas almas (*Sermon pour le jour de l'Annonciation*, IV, 308 e 312).

O amor é sumamente doce e suave quando se aplica a um objeto digno de ser escolhido entre milhares; porque o amor baixo e caduco que se fixa na criatura, em prejuízo do amor que devemos ao Criador, está longe de ser doce e suave, mas, ao contrário, é notavelmente desagradável e enche o coração daquele que o possui de perturbações, pressas, inquietações e amarguras (*Sermon pour le XVII^e dimanche après la Pentecôte*, V, 287).

Oração

Ó Senhor Jesus!... estreitai, prensai e uni para sempre meu espírito ao vosso seio paternal Oh! uma vez que fui feito para vós, por que não estou em vós? Abismai esta gota de espírito que me destes no mar de vossa bondade, do qual ela procede. Ah! Senhor, uma vez que vosso coração me ama, por que não me arrebatou a si, pois é o que mais quero? Levai-me e vou correr atrás de vossos atrativos, para jogar-me nos vossos braços paternos e jamais sair de lá pelos séculos dos séculos. Amém (*Amour de Dieu*, 1, VII, cap. III, II, 157).

Capítulo 9 *Da privação de toda consolação*

1. Não é dificultoso desprezar as consolações humanas, quando gozamos das divinas. Grande coisa, porém, e mui meritória, é poder estar sem consolação, tanto divina como humana, sofrendo de boa mente o desamparo do coração, sem em nada buscar-se a si mesmo, nem atender ao seu próprio merecimento. Que maravilha será estares alegre e devoto, quando te assiste a graça! De todos é almejada esta hora. E mui suave andar, levado pela graça de Deus. E que maravilha não sentir a carga aquele que é sustentado pelo Onipotente e acompanhado do Guia Supremo!

2. Gostamos de ter qualquer consolação, e é penoso ao homem despojar-se de si mesmo. O glorioso mártir São Lourenço venceu o mundo em união com seu pai espiritual, porque desprezou todos os atrativos do século e sofreu com paciência, por amor de Cristo, que o separassem do Sumo Pontífice São Xisto a quem ele muito amava! Assim, com o amor de Deus, ele subjogou o amor da criatura, e ao alívio humano preferiu o beneplácito divino. Daí aprende tu a deixar, às vezes, por amor de Deus, um parente ou amigo querido. Nem tanto te aflijas se te abandonar algum amigo, sabendo que todos, finalmente, nos havemos de separar uns dos outros.

3. Só com renhido e longo combate interior aprende o homem a dominar-se plenamente e pôr em Deus todo o seu afeto. Quando o homem confia em si,

facilmente desliza nas consolações humanas. Mas o verdadeiro amigo de Cristo e fervoroso imitador de suas virtudes não se inclina às consolações nem busca tais doçuras sensíveis; antes, procura exercícios austeros e sofre por Cristo trabalhos penosos.

4. Quando, pois, Deus te mandar consolação espiritual, recebe-a com ações de graças, mas lembra-te sempre que é mercê de Deus, e não merecimento teu. Com isto, porém, não te desvaneças, nem te entregues a excessiva alegria ou a vã presunção; sê antes mais humilde pelo dom recebido, mais prudente e timorato em tuas ações, pois passará aquela hora e voltará a tentação. Quando te for tirada a consolação, não desesperes logo; aguarda, pelo contrário, com humildade e paciência, a visita celestial; pois Deus é bastante poderoso para restituir-te maior graça e consolação. Isto não é novo nem estranho aos que são experientes nos caminhos de Deus; porque nos grandes santos e antigos profetas houve muitas vezes esta mudança.

5. Por isso um deles, sentindo a presença da graça, exclamava: *Eu disse em minha abundância: não serei abalado jamais* (Sl 29,7). Sentindo, porém, retirar-se a graça, acrescenta: *Desviastes de mim, Senhor, o vosso rosto, e fiquei perturbado* (v. 8). Entretanto não desespera, mas com mais instância roga ao Senhor, e diz: *A vós, Senhor, clamarei, e ao meu Deus rogarei* (v. 9). Alcança, afinal, o fruto de sua oração e atesta ter sido atendido, dizendo: *Ouviu-me o Senhor, e compadeceu-se de mim, o Senhor se fez meu protetor* (v. 11). Mas em quê? *Convertestes, diz ele, meu pranto em gozo, e me cercastes de alegria* (v. 12). Se isto sucedeu aos grandes santos, não devemos desesperar nós outros, fracos e pobres, por nos sentirmos umas vezes com fervor, outras vezes com frieza porque vai e vem o espírito de Deus, segundo lhe apraz. Por isso diz o Santo Jó: *Senhor, visitais o homem na madrugada, e logo o provais* (7,18).

6. Em que posso, pois, esperar ou em que devo confiar, senão na grande misericórdia de Deus e na esperança da graça celestial? Porque, ou me assistem homens justos, irmãos devotos e amigos fiéis, ou livros santos e formosos tratados, ou cânticos e hinos suaves, tudo isso de pouco me serve e pouco me agrada, quando estou desamparado da graça e entregue à minha própria pobreza. Não há então melhor remédio que Deus.

7. Nunca encontrei homem tão religioso e devoto, que não sofresse, às vezes, a subtração da graça e sentisse o arrefecimento do fervor. Nenhum santo foi tão altamente arrebatado e esclarecido que, antes ou depois, não fosse tentado. Porque não é digno da alta contemplação de Deus quem por Deus não sofreu alguma tribulação. Costuma vir primeiro a tentação, como sinal precursor da próxima consolação; porque aos provados pela tentação é prometido o celeste consolo. *A quem tiver vencido, diz o Senhor, darei a comer o fruto da árvore da vida* (Ap 2,7).

8. Dá Deus a consolação, para fortalecer o homem contra as adversidades. Segue-se então a tentação, para que não se desvaneça a felicidade. O demônio não dorme, nem a carne já está morta; por isso, não cesses nunca de aparelhar-

te para a peleja, porque à direita e à esquerda estão teus inimigos que nunca descansam.

Reflexões

O viajante que tem medo de errar o caminho, caminhando em dúvida, vai olhando de um lado para o outro sem saber onde pode estar e se engana quase a cada passo, pensando que está extraviado; mas aquele que está seguro de sua rota vai andando alegremente, decidido e depressa. Assim é o amor que quer chegar à vontade de Deus entre as consolações: vai sempre temeroso, com medo de deixar-se enganar, e em vez de amar a vontade de Deus, ele ama o prazer próprio que está na consolação; mas o amor que segue o caminho da vontade de Deus na aflição, ele anda com segurança; porque, como a aflição não é absolutamente amável em si mesma, é bem fácil não amá-la a não ser por respeito à mão que a dá. Na primavera, os cães têm seu faro prejudicado e quase não sentem nada, porque as ervas e flores ativam tanto seu perfume que ele ultrapassa o odor do cervo e da lebre: na primavera das consolações, o amor quase não reconhece a vontade de Deus, porque o prazer sensível da consolação joga tantos atrativos dentro do coração que ele se distrai e não presta a atenção que deveria prestar à vontade de Deus. Quando Nosso Senhor deu a Santa Catarina de Sena a alternativa de escolher entre uma coroa de ouro e uma coroa de espinhos, ela escolheu a última, como mais conforme ao amor. Certamente é uma falta de amor, diz a Bem-aventurada Ângela de Foligno, não querer sofrer, e o grande apóstolo disse em alta voz que não se gloria, a não ser na cruz, na enfermidade e na perseguição (*Amour de Dieu*, liv. IX, cap. II, II, 250).

Infelizmente, minha filha, estamos sempre mais afeiçoados à doçura, à suavidade e à deliciosa consolação, mas a aspereza da secura é mais frutuosa. Embora São Pedro amasse a montanha do Tabor e fugisse do Monte Calvário, este, no entanto, não deixa de ser mais útil do que aquela; e o sangue que foi derramado no Calvário é mais desejável do que o esplendor que se difundiu no Tabor. Nosso Senhor já te trata como filha brava, procura viver também um pouco como tal. Mais vale comer o pão sem açúcar, do que o açúcar sem pão (95^ª *lettre spirit.*, XII, 157).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que quisestes ser tomado de medo e de tristeza na hora de vossa paixão, dai-me a graça de consagrar-vos todos os meus dissabores. Ó Deus do meu coração, ajudai-me a suportá-los em união com os vossos sofrimentos e tristezas, a fim de que, pelos méritos de vossa paixão, eles se tornem salutares para mim. Amém (*Opusc.*, III, 225).

Do agradecimento pela graça de Deus

1. Para que buscas repouso, se nasceste para o trabalho? Dispõe-te mais à paciência que à consolação, mais para levar a cruz que para ter alegria. Quem dentre os mundanos não aceitaria de bom gosto a consolação e a alegria espiritual, se a pudesse ter sempre ao seu dispor? As consolações espirituais excedem todas as delícias do mundo e todos os deleites da carne. Pois todas as delícias do mundo ou são vãs ou torpes, e só as do espírito são suaves e honestas, nascidas que são das virtudes e infundidas por Deus nas almas puras. Mas ninguém pode lograr estas divinas consolações à medida de seu desejo, porque não cessa por muito tempo a guerra da tentação.

2. Grande obstáculo às visitas celestiais é a falsa liberdade do espírito e a demasiada confiança em si mesmo. Deus faz bem dando-nos a graça da consolação; mas o homem faz mal não retribuindo tudo a Deus, com ação de graças. E se não se nos infundem os dons da graça, é porque somos ingratos ao Autor, não atribuindo tudo à fonte original. Pois sempre Deus concede a graça a quem dignamente se mostra agradecido e tira ao soberbo o que costuma dar ao humilde.

3. Não quero consolação que me tire a compunção, nem desejo contemplação que me seduz ao desvanecimento; porque nem tudo que é sublime é santo, nem tudo que é agradável é bom, nem todo desejo é puro, nem tudo que nos deleita agrada a Deus. De boa mente aceito a graça, que me faz humilde e timorato e me dispõe melhor para renunciar a mim mesmo. O homem instruído pela graça e experimentado com sua subtração não ousará atribuir-se bem algum, antes reconhecerá sua pobreza e nudez. Dá a Deus o que é de Deus, e atribui a ti o que é teu; isto é, dá graças a Deus pela graça, e só a ti atribui a culpa e a pena que a culpa merece.

4. Põe-te sempre no ínfimo lugar, e dar-te-ão o supremo, porque o mais alto não existe sem o apoio do inferior. Os maiores santos diante de Deus são os que se julgam menores, e quanto mais gloriosos, tanto mais humildes são no seu conceito. Como estão cheios de verdade e glória celestial, não cobijam a glória vã. Em Deus fundados e firmados, nada os pode ensoberbecer. Atribuindo a Deus todo o bem que receberam, não pretendem a glória uns dos outros; só querem a glória que procede de Deus; seu único fim, seu desejo constante é que ele seja louvado neles e em todos os santos, acima de todas as coisas.

5. Agradece, pois, os menores benefícios e maiores merecerás. Considera como muito o pouco, e o menor dom por dádiva singular. Se considerarmos a grandeza do benfeitor, não há dom pequeno ou de pouco valor; porque não pode ser pequena a dádiva que nos vem do Soberano Senhor. Ainda quando nos der penas e castigos, lho devemos agradecer, porque sempre é para nossa salvação quanto permite que nos suceda. Se desejas a graça de Deus, sê agradecido quando a recebes e paciente quando a perdes. Roga que ela volte, anda cauteloso e humilde, para não vires a perdê-la.

Reflexões

Sem dúvida, a mínima consolação que recebemos da devoção, de toda maneira vale mais do que os mais excelentes prazeres do mundo. As *mamas* e o leite, isto é, as carícias do Divino Esposo, *são melhores* para a alma *do que o vinho* (Ct 1,1), o mais precioso dos prazeres da terra; quem o degustou, considera todo o resto das outras bebidas como fel e absinto.

Quando teremos dessas doçuras e consolações: 1º) É preciso humilhar-nos profundamente diante de Deus. Tratando-se dessas doçuras, devemos evitar dizer: Oh! como eu sou bom! Não, Filoteia, são bens que não nos tornam melhores, porque a devoção não consiste nisto. Mas devemos dizer: *Oh! como Deus é bom com aqueles que esperam nele, com a alma que o busca!* (Thren., III, 25). Quem tem açúcar na boca não pode dizer que sua boca é doce, mas sim que o açúcar é doce: assim, ainda que esta doçura espiritual seja muito boa, e Deus que no-la dá é muito bom, não se segue daí que aquele que a recebe seja bom. 2º) Devemos saber que ainda somos criancinhas que necessitam do leite, e que esses grãos açucarados que nos são dados, é porque ainda temos o espírito tenro e delicado, que precisa de iscas e de engodos para ser atraído para o amor de Deus. 3º) Mas depois disto, falando de modo geral e costumeiro, recebemos humildemente essas graças e favores, e os consideramos extremamente grandes, não tanto porque o são em si mesmos, como porque é a mão de Deus que os coloca em nosso coração... 4º) Tendo-os recebido com essa humildade, devemos empregá-los cuidadosamente segundo a intenção daquele que no-los deu. Por que será que Deus nos dá essas doçuras? Para tornar-nos doces para com cada um e amorosos para com ele (*Introduction à la vie dévote*, parte IV, cap. XIII, I, 257 e 259).

Oração

Bendize, ó minha alma, o teu Deus, e que todas as minhas entranhas louvem seu santo nome; porque sua bondade tirou-me do nada, e sua misericórdia me criou. Ó meu Deus, eu vos ofereço o ser que me destes, de todo o meu coração vo-lo dedico e consagro (*Edition Migne, Opusc.*, III, 1342).

Capítulo 11

Quão poucos são os que amam a cruz de Jesus

1. Muitos encontra Jesus agora apreciadores de seu reino celestial; mas poucos que queiram levar a sua cruz. Têm muitos sequiosos de consolação, mas poucos da tribulação; muitos companheiros à sua mesa, mas poucos de sua abstinência. Todos querem gozar com ele, poucos sofrer por ele alguma coisa. Muitos seguem a Jesus até ao partir do pão, poucos até beber o cálice da paixão. Muitos veneram seus milagres, mas poucos abraçam a ignomínia da cruz. Muitos amam a Jesus, enquanto não encontram adversidades. Muitos o louvam

e bendizem, enquanto recebem dele algumas consolações; se, porém, Jesus se oculta e por um pouco os deixa, caem logo em queixumes e desânimo excessivo.

2. Aqueles, porém, que amam a Jesus por Jesus mesmo e não por própria satisfação, tanto o louvam nas tribulações e angústias, como na maior consolação. E posto que nunca lhes fosse dada a consolação, sempre o louvariam e lhe dariam graças.

3. Oh! quanto pode o amor puro de Jesus, sem mistura de interesse ou amor-próprio! Não são porventura mercenários os que andam sempre em busca de consolações? Não se amam mais a si do que a Cristo os que estão sempre cuidando de seus cômodos e interesses? Onde se achará quem queira servir desinteressadamente a Deus?

4. É raro achar um homem tão espiritual que esteja desapegado de tudo. Pois o verdadeiro pobre de espírito e desprendido de toda criatura – quem o descobrirá? *Tesouro precioso que é necessário buscar nos confins do mundo* (Pr 31,10). Se o homem der toda a fortuna, não é nada. E se fizer grande penitência, ainda é pouco. Compreenda embora todas as ciências, ainda está muito longe. E se tiver grande virtude de devoção ardente, muito ainda lhe falta, a saber: uma coisa que lhe é sumamente necessária. Que coisa será esta? Que, deixando tudo, se deixa a si mesmo e saia totalmente de si, sem reservar amor-próprio algum, e, depois de feito tudo que soube fazer, reconheça que nada fez.

5. Não tenha em grande conta o pouco que nele possa ser avaliado por grande: antes, confesse sinceramente que é um servo inútil, como nos ensina a Verdade. *Quando tiverdes cumprido tudo que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis* (Lc 17,10). Então, sim, o homem poderá chamar-se verdadeiramente pobre de espírito e dizer com o profeta: *Sou pobre e só neste mundo* (Sl 24,16). Entretanto, ninguém é mais poderoso, ninguém mais livre que aquele que sabe deixar-se a si e a todas as coisas e colocar-se no último lugar.

Reflexões

Presta atenção, Teótimo, neste homem que ora a Deus com tanta devoção, como te parece, e que é tão ardente nos exercícios do amor celeste. Mas espera um pouco para ver se é realmente a Deus que ele ama. Infelizmente, logo que a suavidade e satisfação que ele sentia no amor cessar e que a secura chegar, ele deixará tudo, não mais rezará, só de passagem. Mas, se era a Deus que ele amava, por que teria cessado de amá-lo, uma vez que Deus é sempre Deus? O que ele amava era então a consolação de Deus e não o Deus das consolações. Sem dúvida, muitas pessoas não sentem nenhum deleite no amor divino, a não ser que ele seja penetrado do açúcar de alguma suavidade sensível, e fariam naturalmente como as criancinhas que, quando se lhes dá um pedaço de pão com mel, elas sugam o mel e jogam fora o pão; porque, se a suavidade estivesse separada do amor, eles abandonariam o amor e ficaram com a suavidade. Por isso eles seguem o amor por causa da suavidade e, quando não mais a

encontram, não se importam mais com o amor. Mas essas pessoas estão expostas a muito perigo: ou de voltar atrás quando o gosto e as consolações lhes faltam, ou de iludir-se com vãs suavidades bem distantes do verdadeiro amor, e de tomar o mel de Heracleia pelo mel de Narbona (*Amour de Dieu*, liv. IX, cap. X, II, 277).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que carregastes a cruz nos ombros por mim, fazei que eu abrace voluntariamente a cruz da mortificação, e que a carregue todos os dias por vosso amor. Amém (*Opusc.*, III, 228).

Capítulo 12 Da estrada real da santa cruz

1. A muitos parece dura esta palavra: *Renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz e segue a Jesus Cristo* (Mt 16,24). Muito mais duro, porém, será de ouvir aquela sentença final: *Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno* (Mt 25,41). Pois os que agora ouvem e seguem, docilmente, a palavra da cruz não recearão então a sentença da eterna condenação. Este sinal da cruz estará no céu, quando o Senhor vier para julgar. Então todos os servos da cruz, que em vida se conformam com Cristo crucificado, com grande confiança chegar-se-ão a Cristo juiz.

2. Por que temes, pois, tomar a cruz, pela qual se caminha ao reino do céu? Na cruz está a salvação, na cruz a vida, na cruz o amparo contra os inimigos, na cruz a abundância da suavidade divina, na cruz a fortaleza do coração, na cruz o compêndio das virtudes, na cruz a perfeição da santidade. Não há salvação da alma nem esperança da vida, senão na cruz. Toma, pois, a tua cruz, segue a Jesus e entrarás na vida eterna. O Senhor foi adiante, com a cruz às costas, e nela morreu por teu amor, para que tu também leves a tua cruz e nela desejes morrer. Porquanto, se com ele morreres, também com ele viverás. E, se fores seu companheiro na pena, também o serás na glória.

3. Verdaderamente, da cruz tudo depende, e em morrer para si mesmo está tudo; não há outro caminho para a vida e para a verdadeira paz interior, senão o caminho da santa cruz e da contínua mortificação. Vai para onde quiseres, procura quanto quiseres, e não acharás caminho mais sublime em cima nem mais seguro embaixo que o caminho da santa cruz. Dispõe e ordena tudo conforme teu desejo e parecer, e verás que sempre hás de sofrer alguma coisa, bom ou mau grado teu; o que quer dizer que sempre haverás de encontrar a cruz. Ou sentirás dores no corpo, ou tribulações no espírito.

4. Ora serás desamparado de Deus, ora perseguido do próximo, e o que é pior não raro serás molesto a ti mesmo. E não haverá remédio e nem conforto que te possa livrar ou aliviar; cumpre que sofras quanto tempo Deus quiser. Pois

Deus quer ensinar-te a sofrer a tribulação sem alívio, para que de todo te submetas a ele e mais humilde te faças pela tribulação. Ninguém sente tão vivamente a paixão de Cristo como quem passou por semelhantes sofrimentos. A cruz, pois, está sempre preparada e em qualquer lugar te espera. Não lhe podes fugir, para onde quer que te voltes, pois em qualquer lugar a que fores, te levarás contigo e sempre encontrarás a ti mesmo. Volta-te para cima ou para baixo, volta-te para fora ou para dentro, em toda parte acharás a cruz; e é necessário que sempre tenhas paciência, se queres alcançar a paz da alma e merecer a coroa eterna.

5. Se levores a cruz de boa vontade, ela te há de levar e conduzir ao termo desejado, onde acaba o sofrimento, posto que não seja neste mundo. Se a levores de má vontade, aumentas-lhe o peso e fardo maior te impões; contudo é forçoso que a leves. Se rejeitares uma cruz, sem dúvida acharás outra, talvez mais pesada.

6. Pensas tu escapar àquilo de que nenhum mortal pôde eximir-se? Que santo houve no mundo sem tribulação? Nem Jesus Cristo, Senhor Nosso, esteve uma hora, em toda a sua vida, sem dor e sofrimento. *Convinha, disse ele, que Cristo sofresse e ressurgisse dos mortos, e assim entrasse na sua glória* (Lc 24,26). Como, pois, buscas tu outro caminho que não seja o caminho real da santa cruz?

7. Toda a vida de Cristo foi cruz e martírio; e tu procuras só descanso e gozo? Andas errado, e muito errado, se outra coisa procuras e não sofrimentos e tribulações; pois toda esta vida mortal está cheia de misérias e assinalada de cruces. E quanto mais uma pessoa faz progressos na vida espiritual, tanto maiores cruces encontra, muitas vezes, porque o amor lhe torna o exílio mais doloroso.

8. Mas, apesar de tantas aflições, o homem não está sem o alívio da consolação, porque sente o grande fruto que lhe advém à alma pelo sofrimento da cruz. Pois, quando de bom grado a toma às costas, todo o peso da tribulação se lhe converte em confiança na divina consolação. E quanto mais a carne é cruciada pela aflição, tanto mais se fortalece o espírito pela graça interior. E, às vezes, tanto se fortalece, pelo amor das penas e tribulações que, para conformar-se com a cruz de Cristo, não quisera estar sem dores e sofrimentos, pois julga ser tanto mais aceito a Deus quanto mais e maiores males sofre por seu amor. Não é isto virtude humana, mas graça de Cristo, que tanto pode e realiza na carne frágil, que o espírito com ardor abraça e ama o que a natureza aborrece e foge.

9. Não é conforme à inclinação humana levar a cruz, amar a cruz, castigar o corpo e impor-lhe sujeição, fugir às honras, aceitar as injúrias, desprezar-se a si mesmo e desejar ser desprezado, suportar as aflições e desgraças e não almejar prosperidade alguma neste mundo. Se olhares somente a ti, reconheces que de nada disso és capaz. Mas, se confiares em Deus, do céu te será concedida a fortaleza, e sujeitar-se-ão ao teu mando o mundo e a carne. Nem o infernal inimigo temerás, se andares escudado na fé e armado com a cruz de Cristo.

10. Portanto, como bom e fiel servo de Cristo, dispõe-te a levar a cruz do teu Senhor, por teu amor crucificado. Prepara-te a sofrer muitos contratempos e incômodos nesta vida miserável, pois em toda parte, onde quer que estiveres, ou te esconderes, os encontrarás. Convém que assim seja e não há outro remédio contra a tribulação da dor e dos males senão sofrê-los com paciência. Bebe, generoso, o cálice do Senhor, se queres ser seu amigo e ter parte com ele. Entrega a Deus as consolações, para ele dispor delas como lhe aprouver. Tu, porém, dispõe-te a suportar as tribulações e considera-as como as consolações mais preciosas, porquanto *não têm proporção as penas do tempo com a glória futura* (Rm 8,18) que havemos de merecer, ainda que tu só as deveses sofrer todas.

11. Quando chegares a tal ponto que a tribulação te seja doce e amável por amor de Cristo, dá-te por feliz, pois achaste o paraíso na terra. Enquanto o padecer te é molesto e procuras fugir-lhe, andas mal, e em toda parte te persegue o medo da tribulação.

12. Se te resolveres ao que deves, isto é, a padecer e morrer, logo te sentirás melhor e acharás paz. Ainda que fosses arrebatado, com São Paulo, ao terceiro céu, nem por isso estarias livre de sofrer alguma contrariedade. *Eu, diz Jesus, mostrar-lhe-ei quanto terá de sofrer por meu nome* (At 9,16). Não te resta, pois, senão sofrer se pretendes amar e servir a Jesus para sempre.

13. Oxalá fosses digno de sofrer alguma coisa pelo nome de Jesus! Que grande glória resultaria para ti, que alegria para os santos de Deus, e que edificação para o próximo! Pois todos recomendam a paciência, ainda que poucos queiram praticá-la. Com razão devias padecer, de bom grado, este pouco por amor de Cristo, quando muitos sofrem pelo mundo coisas incomparavelmente maiores.

14. Fica sabendo e tem por certo que tua vida deve ser uma morte contínua, e quanto mais cada um morre a si mesmo, tanto mais começa a viver para Deus. Só é capaz de compreender as coisas do céu quem por Cristo se resolve a sofrer toda adversidade. Nada neste mundo é mais agradável a Deus nem mais proveitoso a ti, que o sofrer, de bom grado, por Cristo. E se te dessem a escolha, antes deverias desejar sofrer adversidade, por amor de Cristo, do que ser recreado com muitas consolações porque assim serias mais conforme a Cristo, e mais semelhante a todos os santos. Porquanto não consiste nosso merecimento e progresso espiritual em ter muitas doçuras e consolações, mas em sofrer grandes angústias e tribulações.

15. Se houvera coisa melhor e mais proveitosa para a salvação dos homens do que o padecer, Cristo, decerto, o teria ensinado com palavras e exemplo. Pois claramente exorta seus discípulos e quantos o desejam seguir a que levem a cruz, dizendo: *Quem quiser vir após mim renuncie a si mesmo, tome sua cruz, e siga-me* (Lc 9,23). Seja, pois, de todas as lições e estudos este o resultado final: *Cumpra-nos passar por muitas tribulações, para entrar no Reino de Deus* (At 14,21).

Reflexões

É verdade que, se quisermos ser salvos, devemos unir-nos à cruz de nosso Salvador, meditá-la e trazer em nós sua mortificação: não há nenhum outro caminho para chegar ao céu. Nosso Senhor foi o primeiro a passar por ele. Podes ter tantos êxtases, elevações de espírito e arreoubs que quiseses; podes elevar-te até o terceiro céu com São Paulo; mas se, com isto, não permaneces na Cruz de Nosso Senhor, e não te exercitas na mortificação de ti mesmo, digo-te que tudo isto não é nada mais do que vaidade, e que permanecerás vazia de todo bem, sem virtude, sujeita e disposta a escandalizar-te, como os judeus, com a paixão de nosso Divino Salvador. Em suma, não há nenhuma outra porta para entrar no céu senão a humilhação e a mortificação (*Sermon pour le II^e dimanche de l'Avent*, IV, 16).

Enquanto eu pensar em ti afligida no leito, vou trazer-te (mas é com conhecimento de causa que falo) uma reverência particular e uma honra extraordinária, como a uma criatura visitada por Deus, vestida com seus hábitos, e sua esposa especial. Quando Nosso Senhor esteve na cruz, foi declarado rei, até por seus inimigos, e as almas que estão na cruz são declaradas rainhas.

Não sabes de que os anjos nos invejam: é certamente de nenhuma outra coisa senão de podermos sofrer por Nosso Senhor, porque eles jamais sofreram algo por ele. São Paulo, que esteve no céu e entre as delícias do paraíso, não se achava feliz senão em suas enfermidades e na Cruz de Nosso Senhor (*10^e lettre spirit.*, X, 45).

Oração

Eu te saúdo, ó cruz preciosa! Eu te saúdo, ó tribulação bem-aventurada! Ó aflição santa, como és amável, pois saíste do seio amável desse Pai de eterna misericórdia que te quis desde toda eternidade e te destinou... para mim! Ó Cruz, minha alma te ama e te abraça com toda a sua dilação! (*Amour de Dieu*, 1. XII, cap. IX, II, 466).

[12]. Jesus curou o cego de nascença fazendo lama com sua saliva e aplicando-a nos olhos do cego (Jo 9,6).

Livro III
Da consolação interior

Capítulo 1
Da comunicação íntima de Cristo com a alma fiel

1. *Ouverei o que em mim disser o Senhor meu Deus* (Sl 84,9). Bem-aventurada a alma que ouve em si a voz do Senhor e recebe de seus lábios palavras de consolação! Benditos os ouvidos que percebem o sopro do divino sussurro e nenhuma atenção prestam às sugestões do mundo! Bem-aventurados, sim, os ouvidos que não atendem às vozes que atroam lá fora, mas à Verdade que os ensina lá dentro! Bem-aventurados os olhos que estão fechados para as coisas exteriores e abertos para as interiores! Bem-aventurados aqueles que penetram as coisas interiores e se empenham, com exercícios contínuos de piedade, em compreender, cada vez melhor, os celestes arcanos. Bem-aventurados os que com gosto se entregam a Deus e se desembaraçam de todos os empenhos do mundo. Considera bem isso, ó minha alma, e fecha as portas dos sentidos, para que possas ouvir o que em ti falar o Senhor teu Deus. Eis o que te diz o teu Amado:

2. *Eu sou tua salvação, tua paz e tua vida. Fica comigo e acharás paz. Deixa todas as coisas transitórias e busca as eternas.* Que é todo o temporal, senão engano sedutor? E de que te servem todas as criaturas, se o Criador te abandonar? Renuncia, pois, a tudo, entrega-te dócil e fiel a teu Criador, para que possas alcançar a verdadeira felicidade.

Reflexões

Chamamos inspirações todos os atrativos, movimentos, exprobações e remorsos interiores, luzes e conhecimentos que nos vêm de Deus, prevenindo nosso coração com suas bênçãos por seu cuidado e amor paternal, a fim de despertar-nos, excitar-nos, impelir-nos e atrair-nos para as santas virtudes, para o amor celeste, para as boas resoluções: em suma, para tudo que nos encaminhe para o nosso bem eterno...Toma a resolução, Filoteia, de aceitar de boa vontade todas as inspirações que apraz a Deus conceder-te; e quando elas chegarem, trata de recebê-las como embaixadoras do Rei Celeste que deseja contrair núpcias contigo. Ouve pacificamente suas propostas, considera o amor com que és inspirada, e acolhe com carinho a santa inspiração.

Deves consentir, mas com um consentimento pleno, amoroso e constante, à santa inspiração. Porque, deste modo, Deus, que não podes obrigar, vai considerar-se fortemente obrigado à tua afeição. Mas, antes de consentir nas inspirações de coisas importantes ou extraordinárias, a fim de não seres enganada, aconselha-te sempre com teu diretor espiritual, para que ele examine

se a inspiração é verdadeira ou falsa, principalmente porque o inimigo, vendo uma alma pronta a consentir nas inspirações, lhe propõe frequentemente falsas inspirações para enganá-la: o que ele jamais pode fazer enquanto ela obedecer com humildade a seu diretor (*Introduction à la vie dévote*, Parte II, cap. XVIII, I, 81 e 83).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, vigilante pastor das almas, eu vos peço com toda a minha afeição que, se for do vosso agrado, apascenteis minha alma com a abundância de vossos dons e graças celestes. Eu vos suplico, fazei-me saborear as coisas espirituais, a palavra de Deus, a frequência dos sacramentos, principalmente do santo sacramento do altar, e as obras de misericórdia (*Opusc.*, III, 149).

Capítulo 2

Que a verdade fala dentro de nós, sem estrépito de palavras

1. *Falai, Senhor, que o vosso servo escuta: Vosso servo sou eu, dai-me inteligência para que conheça os vossos ensinamentos. Inclinaí meu coração às palavras de vossa boca; nele penetre, qual orvalho, vosso discurso* (1Rs 3,10; Sl 118,36.125; Dt 32,2). Diziam, outrora, os filhos de Israel a Moisés: *Fala-nos tu e te ouviremos; não nos fale o Senhor, para que não morramos* (Ex 20,19). Não assim, Senhor, não assim, vos rogo eu; antes, como o Profeta Samuel, humilde e ansioso, vos suplico: *Falai, Senhor, que o vosso servo escuta*. Não fale Moisés, nem algum dos profetas, mas falai-me vós, Senhor, Deus, que inspirastes e iluminastes todos os profetas, porque vós podeis, sem eles, me ensinar perfeitamente, ao passo que eles, sem vós, de nada me serviriam.

2. Podem muito bem proferir palavras, mas não conseguem dar o espírito; falam com muita elegância, mas, se vós vos calais, não inflamam o coração. Ensinam a letra; vós, porém, explicais o sentido. Propõem os mistérios, mas vós descobris a significação das figuras. Proclamam os mandamentos, mas vós ajudais a cumpri-los. Mostram o caminho, mas vós dais força para segui-lo. Eles regam a superfície, mas vós dais a fecundidade. Eles clamam com palavras, mas vós dais a inteligência ao ouvido.

3. Não me fale, pois, Moisés, mas vós, Senhor meu Deus, Verdade Eterna, para que não morra sem ter alcançado fruto algum, se só for admoestado por fora e não abrasado interiormente; e não seja minha condenação a palavra ouvida e não praticada, conhecida e não amada, criada e não observada. – *Falai, pois, Senhor, que o vosso servo escuta; porque possuí palavras de vida eterna* (1Rs 3,10; Jo 6,69). Falai-me para consolação de minha alma e emenda de minha vida, também para louvor, glória e perpétua honra vossa.

Reflexões

Existem almas que não querem, como elas dizem, ser guiadas, a não ser pelo espírito de Deus, e lhes parece que tudo o que imaginam sejam inspirações e movimentos do Espírito Santo, que as toma pela mão e conduz, como crianças, em tudo o que querem fazer. Nisto elas certamente se enganam muito, porque, eu te pergunto: será que houve alguma vez uma vocação mais especial do que a de São Paulo, na qual o próprio Nosso Senhor lhe falou para convertê-lo? E, não obstante, ele não quis instruí-lo, mas o enviou a Ananias dizendo: *Vai à cidade, lá encontrarás um homem que te dirá o que deves fazer* (At 9,7). E ainda que São Paulo pudesse dizer: “Senhor, e por que não o dizeis vós mesmo?”, ele não disse nada, mas simplesmente foi fazer o que lhe foi mandado. E nós, será que pensamos ser mais favorecidos por Deus do que São Paulo, achando que ele mesmo quer orientar-nos, sem intervenção de nenhuma criatura? (XII^e *Entretien*, III, 433).

Capítulo 3

Como as palavras de Deus devem ser ouvidas com humildade e como muitos não as ponderam

1. *Jesus*: Ouve, filho, as minhas palavras, palavras suavíssimas que excedem toda a ciência dos filósofos e sábios deste mundo. *As minhas palavras são espírito e vida* (Jo 6,64), e não se devem interpretar humanamente. Não devem ser abusadas para vã complacência, mas devem ser ouvidas em silêncio e recebidas com máxima humildade e grande afeto.

2. *A alma*: E disse eu: Bem-aventurado o homem a quem instruí, Senhor, e lhe ensinais a vossa lei, para suavizar-lhe os dias maus e dar-lhe consolo neste mundo (Sl 93,12.13).

3. *Jesus*: Eu, diz o Senhor, desde o princípio ensinei aos profetas e ainda agora não cesso de falar a todos; mas muitos são insensíveis e surdos à minha voz. A muitos agrada mais a voz do mundo que a de Deus; mais facilmente seguem os apetites da carne que o preceito divino. O mundo promete apenas coisas temporais e mesquinhas e é servido com grande ardor; eu prometo bens sublimes e eternos, e só encontro frieza nos corações dos mortais. Quem há que me sirva e obedeça em tudo com tanto empenho como se serve ao mundo e aos seus senhores? *Envergonha-te, Sídon, diz o mar* (Is 23,4). E se queres saber por que, ouve o motivo: Por um pequeno salário se empreendem grandes viagens, e pela vida eterna muitos nem dão um passo sequer. Busca-se o lucro vil; por um vintém, às vezes, há torpes brigas; por uma ninharia e promessa mesquinha não se teme a fadiga, nem de dia, nem de noite.

4. Mas que vergonha! Pelo bem imutável, pelo prêmio inestimável, para honra suprema e pela glória sem fim, o menor esforço nos cansa. Envergonha-te, pois, servo preguiçoso e murmurador, por serem os mundanos mais solícitos

para a perdição que tu para a salvação. Procuram eles com mais gosto a vaidade que tu a verdade. Entretanto, não raro, sua esperança os engana; mas minha promessa a ninguém falta, nem despede com as mãos vazias ao que em mim confia. Darei o que prometi, cumprirei o que disse, contanto que se perseverar fiel no meu amor até ao fim. Eu sou quem remunera todos os bons e sujeita a provas duras todos os devotos.

5. Grava minhas palavras em teu coração e medita-as atentamente, porque te serão muito necessárias na hora da tentação. Coisas que agora não entendes quando lês, entenderás quando eu te visitar. De dois modos costumo visitar meus eleitos: pela tentação e pela consolação. E duas lições lhes dou cada dia: numa repreendo-lhes os vícios e noutra exorto-os ao progresso na virtude. Quem ouve minha palavra e a despreza, por ela será julgado no último dia.

Oração para implorar a graça da devoção

6. *A alma*: Meu Senhor e meu Deus! vós sois todo o meu bem. E quem sou eu para me atrever a falar-vos? Eu sou vosso paupérrimo servo, um vil vermezinho, muito mais pobre e desprezível do que sei e ousa dizer. Lembrai-vos, Senhor, de que sois bom, justo e santo; vós tudo podeis, tudo dais, tudo encheis, e só ao pecador deixais vazio. *Lembraí-vos de vossas misericórdias* (Sl 24,6) e enchei meu coração com a vossa graça, pois não quereis que sejam infrutuosas vossas obras.

7. Como poderei eu, nesta miserável vida, suportar-me a mim mesmo, se não me confortar vossa graça e misericórdia? Não desvieis de mim a vossa face, não demoreis a vossa visita, não me tireis o vosso consolo, para que não fique *a minha alma diante de vós qual terra sem água* (Sl 142,6). *Ensinaí-me, Senhor, a fazer vossa vontade* (Sl 142,10), ensinaí-me a andar em vossa presença, digna e humildemente; pois vós sois minha sabedoria, que em verdade me conheceis antes de ser feito o mundo, e antes de eu nascer na terra.

Reflexões

Para preparar-nos bem e tornar-nos capazes de ouvir esta divina palavra, como devemos, é preciso expandir nossos corações na presença da divina Majestade, para receber o orvalho celeste, como Gedeão estendeu seu velo de lã na eira, para que fosse regado pelo orvalho e pelas águas que caíam do céu. Devemos, pois, expandir nossos corações diante de Deus através dos bons propósitos de tirar proveito das coisas que nos serão ditas de sua parte, mantendo-nos atentos, pois é sua Divina Majestade que nos fala e nos faz conhecer sua vontade. Ouvindo as verdades que os pregadores nos propõem, com espírito de devoção, reverência e atenção, colocando esta divina palavra em nossas cabeças, à imitação dos espanhóis, que, quando recebem uma carta de alguém que é importante, a colocam no mesmo instante sobre a cabeça, tanto para demonstrar a honra que prestam àquele que lhes escreveu, como para mostrar que se dispõem a obedecer às ordens que lhes são dadas através

desta carta. Façamos nós o mesmo, minhas caras almas: quando ouvimos a palavra de Deus na pregação, ou quando a lemos em algum livro, devemos colocá-la em nossas cabeças, não quero dizer visivelmente e de modo real, mas espiritualmente, submetendo nossos corações à obediência das coisas que nos são ensinadas, pelas quais ouvimos qual é a vontade de Deus no que diz respeito à nossa perfeição e avanço espiritual, escutando-a e lendo-a com a resolução de tirar dela o maior proveito (*Sermon pour le dimanche de la Passion*, IV, 387).

Capítulo 4

Que devemos andar perante Deus em verdade e humildade

1. *Jesus*: Filho, anda diante de mim em verdade e procura-me sempre com simplicidade de coração. Quem anda diante de mim na verdade será defendido dos ataques inimigos, e a verdade o livrará dos enganos e das murmurações dos maus. Se te libertar a verdade, serás verdadeiramente livre e não farás caso das vãs palavras dos homens.

2. *A alma*: Verdade é, Senhor, o que dizeis; peço-vos que assim se faça comigo. A vossa verdade me ensine, me defenda e me conserve até meu fim salutar. Ela me livre de toda má afeição e amor desregrado e assim poderei andar convosco, com grande liberdade de coração.

3. *Jesus*: Eu te ensinarei, diz a Verdade, o que é justo e agradável a meus olhos. Relembra teus pecados com grande dor e pesar e jamais te desvanças por tuas boas obras. Com efeito, és pecador, sujeito a muitas paixões e preso em seus laços. De ti pendes sempre para o nada; depressa caís, logo és vencido, logo perturbado, logo desanimado. Nada tens de que possas gloriar-te; muito, porém, para te humilhar; pois és muito mais fraco do que podes imaginar.

4. Nada, pois, do que fazes te pareça grande, nada precioso e admirável, nada digno de apreço, nada nobre, nada verdadeiramente louvável e desejável, senão o que é eterno. Acima de tudo te agrade a eterna verdade, e te desagrade a tua extrema vileza. Nada temas, nada vituperes e fujas tanto como os teus vícios de pecados, que te devem entristecer mais do que quaisquer prejuízos materiais. Alguns não andam diante de mim com simplicidade, mas, curiosos e arrogantes, pretendem saber meus segredos e compreender os sublimes mistérios de Deus, descurando-se de si próprios e de sua salvação. Estes, por sua soberba e curiosidade, não raro caem em grandes tentações e pecados, porque me afastam deles.

5. Teme os juízos de Deus, treme da ira do Onipotente. Não queiras discutir as obras do Altíssimo; examina antes as tuas iniquidades, quanto mal cometestes e quanto bem deixastes de fazer por negligência. Alguns põem toda a sua devoção nos livros, outros nas imagens, outros em sinais e exercícios exteriores. Alguns me trazem na boca, mas mui pouco no coração. Outros há, porém, que, alumados no entendimento e purificados no afeto, sempre suspiram pelos bens

eternos; não gostam de ouvir das coisas da terra e com repugnância satisfazem as exigências da natureza; estes percebem o que lhe diz o Espírito da Verdade. Pois lhes ensina a desprezar as coisas terrenas e amar as celestiais, a esquecer o mundo e almejar o céu dia e noite.

Reflexões

Viver na verdade e decisivamente não na mentira, é construir uma vida totalmente conforme à lei pura e simples, segundo as operações da graça, e não segundo as operações da natureza; porque nossa imaginação, nossos sentidos, nosso sentimento, nosso gosto, nossas consolações e nossos discursos podem ser enganados e extraviados: e viver assim é viver na mentira, ou pelo menos num perpétuo risco de mentira; mas viver segundo a fé pura e simples é viver na verdade. Por isso é dito do espírito maligno que ele *não se manteve na verdade* (Jo 8,44), porque, embora tivesse a fé no começo de sua criação, ele se desviou dela, querendo discursar sem a fé sobre sua própria excelência, e querendo ser ele mesmo o fim, não segundo a fé pura e simples, mas segundo as condições naturais que o levaram ao amor exagerado e desregrado de si mesmo: é a mentira na qual vivem todos aqueles que não aderem com simplicidade e pureza de fé à palavra de Nosso Senhor, mas querem viver segundo a prudência humana que não passa de um formigueiro de mentiras e de vãos discursos (189^e *lettre spir.*, IX, 549).

Capítulo 5

Dos admiráveis efeitos do amor divino

1. *A alma*: Bendigo-vos, Pai celestial, Pai de meu Senhor Jesus Cristo, por vos terdes dignado lembrar-vos de mim, pobre criatura. *Ó Pai de misericórdia e Deus de toda consolação!* (2Cor 1,3), graças vos dou porque, apesar de minha indignidade, me recreais às vezes com vossa consolação. Sede para sempre bendito e glorificado, com vosso Filho unigênito e o Espírito Santo consolador, por todos os séculos. Ah! Senhor Deus, santo amigo de minha alma, tanto que entraís em meu coração, exulta de alegria o meu interior. Vós sois a minha glória e o júbilo de meu coração; vós sois a minha esperança e meu refúgio no dia da tribulação.

2. Mas, como ainda sou fraco no amor e imperfeito na virtude, necessito ser consolado e confortado por vós; por isso visitai-me mais vezes e instruí-me com santas doutrinas. Livrai-me das más paixões e curai meu coração de todos os afetos desordenados, para que eu, sanado e purificado interiormente, seja apto para amar, forte para sofrer e constante para perseverar.

3. *Jesus*: Grande coisa é o amor! É um bem verdadeiramente inestimável que por si só torna suave o que é difícil e suporta sereno toda a adversidade. Porque leva a carga sem lhe sentir o peso e torna o amargo doce e saboroso. O

amor de Jesus é generoso, inspira grandes ações e nos excita sempre à mais alta perfeição. O amor tende sempre para as alturas e não se deixa prender pelas coisas inferiores. O amor deseja ser livre e isento de todo apego mundano, para não ser impedido no seu afeto íntimo nem se embaraçar com algum incômodo. Nada mais doce do que o amor, nada mais forte, nada mais sublime, nada mais amplo, nada mais delicioso, nada mais perfeito ou melhor no céu e na terra; porque o amor procede de Deus, e em Deus só pode descansar, acima de todas as criaturas.

4. Quem ama, voa, corre, vive alegre, é livre e sem embaraço. Dá tudo por tudo e possui tudo em todas as coisas, porque sobre todas as coisas descansa no Sumo Bem, do qual dimanam e procedem todos os bens. Não olha para as dádivas, mas eleva-se acima de todos os bens até aquele que os concede. O amor muitas vezes não conhece limites, mas seu ardor excede a toda medida. O amor não sente peso, não faz caso das fadigas e quer empreender mais do que pode; não se escusa com a impossibilidade, pois tudo lhe parece lícito e possível. Por isso de tudo é capaz e realiza obras, enquanto o que não ama desfalece e cai.

5. O amor vigia sempre, e até no sono não dorme. Nenhuma fadiga o cansa, nenhuma angústia o aflige, nenhum temor o assusta, mas qual viva chama a ardente labareda irrompe para o alto e passa avante. Só quem ama compreende o que é amar. Bem alto soa aos ouvidos de Deus o afeto da alma que diz: Meu Deus, meu amor! Vós sois todo meu, e eu todo vosso!

6. A *alma*: Dilatai-me o amor, para que possa, no âmago do coração, saborear quão doce é amar, no amor desmanchar-me e nadar. Prenda-me o amor, e eleve-me acima de mim, num transporte de fervor excessivo. Cante eu o cântico do amor, siga-vos ao alto, ó meu Amado, desfaleça minha alma no vosso louvor, no júbilo do amor. Amar-vos quero mais que a mim, e a mim só por amor de vós, e em vós a todos que deveras vos amam, conforme ordena a lei do amor que de vós dimana.

7. O amor é pronto, sincero, piedoso, alegre e amável; forte, sofredor, fiel, prudente, longânime, viril e nunca busca a si mesmo. Pois, logo que alguém procura a si mesmo, perde o amor. O amor é circunspecto, humilde e reto; não é frouxo, não é leviano, nem cuida de coisas vãs; é sóbrio, casto, constante, quieto, recatado em todos os seus sentidos. O amor é submisso e obediente aos superiores, mas aos próprios olhos é vil e desprezível; devoto e agradecido para com Deus, confia e espera sempre nele, ainda quando está desconsolado, porque no amor não se vive sem dor.

8. Quem não está disposto a sofrer tudo e fazer a vontade do Amado não é digno de ser chamado amante. Àquele que ama cumpre abraçar por seu amado, de boa vontade, tudo o que for duro e amargo e dele não se apartar por nenhuma contrariedade.

Nós temos dois principais modos de exercitar nosso amor a Deus: um afetivo e o outro efetivo, ou, como diz S. Bernardo, ativo. Pelo afetivo, nos afeiçoamos a Deus e ao que ele se afeiçoa; pelo efetivo, servimos a Deus e fazemos o que ele nos ordena. O afetivo nos une à bondade de Deus e o efetivo nos faz cumprir sua vontade: um nos enche de complacência, benevolência, desejos, suspiros e ardores espirituais, fazendo-nos praticar as sagradas infusões e fusões de nosso espírito com o espírito de Deus, e o outro difunde em nós a sólida resolução, a firmeza de coragem e a inviolável obediência que se exige para cumprir os desígnios da vontade de Deus e para sofrer, aceitar, apreciar e abraçar tudo que provém de seu bel-prazer; o afetivo nos faz comprazer-nos em Deus e o efetivo nos faz agradar a Deus; pelo afetivo nós concebemos e pelo efetivo produzimos; pelo afetivo colocamos Deus no nosso coração, como um estandarte de amor ao qual todos os nossos afetos se ordenam; pelo efetivo nós o colocamos sobre o nosso braço como uma espada de dilação pela qual fazemos todos os atos heroicos das virtudes (*Amour de Dieu*, 1. VI, cap. I, II, 83).

Ó meu caro Teótimo, como deve ser grande a extensão da força deste amor de Deus sobre todas as coisas! Ele deve ultrapassar todos os afetos, vencer todas as dificuldades, e preferir a honra da benevolência de Deus a todas as coisas: mas digo a todas as coisas absolutamente, sem nenhuma exceção nem reserva. E digo assim com este cuidado tão grande porque há pessoas que abandonariam corajosamente os bens, a honra e a própria vida por Nosso Senhor, mas seriam incapazes de abandonar por ele alguma outra coisa de muito menos importância (*Amour de Dieu*, 1. X, cap. VIII, II, 323).

O amor é forte como a morte (Ct 8,6): a morte separa a alma do moribundo de seu corpo e de todas as coisas do mundo; o amor sagrado separa a alma do amante de seu corpo e de todas as coisas do mundo; e não há nisto nenhuma outra diferença, a não ser esta: a morte sempre opera por efeito o que o amor só opera ordinariamente por afeição. Mas, digo ordinariamente, Teótimo, porque algumas vezes o amor sagrado é tão violento que, mesmo por efeito, causa a separação do corpo e da alma, fazendo os amantes morrer de uma morte tão feliz que vale mais do que cem vidas (*Amour de Dieu*, 1. VII, cap. IX, II, 174).

Capítulo 6

Da prova do verdadeiro amor

1. *Jesus*: Filho, não és ainda forte nem prudente no amor. – *A alma*: Por que, Senhor? – *Jesus*: Porque por qualquer contrariedade deixas o começado e com ânsia excessiva procuras a consolação. O homem forte no amor permanece firme nas tentações e não dá crédito às astuciosas sugestões do inimigo. Assim como lhe agrado na prosperidade, não lhe desagrada nas tribulações.

2. Quem ama discretamente não considera tanto a dádiva de quem ama, como o amor de quem dá. Atende mais à intenção que ao valor do dom, e a

todas as dádivas estima menos que o Amado. Quem ama nobremente não repousa no dom, mas em mim acima de todos os dons. Nem tudo está perdido, se sentires, às vezes, menos devoção, a mim ou meus santos, do que desejas. Aquele sentimento terno e doce que experimentas, às vezes, é efeito da graça presente, um como que antegosto da pátria celestial; nele não te deves firmar muito, porquanto vai e vem. Mas pelejar contra os maus movimentos do coração e desprezar as sugestões do demônio é sinal de virtude e grande merecimento.

3. Não te perturbem, pois, estranhas imaginações, oriundas de matéria qualquer. Guarda firme teu propósito, e tua reta intenção fixa em Deus. Não é ilusão o seres, alguma vez, subitamente arrebatado em êxtase, e logo depois caíres de novo nos costumados desvarios do coração. Porque mais os padeces contra a vontade do que és causa deles, e enquanto te desagradarem e os repelires, serão para ti ocasião de merecimento e não de perdição.

4. Fica sabendo que o antigo inimigo de todos os modos se esforça por impedir-te os bons desejos e apartar-te de todos os exercícios devotos, nomeadamente da veneração dos santos, da devota memória de minha paixão, da salutar lembrança dos pecados, da vigilância sobre o próprio coração e do firme propósito de aproveitar na virtude. Sugere-te muitos maus pensamentos para te causar tédio e horror e arredar-te da oração e leitura espiritual. Desagrada-lhe muito a confissão humilde e, se pudesse, far-te-ia abandonar a comunhão. Não lhe dê crédito, nem faças caso dele, posto que muitas vezes te arme laços e enganos. Leva à sua conta os pensamentos maus e desonestos que te sugere. Diz-lhe: Retira-te, espírito imundo, desgraçado, sem-vergonha; muito perverso deves ser para me insinuares tais coisas! Vai-te daqui, malvado sedutor, não terás em mim parte alguma, que Jesus estará comigo, qual guerreiro invencível, e tu ficarás confundido. Antes quero morrer e sofrer todos os tormentos, que te fazer a vontade; cala-te e emudece; não te escutarei, por mais que me molestes. *O Senhor é minha luz e minha salvação, a quem temerei. Levante-se embora contra mim um exército, não temerá meu coração. O Senhor é meu socorro e meu Salvador* (Sl 26,1.6; 18,17).

5. Peleja como bom soldado e, se alguma vez caíres por fraqueza, torna a cobrar maiores forças que as anteriores, tendo certeza que receberás mais copiosa graça; acautela-te, porém, muito contra a vã complacência e a soberba. Por falta desta vigilância andam muitos enganados e caem, às vezes, em cegueira incurável. A ruína destes soberbos, que loucamente presumem de si próprios, sirva-te de cautela e te conserve na virtude da humildade.

Reflexões

Louvo a Deus de todo o meu coração, ao ver em tua carta a grande coragem que tens de vencer todas as dificuldades para ser verdadeira e santamente devota em tua vocação. Faz isto e espera de Deus grandes bênçãos; certamente mais numa hora como esta de devoção tão bem e

justamente regrada, do que em cem dias de uma devoção bizarra, melancólica e dependente de tua própria cabeça. Fica firme neste rumo, sem deixar-se abalar de forma nenhuma nesta resolução.

Conforme me disseste, relaxaste um pouco teus exercícios no campo. Pois bem, é preciso retesar o arco e recomeçar com mais cuidado ainda: mas uma outra vez não é preciso que os campos te tragam este incômodo; não, porque Deus também está lá do mesmo modo que está na cidade (58^e *lettre spirit.*, XII, 96).

Infelizmente, que piedade é esta das almas que, vendo-se sujeitas a diversas imperfeições, depois de se terem exercitado algum tempo na devoção, começam a inquietar-se, perturbar-se e perder a coragem, deixando quase seu coração ceder à tentação de tudo abandonar e voltar atrás!... Não devemos perturbar-nos absolutamente com nossas imperfeições, pois nossa perfeição consiste em combatê-las, e não poderíamos combatê-las sem vê-las, nem vencê-las sem encontrá-las; nossa vitória não consiste em não senti-las, mas em não consentir-lhes.

Ora, às vezes é melhor ceder-lhes do que ser importunados por eles: é preciso que, para o exercício de nossa humildade, saíamos algumas vezes feridos nesta batalha espiritual; mas jamais somos tidos por vencidos, a não ser quando perdemos a vida ou a coragem (*Introduction à la vie dévote*, parte I, cap. V, I, 12).

Oração

Ó Senhor, eis este pobre e miserável coração que, por vossa bondade, concebeu vários bons sentimentos; mas infelizmente ele é muito fraco e mísero para fazer o bem que deseja, se vós não lhe dispensais a vossa bênção celeste que vos peço nesta intenção, ó Pai complacente, pelo mérito da Paixão de vosso Filho, em honra do qual eu consagro este dia e todo o resto de minha vida (*Introduction à la vie dévote*, parte II, cap. X, I, 65).

Capítulo 7

Como se há de ocultar a graça sob a guarda da humildade

1. *Jesus*: Filho, muito útil e seguro te é encobrir a graça da devoção, sem te desvaneceres ou te preocupares muito com ela; convindo antes desprezar-te a ti mesmo e temer que não sejas digno da graça recebida. Importa não estares muito apegado a tais sentimentos, que bem depressa podem mudar-se nos contrários. Com a graça presente, pondera quão miserável e pobre és sem ela. O progresso na vida espiritual não consiste tanto em teres a graça da consolação, mas em suportar-lhe com humildade, abnegação e paciência a privação, de sorte que então não afrouxes no exercício da oração, nem deixes de

todo as demais boas obras que costumava praticar. Antes faz tudo de boa vontade, como melhor puderes e entenderes, nem te descuides totalmente de ti por causa das securas e ansiedades espirituais.

2. Muitos há que se deixam levar pela impaciência e pelo desalento, logo que as coisas não correm como desejam. Pois nem sempre está nas mãos do homem o seu caminho (Jr 10,23), mas a Deus pertence consolar e dar a graça quando quiser, e quanto quiser, a quem quiser, tudo como lhe apraz, nem mais nem menos. Perderam-se alguns imprudentes por causa da graça da devoção, porque quiseram fazer mais do que podiam, não ponderando a fraqueza das suas forças e seguindo mais o impulso do coração que os ditames da razão. E porque presumiram de si coisas bem depressa perderam a graça. Caíram maiores do que Deus havia determinado, na pobreza e no abatimento os que pretendiam pôr seu ninho no céu, para assim, humilhados e empobrecidos, aprenderem a não voar com suas próprias asas, mas a esperar à sombra das minhas. Os novos e principiantes no caminho do Senhor facilmente se podem enganar e perder, se não se aconselharem com homens experientes.

3. Estes, se quiserem antes seguir seu próprio parecer, que confiar no conselho de pessoas experimentadas, põem em grande risco sua salvação, se continuarem aferrados à sua opinião. Os que se têm por sábios raro se deixam dirigir pelos outros. É melhor saber e entender pouco, humildemente, que possuir tesouros de ciência e presumir de si. Melhor te é ter menos do que muito, se com o muito te vem o orgulho. Não é bastante prudente quem se entrega todo à alegria, esquecido da antiga pobreza e do casto temor de Deus que sempre receia perder a graça concedida. Nem tampouco muita virtude denota entregar-se a nímio desânimo em tempo de adversidade e por qualquer contratempo, sem pôr em mim a confiança devida.

4. Quem se dá por muito seguro no tempo de paz, muitas vezes se revela tímido e covarde em tempo de guerra. Se te souberes conservar sempre humilde e pequeno no teu conceito, e governar com moderação teu espírito, não cairás tão depressa na tentação e no pecado. É de aconselhar, quando sentes fervor de espírito, meditar no que será de ti, retirando-se esta graça. E quando isto de fato acontecer, pensa que a luz pode voltar, que ta tirei por algum tempo, para tua cautela e minha glória.

5. Tal provação, muitas vezes, te é mais proveitosa do que se tudo te saísse à medida de teu desejo. Pois não se devem avaliar os merecimentos do homem pelas muitas visões e consolações, nem pela perícia nas Escrituras, nem pela elevação do cargo. Mas, para conhecer o valor de cada um, considera: se está fundado na verdadeira humildade e vive cheio de amor de Deus; se sempre busca a honra de Deus com pura e reta intenção; se se despreza a si mesmo, nem faz caso algum de si, e se gosta mais de ser desprezado e humilhado do que estimado pelos homens.

A humildade que oculta e cobre as virtudes para conservá-las, no entanto as faz aparecer quando a caridade o exige, para fazê-las crescer, aumentar e aperfeiçoar-se. Nisto ela se assemelha àquela árvore das ilhas de Tylos, que, de noite, fecha e mantém fechadas suas belas flores vermelhas, e não as abre senão ao nascer do sol, de modo que os habitantes da região dizem que essas flores dormem de noite. Assim a humildade cobre e oculta todas as nossas virtudes e perfeições humanas, e jamais as faz aparecer senão para a caridade, que, sendo uma virtude não só humana, mas celeste, não só moral, mas divina é o verdadeiro sol das virtudes, sobre as quais ela deve sempre dominar. Por isso as humildades que prejudicam a caridade certamente são falsas.

Não gostaria de fazer-me de louco, nem de sábio, pois se a humildade me impede de fazer-me de sábio, a simplicidade e franqueza também me impede de fazer-me de louco. E se a vaidade é contrária à humildade, o artifício ou fingimento é contrário à franqueza e à simplicidade. Se alguns grandes servos de Deus se fingiram de loucos para se tornarem mais abjetos diante do mundo, devemos admirá-los, mas não imitá-los, porque eles tiveram motivos para chegar a estes extremos, que lhes foram tão particulares e tão extraordinários que ninguém deve tirar deles nenhuma consequência para si mesmo (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. VI, 114).

Oração

Eu vos dou graças infinitas, ó Santíssima Trindade, pela gloriosa Assunção da Imaculada Virgem Maria, nossa mãe, ao céu. Eu vos bendigo infinitamente pela honra e glória que lhe destes, elevando-a acima dos coros dos anjos, à destra de vosso Filho único e seu, coroando-a rainha e imperatriz do céu e da terra. Suplico-vos, por seus méritos, conceder-me a graça de amar e imitar com todo zelo suas santíssimas virtudes, de modo especial sua profunda humildade e pureza imaculada, a fim de que, imitando-a nesta vida, eu mereça gozar eternamente de sua presença na outra vida. Assim seja (*Opusc.*, III, 132).

Capítulo 8

Da vil estima de si próprio ante os olhos de Deus

1. *A alma*: Ao meu Senhor falarei, ainda que seja pó e cinza (Gn 18,27). Se eu me tiver em maior conta, eis que vos ergueis contra mim, e ao testemunho verdadeiro que dão meus pecados não posso contradizer. Mas se me tiver por vil e me aniquilar, deixando toda a vã estima de mim mesmo, e me reduzir a pó, que sou na verdade, ser-me-á propícia a vossa graça, e a vossa luz há de vir em meu coração, e todo sentimento de amor-próprio, por mínimo que seja, perder-se-á no abismo do meu nada e perecerá para sempre. Ali me dais a conhecer o que sou, o que fui, a que ponto cheguei; porque sou nada – e não o sabia. Abandonado a mim mesmo, sou um puro nada e a mesma fraqueza; tanto, porém, que lançais um olhar sobre mim, logo me sinto forte e cheio de nova

alegria. E é grande maravilha que tão sabiamente me levantaiis e tão benigno me abraçais, a mim, que pelo próprio peso pendo sempre para a terra.

2. Isto é obra do vosso amor, que me previne gratuitamente, socorrendo-me em mil necessidades, guardando-me de males, para bem dizer, infindos. Perdi-me, amando-me desordenadamente; mas, buscando a vós unicamente, e amando com puro amor, a mim me achei e a vós também, e este amor me fez ainda mais aprofundar-me em meu nada. Porque vós, ó dulcíssimo Senhor, me tratais além do meu merecimento, e mais do que ousou esperar ou pedir.

3. Bendito sejais, meu Deus, pois conquanto eu seja indigno de todo bem, ainda assim não cessa vossa liberalidade e bondade infinita de fazer bem até aos ingratos e aos que de vós andam apartados. Convertedei-nos a vós, para que sejamos gratos, humildes e devotos, pois vós sois nossa salvação, nossa virtude e fortaleza.

Reflexões

Humilha-te amorosamente diante de Deus e dos seres humanos, pois Deus fala aos ouvidos abaixados. *Escuta*, diz ele à sua esposa, *e abaixa teus ouvidos: esquece teu povo e a casa de teu pai* (Sl 45,11). Assim o Filho bem-amado se prostra diante de sua face, quando fala a seu Pai Eterno e espera a resposta de seu oráculo. Deus encherá teu vaso com seu bálsamo, quando o vir vazio dos perfumes deste mundo; e quando fores humilde, ele te exaltará (*104^e lettre spirit.*, XI, 167).

Oh! sem dúvida quando sentimos desejos de fazer grandes coisas por Deus, devemos então mais do que nunca aprofundar-nos na humildade e desconfiança de nós mesmos, confiando-nos em Deus e jogando-nos em seus braços, reconhecendo que sem ele não temos nenhum poder de pôr em prática nossas resoluções e bons desejos, nem de fazer algo que lhe seja agradável. Mas nele e com sua graça, todas as coisas nos serão possíveis, dizendo com São Paulo: *Tudo posso naquele que me conforta* (Fl 4,13) (*Sermon pour la fête de saint Jean Porte-Latine*, IV, 539).

Capítulo 9

Tudo se deve referir a Deus como ao fim último

1. *Jesus*: Filho, eu devo ser o teu supremo e último fim, se desejas ser verdadeiramente feliz. Esta intenção purificará teu coração, tantas vezes apegado desgradadamente a si mesmo e às criaturas. Porque se em alguma coisa te buscas a ti mesmo, logo desfaleces e afrouxas. Refere, pois, tudo a mim, principalmente porque eu sou quem te deu tudo. Considera todos os bens como dimanados do Sumo Bem, e por isso refere tudo a mim como sua origem.

2. De mim, como de fonte de vida, tiram água viva o pequeno e o grande, o

rico e o pobre, e os que me servem voluntária e livremente receberão graça sobre graça. Mas quem, fora de mim, quiser gloriar-se, ou deleitar-se em algum bem particular, jamais poderá firmar-se na verdadeira alegria, nem se lhe dilatará o coração, mas sempre andará perturbado e angustiado de mil maneiras. Não te atribuas, pois, bem algum, nem a pessoa alguma atribuas virtude, mas refere tudo a Deus, sem o qual nada tem o homem. Eu dei tudo, eu quero tudo reaver, e com estrito rigor exijo as devidas ações de graças.

3. É esta a verdade que afugenta toda a vanglória. E se entrar em teu coração a graça celestial e a verdadeira caridade, não sentirás mais inveja alguma, nem aperto de coração, nem haverá mais lugar para o amor-próprio. Porque tudo vence a divina caridade, e multiplica as forças da alma. Se és verdadeiramente sábio, só em mim te alegrarás e porás a tua confiança; *porque ninguém é bom senão Deus* (Mt 19, 17), só Ele cumpre seja louvado e bendito em tudo, acima de todas as coisas.

Reflexões

Pergunta a Deus com humildade por que ele te colocou neste mundo; e considera que não foi por alguma necessidade que ele tivesse de ti, mas para poder exercer em ti sua liberalidade e bondade: porque é para te dar seu paraíso, e a fim de que possas tê-lo, deu-te o entendimento para conhecê-lo, a memória para lembrar-te dele, a vontade e o coração para amá-lo e amar o teu próximo, a imaginação para te representá-lo, seus benefícios e todos os teus sentidos para servi-lo, os ouvidos para ouvir seus louvores, a língua para louvá-lo, os olhos para contemplar suas maravilhas e assim por diante.

Considera que, sendo criada com esta intenção, todas as ações contrárias a ela devem ser extremamente evitadas, e aquelas que não servem de nada para este fim devem ser desprezadas.

Considera que desgraça é ver que, no mundo, a maioria dos seres humanos não pensa absolutamente nisto, mas acha que estamos neste mundo para construir casas, fazer jardins, ter vinhas, acumular ouro e coisas transitórias semelhantes (*Opusc.*, III, 100).

Oração

O que pensava eu quando não pensava em vós, meu Senhor? De que me lembrava quando vos tinha esquecido? O que eu amava quando não vos amava? Não era eu miserável servindo à vaidade em vez de servir à verdade? Infelizmente, o mundo, que não foi feito senão para me servir, dominava e exercia controle sobre meus afetos. Eu renuncio a vós, pensamentos vãos, lembranças inúteis, amizades infieis, serviços perdidos e miseráveis (*Opusc.*, III, 101).

Capítulo 10
Como, desprezando o mundo, é doce servir a Deus

1. *A alma*: De novo, Senhor, vos falarei e não me calarei; direi aos ouvidos de meu Deus, meu Senhor e meu Rei, que está nas alturas: *Quão grande, Senhor, é a abundância da doçura que reservastes aos que vos temem!* (Sl 30,20). Mas que será para os que vos amam e de todo o coração vos servem? É verdadeiramente inefável a doçura da contemplação que concedeis aos que vos amam. Nisto particularmente me manifestastes a doçura de vosso amor: quando não era, vós me criastes, e quando andava longe de vós, perdido no erro, me reconduzistes a vos servir e me destes o preceito de vos amar.

2. Ó fonte perene de amor, que direi de vós? Como poderia eu esquecer-me que vos dignastes lembrar-vos de mim, ainda depois de depravado e perdido? Além de toda esperança, usastes de misericórdia para com vosso servo, e acima de todo mérito me prodigalizastes vossa graça e amizade. Com que poderei agradecer-vos tal mercê? Porque nem a todos é dado deixar tudo, renunciar ao mundo e abraçar a vida religiosa. Será porventura mérito que eu vos sirva, quando toda criatura tem obrigação de vos servir? Não me deve parecer grande coisa que eu vos sirva; antes devo considerar grande e digno de admiração que vos dignéis receber-me, pobre e indigno como sou, em vosso serviço e associar-me aos vossos servos prediletos.

3. Vede, é vosso, Senhor, tudo que possuo e com que vos sirvo; entretanto, mais me servis vós a mim, do que eu a vós. Aí estão o céu e a terra, que criastes para uso do homem, e estão atentos a vosso aceno, a fazer cada dia o que lhes mandais. Mais ainda: os próprios anjos destinastes ao serviço do homem. Mas, acima de tudo isso, vós mesmos vos dignais servir ao homem, e prometestes ser a sua recompensa.

4. Que vos darei eu por esses benefícios sem conta! Oh! se pudera servir-vos todos os dias da minha vida! Se pudera, ainda que um só dia, prestar-vos condigno serviço! Na verdade, sois digno de todo serviço, de toda honra e glória eterna. Vós sois verdadeiramente meu Senhor, eu vosso pobre servidor, obrigado a servir-vos com todas as minhas forças, sem me cansar jamais de vos dar louvores. Assim o quero, assim o desejo: dignai-vos, Senhor, suprir o que me falta.

5. Grande honra e glória é servir-vos e desprezar tudo por vosso amor. Porque copiosa graça alcançarão os que livremente se sujeitam ao vosso santíssimo serviço. Encontrarão suavíssima consolação do Espírito Santo os que por vós desprezam todos os deleites carnavais. Conseguirão grande liberdade da alma os que por vosso nome entram na vereda estreita e se apartam de todos os cuidados mundanos.

6. Ó doce e amável servidão de Deus, que torna o homem verdadeiramente livre e santo! Ó sagrada servidão do estado religioso, que faz o homem igual aos anjos, agradável a Deus, terrível aos demônios e recomendável a todos os fiéis!

Ó ditoso e nunca assaz desejado serviço, que nos mereceu o Bem Soberano e adquire o gozo que há de durar para sempre!

Reflexões

Só a alegria de ter abandonado tudo por Deus vale mais do que mil mundos: a doçura de ser conduzido pela obediência, de ser conservado pelas leis e de estar como que imune das maiores ciladas são grande suavidade, sem contar a paz e tranquilidade que encontramos em tudo isto, o prazer de estarmos ocupados noite e dia na oração e nas coisas divinas, e mil delícias como estas (*Opusc.*, III, 103).

O que é a religião senão uma casa ou uma cidade florida e salpicada de flores, mais ainda porque nela não se faz qualquer coisa (quando se vive segundo suas regras e estatutos) que não sejam mais flores ainda? As mortificações, humilhações, orações, em suma todos os exercícios, o que são senão práticas de virtudes que são como outras tantas belas flores que difundem um perfume extremamente suave diante da Divina Majestade? Portanto, o que é a religião, senão um canteiro semeado de flores tão agradáveis à vista e de odor tão salutar para os que querem sentir seu perfume?...

A quem pertencem... tantas flores das quais a Igreja tem estado cheia e tem sido tão embelezada e ornada, senão à Santíssima Virgem, cujo exemplo fez existir todas elas? E não foi por meio dela que a Igreja foi salpicada de rosas dos mártires invencíveis em sua constância, de maravilhas de tantos santos confessores e de violetas de tantas santas viúvas que são pequenas, humildes e baixas como essas flores, mas que difundem um perfume tão bom e tão suave? E, enfim, não é a ela que pertencem mais particularmente tantos lírios brancos de pureza das virgens cândidas e inocentes? Mais ainda porque foi a seu exemplo que tantas delas consagraram seus corações e seus corpos à Divina Majestade, por uma resolução e um voto indissolúvel de conservar sua virgindade e pureza (*Sermon pour le jour de l'Annonciation*, IV, 319).

Oração

Ó benigno Senhor, eu vos recomendo minha alma, meu espírito, meu coração, minha memória, meu entendimento e minha vontade: fazei que com isto e em tudo isto eu vos sirva, vos ame, vos agrade e honre para sempre (*Opusc.*, III, 166).

Capítulo 11

Como devemos examinar e moderar os desejos do coração

1. *Jesus*: Filho, muitas coisas deves ainda aprender, que não sabes bem.
2. *A alma*: Que coisas são estas, Senhor?

3. *Jesus*: Que conformes completamente teu desejo a meu beneplácito e não sejas amante de ti mesmo, mas zeloso cumpridor de minha vontade. Muitas vezes se inflamam teus desejos, e com veemência te impelem; examina, porém, o que mais te move, se minha honra ou teu próprio interesse. Se for eu o motivo, ficarás bem contente, qualquer que seja o sucesso do empreendimento; mas, se lá se ocultar algum interesse próprio, eis que isto logo te embaraça e aflige.

4. Guarda-te, pois, de confiar demasiadamente em preconcebidos desejos que tens sem me consultar, para que não suceda que te arrependas e te desagrade o que primeiro te agradou e procuraste com zelo, por te haver parecido melhor. Porém nem todo desejo que pareça bom logo devemos seguir, nem tampouco a todo sentimento contrário logo havemos de fugir. Convém, às vezes, refrear mesmo os bons empenhos e desejos, para que as preocupações não te distraiam o espírito; para que não dê escândalo por falta de discrição; para que, enfim, não te perturbe a resistência dos outros e desfaleças.

5. Outras vezes, ao contrário, é preciso usar de violência e rebater varonilmente os apetites dos sentidos sem atender ao que a carne quer ou não quer, mas trabalhando por sujeitá-la ao espírito, ainda que se revolte. Cumpre castigá-la e curvá-la à sujeição, a tal ponto, que esteja disposta para tudo, sabendo contentar-se com pouco e deleitar-se com a simplicidade, sem resmungar por qualquer incômodo.

Reflexões

Quando fores coagida pelo desejo de ser libertada de algum mal ou de conseguir algum bem, antes de tudo coloca teu espírito em repouso e tranquilidade, faz sossegar teu julgamento e tua vontade. Depois, com toda suavidade e moderação, procura uma saída para teu desejo, tomando por ordem os meios que serão convenientes. E quando digo com toda suavidade, não quero dizer com negligência, mas sem pressa, perturbação e inquietação; de outra forma, em vez de efetivar teu desejo, estragarás tudo e ficarás muito mais embaraçada ainda...

Não deves permitir que teus desejos, por pequenos que sejam e de pouca importância, te inquietem, porque, depois dos pequenos, os grandes e de mais importância encontrarão teu coração mais disposto à perturbação e desregramento. Quando sentires chegar a inquietação, recomenda-te a Deus e decide não fazer absolutamente nada daquilo que teu desejo requer, até que a inquietação passe totalmente, a não ser que se trate de algo que não pode ser adiado; deves, então, com um suave e tranquilo esforço, deter a corrente de teu desejo, amenizando-o, acalmando-o e moderando-o, tanto quanto for possível, e sobre esta situação agir, não segundo o teu desejo, mas segundo a razão (*Introduction à la vie dévote*, parte IV, cap. XI, I, 248 e 249).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que fizestes correr de vossas chagas a fonte de vossas graças, fazei que vosso sangue sagrado me fortaleça contra os maus desejos, e me seja um remédio salutar para todos os meus pecados. Amém (*Opusc.*, III, 229).

Capítulo 12

Da escola da paciência e luta contra as concupiscências

1. *A alma*: Deus e Senhor meu, pelo que vejo, a paciência me é muito necessária; pois são muitas as contrariedades desta vida. Por mais que se procure a paz, não há viver sem combate e sofrimento.

2. *Jesus*: Assim é, filho, e não quero que busques uma paz isenta de tentações e contrariedades, mas que julgues ter achado a paz, ainda quando fores molestado de muitas atribulações e provado em muitas contrariedades. Se dizes que não podes sofrer tanta coisa, como suportarás, então, o purgatório? De dois males sempre se deve escolher o menor. Para escapar dos suplícios futuros, trata de sofrer com paciência os males presentes, por amor de Deus. Julgas, acaso, que nada ou pouco sofrem os homens do mundo? Tal não encontrarás, nem entre os mais regalados.

3. Dirás, talvez, que eles têm muitos deleites e seguem a sua própria vontade, e por isso pouco lhes pesa a tribulação.

4. Seja embora assim, e tenham eles quanto desejam, mas quanto tempo achas que há de durar isso: *Eis, qual fumo se desvanecerão os abastados do século*, nem lembrança restará de seus prazeres passados. E mesmo, enquanto vivem, não os fruem sem amargura, tédio e temor. Porquanto do próprio objeto de seus deleites muitas vezes lhes vem a dor que os castiga. E é justo que assim lhes suceda que encontrem amargura e confusão nos gozos que buscam e perseguem desordenadamente.

5. E quão breves, quão falsos, quão desordenados e torpes são todos os deleites do mundo! Mas os homens, na embriaguez e cegueira do espírito, não o compreendem; antes, como irracionais, por um diminuto prazer, nesta vida corruptível, dão a morte à sua alma. Tu, pois, filho, *não sigas teus apetites, renuncia à própria vontade* (Eccl 18,30); *deleita-te no Senhor, e ele te dará o que teu coração anela* (Sl 36,4).

6. Pois, se queres verdadeiras delícias e receber de mim consolação abundante, despreza todas as coisas mundanas e renuncia a todos os prazeres inferiores, e por recompensa terás copiosa consolação. Quanto mais te apartares do prazer que encontras nas criaturas, tanto mais suaves e eficazes consolações em mim acharás. Não o conseguirás, a princípio, sem alguma tristeza e trabalho na peleja; opor-se-á o costume inveterado, mas será vencido por outro melhor. Revoltar-se-á a carne, mas o fervor de espírito lhe porá freio. Perseguir-te-á a serpente antiga e te molestará, mas tu a afugentarás com a

oração e, com o trabalho proveitoso, lhe trancarás a principal entrada.

Reflexões

Preciais de paciência para fazer a vontade de Deus e alcançar os bens prometidos, diz o Apóstolo (Hb 10,36): sim, porque, como havia dito o Salvador, *em vossa paciência, possuireis vossas almas* (Lc 21,19). A grande felicidade do ser humano, Filoteia, é possuir sua alma. E à medida que a paciência é mais perfeita, possuímos mais perfeitamente nossas almas. Devemos, portanto, aperfeiçoar-nos nesta virtude. Lembra-te muitas vezes que Nosso Senhor nos salvou sofrendo e suportando com paciência, e que assim também nós devemos operar nossa salvação pelos sofrimentos e aflições, suportando as injúrias, contradições e pesares com a maior paciência que nos é possível.

Não deves de forma alguma limitar tua paciência a este ou aquele tipo de injúrias ou aflições, mas estendê-la universalmente a todas que Deus te enviar e permitir que te atinjam. Há pessoas que não querem sofrer, senão as tribulações que são honráveis, como, por exemplo, sofrer ferimentos na guerra, ser prisioneiros de guerra, sofrer maus- tratos pela religião, empobrecer por causa de alguma querela na qual eles se tornaram mestres: todos estes não amam a tribulação, mas a honra que ela lhes traz. O verdadeiro paciente e servo de Deus suporta igualmente as tribulações ligadas à ignomínia e as que são honráveis. Ser desprezado, censurado e acusado pelos maus, isto não passa de moleza para um homem de coragem; mas ser repreendido, acusado e maltratado pelas pessoas de bem, pelos amigos ou pelos pais, aí é que são elas... E acontece com muita frequência que dois homens de bem, ambos com boa intenção sobre a diversidade de suas opiniões, se fazem grandes perseguições e contradições um ou outro (*Introduction à la vie dévote*, Parte III, cap. III, I, 102 e 103).

Oração

Ó santíssima e bem-aventurada Rainha, que estais no mais alto do paraíso de felicidade, tende piedade de nós que estamos no deserto de miséria; vós estais na abundância das delícias e nós estamos no abismo das desolações; impetrai-nos a força de suportar bem todas as nossas aflições e que possamos sempre contar com o apoio de vosso Bem-amado, único suporte de nossas esperanças, única recompensa de nossos trabalhos, único remédio de nossos males (*1^o sermon pour le jour de l'Assomption*, V, 221).

Capítulo 13

Da obediência e humilde sujeição, a exemplo de Jesus Cristo

1. Filho, quem procura subtrair-te à obediência aparta-se também da graça; e quem procura favores particulares perde os comuns. Aquele que não se sujeita

pronta e de boa mente a seu superior, mostra que sua carne não lhe obedece ainda prontamente, mas muitas vezes se revolta e resmunga. Aprende, pois, a sujeitar-te prontamente a teu superior, se queres subjugar a própria carne, porque facilmente se vence o inimigo exterior quando o homem interior não está assolado. Pior inimigo e mais perigoso não tem a alma, que tu mesmo, quando não obedeces ao espírito. Se queres vencer a carne e o sangue, deves compenetrar-te do sincero e absoluto desprezo de ti mesmo. Mas porque ainda te amas desordenadamente, por isso te repugna sujeitar-te de todo à vontade dos outros.

2. Ora, que muito é que tu, que és pó e nada, te sujeites a um homem, por amor de Deus, quando eu, o Todo-poderoso e Altíssimo, que criei do nada todas as coisas, me sujeitei humilde ao homem, por amor de ti? Fiz-me o mais humilde e o último de todos para que venças, com a minha humildade, a tua soberba. Aprende, pó, a obedecer; aprende, terra e limo, a humilhar-te e curvar-te aos pés de todos. Aprende a quebrantar tua vontade e a submeter-te a todos em tudo.

3. Indigna-te contra ti mesmo; não toleres em ti desvanecimento algum; mas torna-te tão humilde e submisso, que todos te possam pisar e calcar aos pés, qual lama da rua. Em que podes, vil pecador, contradizer os que te repreendem, tu, que ofendeste a Deus tantas vezes e tantas vezes mereceste o inferno? Pouparam-te, porém, meus olhos, porque tua alma é preciosa diante de mim, para que conheças meu amor e te conserves grato aos meus benefícios; para que te dê continuamente à verdadeira sujeição e humildade, sofrendo com paciência o desprezo dos outros.

Reflexões

O grande apóstolo São Paulo, querendo fazer-nos entender de alguma forma o amor de Nosso Senhor por esta virtude da humildade, diz que *ele se humilhou até a morte, e morte na cruz* (Fl 2,8). Isto quer dizer: Meu Senhor e meu Mestre não se humilhou somente por um tempo ou por alguma ação particular, mas até a morte, isto é, desde o instante de sua concepção até o último momento de sua vida; e para mostrar-nos a grandeza desta humildade de Nosso Senhor, *ele se humilhou*, diz ele, *até a morte, e morte na cruz*, que era a morte mais ignominiosa, mais infame e mais abjeta do que qualquer outro gênero de morte. Nesta morte ele quis ensinar-nos que não devemos contentar-nos em praticar a humildade em algumas ações particulares, e somente por um tempo, mas sempre e em todas as ocasiões; e não somente até a morte, mas até a morte na cruz, isto é, até a total mortificação de nós mesmos, humilhando o amor de nossa própria estima, e a estima de nosso próprio amor; porque não devemos iludir-nos com a prática de uma certa aparência de humildade, de atitude e de palavras, que consiste em dizer que não somos nada mais do que a própria imperfeição, e fazer uma quantidade de reverências e humilhações externas, e coisas semelhantes que pouco têm a ver com a humildade, a qual, para ser verdadeira, faz-nos reconhecer-nos e manter-nos como verdadeiros nada

não merecem viver e nos torna flexíveis, tolerantes e submissos uns aos outros (*Sermon pour le jour de la Purification*, IV, 136).

Oração

Senhor..., eu vos dou infinita graça e bênção..., pedindo-vos... um verdadeiro desprezo de mim mesmo e das honras do mundo, e uma obediência cega a meus superiores, por amor de vós, em tudo que não vos ofenda (*Opusc.*, III, 125).

Capítulo 14

Que se devem considerar os altos juízos de Deus, para não nos desvanecermos na prosperidade

1. Trovejem sobre mim, Senhor, vossos juízos, temem e tremem meus ossos abalados e minha alma fica de todo espavorida. Estou assombrado ao considerar que nem os céus são puros à vossa vista. Se nos anjos achastes maldade e não lhes perdoastes, que será de mim? Caíram as estrelas do céu, e eu, pó, de que hei de presumir? Aqueles cujas obras pareciam louváveis precipitaram-se no abismo, e vi os que comiam o pão dos anjos deleitarem-se com o alimento dos animais imundos.

2. Não há, pois, santidade, Senhor, se retirais vossa mão. Não há sabedoria que aproveite, se deixais de a governar. Não há fortaleza que valha, se deixais de a conservar. Não há castidade segura, se deixais de a defender. Não é proveitosa a própria vigilância, se falta vossa santa guarda. Desamparados, afundamos logo e perecemos, mas visitados por vós nos reerguemos e vivemos. Somos, com efeito, inconstantes, mas por vós somos confirmados; somos tíbios, mas vós nos afervorais.

3. Oh! quão humilde e baixo conceito devo formar de mim próprio! Em quão pouca conta devo ter o bem que possa haver em mim! Quão profunda deve ser a minha submissão a vossos insondáveis juízos, Senhor, se outra coisa não sou que nada e puro nada! Ó peso imenso! Ó pélagos insondáveis, onde não acho outra coisa em mim senão um puro nada! Onde se refugiará, pois, a minha soberba? Onde a presunção de alguma virtude? Sumiu-se toda vanglória na profundidade dos vossos juízos.

4. Que é toda carne em vossa presença? Porventura gloriar-se-á o barro contra quem o formou? Como se pode desvanecer com vãos louvores aquele cujo coração está deveras sujeito a Deus? Nem o mundo todo é capaz de ensoberbecer aquele a que a Verdade subjugou. Nem os louvores de todos os lisonjeiros poderão mover aquele em que Deus põe toda a sua esperança. Porque todos que falam não são nada, e se esvaecem como som das palavras; ao passo que *a verdade do Senhor permanece para sempre* (Sl 116,2).

Reflexões

Ó Deus, como são horríveis e perigosas as quedas dos que estão no alto da montanha! Porque desde que se começa a cair, rola-se até chegar ao fundo do precipício. Assim foram as quedas daqueles que, depois de terem recebido grandes graças, decaíram no serviço de Deus. Coisa estranha que alguém, depois de um começo tão bom, depois de ter permanecido trinta ou quarenta anos a serviço de sua divina Majestade, já na velhice, quando seria o tempo de colher o fruto de seu trabalho, chega a perder tudo, a precipitar-se no abismo da desgraça, como aconteceu com Salomão, da salvação do qual duvidam os Padres da Igreja, e de muitos outros que também abandonaram o bom caminho em sua velhice. *Como é terrível cair nas mãos do Deus vivo!* (Hb 10,31). Como são imperscrutáveis seus juízos! *Aquele que acredita estar em pé, cuide de não cair*, diz o Apóstolo, *e que ninguém se glorie de ter sido chamado por Deus, nem de estar em algum lugar onde parece não ter nada a temer* (Rm 11,20; 1Cor 10,12). Que ninguém se vanglorie de suas boas obras e pense que nada tem a temer, pois São Pedro, que havia recebido tantas graças de Nosso Senhor, e lhe havia prometido acompanhá-lo na prisão e até a morte, o negou ao mínimo assobio de uma criada; e Judas por uma soma tão irrisória de dinheiro, o vendeu (*1^{er} sermon pour le vendredi saint*, IV, 435).

Oração

Senhor, eis um pintinho que acaba de sair da casca do ovo sob as asas de vossa graça: se ele se afastar da sombra de sua mãe, o milhafre o roubará. Fazei, pois, que ele viva à mercê e ao abrigo da graça que o produziu (*76^e lettre spirit.*, XII, 131).

Capítulo 15

Como se deve haver e falar cada um em seus desejos

1. *Jesus*: Filho, diz assim em todas as coisas: Senhor, se for do vosso agrado, faça-se isto assim. Senhor, se for para vossa honra, suceda isto em vosso nome. Senhor, se vos parecer que me é proveitosa e útil tal coisa, concedei-ma para que dela use para vossa glória; mas, se conheceis que me seria nociva e sem proveito para minha salvação, tirai-me tal desejo; porque nem todo desejo procede do Espírito Santo, ainda que nos pareça bom e justo. É dificultoso discernir se se move espírito bom ou mau, a desejar isto ou aquilo, ou se se move tua própria vontade. Muitos se acharam no fim enganados, que a princípio pareciam animados de bom espírito.

2. Qualquer coisa, pois, que se te afigura desejável, debes sempre desejá-la e pedir com temor de Deus e humildade de coração, particularmente encomendar-me tudo com sincera resignação, dizendo: Vós sabeis, Senhor, o

que é melhor; faça-se isto ou aquilo, conforme vossa vontade. Dai-me o que quiserdes, quanto e quando quiserdes. Disponde de mim como entendeis, como mais vos agradar e para maior glória vossa. Ponde-me onde quiserdes e disponde de mim livremente em tudo; estou em vossas mãos, virai-me e revirai-me segundo vos parecer. Eis aqui vosso servo, pronto para tudo; pois não desejo viver para mim, mas para vós; oxalá com dignidade e perfeição.

Oração para cumprir a vontade de Deus

3. Concedei-me, benigníssimo Jesus, que a vossa graça esteja comigo, comigo trabalhe e persevere comigo até ao fim. Dai-me que deseje e queira sempre o que mais vos for aceito e agradável. Vossa vontade seja a minha, e a minha acompanhe sempre a vossa e se conforme em tudo com ela. Tenha eu convosco o mesmo querer e não querer, de modo que não possa querer ou não querer, senão o que vós quereis ou não quereis.

4. Fazei que eu morra a tudo que é do mundo, e que deseje ser desprezado e esquecido neste século, por vosso amor. Dai-me que descanse em vós acima de todos os bens desejáveis, e repouse em vós o meu coração. Vós sois a verdadeira paz do coração e seu único descanso; fora de vós tudo é inquietação e desassossego. *Nesta paz verdadeira*, que sois vós, sumo e eterno bem, quero *dormir e descansar*. Amém.

Reflexões

Procura dizer com Nosso Senhor, indiferentemente em todas as coisas: *Meu Deus, entrego meu espírito*, absolutamente e sem reserva, *em vossas mãos*. Quereis que eu esteja em secura ou em consolação? que seja contrariada, que tenha repugnâncias e dificuldades? que eu seja amada ou não? que obedeça nisto e naquilo, em coisa grande ou pequena, fácil ou difícil? Nada disto importa, entrego meu espírito em vossas mãos. Quereis que eu me dedique às ações da vida ativa ou contemplativa? Entrego meu espírito em vossas mãos. Que aqueles que se dedicam às ações da vida ativa não desejem sair dela para abraçar a vida contemplativa, até que Deus o ordene. E que aqueles que contemplam não abandonem a contemplação até que Deus o ordene. Que nos calemos quando for preciso, e que falemos quando for tempo de falar. E, se fizermos isto, poderemos dizer na hora de nossa morte, como nosso caro Mestre: *Meu Deus, tudo está consumado!* Cumpri tudo conforme vossa vontade divina em todos os acontecimentos que ordenastes. O que me resta nesta hora senão entregar meu espírito em vossas mãos, no fim e declínio de minha vida, como o entreguei no começo e no meio dela? (*1^{er} sermon pour le vendredi saint*, IV, 453).

1. Tudo que posso desejar ou procurar para meu consolo não o espero nesta vida, mas na futura, porque ainda que eu tivesse todas as consolações do mundo e pudesse fruir todas as suas delícias, certo é que não poderiam durar muito tempo. Portanto, considera, ó minha alma, que não poderás achar consolo pleno e alegria perfeita senão em Deus, que consola os pobres e agasalha os humildes. Espera um pouco, ó minha alma, espera a divina promessa, e no céu terás todos os bens em abundância. Se desordenadamente desejares os bens presentes, perderás os eternos e celestes. Usa das coisas temporais, mas deseja as eternas. Não te pode satisfazer bem algum temporal, porque não foste criada para gozá-los.

2. Ainda que possuísses todos os bens criados, não poderias ser feliz e estar contente, porque só em Deus, criador de tudo, consiste tua bem-aventurança e felicidade; não qual a entendem e louvam os amadores do mundo, mas como a esperam os bons servos de Cristo, e às vezes antegozam as pessoas espirituais e limpas de coração, *cujas conversação está nos céus* (Fl 3,20). Curto e vão é todo consolo humano; bendita e verdadeira a consolação que a verdade nos comunica interiormente. O homem devoto em toda parte traz consigo seu consolador, Jesus, e lhe diz: Assisti-me, Senhor Jesus, em todo lugar e tempo. Seja, pois, esta a minha consolação: o carecer voluntariamente de toda consolação humana. E se me faltar também vosso consolo, seja para mim vossa vontade, que justamente me experimenta, a suprema consolação. Porque *não dura sempre a vossa ira, nem nos ameaçais eternamente* (Sl 102,9).

Reflexões

Se quiseses, toma todos os grandes da terra e considera suas condições, umas depois das outras e verás que eles nunca estão perfeitamente satisfeitos, porque, se são ricos e alcançaram os mais altos escalões da dignidade do mundo, sempre desejam mais...

Não acharíamos que é bem louco e pouco ajuizado um comerciante que se esforçasse extremamente para fazer um negócio do qual só tiraria prejuízo?

Portanto, aqueles que sabem com certeza, pois têm seu entendimento esclarecido com a luz celeste, que só Deus pode dar um verdadeiro e perfeito contentamento aos seus corações, não fazem um negócio vão e inútil, alojando em seus corações as criaturas inanimadas, ou então esses outros seres humanos como eles? Os bens terrenos, as casas, o ouro, a prata, as riquezas e até as honras e dignidades que nossa ambição nos faz perseguir e buscar tão desesperadamente, não são negócios muito vãos, uma vez que tudo isto é perecível? Não estamos muito enganados ao colocar nisto o nosso coração, visto que todas essas coisas, em vez de proporcionar-lhe repouso e quietude, não lhe fornecem senão objetos de pressa e de inquietação, seja para conservá-los ou aumentá-los, se a pessoa já os tem, ou para adquiri-los se ainda não os tem? (*Sermon pour le jour de l'Annonciation*, IV, 307 e 308).

1. *Jesus*: Filho, deixa-me fazer contigo o que quero; eu sei o que te convém. Tu pensas como homem, e julgas em muitas coisas consoante te persuade o afeto humano.

2. *A alma*: Senhor, verdade é o que dizeis. Maior é vossa solicitude por mim, que todo o cuidado que eu consigo possa ter. Está em grande perigo de cair quem não entrega a vós todos os seus cuidados. Fazei de mim, Senhor, tudo o que quiserdes, contanto que permaneça em vós, reta e firme, a minha vontade. Pois não pode deixar de ser bom tudo o que fizerdes de mim. Se quereis que esteja nas trevas, bendito sejas; e se quereis que esteja na luz, sede também bendito. Se quereis que esteja consolado, sede bendito, e se quereis que esteja tribulado, sede igualmente para sempre bendito.

3. *Jesus*: Filho, assim deves pensar, se desejas andar comigo. Tão pronto deves estar para sofrer como para gozar; para a pobreza e indigência, como para a riqueza e abundância.

4. *A alma*: Por vós, Senhor, sofrerei de bom grado tudo que quiserdes que me sobrevenha. De vossa mão quero aceitar, indiferentemente, o bem e o mal, as doçuras e as amarguras, as alegrias e as tristezas, e quero dar-vos graças por tudo que me suceder. Livrai-me de todo pecado, e não temerei nem morte nem inferno. Contanto que não me rejeiteis eternamente, não me fará mal qualquer tribulação que me sobrevenha.

Reflexões

O Salvador de nossas almas teve o uso da razão desde o instante de sua concepção..., e o glorioso São João, seu precursor, desde o dia da santa visitação. E ainda que um e outro, durante este tempo e o da infância, gozassem de sua própria liberdade para querer e não querer as coisas, talvez tenham deixado às suas mães o cuidado de fazer e de querer para eles o que convinha, no que diz respeito à sua conduta exterior.

Teótimo, devemos ser assim, tornando-nos dóceis e manejáveis ao bel-prazer divino, como se fôssemos de cera; não nos entretendo em desejar e querer as coisas, mas deixando Deus querer e fazer por nós, como lhe aprouver, *lançando sobre ele todas as nossas preocupações, porque ele cuida de nós* (1Pd 5, 7), como diz o santo apóstolo. E observa que ele diz *todas as nossas preocupações*, isto é, tanto a que temos de receber os acontecimentos como a de querer ou não querer, porque haverá preocupação com o sucesso de nossos negócios, e de querer para nós o que será o melhor.

Mas empregamos afetuosamente nossa preocupação em bendizer a Deus por tudo que ele fará, a exemplo de Jó, que dizia: *O Senhor o deu, o Senhor o tirou; bendito seja o nome do Senhor* (Jó 1,21). Não, Senhor, não quero nenhum

evento, porque deixo todos a vós para querê-los por mim como vos aprouver. Mas em vez de querer os acontecimentos, eu vos bendirei por tê-los querido por mim. Ó Teótimo, como é excelente esta ocupação de nossa vontade, quando ela cede a preocupação de querer e escolher os efeitos do bel-prazer divino, para louvar e agradecer este bel-prazer por tais efeitos! (*Amour de Dieu*, 1. IX, cap. XIV, II, 289).

Capítulo 18

Como, a exemplo de Cristo, se não de sofrer com igualdade de ânimo as misérias temporais

1. *Jesus*: Filho, desci do céu para tua salvação; tomei tuas misérias, não levado pela necessidade, mas pelo amor, para ensinar-te a paciência e a suportar com resignação as misérias temporais. Porque, desde a hora do meu nascimento até à morte na cruz, nunca estive um instante sem sofrer. Padei grande penúria dos bens terrestres: ouvi muitas vezes grandes queixas de mim: sofri com brandura injúrias e opróbrios; recebi, pelos benefícios, ingratidões; pelos milagres, blasfêmias; pela doutrina; repreensões.

2. *A alma*: Senhor, já que fostes tão paciente em vossa vida, cumprindo nisso principalmente a vontade de vosso Pai, justo é que eu, mísero pecador, me sofra a mim com paciência, conforme quereis, e suporte por minha salvação o fardo desta vida corruptível. Porque, se bem que a vida presente seja pesada, torna-se, contudo, com a vossa graça, muito meritória e, com vosso exemplo e o de vossos santos, mais tolerável e leve para os fracos. É também muito mais consolada do que outrora, na lei antiga, quando a porta do céu estava fechada, e o caminho do céu parecia mais escuro, e bem poucos tratavam de buscar o reino dos céus. Nem os justos sequer e predestinados podiam entrar no reino celeste antes da vossa paixão e resgate da vossa sagrada morte.

3. Oh! quantas graças vos devo render, por vos terdes dignado mostrar a mim e a todos os fiéis o caminho direito e seguro para vosso reino eterno! Porque vossa vida é o nosso caminho e pela santa paciência caminhamos para vós, que sois nossa coroa. Sem vosso exemplo e ensino, quem cuidaria de vos seguir? Ah! quantos ficariam atrás, bem longe, se não vissem vossos luminosos exemplos! E se ainda andamos tífios, com tantos prodígios e ensinamentos, que seria se não tivéssemos tantas luzes para vos seguir?

Reflexões

Quando estiveres doente, oferece todas as tuas dores, penas e languidez a serviço de Nosso Senhor, suplicando-lhe que os associe aos tormentos que ele sofreu por ti. Obedece ao médico, toma os remédios, carnes e outros alimentos prescritos, por amor de Deus, lembrando-te do fel que ele bebeu por amor de nós. Deseja curar-te para prestar-lhe serviço; não recuses absolutamente

languescer para lhe obedecer, e dispõe-te a morrer, se assim lhe aprouver, para louvá-lo e gozar de sua presença... Contempla muitas vezes com os olhos interiores Jesus Cristo crucificado, nu, blasfemado, caluniado, abandonado, e enfim oprimido de todo tipo de contrariedades, de tristeza e de trabalhos, e considera que todos os teus sofrimentos não são de forma nenhuma comparáveis aos dele, nem em qualidade nem em quantidade, e que jamais sofrerás nada por ele, pelo preço do que ele sofreu por ti.

Considera as penas que os mártires sofreram outrora, e as que tantas pessoas suportam hoje, penas mais prejudiciais, sem nenhuma proporção com as que sofres, e diz: Meu Deus, meus trabalhos são consolações e minhas penas rosas, em comparação com aqueles que, sem socorro, sem assistência e sem alívio, vivem numa morte contínua, oprimidos de aflições infinitamente maiores (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. III, I. 106).

Capítulo 19

Do sofrimento das injúrias e quem é provado verdadeiro paciente

1. *Jesus*: Filho, que é o que estás dizendo? Deixa de te queixar, em vista da minha paixão e dos sofrimentos dos santos. Ainda não tens resistido até derramar sangue. Pouco é o que sofres em comparação ao muito que padeceram eles em tão fortes tentações, tão graves tribulações, tão várias provações e angústias. Convém, pois, que te lembres dos graves trabalhos dos outros, para que mais facilmente sofras os teus, que são mais leves. E se te não parecem tão leves, olha, não venha isso de tua impaciência. Contudo, sejam graves ou leves, procura levá-los todos com paciência.

2. Quanto melhor te dispões para padecer, tanto mais paciente serás em tuas ações e maiores merecimentos ganharás; com a resignação e a prática torna-se também mais suave o sofrimento. Não digas: não posso sofrer isto daquele homem, nem estou para aturar tais coisas, pois me fez grave injúria e me acusa de coisas que jamais imaginei; de outros sofreria facilmente, quanto julgasse que devia sofrer. Insensato é semelhante pensar, pois não considera a virtude da paciência nem olha àquele que há de coroá-la, mas só atende às pessoas e às ofensas recebidas.

3. Não é verdadeiro sofredor quem só quer sofrer quanto lhe parece e de quem lhe apraz. O verdadeiro paciente também não repara em quem exercita a paciência; se é seu superior, ou igual, ou inferior, se é homem bom e santo, ou mau e perverso. Mas, sem diferença de pessoa, sempre que lhe sucede qualquer adversidade, aceita-a gratamente da mão de Deus e a considera um grande lucro para sua alma. Porque aos olhos de Deus qualquer coisa, por insignificante que seja, que soframos por amor dele, terá seu merecimento.

4. Aparelha-te, pois, para o combate, se queres a vitória. Sem peleja não podes chegar à coroa da vitória. Se não queres sofrer, renuncia à coroa; mas, se

desejas ser coroado, luta varonilmente e sofre com paciência. Sem trabalho não se consegue o descanso e sem combate não se alcança a vitória.

5. *A alma*: Tornai-me, Senhor, possível, pela graça, o que me parece impossível pela natureza. Vós bem sabeis quão pouco sei sofrer, e que logo fico desanimado com a menor contrariedade. Tornai-me amável e desejável qualquer prova e aflição, por vosso amor, porque o padecer e penar por vós é muito proveitoso à minha alma.

Reflexões

Sê paciente, não somente para o mais penoso e principal das aflições que te sobrevêm, mas ainda para os complementos e acidentes que as acompanham. Muitas pessoas desejariam muito sofrer um mal, mas com a condição de não serem incomodadas. Eu não ficaria aborrecida se me tornasse pobre, diz uma, se isto não me impedisse de servir meus amigos, criar e educar meus filhos, e viver honradamente, como desejaria. E a outra dirá: eu não me preocuparia, se o mundo não pensasse que isto me aconteceu por minha culpa. A outra aceitaria facilmente que fosse difamada e o sofreria com muita paciência, contanto que ninguém acreditasse no difamador. Há ainda outras que querem muito sofrer algum incômodo do mal, como lhes parece, mas não um incômodo total: não ficam impacientes, dizem, por estar doentes, mas porque não têm dinheiro para tratar-se ou porque vão importunar os que estão próximos.

Mas eu te digo, Filoteia, que é preciso ter paciência, não só por estar doente, mas por estar com a doença que Deus quer, e não com aquela que a gente quer e entre as pessoas que queremos estar. E assim deve ser com as outras tribulações. Quando te acontecer um mal, trata de tomar os remédios que serão possíveis, como Deus quer, porque de outra maneira seria tentar sua divina Majestade. Mas, depois de teres feito isto, debes também esperar, com inteira resignação, o efeito que Deus permitirá. Se lhe aprouver que os remédios vençam o mal, cabe-te agradecer-lhe com humildade; mas se lhe aprouver que os remédios não façam efeito, debes também bendizê-lo com paciência (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. III, I, 103).

Capítulo 20

Da confissão da própria fraqueza, e das misérias desta vida

1. *A alma*: *Confesso contra mim mesmo minha maldade* (Sl 31,5), confesso, Senhor, minha fraqueza. Muitas vezes a menor coisa basta para me abater e entristecer. Proponho agir valorosamente, mas, assim que me sobrevém uma pequena tentação, vejo-me em grandes apuros. Às vezes é de uma coisa mesquinha que me vem grave aflição. E quando me julgo algum tempo seguro, vejo-me, não raro, vencido por um sopro, quando menos o penso.

2. Olhai, pois, Senhor, para esta minha baixeza e fragilidade, que conheceis

perfeitamente. Compadecei-vos de mim e *tirai-me da lama, para que não fique atolado* (Sl 68,18) e arruinado para sempre. É isto que a miúdo me atormenta e confunde em vossa presença: o ser eu tão inclinado a cair, e tão fraco a resistir às paixões. E embora não me levem ao pleno consentimento, muito me molesta e afligem seus assaltos, e muito me enfastia o viver sempre nesta peleja. Nisto conheço minha fraqueza, que mais depressa me vem do que se vão essas abomináveis fantasias da imaginação.

3. Ó poderosíssimo Deus de Israel, zelador das almas fiéis, olhai para os trabalhos e dores de vosso servo, e assisti-lhe em todos os seus empreendimentos! Confortai-me com a força celestial, para que não me vença e domine o homem velho, a mísera carne, ainda não inteiramente sujeita ao espírito, contra a qual será necessário pelejar enquanto estiver nesta miserável vida. Ai! que vida é esta, em que nunca faltam as tribulações e misérias, em que tudo está cheio de inimigos e ciladas! Porque mal acaba uma tribulação ou tentação, outra já se aproxima, e, até antes de acabar um combate, muitos outros já sobrevêm, e inesperados.

4. E como se pode amar uma vida cheia de tantas amarguras, sujeita a tantas calamidades e misérias? Como se pode chamar vida o que gera tantas mortes e desgraças? E, não obstante, muitos amam e procuram nela deleitar-se. Muitos acoimam o mundo de enganador e vão, e ainda assim lhes custa deixá-lo, porque se deixam dominar pelos apetites da carne. Muitas coisas nos inclinam a amar o mundo, outras a desprezá-lo. Fazem amar o mundo a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida; mas as penas e as misérias que estas coisas se seguem geram o ódio e aborrecimento do mundo.

5. Infelizmente, o vil deleite vence a alma mundana, *que julga delícia o estar em meio dos espinhos* (Jó 30,7), porque nunca viu nem provou a doçura de Deus, nem a intrínseca suavidade da virtude. Mas aqueles que perfeitamente desprezam o mundo e procuram viver para Deus, em santa disciplina, experimentam a doçura divina, prometida aos verdadeiros abnegados, e mais claramente conhecem os erros grosseiros do mundo e seus vários enganos.

Reflexões

Todos os grandes santos, como Jó, Davi e os outros, começavam todas as suas orações pela confissão de sua miséria e indignidade, de sorte que é uma coisa muito boa reconhecer-se pobre, vil e abjeto, e indigno de comparecer na presença de Deus. Este célebre dito entre os antigos, *conhece-te a ti mesmo*, ainda que se estenda ao conhecimento da grandeza e excelência da alma, para não aviltá-la nem profaná-la absolutamente em coisas indignas de sua nobreza, estende-se também ao conhecimento de nossa indignidade, imperfeição e miséria. E isto mais ainda porque, quanto mais nos conhecermos miseráveis, tanto mais confiaremos na bondade e misericórdia de Deus, porque entre a misericórdia e a miséria há uma certa ligação tão grande que uma não pode

exercer-se sem a outra... Quanto mais nos conhecemos miseráveis, tanto mais ocasião temos de confiar em Deus, uma vez que não temos nada em nós mesmos em que podemos confiar (*II^e Entretien*, III, 283 e 284).

Capítulo 21

Como se deve descansar em Deus sobre todos os bens e dons

1. *A alma*: Ó minha alma, em tudo e acima de tudo descansa sempre no Senhor, porque Ele é o eterno repouso dos santos. Dai-me, ó dulcíssimo e amantíssimo Jesus, que eu descanse em vós mais que em toda criatura; mais que na saúde e formosura; mais que na glória e honra, no poder e dignidade; mais que em toda ciência e sutileza; mais que em todas as riquezas e artes; mais que na alegria e no divertimento; mais que na fama e no louvor; mais que nas doçuras e consolações, esperanças e promessas, desejos e méritos; mais que em todos os dons e dádivas que me podeis dar e infundir; mais que em todo gozo e alegria que minha alma possa experimentar e sentir; finalmente, mais que nos anjos e arcanjos e todo o exército celeste; acima de todo o visível e invisível, acima, enfim, de tudo aquilo que vós, meu Deus, não sois.

2. Porquanto vós, meu Deus, sois bom *acima de todas as coisas*. Só vós sois *altíssimo*, só vós poderosíssimo, só vós suficientíssimo e pleníssimo, só vós suavíssimo e verdadeiro consolador, só vós formosíssimo e amantíssimo, só vós nobilíssimo e gloriosíssimo sobre todas as coisas, em quem se olham, a um tempo e plenamente, todos os bens passados, presentes e futuros. Por isso é mesquinho e insuficiente tudo quanto fora de vós mesmo me dais, revelais ou prometeis, enquanto vos não vejo e possuo inteiramente; porque meu coração não pode descansar verdadeiramente, nem estar totalmente satisfeito a não ser em vós, acima de todos os dons e de todas as criaturas.

3. Ó meu Jesus, esposo diletíssimo, amante puríssimo, senhor absoluto de toda a criação, quem me dera as asas da verdadeira liberdade para voar e repousar em vós! Oh! quando me será concedido ocupar-me totalmente de vós e experimentar vossa doçura, Senhor meu Deus! Quando estarei tão perfeitamente recolhido em vós, que não me sinta a mim mesmo por vosso amor, mas só a vós, acima de toda sensação e medida, que nem todos conhecem! Agora, porém, não cesso de gemer, e levo, cheio de dor, o peso de minha infelicidade; pois neste vale de lágrimas sucedem tantos males, que muitas vezes me perturbam, entristecem e anuviam a alma; outras vezes me embarçam, distraem, atraem e emaranham, para me impossibilitar vosso acesso e me privar das doces carícias, que gozam sempre os espíritos bem-aventurados! Deixai-vos enternecer por meus suspiros e tantas amarguras que padeço nesta terra.

4. Ó Jesus, esplendor da eterna glória, consolo da alma desterrada, diante de vós emudece minha boca e meu silêncio vos fala: Até quando tardará a vir o

meu Senhor? Venha a este seu servo pobrezinho trazer-lhe alegria; estenda-lhe a mão e livre este miserável de toda angústia. Vinde, vinde, porque sem vós não posso ter nem um dia, nem uma hora feliz, pois vós sois minha alegria, e sem vós está vazio meu coração. Miserável sou, como que preso e carregado de grilhões, enquanto me não recreeis com a luz de vossa presença e me deis a liberdade, mostrando-me benigno semblante.

5. Busquem outros o que quiserem em lugar de vós, a mim nenhuma coisa me há de agradar jamais, senão vós, meu Deus, minha esperança e salvação eterna. Não calarei, nem cessarei de orar, até que volte vossa graça, e vós me faleis no interior.

6. *Jesus*: Aqui me tens, venho a ti, porque me chamaste. Moveram-me tuas lágrimas e os desejos de tua alma; a humildade e a contrição do teu coração me trouxeram a ti.

7. *A alma*: Eu disse: Chamei-vos, Senhor, e desejei gozar-vos, disposto a desprezar tudo por vosso amor, que vós primeiro me inspirastes buscar-vos. Sede, pois, bendito, Senhor, pela bondade que usais para com vosso servo, segundo vossa infinita misericórdia. Que mais pode fazer vosso servo em vossa presença, senão humilhar-se profundamente diante de vós, e lembrar-se sempre de sua maldade e vileza? Pois nada há semelhante a vós, entre todas as maravilhas do céu e da terra. Vossas obras são perfeitíssimas, vossos juízos verdadeiros, e vossa providência governa todas as coisas. Louvor e glória, pois, a vós, ó Sabedoria do Pai, minha boca vos louva e minha alma vos engrandece, juntamente com todas as criaturas.

Reflexões

Observa este mercador do Evangelho que busca pérolas. Quando encontra uma de grande valor e excelência, vai e vende tudo o que tem para comprá-la. Assim agem todos os seres humanos: cada um busca a sorte e a felicidade. Mas nenhum a encontra senão aquele que encontra esta pérola preciosa do puro amor de Deus e, tendo-a encontrado, vende tudo o que tem para adquiri-la. É verdade que o ser humano foi criado para gozar a felicidade, e a felicidade tem tanta relação e conformidade com o coração do ser humano que ele não pode encontrar repouso a não ser possuindo-a. Mas a desgraça é que os seres humanos colocam sua felicidade cada um no que ama: uns na volúpia, outros nas riquezas, e outros ainda nas honras e dignidades. Mas eles se enganam, porque tudo isto não é absolutamente capaz de saciar e contentar seu coração.

São Bernardo diz isto muito bem: *Tua alma, ó homem, é tão grande que nenhuma coisa pode enchê-la nem satisfazê-la, senão Deus (II^o sermon de la Dédicace)*. Podemos ver a experiência disto em Alexandre o Grande, o qual, depois de ter subjugado quase toda a terra a seu império, mesmo assim não ficou contente; pois um certo filósofo tendo-o feito acreditar que ainda havia outros mundos além dos já conquistados, ele se pôs a chorar porque achava que

não podia conquistar todos. Considera, por favor: se aquele que possuiu, de um modo mais eminente que nenhum outro, os bens e as riquezas da terra, não ficou feliz, quem poderá ficar? (*Sermon pour la confession de quelques religieuses*, V, 438).

Capítulo 22

Da recordação dos inumeráveis benefícios de Deus

1. *A alma*: Abri, Senhor, meu coração à vossa lei, e ensinai-me o caminho de vossos preceitos. Fazei-me compreender a vossa vontade, e com grande reverência e diligente consideração rememorar os vossos benefícios, gerais ou particulares, para assim render-vos por eles as devidas graças. Bem sei e confesso que nem pelo menor benefício vos posso render condignos louvores e agradecimentos. Eu me reconheço inferior a todos os bens que me destes, e, quando considero vossa majestade, abate-se meu espírito com o peso de vossa grandeza.

2. Tudo o que temos, na alma e no corpo, todos os bens que possuímos, internos e externos, naturais e sobrenaturais, todos são benefícios vossos, e outras tantas provas de vossa bondade, liberalidade e munificência, que de vós todos os bens recebemos. E ainda que este receba mais e outro menos, tudo é vosso, e sem vós ninguém pode alcançar a menor coisa. E aquele que recebeu mais não pode gloriar-se de seu merecimento, nem elevar-se acima dos outros, nem desprezar o menor; porque só é maior e melhor aquele que menos atribui a si, e é mais humilde e fervoroso em vos agradecer. E quem se considera mais vil e se julga o mais indigno de todos é o mais apto para receber maiores dons.

3. O que, porém, recebeu menos não deve afligir-se, nem queixar-se, nem ter inveja do mais rico; olhará, ao contrário, para vós e louvará vossa bondade, que tão copiosa e liberalmente prodigalizais vossas dádivas, sem acepção de pessoas. De vós nos vêm todas as coisas; por todas, pois, deveis ser louvado. Vós sabeis o que é conveniente dar a cada um, e não nos pertence indagar por que este tem menos, aquele mais; só vós podeis avaliar os merecimentos de cada um.

4. Por isso, Senhor meu Deus, considero como grande benefício o não ter eu muitas coisas que trazem a glória exterior e os humanos louvores. Portanto, ninguém, à vista de sua pobreza e da vileza de sua pessoa, deve conceber, por isso, desgosto, tristeza ou desalento, senão grande alegria e consolo, porque vós, Deus meu, escolheste por vossos particulares e íntimos amigos os pobres, os humildes e os desprezados deste mundo. Testemunho disto são vossos apóstolos, a quem constituístes príncipes sobre toda a terra. Todavia, viveram neste mundo tão sem queixa, tão humildes e com tanta singeleza da alma, tão sem malícia ou dolo, que se alegravam de sofrer contumélias por vosso nome, e com grande afeto abraçavam o que o mundo aborrece.

5. Nada, pois, deve alegrar tanto aquele que vos ama e reconhece vossos benefícios, como ver executar-se a seu respeito vossa vontade e o beneplácito de vossas eternas disposições. Tanto deve com isto estar contente e satisfeito, que queira de tão boa vontade ser o menor, como outro desejaria ser o maior; e tão sossegado e contente deve estar no último como no primeiro lugar, tão satisfeito em ser desprezado e abatido, sem nome nem reputação, como se fosse o mais honrado e estimado no mundo. Porque a vossa vontade e o amor de vossa honra devem ser antepostos a tudo, e devem consolar e agradecer mais ao vosso servo, que todos os dons presentes ou futuros.

Reflexões

Um dos maiores pecados que os seres humanos cometem é a ingratidão pelas graças que receberam de Nosso Senhor. Este defeito procede na maioria das vezes da ignorância que não deixa o ser humano ver o dever que tem para com esta soberana bondade, da qual recebe tantas graças e bens. Mas quando esta ingratidão está no entendimento, ela certamente é muito má e perigosa, porque geralmente passa pela vontade e a vicia de tal forma que ela se esquece completamente do reconhecimento que deve a Deus. Isto é um grande mal, e um dos maiores impedimentos à graça que se possa ter...

Ó Deus, como esta ingratidão é um vício medonho e temível! Santo Agostinho não foi absolutamente atingido por ele, ao contrário, ele se sentia tão devedor e agradecido a este divino Salvador de nossas almas que o havia desligado dos laços de seus pecados, que se perdia e consumava no seu amor a seu soberano benfeitor e libertador; e muitas vezes, em suas meditações, este reconhecimento abrasava com tanta força seu coração que ele se fundia de amor por aquele que o havia cumulado de tão grandes misericórdias (*Sermon pour le jour de Saint Augustin*, V, 253).

Capítulo 23 *Das quatro coisas que produzem grande paz*

1. *Jesus*: Filho, vou agora ensinar-te o caminho da paz e da verdadeira liberdade.

2. *A alma*: Fazei, Senhor, o que dizeis, que muito grato me é ouvi-lo.

3. *Jesus*: Filho, trata de fazer antes a vontade alheia que a tua. Prefere sempre ter menos que mais. Busca sempre o último lugar e sujeita-te a todos. Deseja sempre e roga que se cumpra plenamente em ti a vontade de Deus. O homem que assim procede penetra na região da paz e do descanso.

4. *A alma*: Senhor, este vosso discurso é breve, mas encerra muita perfeição. Poucas são as palavras, cheias, porém, de sabedoria e de copioso fruto. Se eu as praticasse fielmente, não me deixaria perturbar com tanta facilidade. Pois,

todas as vezes que me sinto inquieto e aflito, verifico que me desviei desta doutrina. Vós, porém, que tudo podeis e desejais sempre o progresso da alma, aumentai em mim a graça, para que possa guardar vossos ensinamentos e levar a efeito minha salvação.

Oração contra os maus pensamentos

5. *Senhor, meu Deus, não vos aparteis de mim, meu Deus, dignai-vos socorrer-me* (Sl 70,13). Pois me invadem vários pensamentos, e grandes temores afligem minha alma. Como escaparei ileso, como poderei vencê-los?

6. *Diante de ti*, são palavras vossas, irei *eu e humilharei os soberbos da terra* (Is 14,1); abrir-te-ei as portas do cárcere e te revelarei mistérios recônditos.

7. Fazei, Senhor, conforme dizeis e dissipe vossa presença todos os maus pensamentos. Esta é a minha única esperança e consolação: a vós recorrer em toda tribulação, em vós confiar, invocar-vos de todo o coração e com paciência aguardar a vossa consolação.

Oração para pedir o esclarecimento do espírito

8. Iluminai-me, ó bom Jesus, com a claridade da luz interior e dissipai todas as trevas que reinam em meu coração. Refreai as dissipações nocivas e rebatei as tentações, que me fazem violência. Pelejai valorosamente por mim, e afugentai as más feras, essas traiçoeiras concupiscências, para que se faça a paz por vossa virtude, e ressoe perene louvor no templo santo, que é a consciência pura. Mandai aos ventos e às tempestades; dizei ao mar: aplaca-te, e ao tufão: não sopres; e haverá grande bonança.

9. Enviai vossa luz e vossa verdade (Sl 42,3), para que resplandeçam sobre a terra; porque sou terra vazia e estéril, enquanto não me iluminais. Derramai sobre mim vossa graça e banhai o meu coração com o orvalho celestial; abri as fontes de devoção, que reguem a face da terra, para que produza frutos bons e perfeitos. Erguei meu espírito abatido pelo peso dos pecados e dirigi meus desejos para as coisas do céu, para que, antegozando a doçura da suprema felicidade, me aborreça em pensar nas coisas da terra.

10. Desprende-me e arrancai-me de toda transitória consolação das criaturas, porque nenhuma coisa criada pode consolar-me plenamente ou satisfazer meus desejos. Uni-me convosco pelo vínculo indissolúvel do amor, porque só vós bastais a quem vos ama, e sem vós tudo o mais é vaidade.

Reflexões

O meio de adquirir esta disponibilidade para fazer a vontade do outro é fazer muitas vezes, na oração, atos de desprendimento e depois colocá-los em prática quando a ocasião se apresentar. Porque não basta despojar-se diante de Deus, pois isto se faz apenas com a imaginação e sem grande dificuldade. Mas quando

é preciso fazê-lo efetivamente e, acabando de nos doar totalmente a Deus, encontramos uma criatura que nos dá ordens, aí a coisa é bem diferente. É neste caso que é preciso mostrar nossa coragem. Esta bondade e condescendência com a vontade do próximo é uma virtude de muito valor. Ela é símbolo da oração de união, porque, como esta oração não é outra coisa senão uma renúncia de nós mesmos em Deus, quando a alma diz com toda sinceridade que não tem mais vontade senão a vontade do Senhor, então ela está totalmente unida a Deus. Da mesma forma, renunciando à nossa vontade para fazer sempre a vontade do próximo, temos então a verdadeira união com o próximo, e é preciso fazer tudo isto por amor de Deus (*X^e Entretien*, III, 399).

Permanece em paz com um singular amor à vontade e Providência divina. Permanece com nosso Salvador crucificado, plantado no meio do teu coração. Eu vi, há algum tempo, uma jovem que trazia um balde de água na cabeça, no meio do qual ela havia colocado um pedaço de pau; eu queria saber por que o fizera, e ela me disse que era para deter o movimento da água, para que ela não derramasse. Então eu lhe disse: doravante é preciso colocar a cruz no meio de nossos corações, para deter os movimentos de nossas afeições nesse madeiro e por esse madeiro, a fim de que elas não se espalhem para outro lugar, para as inquietações e perturbações de espírito (*94^e lettre spirit.*, X, 303).

Capítulo 24

Como se deve evitar a curiosa inquirição da vida alheia

1. *Jesus*: Filho, não sejas curioso, nem te preocupes com cuidados inúteis. Que tens tu com isto ou aquilo? Segue-me. Pois que te importa saber se fulano é assim ou assim ou se sicrano procede e fala deste ou daquele modo? Tu não és responsável pelos outros, mas de ti mesmo deves dar conta; por que, pois, te intrometes naquilo? Eu conheço a todos e vejo tudo que se faz debaixo do sol; sei como cada um procede, o que pensa e quer, e a que fim tende sua intenção. Deixa, pois, tudo ao meu cuidado, conserva-te em santa paz e deixa o inquieto agitar-se quanto quiser. Sobre ele recairá tudo o que fizer ou disser, porque não me pode enganar.

2. Não te preocupes da sombra dum grande nome, nem da familiaridade de muitos, nem de amizade particular dos homens. Pois tudo isso gera distrações e grande perplexidade ao coração. Eu não duvidaria falar-te e descobrir-te os meus segredos, se atento esperasses minha chegada e me abrisses a porta de teu coração. Sê cauteloso, vigia na oração, e humilha-te em todas as coisas.

Reflexões

Para ti não há senão Deus e tu neste mundo. Todo o resto não deve absolutamente dizer respeito a ti, a não ser na medida em que Deus te ordena, e

como Ele te ordena. Eu te peço, não olhes tanto para cá e para lá, mas mantém tua vista recolhida em Deus e em ti: jamais verás a Deus sem bondade nem a ti sem miséria. E verás sua bondade propícia à tua miséria, e tua miséria objeto de sua bondade e misericórdia. Não olhes portanto nada mais do que isto, quero dizer com uma visão fixa, atenta e expressa, e todo o resto só de passagem.

Por conseguinte, não fique investigando o que fazem os outros nem o que eles se tornarão, mas olha-os com um olhar simples, suave e afetuoso. Não exige neles mais perfeição do que em ti, e não te surpreendas de modo nenhum com a diversidade das imperfeições, porque a imperfeição não é mais imperfeição por ser extravagante e estranha. Faz como as abelhas, suga o mel de todas as flores e ervas (*1^{er} lettre spirit.*, X, 7).

Oração

Senhor Jesus, eu vos dou infinitas graças e bênçãos, pedindo-vos... uma perfeita caridade para com meu próximo, com uma grande prontidão e fervor, para servi-lo em todas as suas necessidades e precisões, tanto espirituais como temporais (*Opusc.*, III, 119).

Capítulo 25

Em que consiste a firme paz do coração e o verdadeiro aproveitamento

1. *Jesus*: Filho, eu disse a meus discípulos: *Eu vos deixo a paz; eu vos dou a minha paz; não vo-la dou como a dá o mundo* (Jo 14,27). Todos desejam a paz, mas nem todos buscam as coisas que produzem a verdadeira paz. A minha paz está com os humildes e mansos de coração. Na muita paciência encontrarás a tua paz. Se me ouvires e seguires a minha voz, poderás gozar grande paz.

2. *A alma*: Que hei de fazer, pois, Senhor?

3. *Jesus*: Em tudo olha bem o que fazes e dizes, e dirige toda a tua intenção só para meu agrado, sem desejar ou buscar coisa alguma fora de mim. Não julgues temerariamente das palavras e obras dos outros, nem te intrometas em coisas que não te dizem respeito; deste modo poderá ser que pouco ou raras vezes te perturbes.

4. Nunca sentir, porém, inquietação, nem sofrer moléstia alguma do corpo ou do espírito, não é próprio da vida presente, senão do estado do eterno descanso. Não julgues, pois, ter achado a verdadeira paz, se não sentires nenhuma aflição; nem que tudo está bem, se não tiveres nenhum adversário, ou tudo perfeito, se tudo correr a teu gosto. Nem penses que és grande coisa ou singularmente amado por Deus, se sentes muita devoção e doçura, porque não são estes os sinais pelos quais se conhece o verdadeiro amante da virtude, nem consiste nisso o aproveitamento e a perfeição do homem.

5. *A alma*: Em que consiste, pois, Senhor?

6. *Jesus*: Em te ofereceres de todo o teu coração à divina vontade, sem buscares o teu próprio interesse em coisa alguma, nem eterna; de sorte que com igualdade de ânimo dês graças a Deus na ventura e na desgraça, pesando tudo na mesma balança. Se fores tão forte e constante na esperança que, privado de toda consolação interior, disponhas teu coração para maiores provações, sem te justificares, como se não deveras sofrer tanto, e antes louvares a santidade e a justiça em todas as minhas disposições, então andarás no verdadeiro e reto caminho da paz e poderás ter certíssima esperança de contemplar novamente minha face com júbilo. E, se chegares ao perfeito desprezo de ti mesmo, fica sabendo que então gozarás da abundância da paz, no grau possível nesta peregrinação terrestre.

Reflexões

Nada nos perturba mais do que o amor-próprio e a estima que fazemos de nós mesmos. Se não temos a ternura ou enternecimento de coração, o gosto e sentimento na oração, a suavidade interior na meditação, caímos logo na tristeza. Se temos algumas dificuldades para sermos virtuosos, se alguma dificuldade se opõe aos nossos justos desígnios, logo nos apressamos a vencer e desfazer-nos de tudo isto com inquietude. Por que tudo isto? Porque sem dúvida amamos nossas consolações, nosso bem-estar, nossas comodidades.

O amor-próprio é portanto uma das fontes de nossas inquietações; a outra é a estima que temos por nós mesmos. Será que isto quer dizer que, se nos acontece alguma imperfeição ou cometemos algum pecado, ficamos surpresos, perturbados e impacientes?

Sem dúvida, porque pensávamos que éramos alguma coisa de bom, resolutos e sólidos, e quando vemos efetivamente que não somos nada disto, e que demos com o nariz no chão, nos enganamos e por conseguinte ficamos perturbados, ofendidos e inquietos. Que, se soubéssemos bem quem somos, em vez de ficarmos embasbacados de ver-nos no chão, ficaríamos atônitos sabendo como podemos continuar de pé. Eis aí outra fonte de nossa inquietação: nós só queremos consolações e nos admiramos ao reconhecer e tocar com o dedo nossa miséria, nosso nada e nossa imbecilidade.

Façamos três coisas... e teremos a paz. Tenhamos uma atenção bem pura de querer em todas as coisas a honra de Deus e sua glória; façamos o pouco que podemos fazer para este fim, segundo a orientação de nosso pai espiritual, e deixemos a Deus o cuidado de todo o resto (*4^e lettre spirit.*, X, 14 e 15).

Oração

Senhor, dai-nos a paz, a fim de que permaneçais conosco (pois vós só habitais onde está a paz) e que nós, estando livres do poder de nossos inimigos,

possamos servir-vos com toda a liberdade (*Exhortation au service de Dieu*, V, 459).

Capítulo 26

Excelência da liberdade espiritual à qual se chega antes pela oração humilde que pela leitura

1. *A alma*: Senhor, é próprio do varão perfeito: nunca perder de vista as coisas celestiais, e passar pelos mil cuidados, como que sem cuidado, não por indolência, mas por um privilégio duma alma livre, que não se apegas, com desordenado afeto, a criatura alguma.

2. Peço-vos, ó meu benigníssimo Deus!, preservai-me dos cuidados desta vida, para que não me embarace demasiadamente neles; das muitas necessidades do corpo, para que não me escravize a sensualidade; e de todas as perturbações da alma, para que não me desalente sob o peso das angústias. Não falo das coisas que a vaidade humana busca tão empenhadamente, mas das misérias que, pela maldição comum de todos os mortais, penosamente oprimem a alma de vosso servo, e a impedem de elevar-se à liberdade perfeita de espírito, sempre que o quiser.

3. Ó meu Deus, doçura inefável! Converti-me em amargura toda consolação carnal, que me aparta do amor das coisas eternas e me fascina pelo encanto de um prazer momentâneo. Não me vença, Deus meu, não me vença a carne e o sangue; não me seduza o mundo, com sua glória passageira; não me faça cair o demônio, com sua astúcia. Dai-me força para resistir, paciência para sofrer, constância para perseverar. Dai-me, em lugar de todas as consolações do mundo, a suavíssima união do vosso espírito e, em lugar do amor terrestre, infundi-me o amor de vosso nome!

4. O comer, o beber, o vestir e outras coisas necessárias ao corpo são um peso para a alma fervorosa. Concedei-me usar com moderação de tais lenitivos, sem me prender a eles com demasiado afeto. Não é lícito rejeitar tudo, pois devemos sustentar a natureza; mas buscar as coisas supérfluas e o que mais delicia, proíbe-o vossa santa lei, porque de outro modo a carne se rebelará contra o espírito. Entre estes dois extremos, Senhor, peço-vos que me dirija e governe vossa mão, para que não pratique algum excesso.

Reflexões

A curiosidade, a ambição, a inquietação, com a inadvertência e irreflexão sobre o fim para o qual estamos neste mundo são causa de termos mil vezes mais impedimentos do que ocupações, mais espalhamento do que obra, mais ocupação do que necessidade; e são esses embaraços, Teótimo, isto é, as ninharias, vãs e supérfluas ocupações das quais nos encarregamos, que nos desviam do amor de Deus, e não os verdadeiros e legítimos exercícios de nossa

vocação...

São Bernardo não perdia nada do progresso que desejava fazer neste santo amor, embora estivesse a cargo dos grandes príncipes, onde se empenhava em submeter os negócios do Estado ao serviço da glória de Deus. Ele mudava de lugar, mas não mudava de forma alguma de coração, nem seu coração de amor, nem seu amor de objeto. E, para falar sua própria linguagem, essas mutações se faziam nele, mas não dele, pois, ainda que suas ocupações fossem muito diferentes, ele era indiferente a todas elas, e diferente de todas, não assumindo a cor dos negócios e das conversações, como o camaleão toma a cor dos lugares onde se encontra, mas permanecendo sempre todo unido a Deus, sempre branco em pureza, sempre vermelho de caridade e sempre cheio de humildade (*Amour de Dieu*, 1. XII, cap. IV, II, 454 e 455).

Capítulo 27

Como o amor-próprio afasta no máximo grau do sumo bem

1. *Jesus*: Filho, cumpre que dês tudo por tudo, sem reservar-te a ti mesmo. Fica sabendo que teu amor-próprio te prejudica mais que qualquer coisa do mundo. Cada objeto mais ou menos te prende, segundo o amor e afeto que lhe tens. Se teu amor for puro, simples e bem ordenado, de nenhuma coisa serás escravo. Não cobices o que não te é lícito possuir, nem possuas coisa alguma que te possa impedir a liberdade interior ou dela privar-te. É de estranhar que te não entregues a mim, do íntimo do teu coração, com tudo que possas ter ou desejar.

2. Por que te consomes em vã tristeza? Por que te aфанas em cuidados supérfluos? Conformar-te com a minha vontade e nenhum dano sofrerás. Se buscares isto ou aquilo, se desejares estar aqui ou ali, por tua comodidade ou teu capricho, nunca estarás quieto, nem livre de cuidados, porque em todas as coisas há algum defeito, e em todo lugar quem te contrarie.

3. De nada te serve, pois, adquirir ou acumular bens exteriores, mas muito te aproveita desprezá-los e desarraigá-los do coração. Isso não se entende somente do dinheiro e das riquezas, senão também da ambição das honras, e do desejo de vãos louvores porque tudo isso passa com o mundo. Pouco resguarda o lugar, se falta o espírito de fervor; nem durará muito tempo aquela paz procurada fora, se faltar ao teu coração o verdadeiro fundamento. Isto é, se não se firmar em mim. Mudar tu podes, mas não melhorar, porque, chegada a ocasião, e aceitando-a, encontrarás de novo aquilo de que fugiste e pior ainda.

Oração para implorar a limpeza do coração e sabedoria celestial

4. Confirmai-me, Senhor, pela graça do Espírito Santo. Confortai em mim o homem interior e livrai meu coração de todo cuidado inútil e de toda ansiedade, para que não me deixe seduzir pelos vários desejos das coisas terrenas, sejam vis ou preciosas, mas para que as considere todas como transitórias, e me lembre

que eu mesmo sou passageiro, como elas: Pois *nada há estável debaixo do sol, onde tudo é vaidade e aflição de espírito* (Ecl 1,14). Como é sábio quem assim pensa!

5. Dai-me, Senhor, sabedoria celestial, para que aprenda a buscar-vos, e achar-vos, antes que tudo, a gostar-vos e amar-vos acima de tudo, e a compreender todas as coisas como são, segundo a ordem de vossa sabedoria. Dai-me prudência, para afastar-me do lisonjeiro, e paciência para suportar a quem me contraria. Porque é grande sabedoria não se deixar mover por todo sopro de palavras, nem prestar ouvidos aos traçoeiros encantos da sereia; pois só deste modo prossegue a alma com segurança no caminho começado.

Reflexões

Procura consolidar cada vez mais, todos os dias, a resolução que tomaste, com tanta afeição, de servir a Deus segundo seu bel-prazer e de ser inteiramente sua, sem reservar nada para ti nem para o mundo. Abraça com sinceridade suas santas vontades, sejam quais forem, e não penses jamais ter atingido a pureza de coração que lhe debes dar, até que tua vontade esteja não somente toda, mas em tudo, e até nas coisas mais repugnantes, livre e alegremente submissa à sua santíssima vontade. Tendo em vista estes fins, o que conta não é a aparência das coisas que farás, mas aquele que as ordena a ti, que tira sua glória e nossa perfeição das coisas mais imperfeitas e miseráveis, quando lhe aprover (99^ª *lettre spirit.*, X, 312).

O amor-próprio faz-nos querer fazer bem esta ou aquela coisa por nossa escolha, mas não gostaríamos de fazê-la por escolha de outro, nem por obediência; gostaríamos de fazê-la como vinda de nós, mas não como vinda de outro. Sempre somos nós mesmos que buscamos a nós mesmos, nossa própria vontade e nosso amor-próprio. Ao contrário, se tivéssemos a perfeição do amor de Deus, gostaríamos mais de fazer o que nos é mandado, porque vem mais de Deus e menos de nós (224^ª *lettre spirit.*, 501).

Capítulo 28 Contra as línguas maldizentes

1. Filho, não te aflijas se alguém fizer de ti mau conceito ou disser coisas que não gostas de ouvir. Pior ainda debes julgar de ti mesmo, e avaliar-te o mais imperfeito de todos. Se praticares a vida interior, pouco te importarás de palavras que voam. É grande prudência calar-se nas horas da tribulação, volver-se interiormente a mim, e não se perturbar com os juízos humanos.

2. Não faças depender tua paz da boca dos homens; porque, quer julguem bem, quer mal de ti, não serás por isso homem diferente. Onde está a verdadeira paz e a glória verdadeira? Porventura não está em mim? Quem não

procura agradar aos homens, nem teme desagradar-lhes, esse gozará grande paz. É do amor desordenado e do vão temor que nascem o desassossego do coração e a distração dos sentidos.

Reflexões

As pessoas que são tão frágeis e sensíveis com sua reputação assemelham-se às que, ao mais leve sinal de incômodo, já tomam remédio, pois pensam que mantêm sua saúde deteriorando-a completamente. E aquelas, querendo manter tão delicadamente sua reputação, a perdem inteiramente, porque, com esta sensibilidade, elas se tornam bizarras, obstinadas, insuportáveis e provocam a malícia dos maledicentes...

A reputação é simplesmente como uma insígnia que dá a conhecer onde está alojada a virtude. Portanto, a virtude deve ser preferida em tudo e em toda parte. Por isso, se as pessoas dizem que és um hipócrita, porque te submetes à devoção; se és tido como homem de pouca fibra porque perdoaste a injúria, não faças caso de tudo isto. Porque esses julgamentos, além de serem feitos por pessoas néscias e estúpidas, para fazer a pessoa perder a reputação, nem por isso ela vai abandonar a virtude nem afastar-nos do seu caminho, tanto mais que se deve preferir o fruto às folhas, isto é, o bem interior e espiritual a todos os bens exteriores. É preciso ser zeloso, mas não idólatra de nossa reputação; e como não se deve ofender o olho dos bons, também não se deve querer contentar o dos malignos (*Introduction à la vie dévote*, Parte III, cap. VII, I, 120 e 121).

Oração

Pai Eterno..., eu vos amo e bendigo infinitamente, pedindo-vos... a graça de permanecer sempre intimamente ligado convosco em perfeita caridade, e uma forte paciência para suportar alegremente, por amor de vós, todos os agravos e injúrias que me serão feitos (*Opusc.*, III, 125).

Capítulo 29

Como, durante a tribulação, devemos invocar a Deus e bendizê-lo

1. *A alma*: Senhor, bendito seja para sempre o vosso nome! pois quisestes que me sobreviesse esta tentação e este trabalho. Não lhes posso fugir, mas tenho necessidade de recorrer a vós, para que me ajudeis e tudo convertais em meu proveito. Eis-me, Senhor, na tribulação, com o coração aflito; e quanto me atormenta o presente sofrimento. Pois que direi eu agora, Pai amantíssimo? Apertado estou entre angústias: “Salvai-me nesta hora. Veio sobre mim este transe, só para que vós fôsseis glorificado (Jo 12,17), quando eu estivesse muito abatido e fosse por vós livrado”. “Dignai-vos, Senhor, livrar-me” (Sl 39,14); pois, pobre de mim, que farei e aonde irei, sem vós? Dai-me, Senhor, paciência

ainda por esta vez. Socorrei-me, Deus meu, e não temerei, por mais que seja atribulado.

2. E que direi em tamanha necessidade? Senhor, seja feita a vossa vontade. Bem mereço ser atribulado e angustiado. Convém-me sofrer, e oxalá seja com paciência, até que passe a tempestade e volte a bonança. Bastante poderosa é, entretanto, vossa mão onipotente para tirar-me esta tentação, e moderar-lhe a violência, a fim de que não sucumba de todo; assim como já tantas vezes tendes feito comigo, ó meu Deus e minha misericórdia. E quanto mais difícil para mim, tanto mais fácil para vós é esta mudança da destra do Altíssimo (Sl 76,11).

Reflexões

Nada é tão útil, nada tão frutífero, nas securas e esterilidades, do que não afeiçãoar-se nem agarrar-se ao desejo de libertar-se delas. Não quero dizer que não se deva ter simples desejos de libertação, mas sim que não se deve afeiçãoar-se a eles, mas entregar-se à pura mercê da providência especial de Deus, a fim de que logo que lhe aprouver, ele se sirva de nós entre esses espinhos e esses desejos. Digamos pois a Deus neste tempo: *Ó Pai, se é possível, afastai de mim este cálice*. Mas acrescentemos também com grande coragem: *No entanto, não se faça a minha vontade, mas a vossa!* (Mt 26,39) e fixemo-nos nisto com o máximo de repouso que podemos, porque Deus, vendo-nos nesta santa indiferença, nos consolará com muitas graças e favores, como quando ele viu Abraão resolvido a privar-se de seu filho Isaac, ele se contentou em vê-lo indiferente nesta pura resignação, consolando-o com uma visão tão agradável e por três suavíssimas bênçãos.

Devemos, portanto, em todo tipo de aflições, tanto corporais como espirituais, e em distrações ou subtrações da devoção sensível que nos aconteçam, dizer com todo o nosso coração e com uma profunda submissão: *O Senhor me deu consolações, o Senhor me tirou-as: seja bendito seu santo nome!* (Jó, 1,21) Porque, perseverando nesta humildade, ele nos dará seus deliciosos dons, como fez com Jó, que usou constantemente palavras semelhantes em todas as suas desolações (*Introduction à la vie dévote*, parte IV, cap. XIV, I, 263).

Capítulo 30

Como se há de pedir o auxílio divino e confiar para recuperar a graça

1. *Jesus*: Filho, eu sou o Senhor, que te conforta no dia da tribulação (Na 1,7). Vem a mim quando te aches aflito. O que mais te impede de receber a consolação é que tarde recorres à oração. Antes que ores com atenção, procuras consolar-te, recreando-te com vários divertimentos exteriores. Daqui vem que pouco proveito tiras de tudo, até que conheças que sou eu quem salva do perigo os que em mim esperam, e que fora de mim não há auxílio valioso, nem conselho útil, nem remédio durável. Uma vez, porém, que recobraste alento

depois da tempestade, procura readquirir forças à luz das minhas misericórdias; pois estou perto, diz o Senhor, para tudo restaurar, não só com integridade, mas também com abundância e profusão.

2. Porventura há para mim alguma coisa dificultosa (Jr 32,37), ou sou semelhante àquelas que dizem e não fazem? Onde está a tua fé? Tem firmeza e segurança! Mostra-te corajoso e magnânimo, e a seu tempo te virá a consolação. Espera por mim, espera! eu virei e te curarei. É tentação o que te atormenta, é temor vão o que te assusta. Que ganhas com a solicitude de um futuro contingente, senão que tenhas tristeza sobre tristeza? *A cada dia basta seu fardo* (Mt 6,34). Coisa vã e inútil é entristecer-se ou regozijar-se com as coisas futuras, que talvez nunca venham a realizar-se.

3. É próprio do homem deixar-se iludir por tais imaginações, mas é sinal de pouco ânimo ceder tão facilmente às sugestões do inimigo. A ele pouco importa se é por meios verdadeiros ou falsos que te seduz e engana, se é com o amor dos bens presentes, ou com o temor dos males futuros que te deita a perder. “Não se perturbe, pois, teu coração, nem se amedronte” (Jo 14,27). Crê em mim, e tem confiança em minha misericórdia. Quando te julgas muito longe de mim, mais perto estou, às vezes, de ti. Quando pensas que estás tudo quase perdido, muitas vezes estás próxima a ocasião de granjeares maior merecimento. Nem tudo está perdido, por te acontecer alguma contrariedade. Não julgues pela impressão do momento, nem te aflijas com qualquer tribulação, venha donde vier, como se não houvesse esperança de remédio.

4. Não te julgues inteiramente desamparado, ainda quando, de tempos a tempos, te mando alguma tribulação ou te privo de alguma consolação desejada; porque é este o caminho por onde se vai ao Reino dos Céus. E isto, sem dúvida, convém mais a ti e a todos os meus servos, serdes exercitados nas adversidades, do que se tudo vos sucedesse à vossa vontade. Eu conheço os pensamentos escondidos, e sei que muito importa à tua salvação seres, às vezes, privado de toda consolação espiritual, para que não te exalte o bom progresso e te desvaneças do que não és. O que dei posso tirar, e dar de novo, quando me aprouver.

5. É sempre meu o que dou, e quando o tiro; não tomo coisa tua, pois “de mim procede qualquer dádiva boa de todo dom perfeito” (Tg 1,17). Se eu te enviar qualquer pena ou contrariedade, não te revoltes nem desfaleça teu coração; eu posso num momento aliviar-te e transformar tua mágoa em alegria. Todavia, procedendo eu assim para contigo, sou justo e digno de louvor.

6. Se refletires bem e julgares as coisas segundo a verdade, não deves afligir-te tanto com a adversidade, nem desanimar, mas, ao contrário, alegrar-te e dar-me graças. Até deve ser tua única alegria que eu te aflija com dores, sem poupar-te. *Assim como meu Pai me amou, também eu vos amo a vós* (Jo 15,19), disse eu a meus diletos discípulos, e, entretanto, não os enviei às delícias temporais, mas às grandes pelejas; não às honras, mas aos desprezos; não aos passatempos, mas aos trabalhos; não a descansar, mas sim a produzir fruto

copioso na paciência. Meu filho, lembra-te bem destas palavras.

Reflexões e orações

Humilha-te profundamente diante de Deus no conhecimento de teu nada e miséria. Meu Deus, o que será de mim, quando estou em mim mesmo? Não outra coisa, Senhor, senão uma terra seca que, rachada em toda parte, testemunha a sede que tem da chuva do céu, e, no entanto, o vento a dissipa e reduz a poeira.

Invoca a Deus, e pede-lhe sua alegria: *Dai-me, Senhor, a alegria de vossa salvação* (Sl 51,14). *Meu Pai, se é possível, afastai de mim este cálice* (Lc 22,42). Afasta-te de mim, ó vento norte infrutífero que ressecas a minha alma, e vem, ó aprazível vento das consolações, e vem soprar em meu jardim, e seus bons afetos espalharão o odor de suavidade (Ct 4,16).

Entre todas as nossas securas e esterilidades, não devemos jamais perder a coragem; mas, esperando com paciência o retorno das consolações, seguir sempre o nosso rumo, sem abandonar nenhum exercício de devoção, mas, na medida do possível, multiplicar nossas boas obras; e não podendo apresentar ao nosso caro Esposo frutas em calda, vamos apresentar-lhe frutas secas; porque para ele é tudo a mesma coisa, contanto que o coração que os oferece esteja perfeitamente decidido de querer amá-lo.

Acontece muitas vezes, minha Filoteia, que a alma, vendo-se na bela primavera das consolações espirituais, tanto se entretém em acumulá-las e sorvê-las, que, na abundância dessas doces delícias, ela pratica muito menos boas obras; e que, ao contrário, entre as asperezas e esterilidades espirituais, à medida que ela se vê privada dos sentimentos agradáveis da devoção, ela multiplica tanto mais as obras sólidas e superabunda na geração interior das verdadeiras virtudes da paciência, humildade, abjeção de si mesma, resignação e abnegação de seu amor-próprio (*Introduction à la vie dévote*, parte IV, cap. XIV, I, 263 e 264).

Capítulo 31

Do desprezo de toda criatura, para que se possa achar o Criador

1. *A alma*: Senhor, muita graça ainda me é necessária para chegar a tal ponto, que nenhum homem nem criatura alguma me possa estorvar. Pois, enquanto me detém alguma coisa, não posso voar a vós livremente. Aspirava a esta liberdade o profeta, quando dizia: *Quem me dera asas como a pomba, para poder voar e descansar!* (Sl 54,7). Que há de mais sereno que o olhar singelo, e quem é mais livre que o homem sem desejo terrestre? Por isso importa elevar-te acima de todas as criaturas, e renunciá-las totalmente a ti mesmo, e naquele arroubo da alma perseverares e compreenderes que o Autor de todas as coisas não tem semelhança com as criaturas. E quem não estiver despendido

das criaturas, não poderá livremente atender às coisas divinas. Por isso se encontram tão poucos contemplativos, porque raros são os que sabem desapegar-se de todo das coisas perecedoras.

2. Para isso é mister graça poderosa, que levante a alma e a arrebate acima de si mesma. Enquanto o homem não for elevado em espírito, livre de todas as criaturas e de todo unido a Deus, pouco vale quanto sabe e quanto possui. Imperfeito permanecerá por muito tempo e preso à terra quem algo estimar que não seja o único, imenso e eterno Bem. Porque tudo que não é Deus é nulo, e deve ser tido em conta de nada. Há grande diferença entre a sabedoria de um homem iluminado e devoto e a ciência de um letrado e estudioso. Muito mais nobre é a doutrina que vem do céu, por inspiração divina, do que aquilo que o engenho humano adquire à custa de muito esforço.

3. Muitos há que desejam a vida contemplativa, mas não tratam de exercitar-se nas coisas que ela exige. O grande obstáculo é que se detêm nos sinais e coisas sensíveis, cuidando pouco da perfeita mortificação. Não sei o que é, nem que espírito nos move, nem que pretendemos nós que passamos por homens espirituais quando empregamos tanto trabalho e cuidado nas coisas vis e transitórias, ao passo que raras vezes nos recolhemos plenamente a considerar nosso interior.

4. Ai! que, depois de curto recolhimento, logo nos dissipamos, sem ponderar nossas ações em rigoroso exame. Não reparamos para onde se inclinam nossos afetos, nem deploramos quão defeituoso é tudo em nós. Por ter corrompido toda a carne o seu caminho (Gn 6,12), veio o grande dilúvio. Estando, pois, corrompido o nosso afeto interior, forçosamente se há de corromper a ação que dele se segue, patenteando bem a fraqueza interior. Só do coração puro procede o fruto de boa vida.

5. Muitos indagam quanto fez uma pessoa, mas de quanta virtude foi animada nem tanto se cura. Com diligência investigam se alguém é forte, rico, formoso, hábil, bom escritor, bom cantor, bom artista, mas quão pobre seja de espírito, quão paciente e manso, quão piedoso e espiritual, disso não se faz caso. A natureza só considera o exterior do homem, mas a graça olha o interior. Aquela muitas vezes se engana, esta espera em Deus, para não ser iludida.

Reflexões

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus (Mt 5,3). Infelizes, portanto, os ricos de espírito, porque deles é a miséria do inferno. É rico de espírito aquele que tem riquezas dentro de seu espírito, ou seu espírito dentro das riquezas; é pobre de espírito aquele que não tem riquezas em seu espírito, nem seu espírito dentro das riquezas. As alcôves fazem seus ninhos como uma palma, e não deixam neles senão uma pequena abertura do lado do alto; eles os colocam à beira do mar e, além disso, os fazem tão firmes e impenetráveis que, se as ondas os surpreendem, jamais a água consegue entrar neles, mas sempre permanecendo em cima, eles se mantêm no meio do mar,

sobre o mar e senhores do mar. Teu coração, cara Filoteia, também deve ser assim: aberto somente ao céu, e impenetrável às riquezas e coisas caducas. Se as tens, procura manter teu coração isento de suas influências; que ele permaneça sempre acima delas, e que, no meio delas, ele esteja sem riquezas e senhor das riquezas. Não, não coloques este espírito celeste dentro dos bens terrestres; procura mantê-lo sempre superior a eles, sem eles, e não neles.

Há diferença entre ter veneno e ser envenenado. Quase todos os boticários têm venenos para usá-los em diversas ocorrências, mas nem por isso são envenenados, porque não têm o veneno dentro do corpo, mas em suas boticas. Assim, podes ter riquezas sem ser envenenado por elas: por exemplo, podes ter riquezas em tua casa ou em tua bolsa, e não em teu coração. De fato, ser rico ou pobre de afeição é a grande felicidade do cristão, porque ele tem, por este meio, as comodidades das riquezas para este mundo, e o mérito da pobreza para o outro (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. XIV, I, 142).

Oração

Pai Eterno, eu vos dou graças e bênçãos infinitas pedindo-vos... que me perdoeis todos os pecados que cometi de coração, e que o purifiqueis de todas as afetos impuros e terrestres, abrindo-o às vossas santas inspirações (*Opusc.*, III, 129).

Capítulo 32

Da abnegação de si mesmo e abdicação de toda cobiça

1. *Jesus*: Filho, não podes gozar perfeita liberdade, enquanto não renunciarest inteiramente a ti mesmo. Em escravidão vivem todos os ricos e egoístas, os cobiçosos, curiosos, que gostam de vaguear, buscando sempre as delícias dos sentidos e não as de Jesus Cristo, mas só imaginam o que não pode permanecer e só disso cogitam. Pois tudo que não vem de Deus perecerá. Conserva em teu coração esta breve e profunda sentença: Deixa tudo, e tudo acharás; renuncia à cobiça, e terás sossego. Pondera isto, e, quando o praticares, tudo entenderás.

2. *A alma*: Senhor, isto não é obra de um dia, nem brincadeira de criança, antes nesta breve palavra se compendia toda a perfeição religiosa.

3. *Jesus*: Filho, não debes recluir, nem logo desanimar, ouvindo falar do caminho dos perfeitos, mas antes esforça-te por um estado mais perfeito, ou pelo menos almeja-o ardentemente. Oxalá fosses assim e tivesses chegado a tanto, que não te amasses a ti mesmo, mas estivesse inteiramente resignado à minha vontade e à daquele que te dei por diretor. Muito me agradarias, então, e toda a tua vida passaria em paz e alegria. Ainda tens que desprender-te de muitas coisas, e se não mas entregares inteiramente, não alcançarás o que me pedes. “Aconselho-te que me compres o ouro acrisolado, para te tornares rico” (Ap 3,18), isto é, a sabedoria celestial, que pisa aos pés todas as coisas terrenas.

Despreza a sabedoria terrena, todo o humano contentamento e a própria complacência.

4. Eu disse que deves buscar, em lugar das coisas nobres e preciosas, aquilo que, aos olhos do mundo, é vil e desprezível. Porque mui vil e desprezível, até quase esquecida, parece a verdadeira e celestial sabedoria, que não se tem em grande conta, nem trata de se engrandecer na terra. Muitos a louvam com a boca, mas afastam-se dela na vida; contudo é esta a pérola preciosa, conhecida de poucos.

Reflexões

Teótimo, nosso livre-arbítrio jamais é tão livre como quando é escravo da vontade de Deus, como jamais é tão escravo como quando serve à nossa própria vontade; jamais ele tem tanta vida como quando morre para si mesmo, e jamais tem tanta morte como quando vive para si mesmo.

Nós temos a liberdade de fazer o bem e o mal. Mas escolher o mal não é usar, mas abusar desta liberdade. Renunciemos a esta deplorável liberdade e sujeitemos para sempre nosso livre-arbítrio à decisão do amor celeste; tornemo-nos escravos do amor, que faz os servos mais felizes do que os reis. Se nossa alma jamais quis usar sua liberdade contra nossas resoluções de servir a Deus eternamente e sem reserva, então sacrificamos por amor a Deus este livre-arbítrio e o fazemos morrer a si mesmo, a fim de que ele viva para Deus. Quem quiser guardá-lo pelo amor-próprio neste mundo, o perderá pelo amor eterno no outro, e quem o perder pelo amor de Deus neste mundo, o conservará pelo mesmo amor no outro. Quem lhe der a liberdade neste mundo, o fará escravo e servo no outro, e quem o sujeitar à cruz neste mundo, o terá livre no outro, onde, estando abismado no gozo da divina bondade, encontrará sua liberdade convertida no amor e o amor em liberdade, mas liberdade de doçura infinita; sem esforço nem pena, e sem nenhuma relutância, amaremos imutavelmente para sempre o Criador e Salvador de nossas almas (*Amour de Dieu*, 1, XII, cap. X, II, 469).

Oração

Pai Eterno..., eu vos amo e bendigo infinitamente, suplicando-vos que me perdoeis todas as minhas loucuras, e me deis a graça de detestar a louca sabedoria do mundo e amar de todo o meu coração vossa sabedoria infinita, de tal modo que doravante eu não ame nem deguste em vós senão o que é vosso (*Opusc.*, III, 126).

1. *Jesus*: Filho, não te fies nos teus afetos atuais, que depressa em outros se mudarão. Enquanto viveres, estarás sujeito ao variável, ainda que não queiras; ora te acharás alegre, ora triste, ora sossegado, ora perturbado, umas vezes fervoroso, outras tíbio, já diligente, já preguiçoso, agora sério, logo leviano. O sábio, porém, e instruído na vida espiritual, está acima desta inconstância, não cuidando dos seus sentimentos, nem de que parte sopra o vento da instabilidade, mas concentrando todo o esforço de sua alma no devido e almejado fim. Porque assim poderá permanecer sempre o mesmo e inabalável, dirigindo a mim, sem cessar, a mira de sua intenção, entre todas as vicissitudes que lhe sobrevierem.

2. Quanto mais pura for tua intenção, porém, tanto mais constante serás durante as diversas tempestades. Mas em muitos se escurece o olhar da pura intenção, porque depressa o volvem para qualquer objeto deleitável que se lhes depare. Poucos há inteiramente livres da pecha do egoísmo. Assim, os judeus foram um dia a Betânia, em casa de Maria e Marta, não só por amor de Jesus, mas também para verem Lázaro (Jo 12,9). Cumpre, pois, purificar a intenção, para que seja simples e reta e se dirija a mim acima de tudo que há de permeio.

Reflexões

Deus continua o ser supremo desse grande mundo em perpétua mudança, pela qual o dia se transforma sempre em noite, a primavera em verão, o verão em outono, o outono em inverno e o inverno em primavera. E um dos dias jamais se assemelha perfeitamente ao outro: há dias nebulosos, chuvosos, secos, ventosos, variedade que dá uma grande beleza a este universo. Acontece o mesmo com o ser humano que é, segundo a opinião dos antigos, um resumo do mundo. Porque *jamais ele está num mesmo estado* (Jó 14,2), e *sua vida escoa nesta terra, como as águas*, fluando e ondulando numa perpétua diversidade de movimentos que ora o elevam às esperanças, ora o abaixam pelo medo, ora o inclinam à direita pela consolação, ora à esquerda pela aflição; e jamais um só de seus dias se assemelha ao outro, nem mesmo uma de suas horas se parece inteiramente com a outra.

Daí esta grave advertência: devemos esforçar-nos para manter uma contínua e inviolável igualdade de coração numa tão grande desigualdade de acidentes; e embora todas as coisas mudem e variem diversamente à nossa volta, devemos permanecer constantemente imóveis para sempre ter em vista, tender e pretender ao nosso Deus (*Introduction à la vie dévote*, parte IV cap. XIII, I, 253).

Oração

Ó dulcíssima vontade de meu Deus, que sejais feita para sempre! Ó desígnios eternos da vontade de meu Deus, eu vos adoro, consagro e dedico minha vontade para querer para sempre, eternamente, o que eternamente quisestes! Que eu faça, portanto, hoje e sempre, e em todas as coisas, vossa divina vontade, ó meu amável Criador! Sim, Pai Celeste, porque foi este o vosso

prazer em toda eternidade. Assim seja (*Opusc.*, III, 151).

Capítulo 34

Como Deus é delicioso em tudo e sobretudo a quem o ama

1. *A alma*: Vós sois meu Deus e meu tudo! que mais quero eu e que dita maior posso desejar? Ó palavra suave e deliciosa! Mas só para quem ama a Deus, e não o mundo nem as suas coisas. Meu Deus e meu tudo! Para quem a entende basta esta palavra, e quem ama acha delícia em repeti-la a miúdo. Porque, quando estais presente, tudo é apazível, mas, se vos ausentais, tudo enfastia. Vós dais ao coração sossego, grande paz e jubilosa alegria. Vós fazeis que julguemos bem de todos e em tudo vos bendigamos; nem pode, sem vós, coisa alguma agradar-nos por muito tempo, mas, para ser agradável e saborosa, é necessário que lhe assista a vossa graça e a tempere o condimento da vossa sabedoria.

2. A quem saboreia vossa doçura, que coisa não lhe saberá bem? Mas a quem em vós não se deleita, que coisa lhe poderá ser gostosa? Diante da vossa sabedoria desaparecem os sábios do mundo e os amadores da carne, porque nos primeiros se acha muita vaidade, nos últimos, a morte; os que, porém, vos seguem pelo desprezo do mundo e pela mortificação da carne, esses são verdadeiramente sábios, porque trocam a vaidade pela verdade, e a carne pelo espírito. Esses acham gosto nas coisas de Deus, e tudo quanto se acha de bom nas criaturas, referem-no à glória do seu Criador. Diferente, porém, e mui diferente, é o gosto que se encontra em Deus e na criatura, na eternidade e no tempo, na luz incriada e na luz criada.

3. Ó Luz Eterna, superior a toda luz criada, lançai do alto um raio que penetre todo o íntimo do meu coração. Purificai, alegrai, iluminai e vivificai a minha alma com todas as suas potências, para que a vós se una em transportes de alegria. Oh! quando virá aquela ditosa e almejada hora, em que haveis de saciar-me com a vossa presença, e ser-me tudo em todas as coisas? Enquanto isso não me for concedido, minha alegria não será perfeita. Mas ai! que ainda vive em mim o homem velho, não de todo crucificado nem inteiramente morto. Ainda se revolta fortemente contra o espírito e move guerras interiores; nem consente em que reine tranquilidade na alma.

4. Mas vós, que dominais a impetuosidade do mar e aplacais o furor das ondas, levantai-vos e socorrei-me! Dissipai os poderes que procuram guerras, esmagai-os com o vosso braço (Sl 88,10; 43,26; 67,31). Manifestai, Senhor, as vossas maravilhas, e seja glorificada a vossa destra (Ecl 36,7; Jt 9,11), pois não tenho outro refúgio senão em vós, meu Senhor e meu Deus!

Reflexões

Quando um sentimento de dileção, como, por exemplo, *como Deus é bom!*

entrou no coração, primeiro ele faz a união com esta bondade; mas, mantendo-o por um pouco mais de tempo, ele penetra, como um perfume delicioso, em todos os recantos da alma, espalha-se e dilata-se na nossa vontade e, como se diz, incorpora-se ao nosso espírito, ligando-se e ajustando-se em todos os lados e cada vez mais a nós e unindo-nos a ele. E é isto que nos ensina o grande Davi, quando compara as palavras sagradas ao mel, porque, quem é que não sabe que a doçura do mel se sente cada vez mais no nosso paladar, por um progresso contínuo do saborear, e que quando é mantido longamente na boca, ou quando é absorvido devagarinho, seu sabor penetra muito mais no nosso sentido do gosto? Da mesma forma, este sentimento da bondade celeste expresso por esta palavra de São Bruno: *Ó bondade!*, ou por esta de São Tomé: *Meu Senhor e meu Deus!*, por esta de Madalena: *Oh! meu Mestre!*, ou por esta de São Francisco: *Meu Deus e meu tudo!*, este sentimento, digo, permanecendo um pouco mais num coração amoroso, ele se dilata, se estende e se afunda por uma íntima penetração no espírito, e cada vez mais lhe destempera todo o seu sabor que não é outra coisa senão aumentar ainda mais a união...

Oh! como é feliz a alma que, na tranquilidade de seu coração, conserva amorosamente o sagrado sentimento da presença de Deus! Porque sua união com a Divina Bondade crescerá perpetuamente, ainda que insensivelmente, e vai destemperar todo o seu espírito com sua infinita suavidade. Mas quando falo aqui do sagrado sentimento de Deus, não quero falar do sentimento sensível, mas daquele que reside no topo e supremo pico do espírito, onde o Divino Amor reina e faz seus principais exercícios (*Amour de Dieu*, 1. VII, cap. I^o, II, 147 e 148).

Capítulo 35

Como nesta vida não há segurança contra a tentação

1. *Jesus*: Filho, nunca estarás seguro nesta vida, mas, enquanto viveres, terás necessidade de armas espirituais. Andas cercado de inimigos, que à direita e à esquerda te acometem. Logo, se não te armares por todos os lados com o escudo da paciência, não estarás por muito tempo sem ferida. Demais, se não firmares em mim teu coração, com sincera vontade de sofrer tudo por meu amor, não poderás suportar tão renhido combate, nem alcançar a palma dos bem-aventurados. Cumpre, pois, caminhar com ânimo varonil por entre todos os obstáculos, e rebater com a mão poderosa todos os empecilhos. Pois ao vencedor será dado o maná (Ap 2,17), e ao covarde aguarda muita miséria.

2. Se buscas descanso nesta vida, como chegarás ao descanso eterno? Não procures muito descanso, mas muita paciência. Busca a paz verdadeira do céu, não sobre a terra, não nos homens, nem nas demais criaturas, mas só em Deus. Deves, por amor de Deus, aceitar tudo de boa vontade, isto é, trabalhos e sofrimentos, tentações, vexames, ansiedades, doenças, injúrias, murmurações, repreensões, humilhações, afrontas, correções e desprezos. Tudo isto faz

progredir na virtude, prova o novo soldado de Cristo e prepara a coroa celestial. Eu darei prêmio eterno por breve trabalho, e glória infinita por humilhação transitória.

3. Julgas que sempre há de ter consolações espirituais à medida de teus desejos? Nem sempre as tiveram os meus santos, passando ao contrário por muitas penas, várias tentações e grandes angústias, mas eles suportaram tudo com paciência, mais confiados em Deus que em si, porque sabiam “que não têm proporção os sofrimentos desta vida com a futura glória” que os recompensa (Rm 8,18). Quereis obter logo o que tantos apenas conseguiram só depois de copiosas lágrimas e grandes trabalhos? Espera no Senhor, age varonilmente, e sê firme (Sl 26,14); não desanimes, não recues, mas expõe generosamente corpo e alma pela glória de Deus. Eu te recompensarei plenamente, e estarei contigo em toda tribulação (Sl 90,15).

Reflexões

Meu Deus, dizem esses jovens aprendizes na perfeição, o que farei? Minhas paixões, que eu achava ter tão bem mortificadas pela fervorosa resolução que tomei de não mais segui-las, me atormentam muito: ora sou impelido à aflição, depois me parece que não há mais meio de progredir na prática da virtude, de tanto que o desânimo me persegue de perto. Sem dúvida, é uma grande pena que não baste o simples desejo da perfeição para consegui-la, mas que é preciso adquiri-la com o suor de nosso rosto e com a força do trabalho. Ah! minhas caras almas, não sabeis que Nosso Senhor foi tentado durante os quarenta dias que esteve no deserto, para nos ensinar que também seremos tentados todo o tempo que permaneceremos no deserto desta vida mortal, que é o lugar de nossa penitência; porque a vida do perfeito cristão, mais especialmente dos religiosos, deve ser uma contínua penitência. Consolai-vos, portanto, e tomai coragem, porque o tempo do repouso não é agora. Meu Deus, eu sou tão imperfeito! Isto pode muito bem ser verdade, mas nem por isso desanimeis, nem penseis que poderíeis viver sem cometer imperfeições, tanto mais que isto não é possível enquanto estiverdes nesta vida; basta que não as ameis e que elas não vivam em vosso coração, isto é, não deveis cometê-las voluntariamente, nem querer perseverar nelas; e, sendo assim, permaneci em paz e sem perturbar-vos com a perfeição que tanto desejais. Bastará que a tenhais ao morrer: portanto, não sejais tão temerosas: caminhai seguramente na via de Deus. Uma vez que estais cingidas com a armadura da fé, nada poderia prejudicar-vos (*Sermon pour le 1^{er} dimanche de carême*, 224).

Oração

Senhor..., eu vos amo e bendigo infinitamente, pedindo-vos uma grande magnanimidade e constância em todas as minhas adversidades e tribulações, para superar todas as tentações que se apresentarão durante o curso desta vida e na hora da morte, e além disso uma perfeita renúncia de mim mesmo e

submissão ao vosso divino querer em todas as coisas (*Opusc.*, III, 124).

Capítulo 36 *Contra os juízos dos homens*

1. *Jesus*: Filho, põe tua confiança em Deus e não temas os juízos humanos, enquanto tua consciência te der testemunho da tua piedade e inocência. É bom e salutar sofrer desse modo, nem isso será penoso ao coração humilde, que confia mais em Deus que em si mesmo. Muitos falam com demasia, e por isso não se lhes deve dar muito crédito. Mas também não é possível satisfazer a todos. Ainda que Paulo se empenhasse por agradar a todos no Senhor, fazendo-se tudo para todos (1Cor 9,22), contudo, fez pouco caso de ser julgado no tribunal dos homens (1Cor 4,3).

2. Fez todo o possível para a edificação e salvação dos outros, quanto dele dependia; contudo não pôde evitar ser julgado e desprezado por alguns; por isso pôs tudo nas mãos de Deus, que tudo conhecia, e defendeu-se com paciência e humildade contra as línguas maldizentes dos que inventavam maldades e mentiras e as espalhavam a seu bel-prazer. Todavia, uma vez ou outra, dava resposta, para que seu silêncio não fosse causa de se escandalizarem os fracos.

3. Quem és tu, que temes um homem mortal? (Is 51, 12). Hoje existe e amanhã já não aparece. Teme a Deus, e não temerás as ameaças dos homens. Que mal te pode fazer um homem com palavras e afrontas? Mais se prejudica a si mesmo do que a ti, e, seja quem for, não poderá escapar ao juízo de Deus. Põe os olhos em Deus, e não contendas com palavras de queixa. Se agora pareces sucumbir e padecer injúria não merecida, não fiques contrariado nem diminuas a tua coroa com a impaciência, mas antes levanta os olhos ao céu, para mim, que poderoso sou, para te livrar de toda confusão e injúria e dar a cada um conforme suas obras.

Reflexões

Tu me dizes que ficas irritada com os maus juízos que se fazem de mim, que não fazes nada que valha e as pessoas acabam acreditando que sim; e me pedes uma receita. Ei-la, minha cara filha, tal como os santos me ensinaram: se o mundo nos despreza, devemos alegrar-nos, porque ele tem razão, pois somos desprezíveis; se ele nos estima, desprezemos sua estima e seu julgamento, porque ele é cego. Não procures averiguar tanto o que o mundo pensa, nem fiques preocupada, mas despreze seu mérito e seu desdém, e deixa-o dizer o que quiser, bem ou mal (*54^e lettre spirituel*, XII, 85).

Diz-se que aqueles que tomaram o preservativo que se chama comumente a graça de São Paulo não incham de modo nenhum ao serem mordidos ou picados de cobra, contanto que a graça seja de aguardente fina: assim também, quando

a humildade e a doçura são boas e verdadeiras, elas nos garantem contra a inchação e o ardor que as injúrias costumam provocar em nossos corações. Se mordidos ou picados pelos maldizentes e inimigos nos tornamos arrogantes, presunçosos e exasperados, é sinal de que nossa humildade e doçura não são verdadeiras e sinceras, mas artificiosas e aparentes (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. VIII, I, 124).

Oração

Pai Eterno..., eu vos dou graças e vos bendigo infinitamente... pedindo-vos... perdão por minha vã soberba, amor-próprio, impaciência e hipocrisia, e ao mesmo tempo a graça de não fazer o mínimo caso dos vãos julgamentos dos outros e de vencer todo respeito humano para vos servir (*Opusc.*, III, 126).

Capítulo 37

Da pura e completa renúncia de si mesmo para obter liberdade de coração

1. *Jesus*: Filho, deixa-te a ti, e achar-me-ás a mim. Despe tua vontade e teu amor-próprio, e sempre tirarás lucro. Porque, logo que te entregares a mim sem reservas, se te acrescentará a graça.

A alma: Senhor, em que devo renunciar-me, e quantas vezes?

Jesus: Sempre e a toda hora, tanto no muito como no pouco. Nada excetuo, mas quero te achar despojado de tudo. De outra sorte, como poderás ser meu e eu teu, se não estiveres, exterior e interiormente, desapegado de toda vontade própria? Quanto mais prontamente isso fizeres, tanto melhor te acharás, e quanto mais pleno e sincero for teu sacrifício, tanto mais me agradarás e maior lucro terás.

2. Alguns há que se entregam a mim, mas com alguma reserva, porque não têm plena confiança em Deus, e por isso tratam de prover as próprias necessidades. Outros, a princípio, tudo oferecem, mas depois, combatidos pela tentação, voltam-se novamente às próprias comodidades, e eis por que quase não progredem nas virtudes. Estes nunca chegarão à verdadeira liberdade do coração puro, nem à graça de minha doce familiaridade, enquanto não renunciarem de todo a si mesmos, oferecendo-se em cotidiano sacrifício a Deus, sem o que não há nem pode haver união deliciosa comigo.

3. Muitas vezes te disse e agora te torno a dizer: deixa-te, renuncia a ti mesmo, e gozarás grande paz interior. Dá tudo por tudo, não busques, não reclames coisa alguma, persevera, pura e simplesmente, em mim, e me possuirás. Terás livre o coração e as trevas não te poderão oprimir. A isto te aplica, isto pede, isto deseja: ser despojado de todo amor-próprio, para que possas seguir nu a Jesus desnudado, morrer a ti mesmo e viver eternamente. Então se dissiparão todas as vãs imaginações, penosas perturbações e supérfluos

cuidados. Logo também desaparecerá o temor demasiado, e morrerá o amor desordenado.

Reflexões

As pessoas abandonam facilmente a terra e outras bagatelas, mas, para ser perfeito, é preciso ir mais longe. Na verdade, muitas pessoas abandonam as coisas exteriores, mas são bem poucas as que abandonam suas pretensões, pois ainda têm tantas belas esperanças disto e daquilo, e não são capazes de esvaziar-se inteiramente de seu próprio interesse. Mas, tratando-se dos vínculos da vaidade, então é muito mais difícil desfazer-se deles, e não sei se existe alguém que esteja completamente livre destes liames, porque o mal é tão comum e universal entre os seres humanos que é difícil encontrar alguém que não esteja absolutamente enlaçado em suas redes (*Sermon pour le jour de Saint Augustin*, V, 246).

Quereis conhecer um belo pensamento? Nosso Senhor disse a seu querido São Pedro: *Quando eras jovem, tu te cingias e ias onde querias; mas, quando envelheceres, estenderás tuas mãos e um outro te cingirá e te levará para onde não queres ir* (Jo 21,18).

Os jovens aprendizes no amor de Deus se cingem a si mesmos e se entregam a mortificações como bem lhes parece. Eles escolhem sua penitência, resignação e devoção, e fazem a sua própria vontade entre a vontade de Deus: mas os velhos mestres no ofício se deixam ligar e cingir por outro, se submetem ao jugo que lhes é imposto e andam pelos caminhos que não gostariam de trilhar segundo sua inclinação. É verdade que eles estendem a mão, porque, apesar da resistência de suas inclinações, eles se deixam governar contra sua vontade, dizem que *é melhor obedecer do que fazer oferendas* (Sl 15,22): é assim que eles glorificam a Deus, crucificando não somente sua carne, mas seu espírito (138^o *letre spirit.*, XII, 235).

Oração

Pai Eterno..., eu vos amo e bendigo infinitamente..., pedindo-vos... a graça de morrer completamente para o velho homem e para todos os seus vícios e concupiscências, e de sepultá-lo eternamente na morte de nosso Salvador (*Opusc.*, III, 130).

Capítulo 38

Do bom procedimento exterior, e do recurso a Deus nos perigos

1. *Jesus*: Filho, nisto deves empenhar toda a diligência, que em todo lugar, ação ou ocupação exterior estejas interiormente livre e senhor de ti mesmo, dominando todas as coisas, a nenhuma sujeito. Deves ser o senhor e diretor de

tuas ações e não servo ou escravo; cumpre seas livre e verdadeiro israelita, que chega à condição de liberdade dos filhos de Deus. Esses elevam-se acima das coisas presentes e contemplam as eternas; só de relance olham para as coisas transitórias, e têm a vista presa nas celestiais. Não se deixam atrair e prender pelas coisas temporais, mas servem-se delas conforme o fim para que foram ordenadas por Deus e destinadas pelo Supremo Artífice, que nada deixou sem ordem nas suas criaturas.

2. Se, além disso, em qualquer acontecimento, não te demorares na aparência exterior, nem considerares com os olhos carnaís o que vês e ouves, mas em qualquer negócio entrases logo com Moisés no tabernáculo e consultar o Senhor, ouvirás, às vezes, a sua divina resposta, e sairás instruído a respeito de muitas coisas presentes e futuras. Sempre recorria Moisés ao tabernáculo para resolver suas dúvidas e dificuldades, valia-se da oração para triunfar dos perigos e das maldades dos homens. Do mesmo modo debes tu te refugiar no mais recôndito do teu coração, para, com mais instância, implorar o divino auxílio. Por isso – como está escrito – Josué e os filhos de Israel foram enganados pelos gabaonitas, “porque não consultaram primeiro ao Senhor”, mas, dando crédito demasiado às suas doces palavras, deixaram-se enganar por fingida piedade.

Reflexões

A liberdade dos filhos bem-amados..., é um desapego do coração cristão de todas as coisas, para seguir a vontade de Deus tida como verdadeira...

Primeira marca: o coração que tem esta liberdade não está apegado às consolações, mas recebe as aflições com toda a doçura que a natureza humana pode permitir. Não quero dizer que ele não ama e não deseja as consolações, mas digo que ele não apegou seu coração a elas.

Segunda marca: ele não compromete absolutamente seu afeto nos exercícios espirituais, de modo que, se ficar impedido de praticá-los por doença ou outro acidente, nem por isso sente algum remorso. Também não digo que ele não os ama, mas digo que ele não se apegou a eles.

Ele dificilmente perde sua alegria, porque nenhuma privação entristece aquele que não tem seu coração apegado a nada deste mundo. Não quero dizer que ele não a perde, mas que não é por pouco.

Os efeitos desta liberdade são uma grande suavidade de espírito, uma grande doçura e condescendência com tudo que não é pecado ou perigo de pecado; é este humor que se curva docilmente às ações de toda virtude e caridade.

Exemplo: se interromperes uma alma que se apegou ao exercício da meditação, tu a verás sair com desgosto, apressada e atordoada. Uma alma que tem a verdadeira liberdade sairá com o rosto igual e o coração afetuoso para com o importuno que a incomodou, porque para ela é tudo a mesma coisa, servir a Deus meditando ou servi-lo suportando o próximo: tanto uma coisa como a outra é a vontade de Deus, mas nesse momento é preciso suportar o

próximo (12^e *lettre spirit.*, X, 67 e 68).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que quiseste ser conduzido como um criminoso à casa de Anás, dai-me a graça de não ser atraído ao pecado pelo espírito maligno ou pelos seres humanos perversos, mas ser guiado por vosso Espírito Santo para tudo que é agradável à vossa divina vontade. Amém (*Opusc.*, III, 226).

Capítulo 39

Que o homem não seja impaciente nos seus negócios

1. *Jesus*: Filho, confia-me sempre teus negócios, eu disparei tudo bem a seu tempo. Espera minha determinação, e disso tirarás proveito.

A alma: Senhor, de mui boa vontade vos confio todas as coisas, porque pouco adianta o meu cuidado. Oxalá não me perturbasse com os conhecimentos futuros, mas me oferecesse sem demora ao vosso beneplácito!

2. *Jesus*: Filho, muitas vezes procura o homem com ânsia uma coisa que deseja; logo, porém, que a alcança, muda de parecer, porque as afeições não persistem muito ao mesmo objeto, mas facilmente passam de um para outro. Pelo que, não é pouco renunciar-se o homem a si mesmo, ainda nas coisas pequenas.

3. O verdadeiro progresso do homem consiste na abnegação de si mesmo, e, quem assim se abnegou, goza grande liberdade e segurança. Contudo, o antigo inimigo, o adversário de todo o bem, não desiste da tentação, armando dia e noite perigosas ciladas, para ver se pode precipitar algum incauto no laço do seu engano. *Vigiai e orai*, diz o Senhor, *para que não entreis em tentação* (Mt 26,41).

Reflexões

Em todas as tuas ocupações, apoia-te totalmente na Providência de Deus, pela qual todos os teus desígnios devem ser bem-sucedidos; mas, por tua vez, trabalha com toda paciência para cooperar com a Providência Divina, e depois acredita que, se estás bem confiante em Deus, o sucesso que terás será sempre mais proveitoso para ti, quer ele te pareça bom ou mau, segundo o teu julgamento particular.

Procura seguir o exemplo das criancinhas que com uma das mãos seguram a mão de seu pai e com a outra colhem morangos ou amoras ao longo das cercas. Porque, da mesma forma, com uma das mãos amontoando e manejando os bens deste mundo, segura sempre com a outra mão a mão do Pai Celeste, voltando-te de tempos em tempos a ele para ver se lhe são agradáveis tua vida doméstica e tuas ocupações. E toma cuidado em todas as coisas para não abandonar sua

mão e sua proteção, pensando acumular ou recolher mais, porque se ele te abandonar não darás nenhum passo, sem dar com o nariz no chão.

Quero dizer-te, minha Filoteia que, quando estás no meio dos afazeres e ocupações comuns que não exigem uma atenção tão grande e tão premente, vultes teu olhar mais para Deus do que para os afazeres; e quando os afazeres são de tão grande importância que exigem toda a tua atenção para serem bem feitos, de tempos em tempos procura olhar para Deus, como fazem aqueles que navegam no mar, os quais, para chegar à terra que desejam, olham mais para o alto do céu, do que para baixo onde vagueiam. Assim Deus trabalhará contigo, em ti e para ti, e teu trabalho será acompanhado de consolação (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. X. I, 131).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que destes o Espírito Santo aos vossos discípulos que perseveravam unanimemente na oração, purificai, eu vos suplico, o interior do meu coração, a fim de que o Paráclito, encontrando uma morada agradável na minha alma, a embeleze com seus dons, suas graças e sua consolação. Amém (*Opusc.*, III, 232).

Capítulo 40

Que o homem por si mesmo nada tem de bom e de nada se pode gloriar

1. *A alma*: Senhor, que é o homem, para *que vos lembreis dele, ou o filho do homem, para que o visiteis?* (Sl 8,5). Por onde mereceu o homem que lhe deis a vossa graça? Como me posso queixar, se me desamparais, ou que posso justamente opor, se não me concedeis o que peço? Decerto, com verdade posso pensar e dizer: Senhor, nada sou, nada posso, nada de bom tenho de mim mesmo, mas falta-me tudo, e sempre pendo para o nada. E se vós não me ajudais e ensinais, fico de todo tíbio e relaxado.

2. Vós, porém, Senhor, sempre sois o mesmo e permanecéis eternamente bom, justo e santo, e boas são vossas obras todas, e justas e santas, e dispondes tudo com sabedoria. Mas eu, que sou mais inclinado à negligência que ao aproveitamento espiritual, não sei conservar-me no mesmo estado, porque mudo sete vezes por dia. Mas logo me vai melhor, quando vos apraz estender-me a mão para me socorrer; porque só vós, sem auxílio humano, me podeis ajudar e dar-me firmeza, de tal modo que jamais se mude meu rosto, mas só a vós se converta meu coração e em vós descanse.

3. Por isso, se eu soubesse rejeitar toda humana consolação, fosse por adquirir a devoção, fosse pela necessidade que me obriga a buscar-vos, então poderia com razão esperar a vossa graça e alegrar-me com o favor de uma nova consolação.

4. Graças vos sejam dadas, Senhor, porque de vós procede todo o bem que me sucede. Mas eu sou vaidade e nada, diante de vós, sou homem frágil e inconstante. De que posso, pois, gloriar-me, ou por que desejo ser estimado? Porventura do meu nada? Isso seria o cúmulo da vaidade. Verdadeiramente a vanglória é peste maligna e a pior das vaidades, porque nos aparta da glória verdadeira e nos priva da graça celestial. Porquanto, desde que o homem agrada a si, desagrada a vós, e quando aspira aos humanos louvores, perde as verdadeiras virtudes.

5. Glória verdadeira, porém, e alegria santa é gloriar-se cada um em vós e não em si, deleitar-se em vosso nome e não na sua própria virtude, não achar deleite em criatura alguma, senão por amor de vós. Seja louvado o vosso nome e não o meu; sejam glorificadas vossas obras e não as minhas; exaltado seja o vosso santo nome, e a mim nada se atribua dos louvores humanos. Vós sois minha glória e a alegria do meu coração. Em vós me gloriarei e exaltarei todo dia, mas, quanto à minha pessoa, de nada me ufano, a não ser das minhas fraquezas (2Cor 12,5).

6. Busquem os judeus a glória uns dos outros, eu busco aquela que vem só de Deus (Jo 5,44). Pois toda glória humana, toda glória temporal e toda grandeza mundana, comparada com a vossa eterna glória, não passa de vaidade e loucura. Ó verdade e misericórdia minha, Deus meu, Trindade bem-aventurada! a vós só seja dado louvor, honra, virtude e glória por todos os séculos.

Reflexões

O que foi que fez os anjos pecar senão a falta de humildade? Porque, ainda que seu pecado fosse uma desobediência, para tomar todas as coisas em sua origem, foi porém o orgulho que os fez desobedecer a Deus. Então não vemos que este miserável Lúcifer começou a olhar-se e contemplar-se e passou depois a admirar-se e comprazer-se em sua beleza, chegando ao cúmulo de dizer: *Subirei ao céu e serei semelhante ao Altíssimo* (Is 14,14), sacudindo assim o jugo da santa submissão e obediência que ele devia a seu Criador. Ele tinha toda razão de admirar sua excelente natureza, mas não para comprazer-se nela e ficar vaidoso, porque não é um mal contemplar-se a si mesmo para glorificar a Deus e agradecer-lhe pelos dons que nos concedeu, contanto que não passemos daí à vaidade e complacência de nós mesmos...

Tomai o cuidado de permanecer sempre nas disposições da humildade e de um santo e amoroso reconhecimento para com Deus, de quem dependemos e que nos fez o que somos (*Sermon pour le jour de la Purification*, IV, 137 e 138).

Capítulo 41 Do desprezo de toda honra temporal

1. *Jesus*: Filho, não te entristeças por veres os outros honrados e exaltados,

ao passo que tu és desprezado e humilhado. Ergue a mim o teu coração até ao céu, e não te entristecerá o desprezo humano na terra.

A alma: Senhor, vivemos na cegueira, e facilmente nos engana a vaidade. Se bem me examino, nunca recebi injúria de criatura alguma; não tenho, pois, motivo de justa queixa contra vós.

2. Mas, porque cometi tantos pecados, e tão graves, contra vós, é justo que contra mim se armem todas as criaturas. A mim, pois, com muita razão, cabe confusão e desprezo, a vós, porém, louvor, honra e glória. E enquanto não estiver disposto a querer de bom grado ser desprezado e abandonado de todas as criaturas, e ser tido absolutamente em nada, não haverá em mim paz e tranquilidade interior, nem serei espiritualmente iluminado, nem perfeitamente unido a vós.

Reflexões

Dizemos muitas vezes que não somos nada, que somos a própria miséria e o lixo do mundo; mas ficaríamos muito aborrecidos se fôssemos tomados ao pé da letra e declarados tais como nos dizemos. Ao contrário, fingimos fugir e nos esconder, a fim de que alguém corra atrás de nós e nos procure; fazemos de conta que queremos ser os últimos, sentando-nos no último lugar da mesa, mas é a fim de sermos convidados a tomar um lugar mais importante ou até a cabeceira da mesa. A verdadeira humildade não quer parecer humilde, nem diz palavras de humildade, porque ela não só deseja ocultar as outras virtudes, mas ainda e principalmente deseja ocultar-se a si mesma...

A pessoa verdadeiramente humilde gostaria mais que o outro dissesse que ela é miserável, que não é nada, que não vale nada, do que dizê-lo ela mesma. Pelo menos se ela sabe que o outro o diz, ela não o contradiz, mas concorda de boa vontade, porque, acreditando firmemente nisto, ela fica perfeitamente à vontade sabendo que o outro segue sua opinião (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. V, III, 111 e 112).

Oração

Eu quero, Senhor, sim, quero que arranqueis corajosamente tudo que reveste meu coração. Ó Senhor, não, não aceito nada, arrancai-me de mim mesmo! Ó mim mesmo, eu te abandono para sempre, até que meu Senhor me ordene retomar-te (70^a *lettre spirit.*, XI, 105).

Capítulo 42 *Como não se deve procurar a paz nos homens*

1. *Jesus:* Filho, se puseres tua paz em alguma pessoa, por conviver contigo e

ser de teu parecer, achar-te-ás inconstante e embaraçado. Mas, se recorrerés à verdade sempre viva e permanente, não te entristecerás pela ausência e morte de um amigo. Em mim se há de fundar o amor do amigo, e por mim se há de amar todo aquele que nesta vida te parecer bom e amável. Sem mim não vale nada, nem durará a amizade; nem é puro e verdadeiro o amor cujos laços eu não tenha dado. De tal modo deves estar morto para semelhantes afeições dos amigos que, quanto depender de ti, desejes viver sem relações humanas. Quanto mais se chegar o homem para Deus, tanto mais se afastará de todo alívio terreno. E tanto mais alto sobe para Deus, quanto mais baixo desce na sua estimação, e mais vil se reputa.

2. Mas quem a si mesmo se atribui algum bem impede que a graça venha à sua alma; porque a graça do Espírito Santo sempre busca o coração humilde. Se te souberas perfeitamente aniquilar e desprender de todo amor criado, então viria a ti com a abundância de minhas graças. Quando olhas para as criaturas, perdes a contemplação do Criador. Aprende a vencer-te em tudo por teu Criador, e então poderás chegar ao conhecimento divino. Qualquer coisa, por pequena que seja, se a amas e aprecias desordenadamente, mancha a alma e te separa do Sumo Bem.

Reflexões

Ó Filoteia, procura amar cada pessoa com um grande amor de caridade, mas não tenhas amizade, a não ser com aquelas pessoas que podem comunicar-te coisas virtuosas. E quanto mais excelentes forem as virtudes que colocas nessa relação, tanto mais perfeita será a tua amizade. Se te comunicas em ciências, tua amizade certamente é muito louvável, e será mais ainda se te comunicas em virtudes, como prudência, discrição, força e justiça. Mas se tua comunicação mútua e recíproca se faz na caridade, na devoção e perfeição cristã, então, ó Deus, como será preciosa a tua amizade! Ela será excelente, porque vem de Deus, e excelente porque tende para Deus; excelente porque seu vínculo é Deus, e excelente porque ela durará eternamente em Deus. Como é bom amar na terra como se ama no céu, e aprender a querer-nos bem mutuamente neste mundo como será eternamente no outro! Não falo aqui do simples amor de caridade, porque ele é devido a todos os seres humanos, mas falo da amizade espiritual pela qual duas ou três ou mais almas comunicam entre si sua devoção e seus afetos espirituais, tornando-se um só espírito. Assim, essas almas felizes têm toda razão de cantar: *Como é bom e agradável os irmãos viverem juntos!* (Sl 133,1). Sim, porque o bálsamo delicioso da devoção destila de um coração ao outro, por uma contínua participação, se podemos dizer que Deus derramou sobre esta amizade sua bênção, e a vida pelos séculos dos séculos (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. XIX, I, 157).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que, pregado na cruz, recomendastes vossa mãe

ao discípulo amado, e o discípulo à vossa Mãe, concedei-me a graça de receber-me sob vossa proteção, a fim de que, preservando-me dos perigos desta vida, eu esteja no número de vossos amigos. Amém (*Opusc.*, III, 230).

Capítulo 43

Contra a vã ciência do século

1. *Jesus*: Não te deixes cativar pela elegância e sutileza dos dizeres humanos, porque *o Reino de Deus não consiste em palavras, mas na virtude* (1Cor 2,4). Atende às minhas palavras, que inflamam o coração, iluminam o espírito, levam à compunção e produzem muitas consolações. Nunca leias minha palavra com o fim de pareceres mais douto ou sábio. Aplica-te a mortificar teus vícios, porque isso te traz mais proveito que o conhecimento das mais difíceis questões.

2. Por muito que estudes e aprendas, terás que referir tudo sempre ao *único princípio*. Sou eu que ensino ao homem a ciência, e dou aos pequeninos mais clara compreensão do que os homens são capazes de ensinar. Aquele a quem eu ensinar, depressa será sábio e muito aproveitará espiritualmente. Ai daqueles que indagam dos homens muitas coisas curiosas, e tratam pouco dos meios de me servir. Tempo virá em que aparecerá o Mestre dos mestres, Cristo, Senhor dos anjos, para tomar lições de todos, isto é, para examinar a consciência de cada um. E com a lâmpada na mão perscrutará então Jerusalém, e revelará o segredo das trevas, fazendo calar as objeções das línguas humanas.

3. Eu sou o que levanta num instante o espírito humilde, de maneira que compreenda melhor as razões das verdades eternas, do que se houvera estudado dez anos na escola. Eu ensino sem ruído de palavras, sem confusão de opiniões, sem espalhafato, sem contenda de argumentos. Eu sou o que ensina a desprezar as coisas terrenas, a aborrecer as coisas presentes, a buscar e apreciar as eternas, a fugir às honras, sofrer as injúrias, pôr em mim toda esperança, a não desejar coisa alguma fora de mim e amar só a mim, com todo fervor, acima de tudo.

4. Alguns, amando-me inteiramente, aprenderam com isso coisas divinas e falavam coisas maravilhosas. Mais aproveitaram em deixar tudo, do que em estudar questões sutis. A uns, porém, falo coisas comuns, a outros, mais particulares; a alguns revelo-me docemente em sinais e figuras, a outros descubro os meus mistérios com muita luz. A mesma voz fala em todos os livros, mas não ensina a todos da mesma maneira; pois eu sou o que interiormente ensina a verdade, perscruta o coração, penetra os pensamentos, inspira as ações, distribuindo a cada um segundo me apraz.

Reflexões

Acontece muitas vezes que o conhecimento, depois de ter gerado o amor sagrado, o amor não se mantém dentro dos limites do conhecimento que está no

entendimento, mas o ultrapassa e avança muito além dele; e que nesta vida mortal podemos ter mais amor do que conhecimento de Deus, tanto que o grande Santo Tomás garante que muitas vezes os mais simples e as mulheres têm mais devoção e de modo geral são mais capazes do amor divino do que as pessoas hábeis e sábias.

O famoso pároco de Saint-André de Verceil, mestre de Santo Antônio de Pádua, em seus comentários sobre São Dionísio, repete diversas vezes que o amor penetra onde a ciência exterior não poderia chegar, e diz que vários bispos penetraram outrora no mistério da Trindade, ainda que não fossem doutos, admirando neste sentido seu discípulo Santo Antônio de Pádua, que, sem ciência mundana, tinha uma tão profunda teologia mística que, como um outro santo, João Batista, podia ser chamado *uma lâmpada luzente e ardente* (Jo 5,35). O bem-aventurado Frei Gil, um dos primeiros companheiros de São Francisco, disse um dia a São Boaventura: “Como sois felizes, vós outros doutos, porque sabeis muitas coisas pelas quais louvais a Deus! Mas nós idiotas, o que podemos fazer?” E São Boaventura respondeu: “A graça de poder amar a Deus basta. – Mas, meu Pai, replicou Frei Gil, será que um ignorante pode amar tanto a Deus como um letrado? – Pode, sim, disse São Boaventura; e te digo que uma pobre e simples mulher pode amar tanto a Deus quanto um doutor em teologia”. A essa altura, Frei Gil, tomado de fervor, gritou: “Ó pobre e simples mulher, ama teu Salvador e poderás ser como Frei Boaventura” e ali permaneceu três horas em êxtase (*Amour de Dieu*, 1. VI, cap. IV II, 95).

Oração

Ó Pai Eterno..., eu vos dou graças e bênçãos infinitas, pedindo-vos a graça de desprender e desviar completamente minhas afeições das coisas terrestres, e de amar de todo o meu coração as coisas espirituais e celestes, a fim de que eu me torne uma morada digna de vosso Espírito e de todos os seus dons e graças, até que eu mereça reinar junto com o mesmo Jesus Cristo na glória, por todos os séculos dos séculos (*Opusc.*, III, 131).

Capítulo 44

Que se não devem tomar a peito as coisas exteriores

1. *Jesus*: Filho, convém fazeres-te ignorante em muitas coisas, e reputares-te como que morto sobre a terra, para que todo o mundo te esteja crucificado. Importa também que te faças surdo a muitas coisas, cuidando antes do que serve à tua paz. Mais útil é desviare os olhos do que não te agrada e deixares a cada um seu parecer, do que entrares em discussões. Se estiveres bem com Deus e considerares seus juízos, não te será custoso dares-te por vencido.

2. *A alma*: Ah! Senhor, a que chegamos? Eis que choramos uma perda temporal, trabalhamos e corremos para ganhar mesquinho lucro, mas do dano

espiritual nos esquecemos e mal nos lembramos, ou tarde. Olha-se muito pelo que pouco ou nada vale, e não se faz caso do que é sumamente necessário, porque o homem inteiramente se entrega às coisas exteriores, e, se prontamente não se recolher, nela descansa com prazer.

Reflexões

Meu Deus, madame, em breve estaremos na eternidade. Veremos então como todos os trabalhos deste mundo são pouca coisa, e como importava pouco que fossem feitos ou não. Agora, porém, nós nos empenhamos neles como se fossem coisas importantes. Quando éramos crianças, com que esforço juntávamos pedaços de telhas, de madeira e montes de lama para fazer casas e pequenas construções; e se alguém viesse derrubá-las ficávamos muito aborrecidos e chorávamos. Agora sabemos que tudo aquilo importava muito pouco. Um dia será o mesmo no céu: lá veremos que nossas afeições ao mundo não eram senão verdadeiras criancices...

Dedica-te fielmente a teus afazeres, mas fica sabendo que não tens absolutamente ocupações mais dignas do que a tua salvação, e o encaminhamento da salvação de tua alma para a verdadeira devoção (*III lettre spirit.*, X, 330 e 331).

Oração

Livrai-me, Senhor, de minhas paixões desordenadas e de meus maus hábitos, principalmente daqueles para os quais estou mais inclinado e pelos quais estou mais tiranizado e dominado (*Opusc.*, III, 148).

Capítulo 45

Que se não deve dar crédito a todos, e quão facilmente faltamos nas palavras

1. *Socorrei-nos, Senhor, na tribulação, porque é vão o auxílio humano* (Sl 59,3). Oh! quantas vezes procurei em vão fidelidade, onde cuidava que a havia! Ah! quantas vezes a encontrei onde menos a esperava! Vã é, pois, a esperança que se põe nos homens; em vós, meu Deus, está a salvação dos justos. Bendito sejais, Senhor meu Deus, em tudo que nos sucede. Nós somos fracos e inconstantes, facilmente nos enganamos e mudamos.

2. Que haverá tão cauteloso e vigilante em todas as coisas, que alguma vez não caia em perturbação ou engano? Mas aquele que em vós, Senhor, confia, e vos procura de coração sincero, não cai tão facilmente. E se vier a cair em alguma tribulação, de qualquer sorte que esteja embaraçado nela, prontamente será por vós libertado ou consolado, porquanto não desamparais para sempre a quem em vós espera. Raro é o amigo fiel que persevera em todas as tribulações de seu amigo. Vós, Senhor, vós sois o único amigo fidelíssimo e não se acha

outro igual.

3. Oh! bem o soube aquela alma santa^[13] que disse: “Meu coração está firmado e fundado em Cristo!” Se assim fora comigo, não me perturbaria tão facilmente o temor humano, nem me abalariam as flechas das más palavras. Quem pode prever tudo e precaver-se contra os males futuros? Se os males previstos já ferem tanto, quanto mais os imprevisos causarão feridas dolorosas! Mas por que motivo, sendo eu tão miserável, não me acautelei melhor? Por que tão facilmente dei crédito aos outros? Entretanto – somos homens e nada mais que homens fracos, ainda que muitos se julguem e chamem anjos. A quem hei de crer, Senhor? A quem senão a vós? Vós sois a verdade que não engana nem pode ser enganada. Ao passo que está escrito: “*Todo homem é mentiroso*” (Sl 115,2), fraco, inconstante, inclinado a pecar, mormente em palavras, de sorte que mal se deve logo acreditar o que, à primeira vista, parece verdadeiro.

4. Quão prudentemente nos aconselhastes que nos acautelássemos dos homens, e nos dissesstes que “os inimigos do homem são os que com ele moram” (Mt 10,36), que não devemos dar crédito se alguém nos disser: *Aqui está Cristo!* ou *Está acolá!* À minha custa aprendi esta verdade, e queira Deus que me sirva de maior cautela e não para dar provas de maior insensatez! Toma cuidado, diz-me alguém, e guarda para ti o que te digo. E enquanto me calo e guardo segredo, não pode guardar silêncio aquele que me pediu segredo, senão logo descobre a si e a mim e lá se vai. De homens tais, palradores e desacutelados, livrai-me, Senhor, para que não caia em suas mãos nem cometa semelhantes faltas. Ponde em minha boca palavras sérias e sinceras, e apartai de mim o embuste da língua. A todo custo devo evitar o que não quero aturar dos outros.

5. Oh! Como é bom, para viver em paz, calar dos outros, não crer tudo indiferentemente, nem repeti-lo logo a outrem; abrir-se a poucos e buscar sempre a vós, o perscrutador do coração; não se mover com qualquer sopro de palavra, mas desejar que todas as coisas exteriores e interiores se façam conforme o beneplácito da vossa vontade. Que meio seguro para conservar a divina graça, fugir do que cai na vista dos homens, e não desejar o que possa granjear- nos a admiração dos homens, antes procurar, com toda solicitude, o que serve para emenda da vida e fervor da alma! A quantos prejudicou a virtude divulgada e prematuramente elogiada! Quanto proveito, porém, traz conservar a graça do silêncio, durante esta vida tão frágil, que não é mais que contínua tentação e peleja!

Reflexões

Que nossa linguagem seja doce, franca, sincera, leal, ingênua e fiel. Guarda-te das duplicidades, artifícios e fingimentos: ainda que não seja bom dizer sempre toda a verdade, também não é permitido transgredir a verdade. Acostuma-te a nunca mentir com pleno conhecimento, nem por escusa, nem por outro motivo, lembrando-te que Deus é o Deus da verdade; se dizes uma mentira por inadvertência e podes corrigi-la imediatamente dando alguma

explicação ou reparação, deves fazê-lo, pois uma escusa verdadeira tem muito mais graça e força para escusar do que a mentira.

Ainda que algumas vezes se possa discreta e prudentemente dissimular e cobrir a verdade por algum artifício de palavra, isto só deve ser feito em coisa importante, quando a glória e serviço de Deus o exijam manifestamente. Fora disto, os artifícios são perigosos, porque, como diz a palavra sagrada, o *Espírito Santo não habita num espírito falso e dissimulado* (Sb 1,5). Não há nenhuma finura tão boa e desejável como a simplicidade. As prudências mundanas e artifícios carnaís pertencem aos filhos deste século; mas os filhos de Deus caminham sem desvios e têm o coração sem pregas. *Quem caminha na simplicidade ou retidão*, diz o Sábio, *caminha seguro* (Pr 10,9). A mentira, a duplicidade e a simulação denunciam sempre um espírito fraco e vil (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. XXX, I, 194).

Capítulo 46

Da confiança que havemos de ter em Deus quando se nos dizem palavras afrontosas

1. *Jesus*: Filho, conserva-te firme e espera em mim, pois palavras são palavras; ferem os ares, mas não quebram a pedra. Se és culpado, trata logo de emendar-te; se a consciência de nada te acusa, faz o propósito de sofrer isso de boa vontade, por amor de Deus. Não é muito sofreres, às vezes, más palavras, já que me não podes ainda suportar mais pesados golpes. E por que razão te ferem tão leves coisas senão porque és ainda carnal e fazes ainda mais caso dos homens do que convém? Temes ser desprezado, e por isso não queres ser repreendido de tuas faltas e procuras defender-te com desculpas.

2. Mas examina-te melhor e verás que vive ainda em ti o mundo e o vão desejo de agradar aos homens. Pois, já que foges de ser abatido e confundido por causa dos teus defeitos, mostras claramente que não és verdadeiramente humilde, nem inteiramente morto ao mundo, e que o mundo não está de todo crucificado para ti (Gl 6,14). Mas ouve a minha palavra e não farás caso de dez mil palavras humanas. Mesmo que dissessem contra ti quanto pode inventar a mais negra malícia, que mal te faria, se o deixasses passar, não fazendo mais caso daquilo que duma palha? Porventura poderia arrancar-te um só cabelo?

3. Mas quem não domina o coração, nem tem a Deus diante dos olhos, facilmente fica aborrecido com uma palavra de repreensão. Aquele, porém, que confia em mim, e não se aferra à sua própria opinião, viverá sem temor dos homens. Eu sou o juiz e conheço todos os segredos, sei como se passou tudo, quem fez a injúria e quem a sofre. De mim saiu esta palavra, por minha permissão te sucedeu isso, “para que fossem revelados os pensamentos de muitos corações” (Lc 2,35). Julgarei o culpado e o inocente: primeiro, porém, quis provar ambos por oculto juízo.

4. Engana, muitas vezes, o testemunho dos homens; meu juízo é verdadeiro e não será revogado. As mais das vezes é oculto e poucos lhe conhecem todas as particularidades, mas nunca erra, nem pode errar, posto que pareça menos reto aos olhos dos néscios. A mim, pois, debes recorrer em todo juízo e não te ater ao teu próprio parecer. Pois o justo não se perturbará, seja o que for que lhe suceda, por permissão de Deus. Não se afligirá com as palavras que contra ele disserem injustamente. Mas também não se encherá de vã alegria, quando outros o justificarem com razões. Ele pondera que “eu sou o perscrutador dos corações e dos rins” (Sl 7,10), e não julgo segundo o exterior e as aparências humanas. Porque muitas vezes é culpável a meus olhos o que é tido por louvável na opinião dos homens.

5. *A alma*: Senhor, “Deus, juiz justo, forte e paciente” (Sl 7,12), que conheceis a fraqueza e malícia dos homens, sede minha fortaleza e toda a minha confiança, porque não me basta a consciência da própria força. Vós sabeis o que eu não sei, por isso devia ter recebido qualquer repreensão com humildade e mansidão. Perdoai-me, portanto, por todas as vezes que assim o não fiz, e dai-me de novo mais graça para sofrer. Portanto, mais valiosa me é vossa abundante misericórdia para alcançar o perdão dos pecados do que minha pretensa justiça em defesa do que está oculto na consciência. E mesmo que ela de nada me acuse, nem por isso sou justificado; porque sem a vossa misericórdia “nenhum vivente haverá justo a vossos olhos” (Sl 142,2).

Reflexões

Geralmente, a dissimulação e desprezo da injúria e calúnia é um remédio muito mais salutar do que o ressentimento, a contestação e a vingança: o desprezo faz desvanecer-se a calúnia e a injúria, e, se nos irritamos com elas, parece que as ratificamos...

Tenhamos sempre os olhos voltados para Jesus Cristo crucificado. Andemos em seu serviço com confiança e simplicidade, mas sábia e discretamente: ele será o protetor de nossa reputação e, se ele permite que ela nos seja tirada, isto será para dar-nos uma melhor, ou para fazer-nos crescer na santa humildade, da qual uma só onça vale mais do que mil libras de honra. Se alguém nos censura injustamente, oponhamos pacificamente a verdade à calúnia; se a calúnia persistir, perseveremos também em humilhar-nos. Colocando assim nossa reputação com a nossa alma nas mãos de Deus, não poderíamos assegurá-la melhor. Sirvamos a Deus pela boa e má reputação, a exemplo de São Paulo, a fim de que possamos dizer com Davi: *Ó meu Deus, foi por vós que suportei o opróbrio e que o vexame cobriu meu rosto* (Sl 69,8).

No entanto, devo fazer exceção de dois casos: alguns crimes são tão atrozes e infames que ninguém deve ser caluniado deles, por isso a pessoa pode livrar-se justamente da calúnia neste caso; outro caso é o da calúnia de certas pessoas de boa reputação das quais depende a edificação de muitas outras; neste caso, é preciso procurar tranquilamente a reparação do prejuízo sofrido, segundo a

opinião dos teólogos (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. VII, I, 120 e 122).

Capítulo 47

Que todas as coisas graves se devam suportar pela vida eterna

1. *Jesus*: Filho, não te deixes quebrantar pelos trabalhos empreendidos por meu amor, nem desanimes nas tribulações; mas em tudo que te suceder, te consolem e fortifiquem minhas promessas. Sou assaz poderoso para te recompensar além de todo limite e medida. Não lidarás aqui muito tempo, nem sempre estarás acabrunhado de dores. Espera um pouco e verás em breve o fim de teus males. Hora virá em que cessará todo trabalho e inquietação. É de pouco valor e duração o que passa com o tempo.

2. Faz o que podes fazer, trabalha fielmente em minha vinha, e “eu serei tua recompensa” (Gn 15,1). Escreve, lê, canta, geme, cala, ora e sofre varonilmente toda adversidade; a vida eterna é digna dessas e outras maiores pejeas. Virá a paz um dia que o Senhor sabe, e não haverá mais nem dia nem noite, não no presente, mas luz perpétua, claridade infinita, paz firme e seguro repouso. Não dirás então: *Quem me livrará deste corpo de morte?* (Rm 7,24), nem exclamarás: *Ai de mim, que se tem prolongado o meu desterro* (Sl 119,5). Porque a morte será destruída e a salvação será eterna; livre de toda ansiedade, gozarás deliciosa alegria, em meio de agradável e brilhante companhia.

3. Oh! Se visses as coroas imarcescíveis dos santos no céu, e a glória em que já exultam aqueles que outrora, aos olhos do mundo, eram desprezados e reputados quase indignos da vida; com certeza, logo te humilharias até ao pó e desejarias antes obedecer a todos que a um só a mandar. Nem cobiçarias os dias felizes desta vida, mas antes te alegrarias de ser atribulado por amor de Deus, e considerarias grande vantagem o ser tido por nada entre os homens.

4. Oh! Se achasses gosto nessas coisas e elas penetrassem profundamente no coração, como poderias ousar proferir uma só queixa? Porventura haverá pena que não se deva sofrer pela vida eterna? Certo que não é pouco perder ou ganhar o Reino de Deus. Ergue, pois, os olhos ao céu. Eis-me aqui com todos os meus santos; eles, que neste mundo sustentaram grandes combates, ora se rejubilam, ora estão consolados e estão seguros, ora gozam o repouso e permanecerão para sempre comigo no reino de meu Pai.

Reflexões

Considera a nobreza, a beleza e a quantidade de cidadãos e habitantes deste reino feliz: esses milhões e milhões de anjos, de querubins e serafins; esta turba de apóstolos, mártires, confessores, virgens e de santas mulheres. A multidão é inumerável! E como é feliz esta companhia! O mínimo de todos é mais belo de

ver que todo o mundo: o que será então vê-los todos? Ó meu Deus, como eles são felizes! Cantam sempre o suave cântico do amor eterno; sempre gozam de uma constante alegria; reciprocamente se dão contentamentos indizíveis e vivem na consolação de uma feliz e indissolúvel sociedade.

Considera, enfim, o bem de todos eles, de gozar de Deus, que os gratifica eternamente com seu amável olhar, e através dele difunde em seus corações um abismo de delícias. Que bem é estar para sempre unido com seu princípio! (*Introduction à la vie dévote*, parte I, cap. XVI, I, 32).

E se durante esta vida já sentimos tanto prazer só com imaginar a felicidade eterna, qual não será o nosso prazer no gozo desta mesma felicidade! Felicidade e glória que jamais terão fim, mas que durarão eternamente, sem que jamais possamos ser excluídos delas. Oh! Como esta certeza aumentará a nossa consolação!

Caminheemos, portanto, minhas caras almas, com alegria e felicidade, no meio das dificuldades desta vida passageira. Aceitemos de braços abertos as mortificações, as penas e as aflições que encontramos no nosso caminho, pois temos certeza de que essas penas terão um fim e que elas terminarão no fim de nossa vida, depois da qual não haverá mais do que alegrias, contentamento e consolações eternas. Amém (*Sermon pour le II^e dimanche de Carême*, IV, 270).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, único santificador e glorificador das almas, eu vos suplico, pelos méritos de vosso sangue precioso, que me concedais a graça eficaz de vos servir fielmente durante toda a minha vida, superando corajosamente todas as dificuldades que se apresentarão no caminho de vosso divino serviço, a fim de que eu mereça ser participante da mesma glória de que gozais no céu. Assim seja (*Opusc.*, III, 149).

Capítulo 48

Do dia da eternidade e das angústias desta vida

1. Ó mansão beatíssima da celestial cidade! Ó dia claríssimo da eternidade, que a noite não obscurece, mas a Verdade Soberana sempre ilumina; dia sempre festivo, sempre seguro, que nunca muda no contrário! Oh! Se já amanheceria aquele dia e acabaram todas as coisas temporais! Para os santos, sim, brilha este dia com o fulgor de sua perpétua claridade; para nós, peregrinos da terra, só de longe se mostra e como por espelho.

2. Sabem os cidadãos do céu quão ditoso é aquele dia; sentem os desterrados filhos de Eva quão triste e amargo é este da vida presente. Os dias deste tempo são curtos e maus, cheios de dores e angústias. Neles se vê o homem manchado de muitos pecados, enredado de muitas paixões, angustiado de muitos temores,

inquietado com muitos cuidados, distraído com muitas curiosidades, emaranhado em muitas vaidades, cercado de muitos erros, oprimido de muitos trabalhos, acossado por tentações, enervado pelas delícias, atormentado pela penúria.

3. Oh! Quando virá o fim de todos estes males? Quando me verei livre da triste escravidão dos vícios? Quando me lembrarei somente de vós, Senhor? Quando em vós plenamente me alegrarei? Quando viverei em perfeita liberdade, sem nenhum impedimento, sem aflição da alma e do corpo? Quando gozarei a paz sólida, imperturbável e segura, paz interna e externa, paz de toda parte estável? Ó bom Jesus, quando estarei diante de vós para vos ver? Quando contemplarei a glória do vosso reino? Quando me sereis tudo em todas as coisas? Oh! Quando estarei convosco no reino que preparastes desde toda a eternidade para os que vos amam? Pobre e desterrado estou, em terra de inimigos, onde há guerras contínuas e misérias extremas!

4. Consolai-me no meu desterro, mitigai-me a dor, para vós se dirige todo o meu desejo. Tudo quanto o mundo oferece de consolo é para mim tormento. Desejo gozar- vos intimamente, mas não o consigo. Desejo aplicar-me às coisas do céu, mas as coisas temporais e as paixões imortificadas me abatem. Com o espírito desejava elevar-me acima de todas as coisas, mas a carne me obriga a sujeitar-me a elas contra a minha vontade. Assim eu, homem desgraçado, pelejo comigo e “sou a mim mesmo pesado” (Jó 7,20), pois o espírito aspira às alturas, mas a carne às baixezas.

5. Oh! Quanto padeço interiormente, quando, ao meditar nas coisas celestiais, logo uma multidão de ideias carnis vêm perturbar-me a oração! *Deus meu, em vossa ira, não vos aparteis de vosso servo!* (Sl 26,9). Lançai os vossos raios e dissipai estes pensamentos! (Sl 143,6). Despedi vossas flechas, e se desfarão todos esses fantasmas do inimigo. Concentrai e recolhei em vós meus sentidos; fazei-me esquecer todas as coisas do mundo; concedei-me a graça de logo rebater e desprezar todas as imaginações do pecado. Socorrei-me, Verdade Eterna, para que nenhuma vaidade me possa seduzir. Vinde, doçura celestial, e diante de vós fuja toda impureza. Perdoai-me também e relevai-me, pela vossa misericórdia, todas as vezes que, na oração, penso em outra coisa, fora de vós. Confesso sinceramente que costumo ser muito distraído. Pois muitas vezes não estou onde tenho o corpo, mas onde me levam os pensamentos. Estou onde está o meu pensamento, e meu pensamento está, de ordinário, onde está o que amo. Ocorre-me com facilidade o que naturalmente me deleita ou por costume me agrada.

6. Por isso vós, Verdade Eterna, dissestes claramente: *Onde está teu tesouro, aí se acha também teu coração* (Mt 6,21). Se amo o céu, gosto de pensar nas coisas celestiais. Se amo o mundo, alegro-me com seus deleites e entristeço-me com suas adversidades. Se amo a carne, com gosto me ocupo dos pensamentos carnis. Se amo o espírito, deleita-me o pensar nas coisas espirituais. Porque, seja qual for o objeto do meu amor, dele falo e ouço falar com gosto e trago comigo a sua imagem. Mas bem-aventurado o homem que por amor de vós,

Senhor, abre mão de todas as criaturas, faz violência à natureza e crucifica a concupiscência da carne com o fervor do espírito, para, de consciência serena, oferecer-vos uma oração pura e, desprendido interior e exteriormente de tudo que é terreno, merecer entrar no coro dos anjos.

Reflexões

Ainda há mais proporção da luz de uma lâmpada com a luz e claridade dessa grande luminária que nos alumia, e mais relação entre a beleza tanto da folha como do fruto de uma árvore, e a própria árvore carregada de folhas e de frutos tudo junto..., do que entre a luz do Sol e a claridade de que gozam os bem-aventurados na glória eterna. Ou entre a beleza de um prado matizado de flores na primavera e as belezas desses campos celestes, e ainda entre a amenidade de nossas colinas carregadas de frutos e a amenidade da felicidade eterna (*Sermon pour le deuxième dimanche de Carême*, IV, 255).

Mas eles passam, esses anos transitórios...; seus meses se reduzem a semanas e as semanas a dias, os dias a horas e as horas a minutos que são os únicos que possuímos, mas que só possuímos na medida em que eles perecem e tornam nossa duração perecível, a qual no entanto nos deve ser mais amável. Uma vez que esta vida está cheia de misérias, não poderíamos ter nenhuma consolação mais sólida do que a de estarmos certos de que ela vai se dissipando para dar lugar à santa eternidade que nos está preparada na abundância da misericórdia de Deus, e à qual nossa alma aspira incessantemente pelos contínuos pensamentos que sua própria natureza lhe sugere, ainda que ela não possa esperá-la senão por outros pensamentos mais elevados, que o autor da natureza lhe infunde na alma (*121^e lettre spirit.*, XII, 203).

Capítulo 49

Do desejo da vida eterna e quantos bens estão prometidos aos que combatem

1. *Jesus*: Filho, quando sentires que o céu te inspira saudades da bem-aventurança e o desejo de deixar o tabernáculo do corpo para contemplar minha glória sem sombra de mudanças, alarga o teu coração e recebe esta santa inspiração com todo afeto. Dá muitas graças à Bondade Soberana, que usa de tanta liberdade para contigo, com tanta clemência te visita, tanto te anima, tão poderosamente te levanta, para que teu próprio peso não te arraste para as coisas terrenas. Pois isto não te vem por teus pensamentos ou esforços, mas só pela mercê da graça celeste e do beneplácito divino para que te adiantes nas virtudes, sobretudo na humildade, e te prepares para futuras pelepas; para que te entregues a mim com todo o afeto do teu coração e me sirvas com ardente amor.

2. Filho, muitas vezes arde o fogo, mas não sobe a chama sem fumo. Assim também os desejos de alguns se abrasam pelas coisas celestiais, e, contudo, não

estão livres da tentação e dos afetos carnavais. Por isso não fazem unicamente pela glória de Deus o que, aliás, com tanto desejo lhe pedem. Tal é também muitas vezes teu desejo, que manifestastes com tanta ansiedade; pois não é puro nem perfeito o que está contaminado de algum interesse próprio.

3. Pede-me, não o que te é agradável e cômodo, senão o que a mim me é aceito e honroso; pois, se julgares retamente, deves preferir minha lei a todos os teus desejos e cumpri-la. Conheço teus desejos e ouvi teus frequentes gemidos. Quiseras já agora estar na gloriosa liberdade dos filhos de Deus, já te deleita o pensamento da morada eterna, na pátria celestial repleta de gozo; — mas não é ainda chegada essa hora, outro é o tempo atual, tempo de guerra, trabalho e provação. Desejas gozar a plenitude do Sumo Bem, mas por enquanto ainda não o podes conseguir. Sou eu esse Bem Supremo; espera-me, diz o Senhor, até que venha o Reino de Deus.

4. Hás de passar ainda por muitas provações na terra e ser exercitado em muitas coisas. Consolações se te darão de vez em quando, mas plena satisfação não podes receber. Esforça-te, pois, e tem coragem, para fazer e sofrer o que repugna à natureza. Importa que te revistas do homem novo e te transformes em outro homem. Cumpre-te fazer muitas vezes o que não queres e deixar o que queres. O que agrada aos outros terá bom sucesso; o que te agrada não se fará. O que os outros dizem está atendido; o que tu dizes será desprezado. Pedirão os outros e receberão; tu pedirás, e não alcançarás.

5. Serão grandes os outros na boca dos homens; mas de ti nem se dirá palavra. Os outros serão encarregados de diversas comissões, e tu não serás julgado capaz de coisa alguma. Com isto se contristarás, às vezes, a natureza; mas muito ganharás se o sofreres calado. Nessas e noutras coisas semelhantes costuma ser aprovado o servo fiel do Senhor, para ver como sabe negar-se e mortificar em tudo. Difícilmente haverá coisa em que mais te seja preciso morrer a ti mesmo, do que em ver e sofrer o que é contrário à tua vontade mormente quando te mandam fazer coisas que te parecem inúteis ou desarrazoadas. E porque não ousas resistir à autoridade do superior, sob cujo governo estás, duro te parece andar à vontade de outrem e deixar de todo o teu próprio parecer.

6. Mas considera, filho, o fruto destes trabalhos, o fim breve e o prêmio excessivamente grande, e não te serão molestos, mas acharás neles consolo para teus sofrimentos. Pois, por um pequeno desejo que agora sacrificas, tua vontade será sempre satisfeita no céu onde acharás tudo que quiseres, tudo o que podes desejar. Ali possuirás todo o bem, sem medo de o perder. Ali tua vontade, sempre unida com a minha, nada desejará fora de mim, nada que te seja próprio. Ali ninguém te fará oposição ou de ti se queixará, ninguém te causará estorvo ou contrariedades; antes, tudo quanto desejares já estará presente, para preencher e satisfazer plenamente todos os teus desejos. Ali te darei a glória pela injúria padecida, uma túnica de honra pela tristeza, e, pela escolha do ínfimo lugar, um trono em meu reino para sempre. Ali brilhará o fruto da obediência, alegrar-se-á a austera penitência e será gloriosamente

coroada a sujeição humilde.

7. Sujeita-te, pois, agora humildemente à vontade de todos, sem te importar quem foi que tal disse ou mandou. Mas cuida muito em acolher de bom grado qualquer pedido ou aceno, seja de teu superior, ou embora de teu igual ou inferior, e trata de o cumprir com sincera vontade. Busque um isto, outro aquilo; glorie-se este numa coisa, aquele em outra, e receba mil louvores; tu, porém, não te deleites numa nem noutra coisa, mas só no desprezo de ti mesmo e na minha vontade e glória. Este deve ser o teu desejo: que tanto na vida como na morte Deus seja sempre por ti glorificado.

Reflexões

O coração que neste mundo não pode cantar nem ouvir os louvores divinos a seu bel-prazer, sente desejos incomparáveis de ser libertado dos vínculos desta vida para ir para o outro mundo, onde se louva perfeitamente o Bem-amado celeste; e esses desejos se apoderam de tal forma do coração que se tornam algumas vezes tão fortes e urgentes no peito desses amantes sagrados, que, banindo todos os outros desejos, eles tornam fastidiosas todas as coisas terrestres e tornam a alma totalmente enlanguescida e doente de amor; esta santa paixão chega algumas vezes a tal ponto que pode causar a morte da pessoa, se Deus o permitir.

Assim este glorioso e seráfico amante, São Francisco, depois de ter sido longamente trabalhado por este forte desejo de louvar a Deus, teve, enfim, em seus últimos anos, por uma revelação muito especial, a certeza de sua salvação eterna. Ele não podia conter sua alegria e ia se consumindo, de dia em dia, como se sua vida e sua alma se evaporassem, como o incenso, no fogo dos ardentes desejos que ele tinha de ver seu Mestre para louvá-lo incessantemente: de modo que esses ardores, aumentando cada dia mais, sua alma saiu de seu corpo por um impulso em direção ao céu; porque a Divina Providência quis que ele morresse pronunciando essas sagradas palavras: “Ó Senhor, tirai minha alma desta prisão, a fim de que eu bendiga vosso nome! Os justos me esperam até que vós me concedais a tranquilidade desejada (*Amour de Dieu*, 1. V. cap. X, II, 73).

Oração

Ó Senhor de minha vida, por vossa tão doce bondade, livrai-me, pobre que sou, da gaiola do meu corpo; retirai-me desta pequena prisão, a fim de que, libertado desta escravidão, eu possa voar para onde me esperam meus queridos companheiros, lá no alto, no céu, para juntar-me aos seus coros e cercar-me de sua alegria. Lá, Senhor, juntando minha voz às deles, farei com eles uma suave harmonia de tons e acentos deliciosos, cantando, louvando e bendizendo vossa misericórdia (*Amour de Dieu*, 1. V. cap. X, II, 74).

1. Senhor Deus, Pai Santo! bendito sejais agora e sempre; porque como quisestes assim se fez, e bom é quanto fazeis. Alegre-se em vós o vosso servo, não em si, nem em algum outro, porque só vós sois a verdadeira alegria, vós a minha esperança e coroa; só vós, Senhor, minha delícia e glória. Que tem vosso servo, senão o que de vós recebeu, ainda sem o merecer? Vosso é tudo o que destes e fizestes. *Pobre sou e vivo em trabalho desde a juventude* (Sl 87,16), e minha alma se entristece algumas vezes até às lágrimas, e outras se perturba pelos sofrimentos que a ameaçam.

2. Desejo a alegria da paz, suplico a paz de vossos filhos, a que apascentais na luz da consolação. Se vós me derdes a paz, se vós me infundirdes santa alegria, será a alma de vosso servo cheia de júbilo, entoando devotamente vossos louvores. Mas se vos afastardes, como muitas vezes fazeis, não poderá ele trilhar o caminho dos vossos mandamentos, mas antes se prostrará de joelhos, para bater no peito, porque não lhe vai como nos dias passados, “quando resplandecia vossa luz sobre sua cabeça” (Gn 31,2), e encontrava refúgio contra as tentações violentas debaixo da sombra de vossas asas.

3. Pai justo e sempre digno de louvor! Chegada é a hora em que será provado o vosso servo. Pai amoroso! Justo é que nesta hora sofra alguma coisa o vosso servo por vosso amor. Pai sempre adorável, chegou a hora que de toda a eternidade préveis havia de vir, que por pouco tempo sucumba vosso servo exteriormente, mas vivendo interiormente sempre unido a vós. Por pouco tempo seja desprezado e humilhado, abatido diante dos homens e oprimido de sofrimentos e enfermidades, para que ressuscite convosco na aurora de uma nova luz e seja glorificado no céu. Pai Santo! Foi esta vossa ordem e vontade, fez-se o que ordenastes.

4. Pois é uma graça que concedeis ao vosso amigo: o sofrer e penar neste mundo por vosso amor, quantas vezes e de quem o permitireis. Sem o vosso desígnio, sem a vossa providência, ou sem causa, nada acontece na terra. *É bom para mim, Senhor, que me tenhais humilhado, para que aprenda vossos justos juízos* (Sl 118,71), e deponha toda a soberba e toda presunção. Proveitoso é para mim “ter o rosto coberto de confusão” (Sl 68,8), para que busque a consolação em vós e não nos homens. Também aprendi por este meio a temer vossos insondáveis juízos; pois afligis o justo com o ímpio, mas sempre com equidade e justiça.

5. Graças vos dou, Senhor, que não poupastes minhas maldades, antes me castigais com duros açoites, enviando-me dores e afligindo-me exterior e interiormente de angústias. De tudo quanto existe debaixo do sol, nada há capaz de me consolar senão vós, Senhor meu Deus, médico celestial das almas, *que feris e sanais, pondeis em grandes tormentos e deles livrais* (1Rs 2,6; Tb 13,2). *Vosso castigo está sobre mim e vossa disciplina me ensinará* (Sl 17,36).

6. Pai querido, em vossas mãos estou e me inclino debaixo da vara de vossa

correção. Feri-me as costas e o pescoço, para que sujeite minha vontade teimosa à vossa. Fazei-me discípulo devoto e humilde, como sabeis fazer, para que obedeça ao vosso menor aceno. Entrego-me, com tudo que é meu, à vossa correção; pois é melhor ser castigado neste mundo que no outro. Vós sabeis tudo e todas as coisas e nada se vos esconde da consciência humana. Vós sabeis o futuro antes que se realize, e não precisais de quem vos ensine ou advirta das coisas que se fazem na terra. Vós sabeis o que serve para meu progresso e quanto vale a tribulação para limpar a ferrugem dos vícios. Disponde de mim segundo o vosso beneplácito e não olheis para a minha vida pecaminosa, de ninguém melhor e mais claramente conhecida do que de vós.

7. Concedei-me, Senhor, que eu saiba o que devo saber, ame o que devo amar; fazei-me louvar o que mais vos agrada, estimar o que vós apreciáis, desprezar o que a vossos olhos é abjeto. Não me deixeis julgar pelas aparências exteriores, nem criticar pelo que ouço de homens inexperientes, mas dai-me o discernimento certo das coisas visíveis e das espirituais, e sobretudo o desejo de conhecer sempre vossa vontade.

8. Enganam-se, frequentemente, os homens em seus juízos, e não menos se enganam os mundanos, porque só amam as coisas visíveis. Porventura ficará melhor o homem porque outro o louva? O mentiroso engana ao mentiroso, o vaidoso ao vaidoso, o cego ao cego, o doente ao doente, em lhe fazendo elogios; e na verdade, antes o confunde em lhe tecendo vãos louvores. Porque, quanto cada um é aos olhos de Deus, tanto é e nada mais, diz o humilde São Francisco.

Reflexões

Não existe uma maneira mais excelente de rezar do que contentar-nos simplesmente em apresentar as próprias necessidades a Nosso Senhor e depois deixá-lo agir, mantendo-nos na certeza de que ele proverá as nossas necessidades, segundo o que nos for mais conveniente, contentando-nos em dizer-lhe: Senhor, eis aqui vossa pobre criatura, desolada e aflita, cheia de secura e aridez, cumalada de misérias e de pecados; mas vós sabeis bem do que preciso, basta-me fazer-vos ver o que sou; é a vós que cabe prover as minhas misérias conforme vos aprouver, porque sabeis bem o que me é mais útil para a vossa glória (*Sermon pour le II^e dimanche après l'Épiphanie*, IV, 123).

Não, minha querida filha, não é preciso apenas aceitar que Deus nos fere, mas é preciso aquiescer que é de acordo com o que lhe agrada. Devemos deixar a escolha a Deus, porque ela lhe pertence. Davi ofereceu sua vida pela vida de seu Absalão, mas foi porque ele morria assassinado; é neste caso que se deve conjurar a Deus: mas em perdas temporais, minha filha, que Deus pinça e toca nosso alaúde por onde ele quiser, e sobre a corda do nosso alaúde que ele escolher, jamais ele fará outra coisa senão uma bela harmonia. Senhor Jesus, sem reserva, sem se, sem mais, sem exceção, sem limitação, seja feita a vossa vontade sobre pai, mãe, filhos, em tudo e sobre tudo! Ah, não digo que não se deve desejar e orar para a conservação deles, mas dizer a Deus: deixai este e

tomai aquele, minha querida filha, não se deve dizer (78^e *lettre spirit.* X, 264).

Capítulo 51

Que devemos praticar as obras humildes quando somos incapazes para as mais altas

1. *Jesus*: Filho, não podes conservar-te sempre no desejo fervoroso de todas as virtudes, nem perseverar no mais alto grau de contemplação; mas às vezes te é necessário, por causa de tua natureza viciada, descer a coisas humildes e carregar, em que te pese, o fardo desta vida corruptível. Enquanto viveres neste corpo mortal, sentirás tédio e angústias do coração. Convém, pois, que na carne gemas muitas vezes debaixo do seu peso, porque não podes ocupar-te dos exercícios espirituais e da contemplação das coisas divinas, sem interrupção.

2. Então te convém recorrer a humildes ocupações exteriores e recrear-te nas boas obras; esperar, com firme confiança, minha vinda e visita celestial; levar com paciência o teu desterro e secura de espírito, até que de novo venha a visitar-te e te livre de todas as penas. Porque eu te farei esquecer os trabalhos e gozar do sossego interior. Abrir-te-ei o jardim delicioso das Sagradas Escrituras, para que, com o coração dilatado, comeces a correr pelo caminho dos meus mandamentos. E então dirás: *Não têm proporção as penas desta vida com a futura glória que se nos há de revelar* (Rm 8,18).

Reflexões e oração

Às vezes os desgostos, as esterilidades e securas provêm da indisposição do corpo, como quando pelo excesso de vigílias e jejuns a pessoa se encontra oprimida de lassidão, entorpecimento, sono, fadiga e de outros incômodos como estes, os quais, ainda que dependam do corpo, não deixam de molestar o espírito, devido à estreita ligação que existe entre ambos...

O remédio neste caso é revigorar o corpo por algum tipo de legítimo alívio e recreação. Assim São Francisco ordenava a seus religiosos que fossem de tal modo moderados em seus trabalhos que não prejudicassem o fervor do espírito (*Introduction à la vie dévote*, parte IV, cap. XV, I, 269).

É bom aplicar-se às obras exteriores e diversificá-las na medida do possível... Faz atos exteriores de fervor, mesmo sem gosto, abraçando a imagem do crucifixo, apertando-a sobre o peito, beijando-lhe os pés e as mãos, levantando teus olhos e tuas mãos ao céu, lançando tua voz em Deus através de palavras de amor e de confiança, como estas: ... *Meus olhos se firmam em vós, ó meu Deus, dizendo: Quando me consolareis? Ó Jesus, sede Jesus para mim. Viva Jesus, e minha alma viverá! Quem me separará do amor de meu Deus?* E semelhantes (*Introduction à la vie dévote*, parte IV, cap. XII, I, 252).

1. *A alma*: Senhor, eu não sou digno da vossa consolação, nem de visita alguma espiritual, e por isso me tratais com justiça, quando me deixais pobre e desconsolado. Porque, mesmo que pudesse derramar um mar de lágrimas, ainda assim não seria digno de vossa consolação. Outra coisa não mereço, pois, senão ser flagelado e punido por tantas ofensas e tão graves delitos que cometi. Assim, portanto, bem considerado tudo, não sou digno nem da menor consolação. Vós, porém, Deus clemente e misericordioso, que não quereis que pereçam vossas obras, para manifestar as riquezas de vossa bondade nos vasos de misericórdia, vos dignais de consolar vosso servo, sem merecimento algum, de modo sobre-humano. Porque vossas consolações não são como as consolações humanas.

2. Que fiz eu, Senhor, para que me désseis alguma consolação celestial? Não me lembra ter feito bem algum, mas antes fui sempre inclinado a pecados, e tardio na emenda. É esta a verdade, não há negá-lo. Se dissesse outra coisa, vós estaríeis contra mim e não haveria quem me defendesse. Que outra coisa mereci pelos meus pecados, senão o inferno e o fogo eterno? Confesso com sinceridade que sou digno de todo escárnio e desprezo, e que não mereço ser contado no número de vossos servos. E ainda que ouça isso muito a contragosto, por amor à verdade, acusarei contra mim os meus pecados, para alcançar mais facilmente a vossa misericórdia.

3. Que direi eu, coberto de culpa e confusão? Não posso abrir a boca senão para dizer esta palavra: Pequei, Senhor, pequei; tende piedade de mim, perdoai-me! *Deixai-me um pouco de tempo para desafogar a minha dor, antes de descer para a terra tenebrosa, coberta das sombras da morte* (Jó 10, 20.21). Que mais exigis do culpado e mísero pecador senão que se humilhe e tenha contrição dos seus pecados? Pela contrição sincera e humilde do coração nasce a esperança do perdão, reconcilia-se a consciência perturbada, recupera-se a graça perdida, preserva-se o homem da ira futura, em ósculo santo une-se Deus à alma arrependida.

4. A humilde contrição dos pecados é para vós, Senhor, sacrifício mui aceito, que recende mais suave em vossa presença do que o perfume do incenso. É este também o precioso bálsamo que quisestes ver derramado em vossos pés sagrados, pois nunca desprezastes o coração contrito e humilhado (Sl 50,19). Lá se encontra o refúgio contra o furor do inimigo, ali se emendam e lavam as manchas algures contraídas.

Reflexões

Para fazer bem a oração, devemos reconhecer que somos pobres, e humilhar-nos profundamente. E como nos vemos como um atirador de arbaleta, quando ele quer disparar um grande tiro, quanto mais alto ele quer atirar, tanto

mais ele puxa a corda de seu arco embaixo, assim devemos fazer nós, quando queremos que nossa oração chegue até o céu: é preciso que nos aprofundemos muito no conhecimento de nosso nada. Davi nos advertiu para fazê-lo com essas palavras: Quando quiseres fazer tua oração, diz ele, aprofunda-te de tal forma no abismo do teu nada, que possas depois sem dificuldade disparar tua oração como uma flecha até o céu.

E não vemos que os grandes príncipes, quando querem fazer uma fonte subir ao mais alto de seu castelo, vão procurar uma fonte de água em algum lugar muito alto, depois a conduzem através de canos, fazendo-a descer até embaixo, porque querem que ela suba, pois de outra maneira jamais subiria. E se lhes perguntas como foi que fizeram a água subir, eles te dirão que foi fazendo-a descer.

Isto acontece também na oração, porque, se alguém perguntar como ela pode subir até o céu, devemos responder que ela sobe até lá pela descida à humildade da pessoa que a faz (*Sermon de l'Oraison*, IV, 551).

Capítulo 53

Que a graça de Deus não se comunica aos que gostam das coisas terrenas

1. *Jesus*: Filho, preciosa é a minha graça; não sofre mistura de coisas estranhas, nem de consolações terrenas. Cumpre, pois, remover todos os impedimentos da graça, se desejas que te seja infundida. Busca lugar retirado, gosta de viver só contigo, e não procures conversa com os outros, mas a Deus dirige tua oração fervorosa, para que te conserve na compunção de espírito e pureza da consciência. Avalia em nada o mundo todo: antepõe o serviço de Deus a todas as coisas exteriores. Pois não podes há um tempo tratar comigo e deleitar-te nas coisas transitórias. Cumpre apartares-te dos conhecidos e amigos, e desprenderes teu coração de toda consolação temporal. Assim exorta também instantemente o apóstolo São Pedro que os fiéis cristãos *vivam neste mundo como estrangeiros e peregrinos* (1Pd 2,11).

2. Oh! Quanta confiança terá aquele moribundo que não tem afeição a coisa alguma do mundo. Mas desprender assim o coração de tudo, não o compreende o espírito ainda enfermo, bem como o homem carnal não conhece a liberdade do homem interior. Entretanto, se quiser ser verdadeiramente espiritual, cumpre-lhe renunciar aos estranhos como aos parentes e de ninguém mais guardar-se do que de si mesmo. Se te venceres perfeitamente a ti mesmo, tudo o mais sujeitarás com facilidade. Pois a perfeita vitória é triunfar de si mesmo. Porque aquele que se domina a tal ponto que os sentidos obedeçam à razão e a razão lhe obedeça em todas as coisas, este é realmente vencedor de si mesmo e senhor do mundo.

3. Se aspiras a galgar estas alturas, cumpre-te começar varonilmente e pôr o machado à raiz, para que arranque e cortes o secreto e desordenado apego

que tens a ti mesmo, e a todo bem particular e sensível. Deste vício do amor excessivo e desordenado que o homem tem a si mesmo provém quase tudo que radicalmente se há de vencer; vencido este e subjugado, logo haverá grande paz e tranquilidade estável. Mas já que poucos tratam de morrer a si mesmos e desapegar-se de si, por isso ficam presos em si mesmos e não se podem erguer em espírito acima de si. A quem, todavia, deseja livremente seguir-me, cumpre-lhe mortificar todos os seus maus e desordenados afetos, e não se prender, com amor apaixonado, a criatura alguma.

Reflexões

Ó Filoteia, visto que queres aplicar-te à vida devota, não debes somente abandonar o pecado, mas é preciso expurgar teu coração de todos os afetos que dependem do pecado, porque, além do perigo que haveria de recair, esses miseráveis afetos enlanguesceriam perpetuamente teu espírito e o entorpeceriam de tal sorte que não poderias fazer as boas obras com prontidão, diligência e frequentemente. É nisto, porém, que consiste a verdadeira essência da devoção. As almas que saíram do estado de pecado e que ainda têm esses afetos e enlanguescimentos assemelham-se, na minha opinião, às religiosas de cor pálida, que não estão doentes, mas todas as suas ações são doentias: elas comem sem gosto, dormem sem repouso, riem sem alegria e se arrastam em vez de caminhar; porque, desse modo, essas almas fazem o bem com lassidão espiritual tão grande que tiram toda a graça de seus bons exercícios, que são poucos em número e pequenos em efeito (*Introduction à la vie dévote*, parte I, cap. VII, l. 15).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, benigníssimo médico das almas, curai, eu vos peço, pelos méritos de vossa dolorosíssima Paixão, todas as chagas e enfermidades de minha alma; iluminai meu entendimento, estimulando minha vontade ao vosso amor e ao amor às virtudes, e purificando minha memória de toda fantasia e maus pensamentos (*Opusc.*, III, 148).

Capítulo 54

Dos diversos movimentos da natureza e da graça

1. *Jesus*: Filho, observa com diligência os movimentos da natureza e da graça: pois são muito opostos uns aos outros e tão sutis que só a custo podem ser discernidos, mesmo por um homem espiritual e interiormente iluminado. Todos, sim, desejam o bem e intentam algum bem nas suas palavras e obras; por isso se enganam muitos com a aparência do bem. A natureza é astuta; a muitos atrai, enreda e engana, e não tem outra coisa em mira senão a si mesma. Mas a graça anda com simplicidade, evita a menor aparência do mal, não usa de enganos, e

tudo faz puramente por Deus, no qual descansa como em seu último fim.

2. A natureza tem horror à mortificação, não quer ser oprimida, nem vencida, nem sujeita, nem submeter-se voluntariamente a outrem. A graça, porém, aplica-se à mortificação própria, resiste à sensualidade, quer estar sujeita, deseja ser vencida e não quer usar da própria liberdade: gosta de estar sob a disciplina, não cobiça dominar sobre outrem, mas quer viver, ficar e permanecer sempre debaixo da mão de Deus, sempre pronta, por amor de Deus, e se curvar humildemente a toda criatura humana. A natureza trabalha por seu próprio interesse e só atenta no lucro que de outrem lhe pode advir. A graça, porém, pondera não o que lhe seja útil ou cômodo, mas o que a muitos seja proveitoso. A natureza gosta de receber honras e homenagens; a graça, porém, refere fielmente a Deus toda honra e glória.

3. A natureza teme a confusão e desprezo; mas a graça alegra-se de sofrer injúrias pelo nome de Jesus. A natureza aprecia a ociosidade e o bem-estar do corpo; a graça, porém, não pode estar ociosa e abraça com prazer o trabalho. A natureza gosta de possuir coisas esquisitas e lindas e aborrece as vis e grosseiras; mas a graça se compraz nas simples e modestas, não despreza as ásperas, nem recusa vestir-se de hábito velho. A natureza cuida dos bens temporais, alegra-se por um lucro pequeno, entristece-se por um prejuízo e irrita-se com uma palavrinha injuriosa. A graça, porém, cuida das coisas eternas, não se apega às temporais, não se perturba com a sua perda, nem se ofende com palavras ásperas; porquanto pôs o seu tesouro e sua glória no céu onde nada perece.

4. A natureza é cobiçosa, antes quer receber do que dar; gosta de ter coisas próprias e particulares. Mas a graça é generosa e liberal, foge de singularidades, contenta-se com pouco e considera “maior felicidade o dar que o receber” (At 20,35). A natureza inclina-se para as criaturas, para a própria carne, para as vaidades e passatempos. Mas a graça nos conduz a Deus e às virtudes, renuncia às criaturas, foge do mundo, detesta os apetites carnis, restringe as vagueações e peja-se de aparecer em público. A natureza gosta de ter qualquer consolação exterior com que deleite os sentidos. A graça, porém, só em Deus procura seu consolo e se delicia no sumo bem, mais que em todas as coisas visíveis.

5. A natureza tudo faz para seu próprio interesse e proveito, nada sabe fazer de graça, mas espera sempre, pelo bem que faz, receber outro tanto ou melhor em elogios ou favores e deseja que se faça grande caso de seus efeitos e dons. A graça, porém, não busca nenhuma coisa temporal, nem deseja outro prêmio, senão Deus só, e do temporal não deseja mais do que quanto lhe possa servir para conseguir a vida eterna.

6. A natureza preza-se de muitos amigos e parentes, ufana-se de sua posição elevada e linhagem ilustre, procura agradar aos poderosos, lisonjeia os ricos, aplaude os seus iguais. A graça, porém, ama os próprios inimigos, não se gaba do grande número de seus amigos, não faz caso de posição e nobreza, se lhes não vê unida maior virtude. Favorece mais ao pobre que ao rico, tem mais compaixão do inocente do que do poderoso, alegra-se com o sincero, e não com

o mentiroso. Estimula sempre os bons a maiores progressos, para que se assemelhem, pelas virtudes, ao Filho de Deus. A natureza logo se queixa da penúria e do trabalho. A graça sofre com paciência a pobreza.

7. A natureza atribui tudo a si, em proveito seu peleja e porfia. A graça, porém, atribui tudo a Deus, de quem tudo dimana como de sua origem; nenhum bem atribui a si com arrogante presunção, não questiona, nem prefere a sua opinião à dos outros, mas em todo juízo e parecer se sujeita à sabedoria eterna e ao divino exame. A natureza deseja saber segredos e ouvir novidades, quer exhibir-se em público e experimentar muitas coisas pelos sentidos; deseja ser conhecida e fazer aquilo donde lhe resultem louvor e admiração. A graça não cuida de novidades e curiosidades, porque tudo isso nasce da corrupção antiga, pois nada há de novo e estável sobre a terra. Ensina, pois, a refrear os sentidos, a evitar a vã complacência e ostentação, a ocultar humildemente o que provoque admiração e louvor, busca em todas as coisas e ciências proveito espiritual e a honra e glória de Deus. Não quer que a louvem, nem às suas obras, mas que Deus seja bendito em seus dons, que ele prodigalize a todos por mera bondade.

8. A graça é uma luz sobrenatural e um dom especial de Deus; é propriamente o sinal dos escolhidos e o penhor da salvação eterna, pois eleva o homem das coisas terrenas ao amor das celestiais, e de carnal o torna espiritual. Quanto mais, pois, é oprimida e dominada a natureza, tanto maior graça é infundida, e tanto mais cada dia é renovado o homem interior, conforme a imagem de Deus.

Reflexões

O senso humano comum, baseado na carne, muitas vezes não nos deixa abandonar-nos nas mãos de Deus, supondo que, como não valem nada, Deus não deve levar-nos em conta, porque aqueles que vivem segundo a sabedoria humana, desprezam os que não são úteis. Ao contrário, o espírito apoiado na fé se encoraja no meio das dificuldades, porque ele sabe muito bem que Deus ama, apoia e socorre os miseráveis, contanto que esperem nele.

O senso humano comum quer participar em tudo que se passa, e ele se ama tanto que lhe parece que nada é bom se ele não está intrometido. O espírito, ao contrário, se fixa em Deus e diz muitas vezes que o que não é de Deus é nada para ele; e como ele toma parte nas coisas que lhe são comunicadas, pela caridade, ele também abandona de boa vontade sua parte em coisas que lhe são ocultadas, por abnegação e humildade.

Viver segundo o espírito é amar segundo o espírito; viver segundo a carne é amar segundo a carne. Porque o amor é a vida da alma, como a alma é a vida do corpo...

Portanto, viver segundo o espírito é fazer o que a fé, a esperança e a caridade nos ensinam, seja em coisas temporais, seja em coisas espirituais (255^e *lettre spirit.*, XI, 441 e 442).

Oração

Meu Senhor e meu Deus, eu vos presto infinitos louvores e bênçãos..., suplicando-vos... conceder-me a graça de morrer inteiramente para o homem velho e para todas as suas concupiscências, e ressuscitar para uma nova vida de virtudes sólidas e santos costumes (*Opusc.*, III, 131).

Capítulo 55

Da corrupção da natureza e da eficácia da graça divina

1. *A alma*: Senhor, meu Deus, que me criastes à vossa imagem e semelhança, concedei-me a graça que declarastes ser tão importante e necessária para a salvação: que eu vença minha péssima natureza, que me arrasta ao pecado e à perdição. Porque sinto em minha carne a lei do pecado, que é contrária à lei do espírito e me cativa, querendo me levar a obedecer, em muitas coisas, à sensualidade; nem poderei resistir às paixões, se não me assistir vossa santíssima graça, e me inflamar o coração.

2. É necessária vossa graça, e grande graça, para vencer a natureza, propensa sempre ao mal desde a infância. Porque, viciada pelo primeiro homem, Adão, e corrompida pelo pecado, transmite a todos os homens a pena desta mancha, de sorte que a mesma natureza, por vós criada boa e reta, agora deve ser considerada como enferma e enfraquecida pela corrupção, visto que seus movimentos, abandonados a si mesmos, a arrastam ao mal e às coisas baixas. Porque a módica força que lhe ficou é como uma centelha oculta debaixo da cinza. Esta centelha é a razão natural, que, embora envolta em densas trevas, discerne ainda o bem do mal, a verdade do erro, mas não é capaz de fazer tudo que aprova, já que não possui a plena luz da verdade, nem a primitiva pureza de seus afetos.

3. Daí vem, ó meu Deus, que “segundo o homem interior me deleito em vossa lei” (Rm 7,22), sabendo que vosso mandato é bom, justo e santo, que reprova todo mal e ensina que se deve fugir ao pecado. Segundo a carne, porém, estou escravizado à lei do pecado, pois obedeço mais à sensualidade que à razão. Daí vem que “tenho vontade de fazer o bem, mas não sei realizá-lo” (Rm 7,18). Por isso faço muitos bons propósitos, mas, faltando-me vossa graça que auxilie minha fraqueza, com o menor obstáculo desfaleço e desisto. Assim sucede que bem conheço o caminho da perfeição e vejo claramente o que devo fazer. Entretanto, oprimido com o peso da corrupção, não me elevo ao que é mais perfeito.

4. Oh! como me é necessária, Senhor, vossa graça, para começar, continuar e completar o bem. Porque sem ela nada posso fazer, mas tudo posso em vós, se me confortar vossa graça. Ó graça verdadeiramente celestial, sem a qual nada valem os próprios merecimentos, nem apreço merecem os dons naturais! Nada valem diante de vós, Senhor, as artes e a riqueza, a formosura e a fortaleza, o

engenho e a eloquência – sem a graça. Porque os dons da natureza são comuns aos bons e aos maus; mas a graça ou caridade é peculiar dos escolhidos, porque os torna dignos da vida eterna. Tão excelente é esta graça, que nem o dom da profecia, nem o poder de fazer milagres, nem a mais alta contemplação tem valor algum sem ela. Nem mesmo a fé, nem a esperança, nem as outras virtudes vos agradam, sem a graça e sem a caridade.

5. Ó graça beatíssima, que fazes rico de virtudes o pobre de espírito e tornas humilde de coração o rico dos bens de fortunas: vem, desce sobre mim e enche minha alma de tua consolação, para que não desfaleça, de cansaço e aridez, meu espírito. Suplico-vos, Senhor, que eu ache graça em vossos olhos, porque me basta a vossa graça, embora me falte tudo que deseja a natureza. Ainda que seja tentado e vexado com muitas tribulações, nada temerei, enquanto estiver comigo a vossa graça. Ela é a minha fortaleza, me dá conselho e amparo. Ela é mais poderosa que todos os inimigos e mais sábia que todos os sábios.

6. Ela é a mestra da verdade e da disciplina, a luz do coração e o alívio nas tribulações; ela afugenta a tristeza, dissipa o temor, nutre a devoção, gera santas lágrimas. Que sou eu sem a graça, senão um lenho seco e um tronco inútil, que se atira ao fogo? Previna-me, pois, Senhor, a vossa graça e me acompanhe sempre e me conserve continuamente na prática das boas obras, por Jesus Cristo, vosso Filho. Amém.

Reflexões

Infeliz de mim – dizia o grande Apóstolo – *quem me livrará deste corpo de morte?* (Rm 7,24). Ele sentia o corpo como uma guerra, composta de seus humores, aversões, hábitos e inclinações naturais; que havia conspirado sua morte espiritual; e, porque teme esses inimigos, ele confessa que os odeia; e porque os odeia, não pode suportá-los sem dor; e sua dor o faz lançar este grito ao qual ele mesmo responde que *a graça de Deus, por Jesus Cristo, o garantirá* não do temor, nem do terror, nem do alarme, nem do combate, mas sim da derrota, e o impedirá de ser vencido (*103^e lettre spirit.*, XI, 163).

Ó pobre ser humano, como podes confiar em teu trabalho e em tua habilidade? Não sabes que, na verdade, cabe a ti cultivar bem a terra, trabalhá-la e semear, mas que só Deus pode fazer as plantas germinar e crescer, e fazer que tenhas uma boa colheita, mandando a chuva favorável às tuas terras semeadas? Tu podes regar, mas isto de nada serviria, se Deus não abençoasse teu trabalho e não te desse, por sua pura graça, e não por teus suores, uma boa colheita. Dependes, portanto, totalmente de sua divina bondade. É verdade que devemos cultivar bem, mas cabe a Deus fazer que o nosso trabalho resulte em êxito. A santa Igreja o canta em cada festa dos santos confessores: *Deus honrou teus trabalhos*, para que tirasses fruto deles. Isto mostra que por nós mesmos não podemos nada sem a graça de Deus, na qual devemos colocar toda a nossa confiança, nada esperando de nós mesmos (*VII^e Entretien*, III, 353).

1. *Jesus*: Quanto mais saíres de ti mesmo, tanto mais poderás chegar-te a mim. Assim como o não desejar coisa alguma exterior produz paz interior, assim o desprendimento interior de si mesmo causa a união com Deus. Quero que aprendas a perfeita abnegação de ti mesmo, submetendo-te, sem resistência e sem queixa, à minha vontade. *Segue-me, eu sou o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14,6). Sem caminho não se anda, sem verdade não se conhece, sem vida não se vive. Eu sou o caminho que debes seguir, a verdade que debes crer, a vida que debes esperar. Eu sou o caminho seguro, a verdade infalível, a vida interminável. Eu sou o caminho direito, a verdade suprema, a vida verdadeira, a vida ditosa, a vida incriada. Se perseverares no meu caminho, conhecerás a verdade, e a verdade te livrará (Jo 8,32), e alcançarás a vida eterna.

2. *Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos* (Mt 19,17). Se queres conhecer a verdade, crê em mim. *Se queres ser perfeito, vende tudo* (Mt 19,21). Se queres ser meu discípulo, renuncia a ti mesmo. Se queres possuir a vida bem-aventurada, despreza a presente. Se queres ser exaltado no céu, humilha-te na terra. Se queres reinar comigo, carrega comigo a cruz, porque só os servos da cruz acham o caminho da bem-aventurança e da luz verdadeira.

3. *A alma*: Senhor, Jesus Cristo! porque vossa vida foi tão oprimida e desprezada no mundo, concedei-me o imitar-vos com o desprezo do mundo. *Pois o servo não é maior que seu senhor, nem o discípulo mais do que o mestre* (Mt 10,24). Trabalhe vosso servo por conformar-me à vossa vida, porque nela está a minha salvação e a verdadeira santidade. Tudo quanto fora dela leio ou ouço não me pode recrear ou deleitar plenamente.

4. *Jesus*: Filho, pois que sabes e lês todas estas coisas, bem-aventurado serás se as puseres em prática. Quem conhece os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; também eu o amarei e me manifestarei a ele (Jo 14,21), e o farei assentar comigo no reino de meu Pai.

5. *A alma*: Senhor Jesus! faça-se em mim segundo vossa palavra e promessa, e seja-me dado merecê-lo. Recebi a cruz, da vossa mão a recebi; hei de carregá-la, carregar até à morte, como vós ma impusestes. Na verdade, a vida do bom religioso é uma cruz, mas o conduz ao Paraíso. O começo está feito; não posso voltar atrás sem desistir.

6. Eia, irmãos! marchemos unidos, Jesus está conosco, por Jesus abraçamos a cruz, por Jesus queremos nela perseverar. Ele, que é nosso chefe e guia, será também nosso auxílio. Eis o nosso Rei, que marcha à nossa frente, Ele por nós combaterá. Varonilmente queremos segui-lo, ninguém se espante; estejamos prontos para morrer, com denodo, no combate, e não manchemos nossa glória, desertando da cruz.

Reflexões

Tomar tua cruz não quer dizer outra coisa senão tomar e aceitar todas as penas, contradições, aflições e mortificações que te sobrevirão nesta vida, sem nenhuma exceção, com submissão. Ao renunciar a nós mesmos, parece que ainda fazemos alguma coisa que nos contenta, porque somos nós mesmos que escolhemos nossas cruzeiras. Mas aqui trata-se de tomar a cruz assim como ela nos é imposta, indiferentemente. Portanto, há certamente muito mais dificuldade, porque não há escolha nossa. Por isso, este ponto é de uma perfeição muito maior do que o precedente. E Nosso Senhor nos mostrou bem que não precisamos escolher a cruz, mas que devemos tomá-la e carregá-la assim como ela nos é apresentada. Porque, quando ele quis morrer para nos resgatar e satisfazer à vontade de seu Pai, ele não quis escolher a dele, mas aceitou humildemente a cruz que os judeus lhe haviam preparado...

Esta palavra de Nosso Senhor, que nos ordena tomar a nossa cruz, deve ser entendida como aceitar de boa vontade todas as ordens às quais devemos obedecer e todas as mortificações e contradições que nos são impostas ou nos sobrevêm, indiferentemente, ainda que sejam leves e de pouca importância, certos de que o mérito da cruz não está em seu peso, mas na perfeição com a qual a levamos (*Sermon pour le jour de saint Blaise*, IV, 154 e 156)

Capítulo 57

Que o homem não se desanime em demasia, quando cai em algumas faltas

1. *Jesus*: Filho, mais me agradam a paciência e humildade nos reveses que a muita consolação e fervor nas prosperidades. Por que te entristece uma coisinha que contra ti disseram? Ainda que fosse maior, não te devias ter perturbado. Deixa passar isso agora, não é novidade; não é a primeira vez, nem será a última, se muito tempo viveres. Mas valoroso és, enquanto te não sucede alguma adversidade. Sabes até dar bons conselhos e acalantar os outros com tuas palavras; mas quando bate, de improviso, à tua porta a tribulação, logo te falta conselho e fortaleza. Considera tua grande fraqueza, que tantas vezes experimentas nas pequenas coisas; todavia, é para tua salvação que isso e semelhantes coisas acontecem.

2. Procura esquecer isso como melhor souberes, e, se te impressionou, não te abale nem te perturbe muito tempo. Sofre ao menos com paciência o que não podes sofrer com alegria. Ainda que te custe ouvir esta ou aquela palavra e te sintas indignado, modera-te, e não deixes escapar da tua boca alguma expressão despropositada, com que os pequenos se poderiam escandalizar. Logo se acalmará a tempestade em teu coração, e a dor se converterá em doçura, com a volta da graça. Eu ainda vivo, diz o Senhor, pronto para te ajudar e consolar, mais do que nunca, se em mim confiares e me invocares com fervor.

3. Sê mais corajoso, e prepara-te para suportar coisas maiores. Nem tudo

está perdido por te sentires a miúdo tribulado e gravemente tentado. Homem és e não Deus; carne és e não anjo. Como poderás tu perseverar sempre no mesmo estado de virtude, se tal não pôde o anjo no céu, nem o primeiro homem no paraíso? Eu sou que levanto os aflitos e os salvo, elevo à minha divindade os que conhecem as suas fraquezas.

4. *A alma*: Senhor, bendita seja a vossa palavra, mais doce na minha boca que um favo de mel (Sl 18,11;118,103). Que seria de mim em tantas tribulações e angústias, se vós me não confortásseis com vossas santas palavras? Contanto que chegue afinal ao porto de salvação, que importa o que e quanto tiver sofrido? Concedei-me bom fim, ditoso trânsito deste mundo. Lembrai-vos de mim, meu Deus, e conduzi-me pelo caminho reto ao vosso reino! Amém.

Reflexões

Devemos consternar-nos com as faltas cometidas por um arrependimento profundo, calmo, constante, tranquilo, mas não turbulento, inquieto nem desanimador. Tens consciência de que teu atraso no caminho das virtudes provém de tua culpa? Então, humilha-te diante de Deus, implora sua misericórdia, prostra-te diante da face de sua bondade e pede-lhe perdão, confessa tua falta e suplica-lhe piedade aos ouvidos de teu confessor para receber dele a absolvição. Mas, depois de feito isto, permanece em paz e, tendo detestado a ofensa, abraça amorosamente a abjeção que estás em ti por ter retardado teu avanço no bem (*Amour de Dieu*, 1. IX, cap. VII, II, 265).

Levanta teu coração quando ele cair, com doçura, humilhando-te profundamente diante de Deus, reconhecendo a tua miséria, sem ficar surpreso com tua falta, uma vez que não é de admirar que a enfermidade seja enferma, a fraqueza fraca e a miséria miserável. Detesta, contudo, com todas as tuas forças a ofensa que fizeste a Deus e, com uma grande coragem e confiança na misericórdia dele, entrega-te à prática da virtude que havias abandonado (*Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. IX, I, 130).

Capítulo 58

Que não devemos escutar as coisas mais altas e os ocultos juízos de Deus

1. *Jesus*: Filho, guarda-te de disputar sobre assuntos altos e os ocultos juízos de Deus; não queiras investigar por que este é deixado em tal estado, aquele elevado a tanta graça, este tão oprimido, aquele tão exaltado. Isso excede o alcance humano, e não há raciocínio nem discussão que possam escutar os desígnios de Deus. Quando, pois, o inimigo te sugere tais pensamentos, ou os curiosos questionarem sobre eles, responde com o profeta: *Justo sois, Senhor, e justo é o vosso juízo* (Sl 118,37), ou, também: *Os juízos do Senhor são verdadeiros e justificados em si mesmos* (Sl 19,10). Meus juízos devem se temer, e não discutir, porque são incompreensíveis ao entendimento humano.

2. Não queiras também inquirir ou disputar sobre os méritos dos santos, qual seja o mais santo ou o maior no Reino dos Céus. Daí nascem muitas controvérsias e contendas inúteis, que nutrem a soberba e a vanglória, donde procedem invejas e discórdias, porque este prefere soberbamente um santo, aquele quer dar a preeminência a outro. Querer saber e investigar tais coisas não traz proveito algum, antes desagrade aos santos, porque *“eu não sou Deus de discórdia e sim da paz”* (1Cor 14,33), e esta paz consiste antes na verdadeira humildade que na própria exaltação.

3. Alguns, por um zelo de predileção, se afeiçoam mais a este ou àquele santo, mas este afeto é antes humano que divino. Sou eu que fiz todos os santos; eu lhes dei a graça, eu lhes outorguei a glória. Eu sei os merecimentos de cada um, eu os preveni com as bênçãos da minha doçura (Sl 20,4). Eu conheci os meus amados antes dos séculos, eu os escolhi do mundo, e não eles a mim. Eu os chamei por minha graça e os atraí por minha misericórdia: eu os fiz passar por várias provações. Eu os inundei de maravilhosas consolações, dei-lhes a perseverança e coroei a sua paciência.

4. Eu conheço o primeiro e o último e abraço a todos com inestimável amor. Eu devo ser louvado em todos os meus santos, bendito sobre todas as coisas e honrado em cada um deles, que eu tão gloriosamente exaltei e predestinei, sem prévio merecimento algum de sua parte. Quem desprezar, pois, um dos menores dos meus deixa também de honrar o maior, porque fui eu que fiz o pequeno e o grande. E quem menos preza a qualquer dos santos, a mim menospreza e todos os mais que estão no Reino dos Céus. Porquanto todos são *um* pelo véiculo da caridade; todos têm o mesmo parecer, o mesmo querer, e se amam mutuamente com o mesmo amor.

5. Além disso – o que é mais sublime ainda –, eles me amam mais a mim que a si e seus merecimentos. Porque, arrebatados acima de si mesmos e desprendidos de todo amor-próprio, se transformaram inteiramente no meu amor, no qual descansam com sumo gozo. Nada há que os possa desviar ou deprimir, porque, repletos da eterna verdade, ardem no fogo inextinguível da caridade. Calem-se, pois, os homens carnis e sensuais, e não discutam sobre o estado dos santos, porque não sabem amar senão seus próprios gozos. Eles diminuem ou acrescentam conforme a sua inclinação, e não como agrada à eterna Verdade.

6. Em muitos é isso ignorância, mormente naqueles que, pouco iluminados, raramente sabem amar um santo com amor puramente espiritual. Leva-os ainda muito a natural afeição e a amizade humana, que os inclina a este ou àquela, e, como se portam nas coisas terrenas, assim se lhes afiguram também as celestiais. Há, porém, incomparável distância entre o que pensam os imperfeitos e o que alcançam os homens espirituais pela revelação superior.

7. Guarda-te, pois, filho, de discorrer curiosamente sobre coisas que excedem teu entendimento; cuida antes e trata de seres ainda o ínfimo no Reino de Deus. E dado que alguém soubesse quem seja deles o mais santo ou o maior

no Reino dos Céus, que lhe aproveitaria esse conhecimento, se dele não tomasse motivo de humilhar-se diante de mim e louvar mais fervorosamente o meu nome? Muito mais agrada a Deus quem cuida na grandeza dos seus pecados, na escassez das virtudes e na grande distância que o separa da perfeição dos santos, do que aquele que disputa sobre a maior ou menor glória deles. Melhor é implorar os santos com devotas orações e lágrimas, suplicar-lhes com humildade de coração sua gloriosa intercessão, que perscrutar, com vã curiosidade, seus segredos.

8. Os santos estão bem contentes e satisfeitos; oxalá também os homens soubessem estar contentes e refrear suas vãs palavras. Não se gloriam dos próprios merecimentos, pois nenhum bem atribuem a si mesmos, mas tudo referem a mim que lhes dei tudo por infinita caridade. Tão cheios estão do amor da divindade e de abundantíssima alegria, que nada falta à sua glória, nem pode faltar à sua bem-aventurança. Quanto mais elevados estão os santos na glória, tanto mais humildes são em si mesmos e mais perto de mim e de mim amados. Por isso lê-se na Escritura *que depunham suas coroas diante de Deus e se prostravam diante do Cordeiro e adoravam aquele que vive nos séculos dos séculos* (Ap 4,10).

9. Muitos perguntam qual seja o maior no Reino de Deus e não sabem se serão dignos de ser contados entre os menores. Grande coisa é ser ainda o menor no céu, onde todos são grandes, porque serão chamados filhos de Deus, e, na verdade, o são. *O menor valerá por mil, e o pecador de cem anos morrerá* (Is 60,22; 65,20). Pois, quando os discípulos perguntaram quem era o maior no Reino dos Céus, receberam esta resposta: *Se vos não converterdes e vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus* (Mt 18,3.4).

10. Ai daqueles que recusam humilhar-se espontaneamente com os pequenos; porque é baixa a porta do reino celeste e não lhes dará entrada. Ai também dos ricos, que têm neste mundo suas consolações, porque, quando os pobres entrarem no Reino de Deus, eles ficarão de fora, chorando. Regozijai-vos, humildes, e “exultai, pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20) contanto que andeis no caminho da verdade.

Reflexões

É obvio que, como não encontramos jamais duas pessoas perfeitamente semelhantes em dons naturais, também não se encontram duas perfeitamente iguais em dons sobrenaturais. Os anjos, como garantem o grande Santo Agostinho e Santo Tomás, receberam a graça segundo a variedade de suas condições naturais. Mas eles são todos de espécie diferente, ou pelo menos de diversas condições, uma vez que são distintos uns dos outros. Portanto, assim como há anjos diferentes, também há graças diferentes. E, ainda que, tratando-se dos seres humanos, a graça não seja dada de acordo com suas condições naturais, no entanto, como a divina doçura se compraz e se alegra, se assim podemos dizer, na criação das graças, ela as diversifica de infinitas maneiras, a

fim de que esta variedade se torne o brilhante colorido de sua redenção e misericórdia...

Devemos precaver-nos de jamais procurar saber por que a suprema Sabedoria distribuiu uma graça de preferência a uma pessoa do que a outra, nem por que ela faz abundar seus favores num lugar e não em outro. Não, Teótimo, não te deixes levar por esta curiosidade, porque, tendo todos o suficiente, e até mais do que se requer para a salvação, que razão pode ter alguém no mundo de queixar-se, se apraz a Deus distribuir suas graças mais abundantemente a uns do que a outros?... Por conseguinte, é uma impertinência querer saber por que São Paulo não teve a graça de São Pedro, nem São Pedro a de São Paulo; por que Santo Antônio não foi Santo Atanásio, nem Santo Atanásio São Jerônimo; porque se responderia a essas perguntas que a Igreja é um jardim matizado de flores infinitas, de diversos tamanhos, de diversas cores, de diversos perfumes e, em suma, de diferentes perfeições. Todas têm seu preço, sua graça e seu esplendor, e todas, no conjunto de sua variedade, fazem uma agradabilíssima perfeição de beleza (*Amour de Dieu*, 1. II, cap. VII. I, 400 e 401).

Oração

Ó Santa e imensa onipotência de meu Deus, meu entendimento vos adora, sentindo-se muito honrado de reconhecer-vos e homenagear-vos com sua obediência e submissão. Oh! como sois incompreensível e como sou feliz de saber que o sois! Não, eu não gostaria de poder compreender-vos, porque seriais pequeno, se uma capacidade tão mesquinha vos compreendesse (*Opusc.*, III, 239).

Capítulo 59

Que só em Deus devemos firmar toda esperança e confiança

1. *A alma*: Senhor, que confiança posso eu ter nesta vida ou qual é minha maior consolação de tudo quanto existe debaixo do sol? Não o sois vós, Senhor, Deus meu, cuja misericórdia é infinita? Onde me achei bem sem vós, ou quando passei mal, estando vós presente? Antes quero ser pobre por vós, que rico sem vós. Prefiro peregrinar convosco na terra, que sem vós possuir o céu. Onde vós estais, aí está o céu; e lá existe a morte e o inferno, onde vós não estais. Vós sois o alvo de meus desejos, por isso por vós devo gemer, clamar e orar. Em ninguém, finalmente, posso plenamente confiar que me dê auxílio oportuno em minhas necessidades, senão em vós só, meu Deus. Vós sois minha esperança, vós minha confiança, vós meu consolador fidelíssimo em todas as coisas.

2. Todos buscam os seus interesses; vós, porém, só tendes em vista minha salvação e aproveitamento, e tudo converteis em bem para mim. Ainda quando me sujeitais a várias tentações e adversidades, tudo isso ordenais para meu

proveito, pois de mil modos costumais provar os vossos amigos. E nessas provações não menos vos devo amar e louvar, como se me enchêsseis de celestiais consolações.

3. Em vós, portanto, Senhor meu Deus, é que ponho toda a minha esperança e refúgio; a vós entrego todas as minhas tribulações e angústias; porque tudo quanto vejo fora de vós acho fraco e inconstante. Nada me aproveitam os muitos amigos, nem me poderão ajudar os homens, nem os prudentes conselheiros me darão conselho útil, nem os livros dos sábios me poderão consolar, nem qualquer tesouro precioso me poderá salvar, nem algum retiro delicioso me proteger, se vós mesmo não me assistis, ajudais, confortais, consolais, instruíis e defendeis.

4. Pois tudo que parece próprio para alcançar a paz e a felicidade nada é sem vós, nem pode trazer-nos a verdadeira felicidade. Vós sois, pois, o remate de todos os bens, a plenitude da vida, o abismo da ciência; esperar em vós acima de tudo é a maior das consolações dos vossos servos. A vós, Senhor, levanto os meus olhos, em vós confio, Deus meu, Pai de misericórdia! Abençoai e santificai minha alma com a bênção celestial para que seja vossa santa morada, o trono de vossa eterna glória, e nada se encontre nesse tempo da vossa divindade que possa ofender os olhos de vossa majestade. Olhai para mim segundo a grandeza de vossa bondade e a multidão de vossas misericórdias e ouvi a oração do vosso pobre servo desterrado tão longe, na sombria região da morte. Protegeei e conservai a alma do vosso mísero servo entre os muitos perigos desta vida corruptível, e com a assistência de vossa graça guiai-o pelo caminho da paz à pátria da perpétua claridade. Amém.

Reflexões

Meu Pai, diz nosso dulcíssimo Salvador, *em vossas mãos entrego o meu espírito* (Lc 24,46). É verdade, queria ele dizer, que tudo está consumado, e que eu cumpri tudo o que me havíeis ordenado. Mas, mesmo assim, se for vossa vontade que eu permaneça por mais tempo nesta cruz para sofrer, estou contente. Entrego meu espírito em vossas mãos, podeis fazer dele o que quiserdes. Não deveríamos fazer o mesmo... em qualquer ocasião, seja quando sofremos ou quando desfrutamos a vida? Meu Pai, deveríamos dizer, entrego meu espírito em vossas mãos: fazei de mim tudo que quiserdes, deixando-nos assim conduzir pela vontade divina, sem jamais preocupar-nos com a nossa vontade particular.

Nosso Senhor ama com um amor extremamente terno aqueles que são tão felizes que, por abandonar-se totalmente em seu seio paternal e deixar-se governar por sua divina providência como lhe aprouver, não precisam perder tempo em considerar se os efeitos desta providência lhes são úteis, proveitosos ou prejudiciais, pois estão tão certos de que nada poderia ser-lhes enviado desse coração paternal e tão amável, ou que ele não poderia permitir que nada lhes aconteça sem que possam tirar disso o bem e a utilidade, contanto que tenham

colocado toda a sua confiança nele, e que lhe digam de boa vontade: *Em tuas mãos entrego o meu espírito*; e não somente meu espírito, mas ainda minha alma, meu corpo e tudo que tenho, a fim de que façais de tudo isto o que vos aprouver (*Sermon pour le vendredi saint*, IV, 476).

[13]. Santa Águeda.

DEVOTA EXORTAÇÃO À SAGRADA COMUNHÃO

Voz de Cristo

Vinde a mim todos que penais e estais sobrecarregados, e eu vos aliviarei, diz o Senhor (Mt 11,78).

O pão que eu darei é a minha carne, pela vida do mundo (Jo 6,52).

Tomai e comei, este é o meu corpo, que será entregue por vós; fazei isto em memória de mim (Lc 22,19).

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue fica em mim e eu nele (Jo 6,57).

As palavras que eu vos disse são espírito e vida (Jo 6,64).

Capítulo 1

Com quanta reverência cumpre receber a Cristo

Voz do discípulo

1. São vossas essas palavras, ó Jesus, Verdade Eterna, ainda que não fossem proferidas todas ao mesmo tempo, nem escritas no mesmo lugar. Sendo vossas, pois, essas palavras e verdadeiras, devo recebê-las todas com gratidão e fé. São vossas, porque vós as dissestes; e são também minhas, porque as dissestes para minha salvação. Cheio de alegria as recebo de vossa boca, para que mais profundamente se me gravem no coração. Animam-me palavras de tanta ternura, atemorizam-me os meus pecados, e minha consciência impura me afasta da participação de tão altos mistérios. Atrai-me a doçura de vossas palavras, mas me oprime a multidão de meus pecados.

2. Mandais que me chegue a vós com grande confiança, se quero ter parte convosco; e que receba o manjar da imortalidade, se desejo alcançar a vida e a glória eterna. *Vinde*, dizeis vós, *vinde a mim todos que penais e estais sobrecarregados, e eu vos aliviarei*. Ó palavra doce e amorosa aos ouvidos do pecador: vós, Senhor meu Deus, convidaís o pobre e indigente à comunhão de vosso santíssimo corpo, mas quem sou eu, Senhor, para ousar aproximar-me de vós? Eis que os céus dos céus não vos pode abranger, e dizeis: *Vinde a mim todos!*

3. Que quer dizer essa condescendência tão meiga e esse tão amoroso convite? Como me atreverei a chegar-me a vós, quando não conheço em mim

bem algum em que me possa confiar? Como posso acolher-vos em minha morada, eu, que tantas vezes ofendi a vossa benigníssima face? Tremem os anjos e os arcanjos, estremecem os santos e os justos, e vós dizeis: *Vinde a mim todos!* Se não fosse vossa essa palavra, quem a teria por verdadeira? Se vós o não ordenásseis, quem ousaria aproximar-se?

4. Noé, o varão justo, trabalhou cem anos na construção da arca para salvar-se com poucos: como me poderei eu preparar numa hora para receber com reverência o Criador do mundo? Moisés, vosso grande servo e particular amigo, fabricou a arca de madeira incorruptível, e revestiu-a de ouro puríssimo, para guardar nela as tábuas da lei; e eu, criatura vil, me atreverei a receber-vos com tanta facilidade, a vós, que sois o autor da lei e o dispensador da vida? Salomão, o mais sábio dos reis de Israel, levou sete anos a edificar o templo magnífico, em louvor de vosso nome, e celebrou por oito dias a festa de sua dedicação, ofereceu mil hóstias pacíficas, e ao som das trombetas e com muito júbilo colocou a arca da aliança no lugar que lhe havia sido preparado. E eu, o mais miserável de todos os homens, como poderei receber-vos em minha casa, quando mal sei empregar meia hora com devoção? e oxalá que uma vez sequer a houvesse empregado dignamente!

5. Ó meu Deus, quanto se esforçaram esses vossos servos para agradar-vos! Ai, quão pouco é o que eu faço! Quão pouco o tempo que gasto em preparar-me para a Comunhão! Raras vezes estou de todo recolhido, raríssimo livre de toda distração. E, todavia, na presença salutar de vossa divindade não me devia ocorrer pensamento algum impróprio, nem eu me devia ocupar de criatura alguma, pois vou hospedar, não a um anjo, senão ao Senhor dos anjos.

6. Demais, há grandíssima diferença entre a arca da aliança com suas relíquias e vosso puríssimo corpo com suas inefáveis virtudes; entre aqueles sacrifícios da lei, que eram apenas figuras do futuro, e o sacrifício verdadeiro de vosso corpo, que é o cumprimento de todos os sacrifícios antigos.

7. Por que, pois, se me não acende melhor o meu coração na vossa adorável presença? Por que me não preparo com maior cuidado para receber vosso santo mistério, quando aqueles santos patriarcas e profetas, reis e príncipes, com todo o povo, mostraram tanta devoção e fervor no culto divino?

8. Com religioso transporte dançou o piedosíssimo Rei Davi diante da arca da aliança, em memória dos benefícios concedidos outrora a seus pais; mandou fabricar vários instrumentos musicais, compôs salmos e ordenou que se cantassem com alegria, e ele mesmo os cantava muitas vezes ao som da harpa; ensinou ao povo de Israel a louvar a Deus de todo o coração e engrandecê-lo e bendizê-lo todos os dias, a uma voz. Se tanta era, então, a devoção e o fervor divino diante da arca do testamento, quanta reverência e devoção devo eu ter *agora*, e todo o povo cristão, na presença do Sacramento e na recepção do preciosíssimo corpo de Cristo!

9. Correm muitos a diversos lugares para visitar as relíquias dos santos, e se admiram ouvindo narrar os seus feitos; contemplam os vastos edifícios dos

templos e beijam os sagrados ossos, guardados em seda e ouro. E eis que aqui estais presente diante de mim, no altar, vós, meu Deus, Santo dos santos, Criador dos homens e Senhor dos anjos. Em tais visitas, muitas vezes é a curiosidade e a novidade das coisas que movem os homens; e diminuto é o fruto de emenda que recolhem, principalmente quando fazem essas peregrinações com leviandade, sem verdadeira contrição. Aqui, porém, no Sacramento do Altar, vós estais todo presente, Deus e homem, Cristo Jesus; aqui o homem recebe copioso fruto de eterna salvação, todas as vezes que vos recebe digna e devotamente. Ai não nos leva nenhuma leviandade, nem curiosidade ou atrativo dos sentidos, mas sim a fé firme, a esperança devota e a caridade sincera.

10. Ó Deus invisível, Criador do mundo, quão maravilhosamente nos favoreceis, quão suave e ternamente tratais com vossos escolhidos, oferecendo-vos a vós mesmo como alimento, neste Sacramento! Isto transcende todo entendimento, isto atrai os corações dos devotos e acende o seu amor. Porque esses teus verdadeiros fiéis, que empregam toda a sua vida na própria emenda, recebem muitas vezes deste augusto Sacramento copiosa graça de devoção e amor à virtude.

11. Ó graça admirável e oculta deste Sacramento, que só dos fiéis de Cristo é conhecida, mas que os infiéis e escravos do pecado não podem experimentar! Neste Sacramento se dá a graça espiritual, recupera a alma a força perdida, refloresce a formosura deturpada pelo pecado. Tão grande é, às vezes, esta graça, que, pela abundância da devoção recebida, não só a alma, mas ainda o corpo fraco sente-se munido de maiores forças.

12. É, porém, muito para chorar e lastimar a nossa tibieza e negligência, o pouco fervor em receber a Jesus Cristo, em quem reside toda a esperança e merecimento dos que se hão de salvar. Porque ele é a nossa santificação e redenção, ele o consolo dos peregrinos e o gozo eterno dos santos. E assim é muito para chorar o pouco caso que tantos fazem deste salutar mistério, sendo ele a alegria do céu e a conservação de todo o mundo. Ó cegueira e dureza do coração humano, que tão pouco estima esse dom inefável, antes, com o uso cotidiano que dele faz, chega a cair na indiferença!

13. Pois, se esse augusto Sacramento se celebrasse num só lugar e fosse consagrado por um só sacerdote no mundo, com quanto desejo imaginássemos acudiriam os homens a visitar aquele lugar e aquele sacerdote a fim de assistir à celebração dos divinos mistérios? Agora, porém, há muitos sacerdotes, e em muitos lugares Cristo é oferecido, para que tanto mais se manifeste a graça e o amor de Deus para com os homens, quanto mais largamente é difundida pelo mundo a Sagrada Comunhão. Graças vos sejam dadas, Bom Jesus Pastor Eterno, que vos dignais sustentar-nos a nós, pobres e desterrados, com vosso precioso corpo e sangue, e até convidar-nos, com palavras de vossa própria boca, à participação desses mistérios, dizendo: *Vinde a mim todos que penais e estais sobrecarregados, e eu vos aliviarei.*

Quem recebe a Sagrada Comunhão, recebe Jesus Cristo vivo, porque seu corpo, sua alma e sua divindade estão neste divino sacramento. É como sua divindade é a mesma do Pai e do Espírito Santo que são um só Deus com ele, quem recebe a Sagrada Eucaristia, recebe o corpo do Filho de Deus, e, por conseguinte, seu sangue e sua alma, e portanto a Santíssima Trindade.

Mas, este divino sacramento foi instituído principalmente para que recebêssemos o corpo e o sangue de nosso Salvador com sua vida vivificante, como as vestes cobrem principalmente o corpo do ser humano; mas como a alma está unida ao corpo, as vestes cobrem consequentemente a alma, o entendimento, a memória e a vontade.

Procura manter-te simplesmente nesta crença, e saúda muitas vezes o coração desse divino Salvador, que, para testemunhar-nos seu amor, quis cobrir-se das aparências do pão, a fim de permanecer familiar e intimamente em nós e perto do nosso coração. Vejamos bem em espírito os santos anjos que rodeiam o Santíssimo Sacramento para adorá-lo e, nesta santa oitava, difundem mais abundantemente inspirações sagradas naqueles que, com humildade, reverência e amor, dele se aproximam (*151^e lettre spirit.*, 222).

Capítulo 2

Como neste sacramento se mostra ao homem a grande bondade e caridade de Deus

A voz do discípulo

1. Confiado, Senhor, na vossa bondade e grande misericórdia, a vós me chego, qual enfermo ao médico, faminto e sequioso à fonte da vida, indigente ao Rei do céu, servo ao Senhor, criatura ao Criador, desconsolado ao meu piedoso Consolador. Mas donde me vem a graça de virdes a mim? Quem sou eu, para que vós mesmos vos ofereçais a mim? Como ousa o pecador aparecer diante de vós? E vós, como vos dignais vir ao pecador? Conheceis vosso servo e sabeis que nenhum bem há nele para que lhe presteis esse benefício. Confesso, pois, minha vileza, reconheço vossa bondade, louvo vossa misericórdia e dou-vos graças por vossa excessiva caridade. Por vós mesmos fazeis isso, não por meus merecimentos, mas para que vossa bondade me seja mais manifesta, maior caridade me seja infundida e a caridade me seja mais perfeitamente recomendada. Pois que assim vos apraz e assim ordenastes, a mim também me agrada vossa condescendência, e oxalá não ponham estorvo meus pecados!

2. Ó dulcíssimo e benigníssimo Jesus! louvor vos devo pela participação do vosso sacratíssimo corpo, cuja existência ninguém pode explicar! Mas que hei de pensar nesta comunhão, chegando-me a meu Senhor, a quem não posso devidamente honrar, e todavia desejo receber com devoção? Que coisa melhor e mais salutar posso pensar, senão humilhar-me totalmente diante de vós e

exaltar vossa infinita bondade para comigo? Eu vos louvo, Deus meu, e vos engrandeço para sempre. Desprezo-me e a vós me submeto no abismo de minha vileza.

3. Vós sois o Santo dos santos, e eu a escória dos pecadores. Vós baixais para mim, que não sou digno de levantar os olhos para vós. Vindes a mim, quereis estar comigo, convidais-me ao vosso banquete. Quereis dar-me o alimento espiritual e o pão dos anjos, que outro, na verdade, não é senão vós mesmo, pão vivo, que desceste do céu e dais a vida ao mundo.

4. Eis a fonte do amor donde resplandece a vossa misericórdia! Que ações de graças vos são devidas por este benefício! Oh! quão salutar e proveitoso foi o vosso desígnio em instituir este Sacramento! Quão suave e delicioso banquete, em que a vós mesmos vos destes em alimento! Quão admiráveis, Senhor, são vossas obras, quão inefável vossa verdade! Porque dissestes – e tudo se fez, e fez-se aquilo que ordenastes.

5. Coisa maravilhosa e digna de fé e acima de toda compreensão humana é que vós, Senhor, meu Deus, verdadeiro Deus e homem, estejais todo inteiro debaixo das insignificantes espécies de pão e vinho, e, sem serdes consumido, alimentais aquele que vos recebe. Vós, Senhor do universo, que não precisais de coisa alguma, quisestes morar em nós por vosso Sacramento; conservai meu coração e meu corpo sem mancha, para que com alegre e pura consciência possa muitas vezes celebrar e receber vossos mistérios, para minha eterna salvação, visto que os instituístes e ordenastes principalmente para vossa honra e perpétua lembrança.

6. Regozija-te, minha alma, e agradece a Deus tão excelente dádiva e singular consolação, que ele te deixou neste vale de lágrimas. Porque todas as vezes que celebrares este mistério e receberes o corpo de Cristo, renova a obra de tua redenção e te tornas participante de todos os merecimentos de Cristo. Pois a caridade de Cristo nunca se diminui, nem se esgota jamais a grandeza de sua propiciação. Por isso te debes preparar sempre para esse ato pela renovação do espírito, e considerar com atenção este grande mistério de salvação. Tão grande, novo e delicioso se te deve afigurar, quando celebras ou ouves missa, como se Cristo no mesmo dia descesse pela primeira vez ao seio da Virgem e se fizesse homem, ou como se, pendente da cruz, padecesse e morresse pela salvação dos homens.

Reflexões

Nosso Senhor, diz o santo apóstolo, ofereceu-se a Deus seu Pai, por nós, como hósta de odor e de suavidade. Oh! Que divinos odores não espalhou ele diante de seu Pai Eterno, quando instituiu o Santíssimo Sacramento do altar, no qual nos testemunhou tão admiravelmente a grandeza incomparável de seu amor! Oh! Que perfume infinitamente suave foi então este ato de amor tão incompreensível de Nosso Senhor, dando-se a nós, que éramos seus inimigos, e que lhe causávamos a morte! Foi então verdadeiramente que ele nos deu o meio

de chegar a este grau supremo de união que ele nos desejava, de fazer um com ele, assim como ele e seu Pai são um, como lhe havia pedido, no extremo de seu amor por nós, encontrando ao mesmo tempo um meio de poder fazer isto, instituindo o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, pela recepção do qual fazemos uma mesma coisa com ele: *Nós formamos um só corpo, embora sejamos muitos, pois todos participamos do mesmo pão e do mesmo cálice* (1Cor 10,17). Ó bondade incomparável, como sois digna de ser amada! Até que ponto abaixou-se a grandeza de Deus por cada um de nós, e até onde quer ele elevar-nos, unir-nos tão perfeitamente a si, que nos torna uma mesma coisa com ele! Nosso Senhor quis fazer isto para ensinar-nos como somos todos amados com um mesmo amor pelo qual ele se une a nós neste Santíssimo Sacramento; assim quer ele que nos amemos todos com este mesmo amor que tende à união, mas a uma união maior e mais perfeita do que se pode dizer (*Sermon pour le III^e dimanche de Carême*, IV, 301).

Oração

Ó doce Jesus, meu Salvador e meu Deus, como vos sou devedora pelo amor que me testemunhastes neste divino sacramento de amor, onde vos tornais mais meu do que eu sou vossa, e que sou minha a mim mesma! Ah! quem me dera a graça de poder, de uma vez para sempre, apertar-vos e colar no meu peito, e não fazer mais do que uma mesma coisa convosco! Oh! que Jesus esteja para sempre em meu coração, que ele viva e reine nele eternamente; que para sempre seu santo nome seja bendito, e o nome de sua santa mãe que nos deu um tal Filho! (*Edition Migne, Opusc.*, III, 1427).

Capítulo 3 *Da utilidade da comunhão frequente*

Voz do discípulo

1. Eis que venho a vós, Senhor, para aproveitar-me de vossa munificência, e deliciar-me neste sagrado banquete, que vós, Deus meu, preparastes, na vossa ternura, para o pobre. Em vós se acha tudo o que posso e devo desejar; vós sois minha esperança, fortaleza, honra e glória. Alegrai, pois, hoje, a alma de vosso servo, porque a vós, Senhor Jesus, levantei a minha alma. Desejo receber-vos agora com devoção e reverência; desejo hospedar-vos em minha casa, para que, com Zaqueu, mereça ser abençoado e contado entre os filhos de Abraão. Minha alma suspira por vosso corpo; meu coração deseja ser convosco unido.

2. Dai-vos a mim e estou satisfeito; porque sem vós nada me pode consolar. Sem vós não posso estar, e sem vossa visita não posso viver. Por isso muitas vezes devo achar-me a vós e receber-vos para remédio de minha salvação, a fim de não desfalecer no caminho quando estiver privado deste alimento celestial. Assim vós mesmo o dissestes uma vez, misericordiosíssimo Jesus,

quando pregáveis e curáveis diversas enfermidades: *“Não os quero despedir em jejum, para que não desfaleçam no caminho”* (Mt 15,32). Fazei também do mesmo modo comigo, pois ficastes neste Sacramento para consolação dos fiéis. Vós sois a suave refeição da alma, e quem dignamente vos receber se tornará participante e herdeiro da glória eterna. A mim, que tantas vezes caio e peço, tão depressa afrouxo e desfaleço, mui necessário me é que, com a oração, confissão e comunhão frequentes, me renove, purifique e afervore, para não abandonar meus santos propósitos, abstendo-me da comunhão por mais tempo.

3. Pois “os sentidos do homem estão inclinados para o mal desde a sua adolescência” (Gn 8,21), e se não o socorre o remédio celestial, logo cai o homem de mal em pior. Porque, se agora, comungando ou celebrando, sou tão negligente e tíbio, que seria se não tomasse este remédio e não buscasse tão poderoso conforto? E ainda que não esteja, todos os dias, preparado, nem bem disposto para celebrar, contudo me quero esforçar para, nos tempos convenientes, receber os sagrados mistérios e tornar-me participante de tanta graça. Porque, enquanto a alma fiel, longe de vós, peregrina neste corpo mortal, a única e principal consolação para ela é que muitas vezes se lembre do seu Deus e receba devotamente o seu Amado.

4. Ó maravilhosa condescendência de vossa bondade para convosco, que vós, Senhor Deus, Criador e vivificador de todos os espíritos, vos dignais de vir à minha pobre alma e saciar-lhe a fome com toda a vossa divindade e humanidade! Ó ditoso coração, ó alma bem-aventurada, que merece receber-vos com devoção a vós, seu Deus e Senhor, e nesta união encher-se de gozo espiritual! Oh! Que grande Senhor recebe, que amável hóspede agasalha, que agradável companheiro acolhe, que fiel amigo aceita, que formoso e nobre esposo abraça, mais digno de ser amado que tudo o que se ama e deseja! Dulcíssimo amado meu, emudeçam diante de vós o céu e a terra com todos os seus ornatos; porque tudo o que têm de brilho e beleza é dom de vossa liberalidade e não chega a igualar a glória de vosso nome, “cuja sabedoria não tem medida” (Sl 146,5).

Reflexões

Se os mundanos te perguntam por que comungas tão frequentemente, dize-lhes que é para aprender a amar a Deus, para purificar-te de tuas imperfeições, para livrar-te de tuas misérias, para consolar-te em tuas aflições e para apoiar-te em tuas fraquezas. Dize-lhes que dois tipos de pessoas devem comungar frequentemente: os perfeitos, porque, estando bem dispostos, não teriam razão para não aproximar-se da fonte da perfeição; e os imperfeitos, a fim de poder justamente pretender à perfeição; os fortes, para que não se tornem fracos, e os fracos para que se tornem fortes; os doentes, para serem curados, e os sãos, a fim de que não fiquem doentes; e que, tu, como imperfeita, fraca e doente, tens necessidade de comunicar-te muitas vezes com tua perfeição, tua força e teu médico.

Dize-lhes que aqueles que não têm muitos afazeres mundanos devem comungar muitas vezes, porque têm a comodidade de fazê-lo, e aqueles que têm muitas obrigações mundanas, porque têm necessidade de comungar; e que aquele que trabalha muito e que está carregado de penas também deve comer alimentos fortes e muitas vezes. Dize-lhes que recebeis o Santo Sacramento para aprender a recebê-lo bem, porque não se faz bem uma ação que não se exerce frequentemente (*Introduction à la vie dévote*, parte II, cap. XXI, I, 93).

Oração

Ó Salvador de nosso coração, uma vez que estamos todos os dias à vossa mesa para comer, não somente vosso pão, mas vós mesmo que sois nosso pão vivo e superessencial, fazei que todos os dias façamos uma boa e perfeita digestão deste alimento tão perfeito e que vivamos perpetuamente de vossa sagrada doçura, bondade e amor (223^e *lettre spirit.*, X, 500).

Capítulo 4

Dos admiráveis frutos colhidos pelos que comungam devotamente

Voz do discípulo

1. Senhor, meu Deus! preveni vosso servo com as bênçãos de vossa doçura, para que mereça digna e devotamente chegar-me a vosso augusto Sacramento. Despertai meu coração para vós e tirai-me deste profundo entorpecimento. “Visitai-me com vossa graça salutar” (Sl 105,4), para que goze em espírito vossa doçura, que com abundância está oculta neste Sacramento, como em sua fonte. Iluminai também meus olhos para contemplar tão alto mistério, e fortalecei-me para crer nele com fé inabalável. Porque é obra vossa e não de poder humano, sagrada instituição vossa, não invenção dos homens. Ninguém, com efeito, de si mesmo é capaz de conceber e compreender este mistério, que transcende à própria inteligência dos anjos. Que, pois, poderei eu, pecador indigno, pó e cinza, investigar e compreender de tão alto e sagrado mistério?

2. Senhor, na simplicidade do meu coração, com firme e sincera fé, e obedecendo a vosso mandado, me aproximo de vós com esperança e reverência e creio verdadeiramente que estais presente aqui no Sacramento, Deus e homem. Pois quereis que vos receba e me una convosco em caridade. Por isso imploro vossa clemência e vos suplico a graça particular de que todo me desfaleça em vós e me consuma em amor, sem mais cuidar de nenhuma outra consolação. Porque este altíssimo e diviníssimo Sacramento é a saúde da alma e do corpo, remédio de toda enfermidade espiritual; cura os vícios, reprime as paixões, vence ou enfraquece as tentações, comunica maior graça, corrobora a virtude nascente, confirma a fé, fortalece a esperança, inflama e dilata a caridade.

3. Muitos bens concedestes e concedeis ainda a miúdo aos vossos amigos, neste Sacramento, quando devotamente comungam, ó Deus meu, amparo da minha alma, reparador da humana fraqueza e dispensador de toda consolação interior. Porque lhes infundis abundantes consolações contra várias tribulações e os levantai do abismo do próprio abatimento à esperança da vossa proteção e os recreais e iluminais interiormente com a nova graça, de sorte que os mesmos que antes da comunhão se sentiam inquietos e sem afeto, depois de recreados com o manjar e a bebida celestiais se sentem melhorados e fervorosos. Tudo isso prodigalizaís aos vossos escolhidos, para que verdadeiramente conheçam e evidentemente experimentem quanta fraqueza têm em si mesmos e quanta bondade e graça alcançam de vós. Pois de si mesmos são frios, tíbios e insensíveis; por vós, porém, tornam-se fervorosos, alegres e devotos. Quem, porventura, se chegará humilde à fonte da suavidade, que não receba dela alguma doçura? Ou quem, junto de um grande fogo, deixará de sentir algum calor? E vós sois a fonte sempre cheia e abundante; o fogo que sempre arde sem jamais se apagar.

4. Por isso, se me não é dado haurir da plenitude desta fonte, nem beber até me saciar, chegarei, todavia, meus lábios ao orifício do canal celeste, a fim de que receba daí ao menos uma gota, para refrigerar minha sede e não morrer de secura. E se não posso ainda ser todo celestial, nem tão abrasado como os querubins e serafins, contudo me empenharei por permanecer na devoção e dispor meu coração, para que pela recepção humilde deste vivificante Sacramento receba ao menos uma tênue faísca do divino incêndio. O que me falta, porém, ó bom Jesus, Salvador santíssimo, supri-o pela vossa bondade e graça, pois vos dignastes chamar-nos todos a vós, dizendo: *Vinde a mim todos que penais e estais sobrecarregados, e eu vos aliviarei.*

5. Na verdade, eu trabalho com o suor do meu rosto, sou atormentado com angústias do coração, estou carregado de pecados, molestado de tentações, embaraçado e oprimido com muitas paixões e não há ninguém que me ajude, livre ou salve, senão vós, Senhor Deus, Salvador meu, a quem me entrego, com tudo o que me pertence, para que me guardeis e leveis à vida eterna. Recebei-me para honra e glória de vosso nome, pois me preparastes para a comida e bebida o vosso corpo e sangue. Concedei-me, Senhor Deus, Salvador meu, que com a frequência de vosso mistério se me aumente o fervor da devoção.

Reflexões

Os mais excelentes frutos da Santa Comunhão:

I. Ela une a alma com Nosso Senhor Jesus Cristo e a incorpora nele. Por isso ele mesmo disse: *Quem come minha carne e bebe meu sangue, permanece em mim e eu nele* (Jo 6,57).

II. Ela aumenta e conserva a graça na alma, dá abundância de virtudes, força contra as tentações, vitória contra os inimigos visíveis e invisíveis, e até mesmo bem-estar corporal e perfeição de vida àquele que comunga

com frequência e dignamente.

III. Ela restaura e esclarece o entendimento, recria e deleita o coração, e expulsa dele as trevas.

IV. Ela torna a alma humilde, piedosa, devota, paciente, e inflama a vontade do amor divino.

V. Ela aumenta os hábitos virtuosos, enfraquece os aguilhões da carne e apazigua os ardores da concupiscência.

VI. Ela reanima a esperança pela certeza da fé, e aumenta a devoção.

VII. Ela perdoa e apaga os pecados veniais, preserva dos pecados mortais e faz perseverar em santos desejos, bons propósitos e resoluções, e superar generosamente todas as dificuldades.

VIII. Ela nos torna participantes de todos os méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e nos dá o penhor seguro da glória do paraíso.

IX. Ela nos torna prontos para fazer o bem, misericordiosos e liberais para com os indigentes, e espantalhos para os demônios infernais. Ela diminui sempre a pena devida aos nossos pecados (*Opusc.*, III, 149).

Capítulo 5

Da dignidade do Sacramento e do estado sacerdotal

Vóz do Amado

1. Ainda que tiveras a pureza dos anjos e a santidade de São João Batista, não serias digno de receber ou administrar este Sacramento. Porque não é devido a merecimento algum humano que o homem pode consagrar e administrar o Sacramento de Cristo e comer o pão dos anjos. Sublime mistério e grande dignidade dos sacerdotes, aos quais é dado o que aos anjos não foi concedido! Porque só os sacerdotes legitimamente ordenados na Igreja têm o poder de celebrar a missa e consagrar o corpo de Cristo, porquanto é tão somente o ministro de Deus que usa das palavras de Deus, por ordem e instituição de Deus; Deus, porém, é o autor principal e invisível agente, a cujo aceno tudo obedece.

2. Neste augustíssimo sacramento deves, pois, mais crer em Deus onipotente que em teus próprios sentidos ou em qualquer sinal visível. Por isso deves aproximar-te deste mistério com temor e reverência. Olha para ti e considera que ministério te foi confiado pela imposição das mãos do bispo. Foste ordenado sacerdote e consagrado para o serviço do altar; cuida agora em oferecer a Deus o sacrifício em tempo oportuno, com fé e devoção, e de levar uma vida irrepreensível. Não se te diminui o encargo, ao contrário, estás agora mais apertadamente ligado aos vínculos de disciplina e obrigado a maior perfeição e santidade. O sacerdote deve ser ornado de todas as virtudes de dar

aos outros o exemplo de vida santa. Ele não deve trilhar os caminhos vulgares e comuns dos homens, mas a sua convivência seja com os anjos do céu ou com os varões perfeitos na terra.

3. O sacerdote, revestido das vestes sagradas, faz as vezes de Cristo, para rogar devota e humildemente a Deus por si e por todo o povo. Traz o sinal da cruz do Senhor no peito e nas costas, para que continuamente se recorde da paixão de Cristo. Diante de si, na casula, traz a cruz, para que considere, com cuidado, os passos de Cristo, e se empenhe de os seguir com fervor. Nas costas também está assinalado com a cruz, para que tolere com paciência, por amor de Deus, qualquer injúria que outros lhe fizeram. Diante de si traz a cruz para chorar os próprios pecados; atrás de si, para deplorar também os alheios, por compaixão, e para que saiba que é constituído medianeiro entre Deus e o pecador. Também não cesse de orar e oferecer o santo sacrifício, até que mereça alcançar graça e misericórdia. Quando o sacerdote celebra a Santa Missa, honra a Deus, alegra os anjos, edifica a Igreja, ajuda os vivos, proporciona descanso aos defuntos e faz-se participante de todos os bens.

Reflexões

Sem dúvida, não se pode imaginar algo de mais ousado, de mais espantoso, do que ter nas próprias mãos e criar pela palavra, segundo a expressão de São Jerônimo, aquele que os anjos não poderiam compreender pelo pensamento nem louvar dignamente, essas santas inteligências que nós mesmos não podemos conceber nem louvar dignamente (*II^e lettre spirit.*, VII, 44).

Francisco de Sales, elevado ao sacerdócio, não ousou subir ao altar no dia seguinte ao de sua ordenação, pois achou que devia preparar-se por um retiro de três dias. Nesses dias ele tomou três resoluções dignas da sublime ideia que ele fazia do sacerdócio:

- a primeira, de ter em todas as suas ações o mesmo espírito de religião que ele tem no altar, e de fazer de todos os momentos do dia uma preparação contínua para o sacrifício do dia seguinte, de maneira que pudesse responder sinceramente, se alguém lhe perguntasse qual era a razão de sua conduta: “Eu me preparo para celebrar a missa”;
- a segunda, de nunca mostrar no altar senão as mesmas disposições que ele gostaria de ter para morrer e comparecer diante de Deus;
- a terceira, de unir-se em tudo a Jesus Cristo, sumo sacerdote, pelo recolhimento do amor e pela imitação de seus exemplos (*Vie de saint François de Sales*, por M. Hamon, t. I, 1, II, cap. I).

Oração

Meu Senhor, eu ofereço este meu sacrifício, e com ele me ofereço inteiramente à vossa honra e glória eterna, em união com este ardente amor e

puríssima intenção com que vos destes como alimento na última ceia e vos oferecestes a vós mesmo em sacrifício no madeiro da santa cruz. E no lugar da pouca reparação que tenho feito e de minha fraca devoção, ofereço-vos aquela profunda humildade, pureza e caridade com a qual vossa santíssima mãe e vossos servos se aproximaram deste divino sacramento, e aquela com a qual ofereceram este sacrifício vossos apóstolos e todos os santos padres, desde o começo até o presente, e com a qual vo-lo oferece ainda toda a santa Igreja Católica (*Opusc.*, III, 116).

Capítulo 6

Pergunta concernente ao exercício antes da comunhão

Voz do discípulo

1. Senhor, quando considero vossa dignidade e minha baixeza, tremo de medo e me envergonho diante de mim mesmo. Porque, se me não chego a vós, fujo da vida, e se me apresento indignamente, incorro em vossa indignação. Que farei, pois, Deus meu, meu auxílio e conselheiro em meus apuros?

2. Ensinai-me vós o caminho direto, mostrai-me algum breve exercício. Porque me é útil saber de que modo devo, com devoção e respeito, preparar o meu coração para receber com fruto vosso Sacramento ou celebrar tão grande e divino sacrifício.

Reflexões

Assim como o sacrifício da missa foi instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, em memória de sua santíssima vida, paixão e morte, o padre deve, antes e depois da celebração do sacrifício da missa, fazer comemoração particular de alguns mistérios da vida de Jesus Cristo...

Primeiramente, oferecereis esses mistérios ao Pai Eterno para a remissão de teus pecados e dos pecados de todo o mundo.

Em segundo lugar, agradecerás e bendirás sua bondade infinita por tais mistérios.

Em terceiro lugar, pedirás algumas graças particulares...; mas devo advertir-te, antes de ir adiante, que debes deter-te por um certo tempo para considerar algumas das circunstâncias ou pontos nos quais sentes uma maior devoção (*Opusc.*, III, 117).

Oração

Meu Senhor Jesus Cristo, que quiseses morrer, ser embalsamado, envolvido num lençol e sepultado por José de Arimateia e Nicodemos, dai-me a graça de

receber dignamente vosso santo corpo no Sacramento do altar, e na minha alma embalsamada com os preciosos unguentos de vossas virtudes. Amém (*Opusc.*, III, 231).

Capítulo 7

Do exame da própria consciência e propósito de emenda

Voz do Amado

1. Antes de tudo cumpre ao sacerdote de Deus, para celebrar, administrar e receber este Sacramento, que se aproxime com grandíssima humildade de coração e profundo respeito, com viva fé e piedosa intenção de honrar a Deus. Examina diligentemente a tua consciência, procura limpá-la e purificá-la, quanto puderes, com sincera contrição e humilde confissão, de sorte que nada tenhas ou saibas que te pese na consciência, que te cause remorsos e te estorve o livre acesso. Detesta todos os teus pecados em geral, e lamenta mais em particular as faltas cotidianas. E, se o tempo o permite, confessa a Deus, no recôndito de teu coração, toda a miséria de tuas paixões.

2. Aflige-te e geme por seres ainda tão carnal e mundano, tão pouco mortificado nas paixões, tão cheio de movimentos de concupiscência, tão pouco recatado nos sentidos exteriores, tão emaranhado em muitas vãs ilusões, tão inclinado às coisas exteriores, tão descuro das interiores; tão dado ao riso e à dissipação, tão duro para as lágrimas e a compunção; tão pronto para os regalos e cômodos da carne; tão indolente para as austeridades e o fervor; tão curioso por ouvir novidades e ver coisas bonitas; tão remisso em abraçar as humildes e desprezadas; tão cobiçoso de possuir muito; tão parco em dar; tão tenaz em guardar; tão indiscreto no falar; tão insofrido no calar; tão desregrado nos costumes; tão precipitado nas orações; tão sôfrego no comer; tão surdo à palavra de Deus; tão ligeiro para o descanso; tão vagaroso para o trabalho; tão atento para conversas fúteis; tão sonolento para as sagradas vigílias; tão pressuroso por chegar ao fim; tão vago na atenção; tão negligente na recitação do ofício divino; tão tíbio na celebração da missa; tão seco na comunhão; tão depressa distraído; tão raramente bem recolhido; tão precipitado à ira; tão fácil de melindrar os outros; tão propenso a julgar; tão rigoroso em repreender; tão alegre nas prosperidades, tão abatido nas adversidades; tão fecundo em boas resoluções, tão preguiçoso em executá-las.

3. Confessados e chorados estes e outros defeitos, com pesar e vivo sentimento de tua própria fraqueza, toma o firme propósito de emendar tua vida e melhorá-la continuamente. Depois, com plena resignação e inteira vontade, oferece-te a ti mesmo como perpétuo holocausto em honra do meu nome, sobre o altar do teu coração, entregando-me confiadamente teu corpo e tua alma, para que assim mereças oferecer dignamente a Deus o sacrifício e receber com fruto o Sacramento do meu corpo.

4. Pois não há oblação mais digna, nem maior satisfação para expiar os pecados, que oferecer-se a si mesmo a Deus, pura e inteiramente, unido à oblação do corpo de Cristo, na missa e na comunhão. Se o homem fizer o que está em seu poder, e se arrepender verdadeiramente de seus pecados, quantas vezes a mim vier pedir graça e perdão, sempre dirá o Senhor: *Por minha vida juro, não quero a morte do pecador, mas que se converta e viva; não mais me lembrarei dos seus pecados, mas todos lhe serão perdoados* (Ez 18,22; 33,11).

Reflexões

A razão pela qual não recebemos a graça da santificação (uma vez que uma única comunhão bem feita é capaz e suficiente para tornar-nos santos e perfeitos) não provém senão do fato de não deixarmos Nosso Senhor reinar em nós como sua bondade o deseja. Ele vem a nós, este Bem-amado de nossas almas, e encontra nossos corações cheios de afeições, vontades e desejos mesquinhos. Mas não é isto que ele busca, porque quer encontrá-los vazios para tornar-se o senhor e regente deles. E para mostrar como deseja isto, ele diz à sua amante sagrada que ela o *coloque como um selo sobre seu coração* (Ct 8,6), a fim de que nada possa entrar nele a não ser com sua permissão e de acordo com seu bel-prazer. Ora, sei muito bem que o meio de nossos corações está vazio (de outra forma seria uma infidelidade muito grande); quero dizer que nós não só rejeitamos e detestamos o pecado mortal, mas todo tipo de afeição má. Mas, infelizmente, todos os cantos e recantos de nossos corações estão repletos de mil coisas indignas de aparecer na presença deste Rei soberano, as quais (como parece) lhe atam as mãos para impedi-lo de dispensar-nos os bens e as graças que sua bondade desejava conceder-nos, se nos tivéssemos encontrado preparados. Façamos, portanto, de nossa parte, o que podemos para prepararmos para receber este pão supersubstancial, abandonando-nos totalmente à divina Providência, não somente no que diz respeito aos bens temporais, mas principalmente aos bens espirituais, manifestando na presença da divina bondade todas as nossas afeições, desejos e inclinações, para lhe sermos inteiramente submissos, e podemos estar certos de que Nosso Senhor, de sua parte, cumprirá a promessa que nos fez de transformar-nos nele, elevando nossa baixeza até ser unida com sua grandeza (*XVIII^e Entretien*, III, 520).

Oração

Porque sois infinitamente bom, Senhor, sábio, poderoso, justo e misericordioso, eu me arrependo de todo o meu coração e estou contrito sobretudo por causa de todos os pecados mortais e veniais que cometi, por pensamentos, palavras, obras e omissões, desde o instante que cheguei ao uso da razão, até a hora presente. E, no lugar de minha dor imperfeita, ofereço-vos a amarga contrição que tiveram de seus pecados o santo Profeta Davi, São Pedro e Santa Maria Madalena, junto com a contrição que tiveram todos os outros verdadeiros penitentes, desde o começo do mundo até o presente, decidido que

estou, mediante vossa ajuda, na qual eu confio, de jamais vos ofender (*Opusc.*, III, 116).

Capítulo 8

Da oblação de Cristo na cruz e da própria resignação

Voz do Amado

1. Assim como eu a mim mesmo ofereci espontaneamente ao Pai Eterno, com os braços estendidos e o corpo nu, de modo que nada restasse em mim que não fosse oferecido em sacrifício de reconciliação divina: assim também deves tu de coração oferecer-te voluntariamente a mim todos os dias na Santa Missa, em oblação pura e santa, com todas as tuas potências e afetos. Que outra coisa exijo de ti senão que te entregues inteiramente a mim? De tudo que me deres fora de ti, não faço caso; porque não busco teus dons, mas a ti mesmo.

2. Assim como não te bastariam todas as coisas sem mim, assim me não pode agradar o que sem ti me ofereces. Oferece-te a mim, dá-te todo a Deus, e será aceita a tua oblação. Olha como me ofereci todo ao Pai por ti, e dei-te todo o meu corpo e sangue em alimento, para ser todo teu e para que tu te tornasses meu. Se, porém, te apegares a ti mesmo, e não te ofereceres espontaneamente à minha vontade, não será completa tua oblação, nem perfeita a união entre nós. Portanto, a todas as tuas obras deve preceder o voluntário oferecimento de ti mesmo nas mãos de Deus, se desejas alcançar a liberdade e a graça. O motivo de haver tão poucos interiormente esclarecidos e livres é que muitos não sabem abnegar-se de todo a si mesmos. É imutável minha sentença: *Quem não renunciar a tudo não poderá ser meu discípulo* (Lc 14,33). Se desejas, pois, ser meu discípulo oferece-te a mim com todos os teus afetos.

Reflexões

Oh! Senhor Jesus, quando será que, tendo sacrificado a vós tudo o que temos, imolaremos tudo o que somos a vós? Quando vamos oferecer-vos em holocausto nosso livre-arbítrio, decorrente do nosso espírito? Quando será que nós o ataremos e estenderemos sobre o altar de vossa cruz, de vossos espinhos, de vossa lança, a fim de que, como uma ovelhinha, seja vítima agradável à vossa vontade, para morrer e queimar no fogo e no gládio do vosso santo amor? Ó livre-arbítrio do meu coração, como será bom para ti estar atado e estendido sobre a cruz do divino Salvador! Como será desejável para ti morrer para ti mesmo para arder para sempre em holocausto ao Senhor! (*Amour de Dieu*, 1. XII, cap. X, II, 469).

Oração

Ó meu Senhor, de todo o meu coração, de todo o meu espírito, de toda a

minha alma e com todas as minhas forças, eu vos amo e quero amar-vos sempre sobre todas as coisas. E, se fosse possível, eu gostaria de amar-vos com aquele amor perfeitíssimo com que vos amais a vós mesmo. Com aquele amor com que vossa santíssima humanidade, a santíssima e bem-aventurada Virgem, junto com toda a corte celeste e a santa Igreja Católica vos amam (*Opusc.*, III, 115).

Capítulo 9

Que devemos com tudo quanto é nosso oferecer-nos a Deus, e orar por todos

Voz do discípulo

1. Senhor, vosso é tudo quanto existe no céu e na terra. Desejo oferecer-me a vós em oblação voluntária e ser vosso para sempre. Senhor, na simplicidade do meu coração me ofereço hoje a vós por servo perpétuo em obséquio e eterno sacrifício de louvor. Recebei-me com este santo sacrifício de vosso precioso corpo, que vos ofereço hoje na presença dos anjos, que a ele invisivelmente assistem, a fim de que sirva para minha salvação e de todo o povo.

2. Senhor, ofereço-vos sobre vosso altar de propiciação todos os meus pecados e delitos que tenho cometido em vossa presença e de vossos santos anjos, desde o dia em que pela primeira vez pequei até à hora presente, para que os consumais e queimeis no fogo de vossa caridade, também apagueis todas as manchas de meus pecados e purifiquéis minha consciência de toda a culpa e me restituais a vossa graça, que perdi pelo pecado, perdoadando-me tudo plenamente e admitindo-me na vossa misericórdia ao ósculo da paz.

3. Que posso eu fazer em expiação dos meus pecados, senão confessá-los humildemente e chorá-los, implorando incessantemente vossa misericórdia? Rogo-vos, meu Deus, ouvi-me propício, aqui onde estou em vossa presença! Detesto sumamente todos os meus pecados, e proponho nunca mais cometê-los; arrependo-me deles e me hei de arrepender enquanto viver; pronto estou a fazer penitência e satisfazer conforme as minhas forças. Perdoai-me, meu Deus, perdoai-me os meus pecados pelo vosso santo nome; salvai minha alma que remistes com vosso precioso sangue. Eis que me abandono à vossa misericórdia, e me entrego em vossas mãos. Tratai-me segundo a vossa bondade, não segundo a minha iniquidade e malícia.

4. Ofereço-vos todas as minhas boas obras, por poucas e imperfeitas que sejam, para que vós as emendeis e santifiquéis, e as façais agradáveis a vós e as aperfeiçoeis cada vez mais, e para que me leveis a mim, servo indolente e inútil, a um fim glorioso e bem-aventurado.

5. Ofereço-vos também todos os santos desejos das almas devotas, as necessidades de meus pais, amigos, irmãos, parentes e de todos os que me são caros, ou me fizeram bem a mim e a outros, por vosso amor; também daqueles que me encomendaram e pediram orações e missas por si e para todos os seus,

sejam vivos ou defuntos, para que todos sintam o auxílio da vossa graça, o socorro da vossa consolação, a proteção nos perigos, o alívio das penas e que, livres de todos os males, vos rendam, jubilosos, muitas graças.

6. Ofereço-vos, finalmente, todas as orações e a hóstia de propiciação particularmente por aqueles que de qualquer modo me ofenderam, contristaram, censuraram, prejudicaram ou molestaram. Enfim, por todos a quem eu tenha afligido, perturbado, contrariado ou escandalizado, com palavras ou obras, por ignorância ou com advertência, a fim de que a todos nos perdoeis os nossos pecados e mútuas ofensas. Apartai, Senhor, dos nossos corações toda suspeita, indignação, ira e contenda e tudo que possa ofender a caridade e diminuir o amor fraternal. Compadecei-vos, Senhor, compadecei-vos de todos os que imploram vossa misericórdia; dai graças aos que dela necessitam, e fazei-nos tais, que sejamos dignos de gozar a vossa graça e alcançar a vida eterna. Amém.

Reflexões

Em todas as orações e súplicas que fazes a Deus, é preciso não fazê-las somente para ti, mas debes dizer sempre *nós*, como Nosso Senhor nos ensinou na oração dominical, onde não existe *eu*, nem *me*, nem *meu*: isto quer dizer que tens a intenção de pedir a Deus que ele dê a virtude ou a graça que lhe pedes para ti, também para todos aqueles que têm a mesma necessidade, e que seja sempre para unir-te mais a ele; porque, de outro modo, não devemos pedir nem desejar outra coisa, nem para nós, nem para o próximo, pois este é o fim pelo qual foram instituídos os sacramentos...

A oração que fizemos por eles aumenta nosso mérito, tanto para a recompensa da graça nesta vida como da glória na outra (*XVIII^e Entretien*, III, 521 e 522).

Capítulo 10

Que não se deve deixar por leve motivo a Sagrada Comunhão

Voz do Amado

1. A miúdo debes recorrer à fonte da graça e divina misericórdia, à fonte de bondade e de toda pureza, para que possas ser curado de tuas paixões e vícios, e merecer ficar mais forte e vigilante contra todas as tentações e enganos do demônio. Sabendo o inimigo qual é o fruto e o efficacíssimo remédio que se encerra na santa comunhão, procura por todos os modos e em qualquer ocasião impedir e afastar dela, quanto pode, as almas fiéis e piedosas.

2. Pois a muitos sucede que, quando tratam de preparar-se para a santa comunhão, sofrem as piores sugestões de satanás. Esse espírito maligno (como está escrito no livro de Jó 1,6) mete-se entre os filhos de Deus, para, com sua

costumada malícia, perturbá-los ou torná-los demasiadamente tímidos e escrupulosos, a fim de lhes diminuir a devoção ou com suas investidas arrancar-lhes a fé, para que deixem de todo a comunhão ou só se lhe aproximem com tibieza. Mas não se há de fazer caso algum das suas manhas e sugestões, por mais torpes e horríveis que sejam; ao contrário, todas essas fantasias se hão de rechaçar sobre a sua cabeça. Desprezo e irrisão merece esse malvado, e por causa de suas investidas ou inquietações não se há de deixar a comunhão.

3. Muitas vezes também causa embaraço a demasiada preocupação a respeito da devoção ou certo receio da necessária confissão. Procede nisto conforme o conselho dos entendidos, e deixa a ânsia e escrúpulos, porque estorvam a graça de Deus e impedem a devoção da alma. Não deixes a Sagrada Comunhão por qualquer pequena tribulação ou contrariedade, mas vai logo confessar-te e perdoa generosamente aos outros todas as ofensas. Se tu, porém, ofendeste a alguém, pede humildemente perdão, e Deus te perdoará de boa vontade.

4. Que aproveita demorar por muito tempo a confissão ou adiar a Sagrada Comunhão? Purifica-te quanto antes, expele já o veneno, apressa-te em tomar o remédio e achar-te-ás melhor que se por muito tempo o diferes. Se deixas hoje a comunhão, por este ou aquele motivo, talvez que amanhã te sobrevenha outro maior, e assim te podias afastar por muito tempo da comunhão e tornar-te cada vez menos apto. O mais cedo que possas, sacode de ti essa inércia e tibieza, porque nada te aproveita viver muito tempo nessa ânsia e perturbação e privar-te dos divinos mistérios por cotidianos embaraços. Antes prejudica por muito adiar a comunhão por longo tempo; porque isto costuma produzir grave frouxidão. Infelizmente, alguns tíbios e relaxados folgam com os pretextos de adiar a confissão e desejam a demora da comunhão, para não serem obrigados a maior vigilância sobre si mesmos.

5. Ai! Que pouco amor e fraca devoção têm aqueles que tão facilmente deixam a Sagrada Comunhão! Quão feliz, porém, e quão agradável a Deus é quem vive tão santamente e guarda a sua consciência em tal pureza, que todos os dias estaria preparado e disposto a comungar, se lhe fosse permitido e o pudesse fazer sem causar reparo! Quando alguém, por humildade ou algum legítimo impedimento, se abstém de comungar uma vez ou outra, merece louvor por tanta reverência. Insinuando-se-lhe, porém, a tibieza, deve reanimar-se a si mesmo e fazer o que puder, e Deus auxiliará o seu desejo, atendendo à boa vontade, que especialmente aprecia.

6. Quando for, porém, legitimamente impedido, conserve ao menos a boa vontade e piedosa intenção de comungar, e deste modo não ficará privado do fruto do Sacramento. Porque todo cristão piedoso pode cada dia e a cada hora, sem embaraço e com proveito, comungar espiritualmente. Contudo, em certos dias e tempo determinado, deve receber com afetuosa reverência o corpo de seu Redentor no Sacramento, e nisto ter em vista mais a honra e glória de Deus, que sua própria consolação. Porque espiritualmente comunga e invisivelmente é recreado, todas as vezes que medita devotamente no mistério da encarnação de

Cristo e da sua paixão, e se acende em seu amor.

7. Quem se prepara somente quando uma festa se aproxima ou o costume o obriga, muitas vezes se achará mal preparado. Bem-aventurado aquele que se oferece a Deus em holocausto todas as vezes que celebra a Santa Missa ou comunga! Não sejas, ao celebrar, nem demasiadamente demorado, nem apressado, mas guarda o uso comum e regular daqueles com quem vives. Não deves causar incômodo ou enfado aos demais; mas seguir o caminho traçado pela instituição dos maiores e atender antes ao proveito alheio que à tua própria devoção e afeto.

Reflexões

Não deves surpreender-te com tuas distrações, frieza e secura, porque tudo isto acontece em ti do lado dos sentidos, e na parte de teu coração que não está inteiramente à tua disposição; mas, pelo que vejo, tua coragem está imóvel e invariável em decisões inspiradas por Deus a ti. Na verdade... não se deve deixar a santa comunhão por causa deste tipo de mal; porque nada poderá levantar melhor teu espírito do que seu rei, nada o inflamará tanto como seu sol, nada o abrandará tão suavemente como seu bálsamo (*14^e lettre spirit.*, XI, 22).

Mesmo que a tentação não cessar, não deixes de comungar, porque, se o fizeres, darás ganho de batalha ao teu adversário. Vai pois adiante, vigorosamente, e, sem levar em conta as tentações, recebe o pão da vida; fazendo isto, permanecerás vitoriosa de teu inimigo. Quem a abandona, a perde (*Opusc.*, III, 196).

Oração

Pai Eterno, ofereço à vossa honra e glória e para a minha salvação e de todo o mundo a instituição do Santíssimo Sacramento do altar, que nosso Salvador realizou com tanto amor na última ceia; o fim tão excelso que ele se propôs nesta ação; este ato de humildade tão singular que ele praticou quando lavou os pés de seus discípulos e até do traidor Judas, e o tormento que ele sentiu em seu coração por causa do pecado e da perdição deste discípulo. Eu vos agradeço por tudo isto, vos amo e bendigo infinitamente, e vos peço, pelos méritos deste mistério, perdão pelo pouco de preparação, devoção e reverência com que me apresentei a este Divino Sacramento e o ofereci no altar de vossa Majestade; suplicando-vos que me concedais a graça de ser no futuro devoto e faminto deste alimento celeste, e de me nutrir dele para a salvação e o proveito de minha alma (*Opusc.*, III, 123).

Capítulo 11

Que o Corpo de Cristo e a Sagrada Escritura são sumamente necessários à alma fiel

Voz do discípulo

1. Ó dulcíssimo Senhor Jesus, quão grande é a doçura de uma alma devota que toma parte no vosso banquete, no qual outro manjar não há que se lhe ofereça, senão vós mesmo, seu único amado, suprema aspiração de todos os desejos de seu coração! Também a mim seria doce derramar em vossa presença lágrimas do mais terno amor e com a piedosa Madalena banhar os vossos pés com meu pranto; mas onde está essa devoção, onde essa copiosa efusão de santas lágrimas? Por certo, na vossa presença e na dos santos anjos, meu coração devia inteiramente ficar abrasado e chorar de alegria, pois vos tenho verdadeiramente presente no Sacramento, embora oculto sob estranhas espécies.

2. Contemplar-vos na vossa própria e divina claridade – não poderiam suportar meus olhos; nem o mundo todo poderia subsistir perante o fulgor de vossa majestade. Por isso viestes em socorro à minha fraqueza, em vos ocultando debaixo do Sacramento. Possuo realmente e adoro aquele a quem os anjos do céu adoram; mas eu, por enquanto, só pela fé, eles, porém, com clara visão e sem véu. Eu me devo contentar com a luz da verdadeira fé e nela caminhar, até que amanheça o dia da claridade eterna e desapareçam as sombras das figuras. “Mas, quando vier o que é perfeito” (1Cor 13,10), cessará o uso dos sacramentos; porque os bem-aventurados na glória celeste não necessitam do remédio sacramental. Gozam sem fim da presença de Deus, contemplando a sua glória face a face, e, transformados de claridade em claridade no abismo da divindade, fruem a visão do Verbo de Deus encarnado, como foi no princípio e permanecerá para sempre.

3. Ao lembrar-se dessas maravilhas, qualquer consolação me causa tédio; porque, enquanto não vejo claramente o meu Senhor em sua glória, em nada estimo tudo o que neste mundo vejo e ouço. Vós, meu Deus, me sois testemunha de que nenhuma coisa me pode consolar, nem criatura alguma sossegar-me, senão vós, meu Deus, a quem desejo contemplar eternamente. Mas isso não é possível enquanto vivo nesta vida mortal. Por isso me convém ter grande paciência e submeter-me a vós em todos os meus desejos. Porque também os vossos santos, Senhor, que exultam agora convosco no Reino dos Céus, esperavam durante a sua vida terrestre, com muita fé e paciência, a vinda da vossa glória. O que eles creram, eu o creio também; o que eles esperaram, eu o espero; aonde eles chegaram, espero que hei de chegar também, pela vossa graça. Até então, caminharei na fé, confortado com os exemplos dos santos. Terei ainda os livros santos para consolo e espelho de minha vida e sobretudo terei vosso corpo sagrado como singular remédio e excelente refúgio.

4. Reconheço que neste mundo duas coisas me são sobretudo necessárias, sem as quais me seria insuportável esta miserável vida. Confesso que, enquanto estou detido no cárcere deste corpo, necessito de duas coisas: alimento e luz. Por isso me destes, Senhor, a mim, fraco, o vosso sagrado corpo para sustento da alma e do corpo, e “pusestes a vossa palavra qual cadeia diante de meus pés” (Sl 118,105). Sem estas duas coisas não poderia bem viver; porque a Palavra de

Deus é a luz da minha alma e vosso Sacramento o pão de vida. Podem ser chamadas duas mesas, colocadas de um e outro lado do tesouro da Santa Igreja. Uma é a mesa do santo altar, onde está o pão sagrado, isto é, o corpo de Cristo. A outra é a mesa da lei divina, que contém a doutrina santa, nos ensina a verdadeira fé e nos conduz com segurança atrás do véu do santuário, onde está o Santo dos santos. Graças vos dou, Senhor Jesus, luz da luz eterna, pela mesa da sagrada doutrina que nos ministrastes por vossos servos, os profetas, apóstolos e outros santos doutores.

5. Graças vos dou, Criador e Redentor dos homens, que, para dar a todo o mundo uma prova do vosso amor, preparastes uma grande ceia, onde oferecestes em comida, não já o cordeiro figurativo, senão vosso santíssimo corpo e sangue, enchendo de alegria todos os fiéis com este sagrado banquete, e inebriando-os com o cálice da salvação, onde se encerram todas as delícias do paraíso e juntamente convosco se banqueteiavam os santos e anjos, mas com mais suaves delícias.

6. Oh! Quão grande e venerável é o ministério dos sacerdotes, aos quais é dado consagrar com palavras santas o Senhor de majestade, bendizê-lo com os lábios, tocá-lo com as mãos, recebê-lo em suas bocas e distribuí-lo aos outros! Oh! Como lhes devem ser limpas as mãos, pura a boca, santo o corpo, imaculado o coração, em que tantas vezes entra o Autor da pureza! Da boca do sacerdote, que tantas vezes recebe o Sacramento de Cristo, palavra não deve sair que não seja santa, honesta e útil.

7. Seus olhos, que costumam contemplar o corpo de Cristo, devem ser modestos e castos. Puras e erguidas aos céus sejam também suas mãos, que tantas vezes tocam o Criador do céu e da terra. Especialmente aos sacerdotes se diz, na lei: *Sede santos, que também eu, o Senhor vosso Deus, sou santo* (Lv 19,2; 1Pd 1,16).

8. Assista-nos vossa graça, ó Deus onipotente, para que nós, que assumimos o ministério sacerdotal, possamos digna e devotamente servir-vos, com toda pureza e boa consciência. E, se não podemos viver com tanta inocência, como devemos, concedei-nos ao menos a graça de chorar devidamente os pecados cometidos e doravante vos servir com mais fervor, no espírito de humildade, com firme propósito e boa vontade.

Reflexões

Deixa, eu te suplico, os outros filosofar sobre o motivo que tens de comungar: porque basta tua consciência, pois tu e eu sabemos que esta diligência de rever e de reparar muitas vezes tua alma é extremamente útil para conservá-la; e se queres prestar contas a alguém sobre isto, poderás muito bem dizer que tens necessidade de comer tão frequentemente esse divino alimento, porque estás muito fraca, e que sem este reforço teu espírito se dissiparia facilmente. Mas, continua... a apertar bem este querido Salvador no teu peito. Que ele seja o belo e suave buquê sobre o teu coração, de sorte que

qualquer pessoa que se aproxime de ti sinta que estás perfumada, e perceba que teu odor é o odor da mirra (21^e *lettre spirit.*, XII, 28).

Constantino o Grande escreveu honrosamente a Santo Antônio, o que fez os religiosos que o cercavam ficar muito admirados. E ele lhes disse: “Como vos admirais que um rei escreva a um homem? Admirai-vos antes que o Deus Eterno tenha escrito sua lei nos mortais, e até lhes tenha falado boca a boca na pessoa de seu Filho” (*Introduction à la vie dévote*, PARTE II, cap. XII, I, 72).

Aqueles que querem ver a estima que os católicos têm sempre pela Sagrada Escritura e o respeito que têm por ela, que admirem o grande e santo Cardeal Borromeu, que jamais abria ou estudava este livro sagrado sem pôr-se de joelhos, pois parecia-lhe ouvir Deus visivelmente falar, e que tal reverência era devida a uma tão divina audiência (*Controverses*, VIII, 357).

Capítulo 12

Que a alma se deve preparar com grande diligência para a Sagrada Comunhão

Vóz do Amado

1. Sou amigo da pureza e dispensador de toda santidade. Busco um coração puro, e este é o lugar do meu repouso. Prepara-me um cenáculo grande e bem ornado, e nele celebrarei a Páscoa com meus discípulos (Lc 22,12; Mt 26,18). Se queres que eu venha a ti e fique contigo, lança fora o velho fermento e limpa a morada do teu coração. Desterra dele o mundo todo e o tumulto dos vícios; assenta-te, qual passarinho solitário, no telhado, e relembra teus pecados na amargura de tua alma (Sl 101,8). Porque todo amante prepara para o seu amado o melhor e mais belo aposento, porque nisto se conhece o amor de quem acolhe o amado.

2. Sabe, porém, que não podes chegar a uma digna preparação com aquilo que fazes, ainda que empregasses nela um ano inteiro, sem cuidar em mais nada. Mas só por minha bondade e graça te é permitido chegar à minha mesa, como se um mendigo fora convidado à mesa de um rico e não tivera outra coisa com que pagar os benefícios recebidos, senão humilde agradecimento. Faze o que podes, e faze-o com diligência; não por costume ou por necessidade, mas por temor, respeito e amor, recebe o corpo do teu amado Senhor e Deus, que se digna de te visitar. Sou eu quem te chamou e mandou que assim se fizesse; eu suprirei o que te falta; vem receber-me.

3. Quando te concedo a graça da devoção, dá graças a teu Deus, não que sejas digno, mas porque tive pena de ti. Se não tens devoção, mas te sentes muito seco, persevera na oração, suspira, bate à porta e não cesses até que mereças receber uma migalha ou uma gota de minha graça salutar. Tu necessitas de mim, e não eu de ti. Não vens tu me santificar a mim, mas sou eu que te venho santificar e fazer melhor. Tu vens para que, santificado por mim e

a mim unido, recebas nova graça e de novo te afervores para a emenda. “Não desprezes esta graça” (1Tm 4,14); mas dispõe com toda diligência teu coração e recebe nele o teu Amado.

4. Importa, porém, que não só te prepares para a devoção antes da comunhão, mas também que a conserves cuidadosamente depois da recepção do Sacramento. Não é menor a vigilância que se exige depois da comunhão, do que a fervorosa preparação antes de recebê-la. Pois essa boa vigilância posterior é novamente a melhor preparação para alcançar maior graça; ao contrário, muito indisposto se torna quem logo depois se dissipa com recreações exteriores. Guarda-te de falar muito, retira-te na solidão e goza do teu Deus; pois possuis aquele que o mundo todo te não pode roubar. A mim te debes entregar inteiramente, de sorte que já não vivas em ti, mas em mim, sem mais cuidado algum.

Reflexões

Quanto à vontade, é preciso purgá-la de uma coisa e adorná-la com outra: purgá-la dos afetos e paixões desregrados e desordenados, mesmo por coisas boas. Por isso aqueles que comiam o cordeiro pascal deviam ter os pés calçados de sapatos, a fim de que não tocassem a terra com os pés: porque os pés da alma são suas afeições que a levam para toda parte onde ela vai (diz Santo Agostinho), e suas afeições não devem tocar a terra, nem estar em estado de abandono, mas devem ser cobertas e impedidas de expandir-se, comendo o verdadeiro Cordeiro pascal que está no Santíssimo Sacramento. Assim, Nosso Senhor lava os pés de seus apóstolos antes de instituir este sacramento, para mostrar que as afeições dos que comungam devem estar muito puras; e o maná devia ser colhido no fresco do dia, antes do nascer do sol, porque os calores naturais dos amores e afetos exagerados impedem que se possa colher este celeste alimento. É preciso vir com uma alma santa e uma vontade viçosa, não inflamada, nem afeiçoada a nenhuma outra coisa senão à colheita deste maná (*Opusc.*, III, 195).

O tempo mais precioso e que deve ser mais bem aproveitado é o tempo após a comunhão. É então que se deve despertar e reiterar os atos de uma fé viva, de uma profunda adoração e respeito na presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo em nós. É para este momento que devemos excitar e convidar todas as potências de nossa alma para vir prestar-lhe homenagem e por mil santos afetos testemunhar-lhe nosso reconhecimento e amor, ora pelo temor de contristá-lo e afastá-lo de nós, ora pelos testemunhos de confiança, de alegria e de júbilo interior de amor, pela suavidade e pelos sentimentos interiores de sua divina presença, de ações de graças, de resoluções de servi-lo e protestos de uma inviolável fidelidade (*Opusc.*, III, 243).

Oração

Ó divino maná que resumis as delícias do corpo e do sangue de meu Salvador

Jesus Cristo, é só a vós que desejo e anseio ardentemente receber hoje. Tornai-me amargas todas as delícias dos sentidos e os outros prazeres da vida. Fazei que os desejos de meu coração e os afetos de minha vontade sejam sempre exclusivamente para vós e que jamais eu deguste outras delícias senão as delícias de vosso divino amor. Mostrai-vos a mim, ó soberano Bem-amado de minha alma, e que qualquer outro bem se torne para sempre fastidioso para mim (*Opusc.*, III, 241).

Capítulo 13

Que a alma devota deve aspirar, de todo o coração, à união com Cristo no Sacramento

Voz do discípulo

1. Quem me dera, Senhor, achar-me só convosco, para vos abrir todo o meu coração e vos gozar como deseja a minha alma a ponto que já ninguém em mim reparasse, nem criatura alguma se preocupasse comigo ou olhasse para mim, mas que só vós me falásseis e eu a vós, como costuma falar o amante com seu amado, e conversar o amigo com seu amigo! Isto peço, isto desejo: ser unido todo a vós e desprender o meu coração de todas as coisas criadas, e pela Sagrada Comunhão e frequente celebração da Santa Missa achar cada vez mais gosto nas coisas celestiais e eternas. Ah! Senhor meu Deus, quando estarei todo unido a vós, absorvido em vós, e completamente esquecido de mim? Vós em mim e eu em vós; concedei que fiquemos assim unidos!

2. Vós sois na verdade “meu amado, escolhido entre milhares” (Ct 5,10), no qual deseja a minha alma morar todos os dias de sua vida. Vós sois verdadeiramente meu rei pacífico; em vós está a suma paz e o verdadeiro descanso, e fora de vós só há trabalho, dor e infinita miséria. “Vós sois verdadeiramente um Deus escondido” (Is 45,15), e vosso conselho não é com os ímpios, mas com os humildes, e simples é vossa conversação. “Quão suave, Senhor, é vosso espírito”. Para mostrardes a vossa doçura aos vossos filhos, vos dignais saciá-los com o pão suavíssimo que desceu do céu. “Na verdade, não há outra nação tão grande que tenha seus deuses tão perto de si, como vós, nosso Deus, estais perto de todos os fiéis” (Dt 4,7), aos quais vos dais em alimento delicioso, para consolá-los diariamente e erguer seus corações ao céu.

3. Que nação há tão ilustre como o povo cristão, ou que criatura debaixo do céu recebe tanto amor como a alma devota a quem Deus se une para nutri-la com a sua gloriosa carne? Ó graça inefável, ó admirável condescendência, ó amor imenso, prodigalizado singularmente ao homem. Mas que darei ao Senhor por esta graça e tão exímia caridade? Oferta mais agradável não posso fazer a meu Deus, que lhe entregar meu coração todo inteiro, para que o una intimamente consigo. Então exultarão de alegria todas as minhas entranhas, quando minha alma estiver perfeitamente unida com Deus. Então me dirá ele:

Se tu queres estar comigo, eu também quero estar contigo. E eu lhe responderei: Dignai-vos, Senhor, ficar comigo, pois eu de bom grado quero estar convosco. Este é meu desejo supremo, que meu coração esteja unido convosco.

Reflexões

O santo amor do Salvador nos constrange. Ó Deus! que exemplo de união excelente! Ele se uniu à nossa natureza humana pela graça, como uma vinha ao seu ulmeiro, para torná-la de alguma maneira participante de seu fruto: mas vendo que sua união se desfez pelo pecado de Adão, ele fez uma união mais forte e imperativa na Encarnação, pela qual a natureza humana permanece para sempre unida em unidade de pessoa à Divindade; e, a fim de que não somente a natureza humana, mas todos os seres humanos possam unir-se intimamente à sua bondade, ele instituiu o sacramento da Santíssima Eucaristia, no qual cada um pode participar, para unir seu Salvador a si mesmo, realmente, e por via de alimento (*Amour de Dieu*, 1. VII, cap. II, II, 152).

Dize-lhe que ela comungue resolutamente, em paz, com toda humildade, para corresponder a este Esposo que, para unir-se a nós, aniquilou-se e, suavemente, abaixou-se até tornar-se nosso alimento e pasto, de nós que somos o pasto e o alimento dos vermes... Quem comunga segundo o espírito do Esposo, aniquila-se a si mesmo e diz a Nosso Senhor: Mastigai-me, digeri-me, aniquilai-me e convertei-me em vós (*64^e lettre spirit.*, XI, 97).

Capítulo 14

Do ardente desejo que têm alguns devotos de receber o Corpo de Cristo

Voz do discípulo

1. Oh! Como é grande, Senhor, a abundância da vossa doçura, que reservastes para os que vos temem! (Sl 30,20). Quando me lembro, Senhor, de alguns devotos que se aproximam do vosso Sacramento com o maior fervor e afeto, fico muitas vezes confuso e envergonhado de mim mesmo, por chegar tão tíbio e frio ao vosso altar e à mesa da Sagrada Comunhão; por ficar tão seco e sem fervor de coração; por não estar de todo abrasado diante de vós, meu Deus, nem tão veementemente atraído e comovido, como estavam muitos devotos, que, pelo grande desejo de Sagrada Comunhão e amor sensível do seu coração, não podiam reprimir as lágrimas, mas com a boca da alma e do corpo ao mesmo tempo suspiravam ardentemente por vós, a fonte viva, não podendo mitigar nem saciar essa fome doutro modo, senão recebendo vosso corpo com toda alegria e ânsia espiritual.

2. Oh! Esta fé verdadeira e ardente é prova manifesta de vossa sagrada presença! Estes verdadeiramente reconhecem seu Senhor ao partir do pão, porque seu coração está em companhia deles. Longe está de mim tal devoção e

ternura, tão vivo amor e fervor. Sede-me propício, ó bom, ó doce, ó benigno Jesus, e concedei a este vosso pobre mendigo que sinta ao menos alguma vez na Sagrada Comunhão um pouco do afeto cordial do vosso amor, para que se fortaleça minha fé, cresça minha esperança em vossa bondade, a minha caridade, uma vez bem acesa e acostumada ao celestial maná, jamais desfaleça.

3. Vossa misericórdia é bastante poderosa para me dar a graça desejada, e visitar-me em vossa clemência, no dia que vos aprover, com o espírito de fervor. Pois ainda que não esteja acendido de tão ardentes desejos, como vossos privilegiados devotos, sinto, todavia, com a vossa graça, o desejo de seus abrasados desejos, e peço e rogo o favor de participar do fervor de todos esses vossos amigos e ser agregado à sua santa companhia.

Reflexões

Quanto a Nossa Senhora, podemos imaginar qual foi seu ardor interior, sua devoção, sua humildade, sua confiança e sua coragem, quando o anjo lhe disse: *O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra, e por isso aquele que de ti nascer será chamado Filho de Deus... porque para Deus nada é impossível* (Lc 1,35-37). Não se deve absolutamente duvidar que seu abençoado coração se abrisse inteiramente aos raios dessas palavras, que se aprofundasse sob tantas bênçãos e que, à medida que ela ouvia que Deus lhe dava seu próprio coração, que é seu Filho, ela o desse reciprocamente a Deus, e que então esta supersanta Virgem, fundida em caridade, podia dizer: *Minha alma desfalecia quando meu Bem-amado falava* (Ct 5,6) (*Opusc.*, III, 199).

Capítulo 15

Que a graça da devoção se alcança pela humildade e abnegação de si mesmo

Voz do Amado

1. Com perseverança debes buscar a graça da devoção, pedi-la com instância, esperá-la com paciência e confiança, recebê-la com agradecimento, guardá-la com humildade, com diligência aproveitá-la, cometendo a Deus o tempo e o modo da celestial visita, até que se digne visitar-te. Deves principalmente humilhar-te quando pouca ou nenhuma devoção sentes em teu interior, sem, todavia, ficar abatido ou entristecer-te demasiadamente. Muitas vezes dá Deus num momento o que negou por largo tempo, e às vezes concede no fim da oração o que no princípio deferiu.

2. Se a graça fora sempre prontamente outorgada e oferecida à vontade, tanto não podia suportar o homem fraco. Por isso a debes esperar com firme confiança e humilde paciência. Mas atribui a culpa a ti e aos teus pecados,

quando te for negada ou ocultamente retirada. Às vezes é bem pouco o que impede ou oculta a graça, se é que se pode chamar pouco e não muito, o que priva de tão grande bem. E se removeres este pequeno ou grande impedimento, e se te venceses perfeitamente, terás o que pediste.

3. Porque logo que de todo o teu coração te entregares a Deus e não buscares coisa alguma a teu gosto e desejo, mas inteiramente te puseres em suas mãos, achar-te-ás unido a ele e sossegado, e nada te será tão delicioso e agradável como o beneplácito da divina vontade. Todo aquele, pois, que com coração singelo dirige a sua intenção a Deus e se desprende de todo amor ou aversão desordenada a qualquer coisa criada, está bem disposto para receber a graça e digno de alcançar a devoção, porque o Senhor dá a sua bênção onde encontra o coração vazio. E quanto mais perfeitamente alguém renuncia às coisas terrenas e morre a si pelo desprezo de si mesmo, tanto mais depressa lhe advém a graça, mais copiosamente se lhe infunde e mais alto lhe ergue o coração livre.

4. *Então verá, terá alegria abundante e estará maravilhoso; o coração se lhe dilatará, porque a mão do Senhor está com ele* (Is 60,5), e em suas mãos ele inteiramente se entregou para sempre. *Eis como será abençoado o homem que busca a Deus de todo o seu coração, e não deixa sua alma se apegar às vaidades* (Sl 23,5). Esse é que na recepção da Sagrada Eucaristia merece a graça inefável da união com Deus, porque não olha para a sua devoção e consolação, mas sobretudo busca a honra e glória de Deus.

Reflexões

Quando me sentir seco e árido na santa comunhão, vou seguir o exemplo dos pobres, quando sentem frio; porque, como não têm com que fazer fogo, eles caminham e fazem exercício para aquecer-se. Assim também vou dobrar minhas orações e a leitura de algum tratado do Santíssimo Sacramento, que, com toda humildade e uma fé firme, eu adoro (*Opusc.*, VI, 354).

O grande segredo para manter uma boa devoção é ter muita humildade. Sê humilde, e Deus será por ti e apoiará tua boa vontade. Entrega-te a ele sem fingimento e sem reserva, dizendo-lhe do fundo do teu coração que, se até o presente não o serviste bem, que ele tenha a bondade de perdoar-te e fortalecer-te na resolução que tomaste de desapegar-te de todas as afeições do mundo, e de não apegar-te a nada, a não ser ao amor de Deus, e de servi-lo fielmente de todo o teu coração (*129^ª lettre spirit.*, 216).

Oração

Quem sou eu e quem sois vós, ó meu Deus, que vindes a mim? E donde me vem esta felicidade de que não recusais habitar na minha alma pecadora? Vinde, pois, nesse bom momento, ó divino Esposo de minha alma! Beijai-me, se quiserdes, com o sagrado beijo de vossa boca, e supri, com o excesso de vossa

bondade, todas as minhas indignidades e misérias. Que seja este o sagrado penhor da íntima união e da ligação indissolúvel que quereis fazer com minha alma (*Edition Migne, Opusc.*, III, 1.419).

Capítulo 16

Como devemos descobrir nossas necessidades a Cristo e pedir sua graça

Voz do discípulo

1. Ó dulcíssimo e amabilíssimo Senhor, a quem desejo agora devotamente receber, vós conheceis minha fraqueza e a necessidade que sofro; sabeis em quantos males e vícios estou emaranhado, quantas vezes estou oprimido, tentado, perturbado e manchado! A vós peço consolação e alívio. Convosco falo, meu Deus, que sabeis todas as coisas e a quem são manifestos todos os segredos do meu coração; vós sois o único que me pode perfeitamente consolar e socorrer. Sabeis os bens de que mais necessito e quão pobre sou em virtudes.

2. Eis-me aqui, diante de vós, pobre e nu, a pedir graça e implorar misericórdia. Fartai este vosso pobre mendigo, aquecei minha frieza com o fogo de vosso amor, iluminai minha cegueira com a claridade de vossa presença. Fazei que me seja amargo tudo o que é terreno, que leve com paciência as penas e contrariedades, e que despreze e esqueça todas as coisas caducas e criadas. Levantai o meu coração a vós no céu, não me deixeis vaguear na terra. Só vós, desde hoje para sempre, me sereis doce e agradável, porque só vós sois minha comida e bebida, meu amor e minha alegria, delícia minha e meu único bem.

3. Oh! Se me inflamásseis todo com a vossa presença e me abrasásseis e transformásseis em vós, a ponto de tornar-me um só espírito convosco pela graça da união interior e a força do ardente amor! Não me deixeis sair de vossa presença seco e faminto, mas usai para comigo de vossa misericórdia, como tantas vezes admiravelmente fizestes com vossos santos. E que maravilha fora se todo me abrasasse em vós e me consumisse, sendo vós o fogo que sempre arde e nunca se apaga, o amor que purifica os corações e ilumina o entendimento?

Reflexões

Santa Clara, estando um dia em sua cidade de Assis... sitiada, ela se fez levar aos muros, pediu que fosse trazido o Santíssimo Sacramento e fez esta oração a Deus: “Senhor, não entregueis às feras as almas daquelas que vos servem, e guardai vossas servas que resgatastes com vosso sangue precioso”. Os sarracenos fugiram e aqueles que escalavam os muros perderam a visão. Ah! Como a frequentação deste sacramento expulsa os inimigos externos e internos! É uma vergonha ver como se faz pouco caso disto; parece-me que a Igreja diz

as palavras de Jó: *Quem me dera ser como fui nos tempos passados dos meus primeiros anos, e como fui no começo e nos dias de minha adolescência, quando Deus velava por mim...; como era nos dias de minha prosperidade, quando ele habitava secretamente comigo na minha tenda!* (Jó 29,2-4).

É preciso que vos diga que *com o santo sereis santos* (Sl 18,26). Ah! Aquele que se alimenta muitas vezes deste pão celeste pode muito bem dizer: *O Senhor é minha luz, a quem temerei? O Senhor é o protetor de minha vida, de quem terei medo?* (Sl 27,1) porque, *ainda que eu ande no meio de espessas trevas, meu coração não temerá mal algum* (Sl 23,4) (*II^e sermon pour le jour des Rameaux*, IV,414).

Capítulo 17

Do ardente amor e veemente desejo de receber a Cristo

Voz do discípulo

1. Com suma devoção e abrasado amor, com todo o afeto e fervor do coração, desejo receber-vos, Senhor, como muitos santos e pessoas devotas o desejaram, os quais vos agradaram principalmente pela santidade de sua vida e pela ardentíssima devoção que os animava. Ó Deus meu, amor eterno, meu único bem, bem-aventurança interminável! Desejo receber-vos com o mais ardente afeto e a mais digna reverência que jamais sentiu ou pôde sentir santo algum!

2. E ainda que seja indigno de todos esses sentimentos de devoção, ofereço-vos, todavia, o afeto do meu coração, como se eu só tivera todos aqueles gratíssimos e inflamados desejos. Mas tudo quanto pode conceber e desejar um coração piedoso, eu vo-lo dou e ofereço com profunda reverência e íntimo fervor. Nada quero reservar para mim, mas a mim, e tudo que é meu quero sacrificar-vos espontaneamente, de boa vontade, Senhor, Deus meu, Criador e Redentor meu! Desejo receber-vos hoje com tal afeto e reverência, com tal louvor e honra, com tal agradecimento, dignidade e pureza, com tal fé, esperança e amor, como vos desejou e recebeu vossa Mãe Santíssima, a gloriosa Virgem Maria, quando, ao anjo que lhe anunciou o mistério da encarnação, humilde e devotamente respondeu: *Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra!* (Lc 1,38).

3. E como vosso bem-aventurado precursor João Batista, o mais excelente dos santos, quando ainda estava nas entranhas maternas, exultou de alegria na vossa presença por impulso do Espírito Santo, e vendo-vos, meu Jesus, depois andar entre os homens com profunda humildade e devoto afeto, dizia: *O amigo do Esposo que está perto dele e o ouve regozija-se ouvindo a voz do Esposo* (Jo 3,29); assim também eu quisera ser inflamado de veementes e santos desejos e entregar-me a vós de todo o meu coração. Por isso vos ofereço o júbilo de todas as almas devotas, seus abrasados afetos de amor, os êxtases de seu espírito, suas

iluminações sobrenaturais e visões celestiais, e vo-las apresento com todas as virtudes e louvores que vos tributaram ou hão de tributar todas as criaturas do céu e da terra, por mim e por todos os que se recomendaram às minhas orações, para que sejais por todos dignamente louvado e para sempre glorificado.

4. Aceitai, Senhor, Deus meu, os votos e desejos de infinitos louvores e imensas ações de graças, que vos são justamente devidas, segundo a vossa inefável grandeza. Isso vos ofereço, e desejo oferecer cada dia e a cada momento, e convido com minhas súplicas e rogos todos os espíritos celestes e todos os vossos fiéis a vos agradecerem comigo e louvarem.

5. Louvem-vos todos os povos, tribos e línguas; com suma alegria e ardente devoção glorifiquem o vosso santo e dulcíssimo nome. E todos aqueles que com devoção e reverência consagram vosso augusto Sacramento e com viva fé o recebem, mereçam achar graça e misericórdia diante de vós e peçam a Deus humildemente por mim, pecador. E quando tiverem conseguido a desejada devoção e o gozo da união convosco e voltarem da mesa sagrada, consolados e maravilhosamente recreados, dignem-se lembrar-se também deste pobre.

Reflexões

É preciso adornar a vontade com uma afeição e desejo extremo deste alimento celeste, deste maná secreto, porque foi ordenado aos que comiam o Cordeiro Pascal que o comessem avidamente e com pressa, e aos que colhiam o maná que se lavassem bem cedo. E Nosso Senhor mesmo, antes de instituir este santo sacramento, o havia desejado veementemente: *Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco...* (Lc 22,15).

Podes servir-te de alguns arroubos de orações vocais, que repetirás muitas vezes, sobretudo depois das vésperas, como seria o de São Francisco: “Quem sou eu, Senhor, e quem sois vós?”, ou o de Santa Isabel: “*Donde me vem essa felicidade de receber o meu Senhor?*” (Lc 2,43) ou o de São João-Batista: “*E tu vens a mim, Senhor?*” (Mt 3,14), ou o da Esposa sagrada: “*Que meu esposo me beije com um beijo de sua boca*” (Ct 1,1) (*Opusc.*, III, 195 e 196).

Capítulo 18

Que o homem não seja curioso escrutador do Sacramento, mas humilde imitador de Cristo, sujeitando sua razão à santa fé

Voz do Amado

1. Foge do desejo curioso e inútil de investigar este profundíssimo mistério, se não te queres afogar num abismo de dúvidas. *Quem quer perscrutar a majestade será oprimido por sua glória* (Pr 25,27). Mais pode Deus fazer, que o homem compreender. Contudo é permitida uma piedosa e humilde investigação da verdade, que sempre está inclinada a ser instruída e segue a sã doutrina dos

Santos Padres.

2. Bem-aventurada a simplicidade, que deixa os caminhos difíceis das discussões, para andar no caminho plano e firme dos mandamentos de Deus! Muitos perderam a devoção, porque quiseram investigar coisas muito altas. O que se exige de ti é fé e inocência, não sublime inteligência, nem profundo conhecimento dos mistérios de Deus. Se não entendes, nem compreendes as coisas que estão abaixo de ti, como alcançarás as que estão acima? Sujeita-te a Deus e submete teu juízo à fé, e se te dará a luz da ciência, conforme te for útil e necessário.

3. Alguns são gravemente tentados acerca da fé, nesse Sacramento; mas isso não se deve imputar a eles, senão ao inimigo. Não te importes, nem disputes com teus próprios pensamentos, nem respostas às dúvidas que o demônio te sugere, mas crê nas palavras de Deus, crê nos seus santos e profetas, e fugirá de ti o malvado inimigo. Muitas vezes é de grande proveito ao servo de Deus passar por tais provas, porque o demônio não tenta aos infiéis e pecadores, que já tem seguros: aos fiéis devotos, porém, ele tenta e molesta de vários modos.

4. Persevera, pois, na fé, firme e simples, e chega-te ao Sacramento com profunda reverência. E quanto ao que não podes compreender, encomenda-o tranquilamente a Deus onipotente. Deus não te engana; mas se engana quem demasiadamente confia em si mesmo. Deus anda com os simples, revela-se aos humildes, dá inteligência aos pequenos, abre o sentido às almas puras e esconde sua graça aos curiosos e soberbos. A razão humana é fraca e pode enganar-se, mas a fé verdadeira não se pode enganar.

5. Toda razão e pesquisa natural deve seguir a fé, não precedê-la, nem enfraquecê-la, porque a fé e o amor aqui dominam e operam ocultamente nesse santíssimo e diviníssimo Sacramento. “Deus eterno, imenso e infinitamente poderoso faz coisas grandes e incompreensíveis no céu e na terra” (Jó 5,9), e ninguém pode penetrar as maravilhas de suas obras. Se fossem tais as obras de Deus, que facilmente as compreendesse a razão humana, não deveriam ser chamadas maravilhosas, nem inefáveis.

Reflexões

Oh! Profundidade da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Quão insondáveis são as suas decisões e impenetráveis os seus caminhos! Pois quem pode compreender o pensamento do Senhor? Quem jamais foi seu conselheiro? (Rm 11,33-34). Teótimo, as razões da vontade divina não podem ser penetradas por nosso espírito, até que vejamos a face daquele que se estende com vigor de um extremo a outro e tudo governa com suavidade (Sb 8,1), dispondo tudo com número, peso e medida (Sb 11,21), e ao qual o salmista diz: Senhor, tudo fizestes com sabedoria (Sl 104,24) (Amour de Dieu, 1. IV^o cap. VIII, II, 27).

Pois quê! Mosquitinho que te nutres de minha carne, queres queimar tuas asas neste imenso fogo do poder divino que consumiria e devoraria os serafins,

se eles se atrevessem a tal curiosidade? Não, borboletinha, cabe-te apenas adorar e abismar-te e não sondar a profundidade deste mistério. Para trás, satanás! Lembra-te, desgraçado, que tua presunção de querer voar alto demais te precipitou no inferno. Eu não ousaria dar este salto, por meio da graça de meu Deus. Tu enganaste assim a pobre Eva, querendo ensinar-lhe a saber tanto quanto Deus, mas não me enganarás, porque eu quero crer e não saber nada (*Opusc.*, III, 239).

Oração

Ó sagrado Pão da vida, como venho a vós na simplicidade de minha fé, para nutrir-me e sustentar-me de vosso precioso corpo, dai-vos também a mim na doçura e plenitude de vosso amor. Que todo outro conhecimento das coisas criadas pereça em meu espírito, à vista e à luz de vossas verdades! Que toda a minha ciência e meu conhecimento sejam destinados a conhecer-vos, ó Jesus crucificado por meu amor, que me deixastes um perfeito memorial deste amor neste sacramento! (*Opusc.*, III, 242).

No começo da missa

Ó meu Deus, dai-me a graça de entrar nas disposições em que devo estar, para oferecer-vos dignamente, pelas mãos do sacerdote, o admirável sacrifício a que vou assistir. Eu vo-lo ofereço, unindo-me às intenções de Jesus Cristo e de sua Igreja, para render à vossa divina majestade a homenagem soberana que lhe é devida, e agradecer-vos por vossos benefícios; para pedir-vos, com o coração contrito, a remissão dos meus pecados e todas as graças que me são necessárias para a salvação da alma e a vida do corpo. Espero, ó meu Deus, obter essas graças pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho que quis ser Ele mesmo a vítima e o sacerdote deste sacrifício adorável.

Ao confiteor

Ó meu Deus, vós não precisais de minha confissão para conhecer meus pecados, pois podeis ler no meu coração todas as minhas iniquidades; mas eu vo-las confesso diante do céu e da terra; confesso que vos ofendi mil vezes por meus pensamentos, minhas palavras e minhas ações. Meus pecados são grandes, mas vossa misericórdia é infinita. Tende piedade de mim, ó meu Deus! Lembrai-vos que sou vosso filho, a obra de vossas mãos e o preço do vosso sangue.

Virgem santa, anjos do céu, santos e santas do paraíso, orai por nós, e, enquanto gememos neste vale de lágrimas, pedi graça para nós, e obtende-nos o perdão de nossos pecados.

Ao introito

Senhor, que inspiraste aos patriarcas e aos profetas desejos tão ardentes de ver vosso filho único descer à terra, dai-me um pouco deste santo ardor, e fazei que, apesar dos obstáculos desta vida mortal, eu sinta em mim uma santa pressa de unir-me a vós.

Ao Kyrie Eleison

Eu vos peço, ó meu Deus, através de gemidos e suspiros reiterados, que tenhais misericórdia de mim, e mesmo que eu vos dissesse em todos os momentos de minha vida: *Senhor, tende piedade de mim*, isto ainda não seria bastante para o número e enormidade de meus pecados.

Ao Gloria in excelsis

É só no céu, ó meu Deus, que se pode render-vos a glória que mereceis. Meu coração faz todavia o que pode na terra, no meio de seu exílio: ele vos louva, vos

bendiz, vos adora, vos glorifica, vos dá graças e vos reconhece como o Santo dos Santos, o único Senhor soberano do céu e da terra, Deus em três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Às orações

Recebei, Senhor, as orações que vos são dirigidas por nós; concedei-nos as graças e as virtudes que a Igreja, vossa esposa, vos pede pela boca do sacerdote. É verdade que não merecemos ser atendidos, mas considerai que vos pedimos essas graças por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que vive e reina convosco pelos séculos dos séculos. Amém.

Durante a epístola

Eu vejo esta epístola, ó meu Deus, como uma carta que me vem do céu para me fazer conhecer vossa vontade adorável. Concedei-me, se for do vosso agrado, a força de que preciso para cumprir o que me ordenais. Fostes vós, Senhor, que inspirastes aos profetas e aos apóstolos o que eles nos deixaram em seus escritos. Fazei-me participar de suas luzes e acendei em meu coração o fogo sagrado que os abrasou, a fim de que, como eles, eu vos ame e vos sirva na terra, todos os dias de minha vida.

Ao Evangelho

Eu me levanto, ó soberano Legislador, para mostrar-vos que estou pronto para defender, às custas de todos os meus interesses e de minha própria vida, as grandes verdades que estão contidas no santo Evangelho. Dai-me, Senhor, tanta força para cumprir vossa divina palavra quanta firmeza me inspirais para crer nela.

Durante o Credo

Sim, meu Deus, eu creio em todas as verdades que revelastes à vossa santa Igreja. Não há uma só pela qual não estou pronto a dar o meu sangue, e é nesta total submissão que, unindo-me à profissão de fé que o sacerdote vos faz, digo de coração, como ele diz de viva voz, que creio firmemente em vós e em tudo o que crê vossa Santa Igreja. Protesto diante de vossos altares que quero viver e morrer nos sentimentos desta fé pura, e no seio da Igreja Católica, Apostólica e Romana.

Ao Ofertório

Não sou mais do que uma criatura mortal e pecadora, mas permiti que eu vos ofereça, pelas mãos do sacerdote, ó verdadeiro Deus vivo e eterno, este pão e este vinho que devem ser transformados no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo

vosso Filho. Recebei, Senhor, este sacrifício inefável em odor de suavidade, e permiti que eu reúna a esta oblação santa o sacrifício que vos faço do meu corpo, da minha alma e de tudo o que me pertence. Transformai-me, ó meu Deus, numa nova criatura, como transformareis, por vosso poder, este pão e este vinho.

Ao lavabo

Lavai-me, Senhor, no sangue do Cordeiro que vai ser imolado e purificai até as mínimas manchas de minha alma, a fim de que, aproximando-me do vosso santo altar, eu possa, como me ordenais, elevar para vós mãos puras e inocentes.

Durante a secreta

Recebei, ó meu Deus, o sacrifício que vos é oferecido para a honra e a glória de vosso santo nome, para o nosso próprio bem e o bem de vossa santa Igreja. É para entrar em suas intenções que peço todas as graças que ela vos pede agora, pelo ministério do sacerdote, ao qual me uno para obtê-las de vossa divina bondade. Por Jesus Cristo nosso Senhor.

Ao prefácio

Desapegai-nos, Senhor, de todas as coisas daqui de baixo, elevai nossos corações para o céu e apegai-os somente a vós. Permiti que, rendendo-vos os louvores e as ações de graças que vos são devidos, possamos unir nossas fracas vozes ao concerto dos espíritos bem-aventurados, e que possamos dizer no lugar do nosso exílio o que eles cantam na glória do céu: *Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos exércitos! Que ele seja glorificado no mais alto dos céus!*

Depois do Sanctus

Pai Eterno, que sois o soberano Pastor dos pastores, conservai e governai vossa Igreja, santificai-a e espalhai-a por toda a terra, uni num mesmo espírito e num mesmo coração todos aqueles que fazem parte dela. Abençoai nosso santo Padre o Papa, nosso prelado, nosso rei, nosso pastor e todos aqueles que estão na fé de vossa Igreja.

Ao primeiro memento

Lembraí-vos, ó meu Deus, eu vos suplico, de meus parentes, meus amigos e meus benfeitores espirituais e temporais. Também vos recomendo de todo o meu coração as pessoas da parte das quais eu possa ter recebido alguma injúria. Esquecei seus pecados e os meus, fazei-as participar nos méritos deste divino sacrifício, e cumulai-as de vossas bênçãos neste mundo e no outro.

À elevação da Santa Hóstia

Ó Jesus, meu Salvador, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, eu creio firmemente que estais realmente presente na santa Hóstia. Eu vos adoro nela de todo o meu coração, como meu Senhor e meu Deus. Dai-me, assim como a todos que estão aqui presentes, os sentimentos de fé e de amor que devemos ter por vós neste mistério adorável.

À elevação do cálice

Adoro neste cálice, ó meu divino Jesus, o preço de minha redenção e da redenção de todos os seres humanos. Deixai correr, Senhor, uma gota deste Sangue adorável sobre minha alma, a fim de purificá-la de todos os seus pecados e de abrasá-la no fogo sagrado do vosso amor.

Após a elevação

Já não é mais o pão nem o vinho, é o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho, que nós vos oferecemos, ó meu Deus, em memória de sua Paixão, de sua Ressurreição e de sua Ascensão. Recebei-os em vossas mãos, Senhor, e enchei-nos de vossas graças.

Ao segundo memento

Lembra-vos também, Senhor, das almas que estão no purgatório; elas têm a honra de vos pertencer e de ser vossas esposas. Eu vos recomendo particularmente as almas de meus parentes e amigos, de meus benfeitores espirituais e temporais, e aquelas que têm mais necessidade de orações.

Ao *Patet*

Não sou mais do que uma miserável criatura, ó Deus Todo-poderoso, mas ousou chamar-vos meu Pai, visto que o quereis. Concedei-me a graça de nunca degenerar da qualidade de vosso filho, e de jamais fazer alguma coisa que seja indigna dela. Que vosso santo nome seja santificado por todo o universo. Reinai desde o presente em meu coração, a fim de que eu possa reinar eternamente convosco na glória, e fazer vossa vontade na terra como os santos a fazem no céu. Vós sois meu Pai, dai-me, pois, se for do vosso agrado, este pão com o qual nutris vossos filhos. Perdoai-me como eu perdoo de boa vontade, por amor de vós, a todos aqueles que me teriam ofendido. Não permitais que eu jamais sucumba à tentação, mas fazei que, pelo auxílio de vossa graça, eu triunfe de todos os inimigos de minha salvação.

Ao *Agnus Dei*

Cordeiro de Deus que quisestes carregar os pecados do mundo, tende

piedade de nós. Nossos pecados são inúmeros, mas vossa misericórdia é infinita; apagai, pois, os nossos pecados e dai-nos a paz conosco mesmos e com o nosso próximo, inspirando-nos uma profunda humildade, e extinguindo em nós todo desejo de vingança.

Ao Domine non sum dignus

Infelizmente, Senhor, a verdade é que não mereço receber-vos; eu me tornei completamente indigno por causa de meus pecados; eu os detesto de todo o meu coração, porque eles vos desagradam e me afastam de vós. Uma só de vossas palavras pode curar minha alma; não me abandoneis, ó meu Deus, nem permitais jamais que ela se separe de vós.

À Comunhão do sacerdote

Se não tenho hoje a felicidade de ser nutrido de vossa carne adorável, ó meu amável Jesus, permiti ao menos que eu vos receba em espírito, e que fique unido a vós por uma fé viva, uma firme esperança e uma ardente caridade. Creio em vós, ó meu Deus, espero em vós e vos amo de todo o meu coração.

Quando o sacerdote junta as partículas da Santa Hóstia

A mínima parte de vossas graças é infinitamente preciosa, ó meu Deus! Como eu já disse, não mereço estar sentado à vossa mesa como vosso filho; mas permiti-me ao menos recolher as migalhas que caem da mesa, como desejava a cananeia; fazei que eu não negligencie nenhuma de vossas inspirações, pois esta negligência poderia privar-me totalmente delas.

Durante as últimas orações

Vós quereis, Senhor, que vos dirijamos sem cessar nossas preces, porque sempre temos necessidade de vossas graças. Difundi-as sobre nós e dai-nos este espírito de oração, de humildade, de confiança e de amor; isto vos suplicamos por Jesus Cristo, vosso Filho, que reina convosco na glória.

Antes da bênção

Santíssima e adorabilíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, único e verdadeiro Deus em três pessoas: é por vós que começamos este Sacrifício e é por vós que o terminamos. Aceitai-o como agradável e não nos deixeis partir sem ter-nos dado vossa santa bênção.

Durante o último Evangelho

Verbo Eterno, por quem todas as coisas foram feitas, e que tendo-se feito

homem por nós, instituístes este augusto sacrifício, nós vos agradecemos humildemente por ter-nos dado a graça de assisti-lo hoje. Que todos os anjos e todos os santos vos louvem para sempre no céu por tão grande dádiva. Perdoai-me, ó meu Deus, a distração do meu espírito, e a frieza do meu coração, num tempo em que ele devia estar todo ocupado convosco e todo abrasado de vosso amor. Esquecei, Senhor, meus pecados pelos quais Jesus Cristo, vosso Filho acaba de ser imolado sobre este altar; não permitais que eu tenha a infelicidade de vos ofender novamente, mas fazei que, caminhando nas vias da justiça, eu fixe meus olhos sem cessar em vós como a regra e o fim dos meus pensamentos, das minhas palavras e das minhas obras.

Antes do exame

Deus santo, que estais sempre favoravelmente disposto a receber o pecador e a perdoar-lhe, lançai os olhos sobre uma alma que quer retornar a vós e purificar-se de suas faltas nas águas salutares da penitência. Dai-me a graça, ó meu Deus, de aproximar-me da penitência com as disposições necessárias. Esclarecei meu espírito, a fim de que eu conheça meus pecados; tocai meu coração a fim de que, detestando-os com todas as minhas forças, possa obtê-los o perdão.

Espírito Santo, fonte de luzes, dignai-vos dissipar as trevas que me cegam. Fazei-me conhecer meus pecados tão distintamente como os verei no dia em que doverei aparecer diante de vós para ser julgado. Mostrai-me não somente o mal que cometi, mas também o bem que omiti; fazei cair o véu que o meu amor-próprio coloca diante dos meus olhos, a fim de que eu possa conhecer a mim mesmo e dar-me a conhecer àquele que está no vosso lugar.

Examina exatamente todos os pecados que cometeste por pensamentos, por atos ou por omissões. Examina-te sobre os mandamentos de Deus e da Igreja, assim como sobre os deveres de teu estado.

Após o exame

Que motivo de confusão para mim, ó meu Deus, cair sempre nas mesmas faltas, depois de ter prometido tantas vezes não mais cometê-las. Como pude pecar na vossa presença, sabendo que o pecado vos desagrade, e abusando até de vossos benefícios para vos ofender?

Meu Deus, pequei contra o céu e contra vós! Já não sou digno de ser chamado vosso filho. Mas dignai-vos lançar sobre mim um olhar de misericórdia. Deixai-vos tocar pelos remorsos de um coração sinceramente aflito por ter-vos ofendido, vós que sois tão bom e tão digno de ser amado.

Aconteça o que acontecer, ó meu Deus, quero morrer para mim mesmo e amar-vos acima de tudo. Custe o que custar, quero viver segundo a vossa vontade e não segundo a minha. Seja qual for a violência que devo fazer, quero ser justo, sincero, caridoso, reconhecido, casto, sóbrio e renunciar às minhas inclinações viciosas, fugir das más companhias e evitar as ocasiões de recaídas. Ordenai, Senhor, ordenai tudo que quereis à vossa frágil criatura que tudo vos deve; mas dai-lhe o dom de amar e de fazer tudo que lhe ordenais. Não permitais que ela vos seja novamente infiel e que abuse de vossas graças.

Aproxima-te do tribunal da penitência com os mesmos sentimentos que terias se Jesus Cristo em pessoa ocupasse o lugar do padre.

Começa tua confissão pelo Confiteor até o mea culpa. Depois de ter

declarado todos os teus pecados, termina assim a tua confissão: Eu me acuso de todos esses pecados e dos que não me lembro agora, como também de todos os pecados de minha vida passada, e em particular de *tais* ou *tais*. Peço humildemente perdão a Deus, e a vós, padre, penitência e absolvição. *Mea culpa*, etc.

Após a Confissão

Ó minha alma, agradece ao Senhor teu Deus e reconhece os prodígios de sua misericórdia infinita. Pelos terríveis suplícios que mereciam teus pecados, este Deus de bondade quer contentar-se com uma satisfação leve, perdoar tudo e esquecer tudo. O mínimo que posso fazer para agradecer tanta bondade, ó divino Redentor, é exaltar e bendizer para sempre vossa infinita misericórdia. Meu Deus, o que acabais de fazer em meu favor inspira-me uma aversão totalmente nova ao pecado e me faz tomar a resolução de não mais cometê-lo. Mas é em vão que me lisonjearia de evitar as artimanhas sem número que me cercam, se não fosse assistido por vossa graça. Não me recuseis, ó meu Deus, a vossa graça, e fazei que em mim se confirme esta palavra de vosso Apóstolo São Paulo: *A graça é abundante onde superabundou a iniquidade.*

Atos antes da Santa Comunhão

Ato de fé

Deus do céu e da terra, Salvador dos seres humanos, vós vindes a mim e terei a felicidade de receber-vos! Quem poderia acreditar num prodígio como este, se vós mesmo não o tivésseis dito? Sim, Senhor, creio que é a vós que vou receber neste Sacramento; vós que, nascido num estábulo, quisestes morrer por mim numa cruz e que, mesmo glorioso no céu, não deixais de estar oculto sob as espécies adoráveis.

Ato de contrição

Meu Senhor todo misericordioso, prostrado aos pés de vossa divina majestade, com o mais profundo sentimento de arrependimento e de dor que se possa conceber, eu vos peço humildemente perdão de todos os pecados que cometi, e especialmente dos que cometi depois de minha última confissão; eu detesto todos em geral e cada um em particular, porque eles ofendem vossa bondade e porque vos pregaram na cruz.

Ato de humildade

Senhor, não mereço receber vosso Corpo sagrado, e temo que, aproximando-me de vossa mesa sagrada, não esteja vestido com a veste nupcial da inocência e da caridade que tantas vezes já perdi pelo pecado, e sem ter creteza de já tê-la recobrado pela penitência. Que sentimentos de confusão devo pois experimentar ao aproximar-me de vós? Mesmo que eu tivesse toda a santidade dos anjos e dos humanos, o que seria isto comparado com a vossa grandeza e vossa pureza infinitas? Não só não tenho esta santidade, mas, ao contrário, estou cheio de tantas imperfeições e de tantas misérias que todas as potências de minha alma gritam num aniquilamento profundo: *Senhor, retirai-vos de mim, porque sou um pecador.*

Ato de desejo

Ó Deus de bondade, será que é possível que venhais a mim e que venhais com um desejo infinito de unir-me a vós? Oh! Vinde, bem-amado do meu coração! Vinde, Cordeiro de Deus, carne adorável, sangue precioso de meu Salvador, vinde servir de alimento à minha alma!

Que eu vos veja, ó Deus do meu coração, minha alegria, minhas delícias, meu amor, meu Deus, meu tudo!

Vinde, pois, amável Jesus, e por mais indigno que eu seja de receber-vos, dissei somente uma palavra e serei purificado. Meu coração está pronto e, se não estivesse, com um só olhar podeis prepará-lo, enternecê-lo e inflamá-lo.

Aproxima-te da santa mesa com uma atitude modesta e recolhida; depois volta a teu lugar e emprega pelo menos um quarto de hora em ação de graças.

Atos para depois da Santa Comunhão

Ato de adoração

Adorável majestade de meu Deus, diante de quem tudo o que há de maior no céu e na terra se reconhece indigno de aparecer, o que posso fazer eu aqui na vossa presença, senão calar-me e honrar-vos no mais profundo aniquilamento de minha alma?

Só a vós, grande Deus, Rei dos séculos, Deus imortal, só a vós pertence toda honra e toda glória. Glória, honra, salvação e bênção àquele que vem do Senhor! Bendito seja o Filho eterno do Altíssimo, que se digna unir-se hoje tão intimamente a mim e tomar posse do meu coração.

Ato de amor

Tenho enfim a felicidade de possuir-vos, ó Deus de amor! Que bondade! Quão incapaz sou de responder-vos! Porque não sou todo coração para amar-vos tanto quanto sois amável e para não amar senão a vós! Abraçai-me, meu Deus; queimai, consumi meu coração com o vosso amor. Meu bem-amado é meu; Jesus, o amável Jesus, se dá a mim... Anjos do céu, mãe de meu Deus, santos do céu e da terra, emprestai-me vossos corações, dai-me vosso amor para amar meu amável Jesus.

Ato de agradecimento

Que ações de graças, ó meu Deus, poderão igualar o benefício que hoje me concedestes? Não contente de ter-me amado até morrer por mim, Deus de bondade, vos dignastes ainda vir em pessoa honrar-me com a vossa visita e dar-vos a mim! Ó minha alma, glorifica o Senhor teu Deus; reconhece sua bondade, exalta sua magnificência, publica eternamente sua misericórdia. É com um coração enternecido e cheio de misericórdia, ó meu doce Salvador, que vos agradeço pela graça imensa que vos dignais conceder-me. Tenho sido um infiel, um frouxo, um prevaricador: mas não quero ser um ingrato. Quero lembrar-me eternamente que hoje vós vos destes a mim e fixar para todo o resto de minha vida as enormes obrigações que tenho para convosco, ó meu Deus, dando-me inteiramente a vós.

Ato de súplica

Vós estais em mim, fonte inesgotável de todos os bens! Estais aí, cheio de ternura por mim, com as mãos cheias de graças, e pronto a derramá-las no meu coração. Deus bom, liberal e magnífico, derramai-as com profusão; vede minhas necessidades, vede vosso poder. Fazei em mim aquilo que viestes fazer; eliminai o que vos desagrade no meu coração e colocai no lugar o que pode tornar-me agradável aos vossos olhos. Purificai meu corpo, santificai minha alma, aplicai-me os méritos de vossa vida e de vossa morte: uni-vos a mim, casto esposo das almas, uni-me a vós; vivei em mim, a fim de que eu viva em vós, que eu viva de vós e para sempre para vós.

Ato de oferecimento

Vós me cumulais de vossos dons, Deus de misericórdia, e, ao dar-vos a mim, quereis que eu não viva mais senão para vós. Este é também, ó meu Deus, o maior de todos os meus desejos: ser inteiramente vosso. Sim, quero que tudo que terei doravante de pensamentos, tudo que formarei ou executarei de desígnios, seja da ordem da perfeita submissão que vos devo. Quero que tudo que depende de mim, saúde, força, espírito, talento, crédito, bens e reputação, só seja empregado para os interesses de vossa glória.

Ato de bom propósito

Ó mais paciente e mais generoso de todos os amigos, o que poderia doravante separar-me de vós? Renuncio de todo o meu coração a tudo que até agora me afastou de vós e me proponho, com o auxílio de vossa graça, não mais recair nas minhas faltas passadas. Portanto, ó meu Deus, nem pensamentos, desejos, palavras ou ações que sejam o mínimo possível contrários aos vossos mandamentos. Vós estais no centro do meu coração, divino Jesus; é na vossa presença que tomo essas resoluções, a fim de que vós as confirmeis; que vosso inefável Sacramento, que acabo de receber, seja como o selo para garanti-las, e que jamais me seja permitido violá-las. Confirmai, pois, ó Deus de bondade, o desejo que tenho de pertencer unicamente a vós e de não viver mais senão para a vossa glória. Amém.

Vésperas do Domingo

Pai-nosso. Ave-Maria.

Ó Deus, vinde em meu auxílio.

R. Senhor, apressai-vos em me socorrer.

Glória ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo.

Assim como era no princípio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos, amém. Aleluia, *ou* Louvor a vós, Senhor, Rei da eterna glória *segundo o tempo*.

Ant. Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita..

Salmo 110

Disse o Senhor a meu senhor: Senta-te à minha direita,
até que ponha teus inimigos como escabelo de teus pés.

O Senhor estenderá de Sião o poder do teu cetro:
dominas no meio dos teus inimigos.

Tu és príncipe desde o dia em que nasceste;
na glória e esplendor da santidade,
como o orvalho, antes da aurora, eu te gerei!

Jurou o Senhor e manterá sua palavra:
tu és sacerdote eternamente,
segundo a ordem de Melquisedec.

O Senhor está à tua direita,
ele esmaga os reis no dia de sua ira.

Julga as nações, amontoa cadáveres,
esmaga cabeças pela imensidão da terra.

A caminho ele bebe da torrente,
e por isso levanta a cabeça.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,

Assim como era no princípio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Ant. Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita.

Ant. Seus preceitos merecem confiança, são estáveis para todo o sempre.

Salmo 111

Eu vos louvarei, Senhor, de todo o coração,
no conselho dos justos e na assembleia.

Grandes são as obras do Senhor,
dignas de estudo para quem as aprecia.

Sua obra é esplendor e majestade,
e sua justiça permanece para sempre.

Fez memoráveis suas maravilhas,
o Senhor misericordioso e clemente.

Deu alimento aos que o temem,
sempre lembrado de sua aliança.

Mostrou a seu povo o poder de suas obras,
dando-lhes a herança das nações.

As obras de suas mãos são verdadeiras e justas,
e todos os seus preceitos merecem confiança;
são estáveis para todo o sempre
para serem cumpridos fiel e retamente.

Ele enviou a seu povo a redenção,
promulgou para sempre sua aliança.

Seu nome é santo e temível.

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria,
terão bom êxito todos os que o praticam.

Seu louvor permanece para sempre.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Assim como era no princípio, agora e sempre,
pelos séculos dos séculos. Amém.

Ant. Seus preceitos merecem confiança, são estáveis para todo o sempre.

Ant. Ele se compraz em seus mandamentos.

Salmo 112

Feliz é quem teme o Senhor e se compraz em seus mandamentos.
Sua posteridade será poderosa na terra,
a geração dos retos será abençoada.
Em sua casa haverá bens e riqueza,
sua justiça permanece para sempre.
Ele brilha na treva como luz para os retos,
é benigno, misericordioso e justo.
Feliz é quem se compadece e empresta,
e conduz seus negócios dentro da lei.
Pois jamais há de vacilar;
o justo será lembrado para sempre.
Não temerá as más notícias:
confiado no Senhor, seu coração está firme.
Seu coração está seguro, nada temerá;
até mesmo seus adversários ele olhará com desafio.
Ele reparte generosamente com os pobres;
sua justiça permanece para sempre;
sua fronte se levanta com altivez.
Ao vê-lo, irrita-se o ímpio,
range os dentes e se consome.
A ambição dos ímpios será malsucedida.
Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Assim como era no princípio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos.
Amém.

Ant. Ele se compraz em seus mandamentos.

Ant. Que o nome do Senhor seja bendito!

Salmo 113

Louvai, servos do Senhor, louvai o nome do Senhor!
Que o nome do Senhor seja bendito,
desde agora e para sempre!
Desde o nascer do sol até o ocaso,
seja louvado o nome do Senhor!
Excelso é o Senhor acima de todas as nações,
sua glória está acima dos céus.
Quem é como o Senhor nosso Deus
que tem seu trono nas alturas
e se abaixa para olhar pelo céu e pela terra?
Ele levanta do pó o desvalido,
tira do lixo o pobre
para fazê-lo sentar-se entre os grandes,
entre os grandes de seu povo.
Faz a mulher estéril habitar em sua casa,
como mãe feliz de filhos.
Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Assim como era no princípio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos.
Amém.

Ant. Que o nome do Senhor seja bendito!

Ant. Nós que vivemos, bendizemos o Senhor.

Salmo 114/115

Quando Israel saiu do Egito, e a casa de Jacó de um povo bárbaro:
Judá se tornou seu santuário e Israel o seu domínio.
O mar viu e fugiu; o Jordão voltou para trás.
Os montes saltaram como carneiros e as colinas como cordeiros.
Que tens, ó mar, para fugir assim? E tu, Jordão, para que voltes para trás?
Montes, por que saltais como carneiros? E vós, colinas, como cordeiros?
Treme, ó terra, diante da face do Senhor, diante da face do Deus de Jacó,
que transforma a rocha em lago e a pedra em fontes de água.

Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória,
por teu amor e tua verdade!
Por que diriam as nações: “Onde está o Deus deles”?
O nosso Deus está nos céus e faz tudo o que deseja.
Os ídolos deles são prata e ouro, obra de mãos humanas:
têm boca e não falam; têm olhos e não veem;
têm ouvidos e não ouvem; têm nariz mas não sentem o cheiro.
Têm mãos mas não apalparam, têm pés mas não andam;
não emitem sons em sua garganta.
Os que os fazem ficam como eles, todos aqueles que neles confiam.
A casa de Israel confia no Senhor, ele é seu apoio e seu protetor.
A casa de Aarão confia no Senhor: ele é seu apoio e seu protetor.
Vós que temeis o Senhor, confiai no Senhor: ele é vosso apoio e protetor.
O Senhor se lembrou de nós e abençoou-nos.
Abençoou a casa de Israel, abençoou a casa de Aarão.
Ele abençoou todos os que temem o Senhor, grandes e pequenos.
Que o Senhor vos multiplique, a vós e a vossos filhos.
Sede abençoados do Senhor, que fez o céu e a terra.
O céu é o céu do Senhor, mas a terra ela a deu aos seres humanos.
Não são os mortos que louvam o Senhor,
nem os que descem ao sepulcro.
Mas nós que vivemos, bendizemos o Senhor, desde agora e para sempre.
Glória ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo,
Assim como era no princípio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos.
Amém.

Ant. Nós que vivemos, bendizemos o Senhor.

Capítulo

Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações.

R. Demos graças a Deus.

Hino

Criador generoso da luz,
que criastes a luz para o dia,
com os primeiros raios da luz
sua origem o mundo inicia.

Vós chamastes de “dia” o decurso
da manhã luminosa ao poente.
Eis que as trevas já descem à terra:
escutai nossa prece, clemente.

Para que sob o peso dos crimes
nossa mente não fique oprimida,
E, esquecendo as coisas eternas,
não se exclua do prêmio da vida.

Sempre à porta celeste batendo,
alcancemos o prêmio da vida,
evitemos do mal o contágio
e curemos da culpa a ferida.

Escutai-nos, ó Pai piedoso,
com o único Filho também,
que reinais com o Espírito Santo
pelos séculos dos séculos. Amém.

V. Suba até vós, Senhor, a minha oração!
R. Como o incenso à vossa presença.

Cântico da Santa Virgem (Lc 1,46-56)

Minha alma engrandece o Senhor,
e rejubila meu espírito em Deus, meu Salvador.
Porque ele olhou para a humildade de sua serva,
eis que doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada.
Pois o Todo-poderoso fez em mim grandes coisas
e santo é o seu nome.
Sua misericórdia se estende de geração a geração,
sobre aqueles que o temem.

Mostrou o poder de seu braço
e dispersou os orgulhosos de coração.
Depôs do trono os poderosos
e exaltou os humildes.
Encheu de bens os famintos
e despediu os ricos de mãos vazias.
Acolheu Israel, seu servo,
lembrando-se de sua misericórdia.
Conforme prometera aos nossos pais,
a Abraão e à sua posteridade, para sempre.
Glória ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo,
Assim como era no princípio, agora e sempre, pelos séculos dos séculos.
Amém.

A

Abnegação – de si mesmo a exemplo de Cristo. Livro III, cap. 56: 1,3,4.

– quão raro se encontra. Livro II, cap. 11: 3.

– comunica a graça da devoção. Livro IV, cap. 15.

– encerra a perfeição. Livro III, cap. 32: 1; cap. 37.

Adversidades – sua utilidade. Livro I, cap. 12.

Afeições – desordenadas perturbam a paz. Livro I, cap. 6.

Agradecimento – pela graça de Deus. Livro II, cap. 10.

Alegria – verdadeira só há em Deus. Livro III, cap. 16.

– no serviço de Deus. Livro III, cap. 10.

– da boa consciência. Livro II, cap. 6.

Amizade – nada vale sem Jesus. Livro II, cap. 42.

Amor – de Jesus, sobre todas as coisas. Livro II, cap. 7.

– efeitos do amor divino. Livro III, cap. 5.

– do próximo. Livro I, cap. 16.

– próprio. Livro III, cap. 27.

Angústias – desta vida. Livro III, cap. 30.

Aproveitamento – em que consiste. Livro III, cap. 25.

Avareza – perturba a paz do coração. Livro I, cap. 6.

B

Benefícios – de Deus. Livro III, caps. 21, 40.

Beneplácito – de Deus. Livro III, cap. 15.

Bens – eternos. Livro III, cap. 49.

– terrenos. Livro III, cap. 53.

C

Caminho – da cruz. Livro II, cap. 12.

Caridade – deve inspirar as boas obras. Livro I, cap. 15.

Cegueira – humana. Livro II, cap. 5.

Ceia – deve ser guardada. Livro I, cap. 20: 5.

Ciência – a vã ciência do século. Livro III, cap. 48.

– e humildade. Livro I, cap. 2: 1, 2.

Cristo – sua vida. Livro I, cap. 1: 1-2.

– nosso caminho. Livro III, caps. 17, 56.

– sua paixão. Livro II, cap. 1: 3, 5.

Conhecimento – próprio. Livro I, cap. 3.

Comunhão – seu fruto. Livro IV cap. 4.

– utilidade da comunhão frequente. Livro IV cap. 10.

– não deve ser deixada por leve motivo. Livro IV cap. 10.

– preparação à santa comunhão. Livro IV caps. 1, 3, 4, 8, 12.

– ação de graças depois da comunhão. Livro IV caps. 9, 11, 12.

Compunção – do coração. Livro I, caps. 20: 5; 21.

Concupiscência – deve ser refreada. Livro III, caps. 12: 4,5; 35: 2.

Confiança – em Deus. Livro II, cap. 1: 3; Livro III, caps. 9, 30.

– nímia em si e nas criaturas. Livro I, cap. 7.

Consciência – boa gera alegria. Livro II, cap. 6.

– o exame antes da comunhão. Livro IV cap. 7.

Consideração – de si mesmo. Livro II, cap. 5.

Consolação – não se há de buscar nas criaturas. Livro I, cap. 25: 10.

– mas só em Deus. Livro III, cap. 16.

– privação de toda consolação. Livro II, cap. 9.

– a graça da consolação, segundo o beneplácito de Deus. Livro III, cap. 30: 4, 5.

– o homem não se repute digno de consolação. Livro III, cap. 52.

Coração – do homem – quão instável. Livro III, cap. 33: 1.

Criaturas – desprezo das criaturas. Livro III, caps. 30, 42.

– não nos fazem felizes. Livro III, cap. 16: 2; Livro I, cap. 25: 10.

– foge às criaturas. Livro III, cap. 26: 2.

Cruz – poucos são os que amam a cruz. Livro II, cap. 11.

– estrada real da santa cruz. Livro II, cap. 12.

Curiosidade – na inquirição da vida alheia. Livro III, cap. 24.

D

Defeitos – dos outros devem ser tolerados. Livro I, cap. 14; Livro II, cap. 3: 2.

– não nos devem desanimar. Livro III, cap. 57.

Delícia – que se encontra em Deus. Livro III, cap. 34.

Desânimo – quando caímos em faltas. Livro III, cap. 57.

Descanso – em Deus. Livro III, cap. 22.

Desejos – como devemos examiná-los. Livro III, cap. 11.

– devem-se oferecer a Deus. Livro III, cap. 15.

Desconsolado – deve refugiar-se em Deus. Livro III, cap. 50.

– da privação de toda consolação. Livro II, cap. 9.

Desprezo – das coisas exteriores. Livro II, cap. I.

– da honra temporal. Livro III, cap. 41.

– de si mesmo. Livro II, cap. 2.

Deus – suas palavras devem ser ouvidas com humildade. Livro III, cap. 3.

– andar perante Deus com humildade. Livro III, cap. 4.

– tudo deve ser referido a Deus. Livro III, caps. 9, 33.

– é doce servir a Deus. Livro III, cap. 10.

– os juízos ocultos de Deus. Livro III, cap. 14.

– só em Deus se acha a consolação. Livro III, cap. 21.

– descansar em Deus sobre todos os bens. Livro III, cap. 21.

– recordação dos benefícios de Deus. Livro III, cap. 22.

– devemos invocar a Deus perante a tribulação. Livro III, cap. 29.

– é delicioso a quem o ama. Livro III, cap. 34.

Devoção – que se alcança pela humildade. Livro IV, cap. 15.

– oração para pedir a graça da devoção. Livro III, cap. 3: 5.

– deve ser oculta sob a guarda da humildade. Livro III, cap. 7.

Doutrina – de Jesus excede a dos santos. Livro I, cap. 1: 2.

E

Efeito – admirável do amor divino. Livro III, cap. 5.

Eficácia – da divina graça. Livro III, cap. 55.

Emenda – da vida. Livro I, cap. 25.

– propósito de emenda. Livro I, cap. 22: 5.

Ensinamentos – da verdade. Livro I, cap. 3.

Escritura – leitura. Livro I, cap. 5: 1-2.

– necessidade. Livro IV, cap. 11: 4, 5.

Escrutar – não devemos escrutar as coisas mais altas. Livro III, cap. 58.

– que o homem não seja curioso escrutador do SS. Sacramento. Livro IV, cap. 18.

Esperança – da vida eterna. Livro III, cap. 47: 1-3.

Estima – vil de si mesmo. Livro III, caps. 8, 52.

Estrada – real da Santa Cruz. Livro II, cap. 12.

Eucaristia – vide *Sacramento*.

Exame – de consciência. Livro I, cap. 19: 4.

Exemplos – dos Santos Padres. Livro I, cap. 18.

Exercícios – do bom religioso. Livro I, cap. 19.

F

Fala – interior de Jesus. Livro III, cap. 1.

Familiaridade – com Jesus. Livro II, cap. 8.

– com outros é perigosa. Livro I, cap. 8.

Fé – necessidade da fé. Livro IV, cap. 18.

Fervor – torna tudo fácil. Livro I, cap. 25: 11.

Fim – último é Deus. Livro III, cap. 9.

Fragilidade – do homem. Livro I, cap. 22.

Fuga – da vã esperança. Livro I, cap. 7.

G

Glória – dos santos. Livro III, cap. 47: 3.

– eterna. Livro III, cap. 48.

– o homem em nada se deve gloriar. Livro III, cap. 40.

Graça – eficácia da graça. Livro III, cap. 55.

– necessidade. Livro III, cap. 14: 1, 2.

– movimentos da graça. Livro III, cap. 54.

– não se comunica aos mundanos. Livro III, cap. 53.

– o que se há de fazer, quando ausente. Livro II, cap. 9: 5-6.

– deve-se ocultar a graça. Livro III, cap. 7.

– agradecimento pela graça. Livro II, cap. 10.

Gratidão – pela graça de Deus. Livro II, cap. 10.

H

Homem – interior. Livro II, cap. 1.

Honra – temporal. Livro III, cap. 41.

Humildade – no desejo de saber. Livro I, cap. 2: 1-2.

– no pensar de si mesmo. Livro I, cap. 2: 3-4; Livro III, caps. 8, 9: 3-4.

– humilde submissão. Livro II, cap. 2.

– no ouvir a palavra de Deus. Livro III, caps. 3, 4.

– guarda a graça. Livro III, cap. 7.

– os humildes gozam a paz. Livro II, cap. 6: 1.

– aos humildes se dá a graça da devoção. Livro IV, cap. 15.

I

Imitação – da vida de Cristo. Livro I, cap. I; Livro III, cap. 56.

Impaciência – nos negócios. Livro III, cap. 39.

Imperfeições – veja *Defeitos*.

Inferno – penas do inferno. Livro I, cap. 24: 3-4.

Injúrias – sofrimento das injúrias. Livro III, cap. 19.

Inquirição – curiosa da vida alheia. Livro III, cap. 24.

Instabilidade – do coração. Livro III, cap. 23: 1.

Intenção – simples. Livro II, cap. 4.

– final. Livro III, caps. 9, 33.

J

Jesus – amor de Jesus. Livro II, cap. 7.

– amizade familiar com Jesus. Livro II, cap. 8.

Juízo – universal. Livro I, cap. 24.

– profundidade dos juízos de Deus. Livro III, cap. 14.

– as penas que seguem o juízo. Livro III, cap. 14: 3s.

– não devemos escrutar os juízos de Deus. Livro III, cap. 58.

– o juízo temerário. Livro I, cap. 14.

– os vãos juízos dos homens. Livro III, cap. 34.

Julgamento – universal. Livro I, cap. 24.

L

Leitura – da Sagrada Escritura. Livro I, cap. 5: 1-2; Livro IV, cap. 6: 1.

Liberdade – de espírito. Livro III, cap. 25.

– dos filhos de Deus. Livro III, cap. 38.

Línguas – maldizentes. Livro III, cap. 28.

Livros – simples e devotos. Livro I, cap. 5: 1.

Lugar – mudança de lugar. Livro I, cap. 9.

M

Miséria – humana. Livro I, cap. 22.

Morte – Meditação da morte. Livro I, cap. 23.

Mortificação – Utilidade da mortificação. Livro I, cap. 11.

Mundo – desprezo do mundo. Livro III, cap. 10.

N

Natureza – corrupção da natureza. Livro III, cap. 55.

– movimentos da natureza. Livro III, cap. 54.

Necessidades – do corpo impedem a alma. Livro I, cap. 22: 2-4.

Negócios – não sejas impaciente nos negócios. Livro III, cap. 39.

O

Obediência – sua necessidade e seus benefícios. Livro I, cap. 9: 1.

Oblação – de Cristo na cruz. Livro IV, cap. 8.

Obras – devem proceder da caridade. Livro I, cap. 15.

– a exemplo de Cristo. Livro III, cap. 13.

– devemos praticar as obras humildes. Livro III, cap. 51.

Oração – no tabernáculo do coração. Livro III, cap. 38.

– devemos orar por todos. Livro IV, cap. 9: 6.

P

Paciência – escola da paciência. Livro III, cap. 12.

– a exemplo de Cristo. Livro III, cap. 18.

– nas tribulações. Livro III, cap. 19: 1.

Pacífico – o homem pacífico. Livro II, cap. 3.

Paixão – de Cristo. Livro II, cap. 1: 3, 5.

Paixões – devem ser mortificadas. Livro I, caps. 6, 11.

Palavras – de Deus devem ser ouvidas com humildade. Livro III, cap. 3.

– supérfluas. Livro I, cap. 10: 2.

– afrontosas. Livro III, caps. 44, 46.

Paz – em que consiste. Livro III, cap. 25.

– do humilde. Livro I, cap. 6: 1.

– como adquiri-la. Livro I, cap. 11: 1.

– quatro coisas que a produzem. Livro III, cap. 23.

– não se deve procurar a paz nos homens. Livro III, cap. 42.

– com o próximo. Livro II, cap. 3.

Pecador – penas do pecador. Livro I, cap. 24: 3-4.

Penas – do inferno. Livro I, cap. 24: 3, 4.

Pensamentos – oração contra os maus pensamentos. Livro III, cap. 23: 5.

– maus, sugeridos pelo próprio demônio. Livro III, cap. 6.

Perfeição – como adquiri-la. Livro I, cap. 11: 2, 6.

– conselhos à perfeição. Livro III, cap. 25: 11.

– religiosa na abnegação de si mesma. Livro III, cap. 32.

Presunção – deve ser evitada. Livro III, cap. 7: 2.

Procedimento – exterior. Livro III, cap. 38.

Progresso – em que consiste. Livro III, cap. 25.

– o zelo em se adiantar. Livro I, cap. 11.

Propósito – renovação do propósito. Livro I, cap. 19: 4, 6.

– inconstância nos propósitos. Livro I, cap. 22: 6.

Prudência – nas ações. Livro I, cap. 4.

Purgatório – Livro I, cap. 24: 2.

Pureza – do coração. Livro II, cap. 4.

– oração para pedir a pureza do coração. Livro III, cap. 27: 4.

R

Recurso – a Deus nos perigos. Livro III, cap. 38.

Reino – de Deus dentro da alma. Livro II, cap. 1.

Religioso – exercícios do bom religioso. Livro I, cap. 19.

Resignação – à vontade de Deus. Livro III, cap. 37.

Reverência – com que devemos receber a Cristo. Livro IV, cap. 1.

S

Sacerdote – dignidade do estado sacerdotal. Livro IV, cap. 5.

– ofício dos sacerdotes. Livro IV, cap. 11: 6, 7.

Sabedoria – suma é conhecer a si mesmo. Livro I, cap. 2.

– humana e divina. Livro III, cap. 32: 2.

Sacramento – a graça do SS. Sacramento. Livro IV, caps. 1, 11, 12.

– no Sacramento se revela a caridade de Deus. Livro IV, cap. 2.

– nos comunica muitos bens. Livro IV, cap. 4.

– dignidade do Sacramento. Livro IV, cap. 5.

– a fé no Sacramento. Livro IV, cap. 18: 1, 2, 3.

Santos – seus exemplos. Livro I, cap. 18.

– não se deve discutir sobre os méritos dos santos. Livro III, cap. 18: 2, 3, 7.

– sua glória no céu. Livro III: 5, 8, 9.

Serviço – de Deus. Livro III, cap. 10.

Silêncio – amor ao silêncio. Livro I, cap. 20.

Simplicidade – da Intenção. Livro II, cap. 4.

– em conversar com Deus. Livro III, cap. 4.

Sofrimento – das injúrias. Livro III, cap. 19.

Solidão – amor à solidão. Livro I, cap. 20.

Sujeição – da obediência e sujeição. Livro I, cap. 9.

Superior – quem seja idôneo para superior. Livro I, cap. 20: 2.

T

Tempo – valor do tempo. Livro I, cap. 25: 11.

Tentação – resistência às tentações. Livro I, cap. 13.

– utilidade das tentações. Livro III, caps. 35: 2; 50: 4.

Tribulação – veja *Adversidade e Tentação*.

Tristeza – santa dos pecados. Livro I, cap. 21.

U

União – com Jesus. Livro III, cap. 21: 3-7.

V

Vaidade – tudo é vaidade. Livro I, cap. 1: 3-5; Livro II, cap. 1, 4-5.

Verdade – fala dentro de nós. Livro III, cap. II.

– se acha em Deus. Livro III, cap. 3.

Virtude – como devemos adquiri-la. Livro I, cap. 3: 4-5.

Vida – de Cristo, nosso modelo. Livro III, cap. 1: 1, 2.

– de Cristo, nosso caminho. Livro III, cap. 18: 3.

– desejo da vida eterna. Livro III, caps. 48: 2, 3; 49.

– emenda da própria vida. Livro I, cap. 25.

– monástica. Livro I, cap. 17.

– alheia. Livro III, cap. 24.

Vontade – conformidade com a vontade de Deus. Livro III, caps. 17: 2, 3, 4; 50: 6.

– oração para fazer a vontade de Deus. Livro III, cap. 15: 3.

Z

Zelo – em aproveitar. Livro I, cap. 11.

Contracapa

“*Quem me segue não anda nas trevas*, diz o Senhor (Jo 8,12). São estas as palavras de Cristo pelas quais somos advertidos que imitemos sua vida e seus costumes, se verdadeiramente queremos ser iluminados e livres de toda cegueira de coração. Seja, pois, o nosso principal empenho meditar sobre a vida de Jesus Cristo.”

Imitação de Cristo

Esta edição do livro *Imitação de Cristo* foi feita especialmente para a Coleção Clássicos da Espiritualidade. Ao final de cada capítulo você encontra reflexões e orações de São Francisco de Sales. O livro contém ainda salmos e orações devocionais que tornam este clássico ainda mais rico.

Orelhas

A *Imitação de Cristo* é uma das obras mais difundidas da espiritualidade cristã, e sua popularidade é impressionante, só sendo ultrapassada pela Bíblia. É o livro que vem alimentando o mundo cristão há muitos séculos, enquanto expressão da devoção moderna.

A *Imitação de Cristo* expressa uma resposta a muitos traumas e desafios que povoaram os povos medievais a partir da busca da interioridade.

Tomás de Kempis era um dos autores decisivos dessa nova espiritualidade, apontando com sua reflexão o caminho da interioridade. É por meio da *Imitação de Cristo* que a espiritualidade moderna ganha seu florescimento, com decisivos traços psicológicos, preocupada sobretudo em discernir os movimentos da alma que busca seguir a Jesus Cristo.

A obra traduz uma específica pedagogia religiosa, sinalizada pelo caminho da vida interior. Está dividida em quatro livros. Nos primeiros três livros aborda-se o projeto espiritual da conformação da alma a Jesus Cristo. No Livro I acentua-se a centralidade da “imitação de Cristo” e a exemplaridade da vida virtuosa. Destaca-se, em particular, os valores da humildade, da paciência, do recolhimento em si mesmo e da vida de oração. No Livro II vem reforçada a piedade cristocêntrica, com os desdobramentos de suas virtudes essenciais, como a simplicidade, a pureza e a retidão do coração. O Livro III, desenvolvido em forma de diálogo íntimo da alma com Deus, trata especificamente dos temas relacionados à via unitiva. O Livro IV trata da devoção à Eucaristia e da dignidade do estado sacerdotal.

O autor

Tomás de Kempis nasceu em 1379 ou 1380 na Renânia, na cidade de Kempen, perto de Colônia (atual Alemanha). Foi monge agostiniano e sacerdote, vivendo no Mosteiro de Saint Agnetenberg, perto de Zwolle, até o fim de sua vida, com a idade de 91 anos, em 1471.